KHALED

HOSSEINI

AUTOR COM 50 MILHÕES DE EXEMPLARES VENDIDOS

O MENINO DE CABUL

#1 *NEW YORK TIMES* BESTSELLER

5ª EDIÇÃO



EDITORIAL PRESENÇA

KHALED

HOSSEINI

AUTOR COM 50 MILHÕES DE EXEMPLARES VENDIDOS

O MENINO DE CABUL

#1 *NEW YORK TIMES* BESTSELLER

5ª EDIÇÃO



EDITORIAL PRESENÇA

KHALED HOSSEINI

O MENINO DE CABUL

Tradução de Sofia Gomes

EDITORIAL PRESENÇA

FICHA TÉCNICA

Título original: *The Kite Runner*
Autor: *Khaled Hosseini*
Copyright © 2007 by TKR Publications, LLC
Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2013
Tradução: *Sofia Gomes*
Imagem da capa: *Shutterstock*
Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*
Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*
3.ª edição em papel, Lisboa, setembro, 2013

Reservados todos os direitos
para Portugal à
EDITORIAL PRESENÇA
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena
info@presenca.pt
www.presenca.pt

Este livro é dedicado a Haris e Farah,
ambos noor *dos meus olhos, e às crianças do Afeganistão*

AGRADECIMENTOS

Agradeço reconhecido aos seguintes colegas pelos seus conselhos, assistência e apoio: Dr. Alfred Lerner, Dori Vakis, Robin Heck, Dr. Todd Dray, Dr. Robert Tull e Dr. Sandy Chun. Obrigado também a Lynette Parker, do East San Jose Community Law Center, pelo que me ensinou acerca dos procedimentos para a adoção, e a Mr. Daoud Wahab, por partilhar comigo as experiências que viveu no Afeganistão. Agradeço ao meu querido amigo Tamim Ansary a sua orientação e o seu apoio e à equipa da San Francisco Writers Workshop pelas informações e pelo estímulo. Quero agradecer ao meu pai, o meu amigo mais antigo e a fonte de inspiração de tudo o que há de nobre em Baba; à minha mãe, que rezou por mim e me fez *nazr* em todas as fases da escrita desta história; à minha tia, por me ter comprado livros quando eu era pequeno. Os meus agradecimentos estendem-se a Ali, Sandy, Daoud, Walid, Raya, Shalla, Zahra, Rob e Kader, por lerem as minhas histórias. Quero agradecer ao Dr. Kayoumy e à sua mulher — os meus outros pais —, pelo carinho e apoio inabalável.

Devo agradecer ainda à minha agente e amiga, Elaine Koster, pela sabedoria, paciência e gentileza, bem como a Cindy Spiegel, a minha atenta e experiente editora que me ajudou a desatar tantos dos nós desta narrativa. E também quero agradecer a Susan Petersen Kennedy, por ter apostado neste livro, e à diligente equipa da Riverhead, que o trabalhou.

Para terminar, não sei como agradecer à minha lindíssima mulher, Roya — cuja opinião me é imprescindível —, tanto pela sua bondade e delicadeza, como por ter lido, relido e revisto todos os esboços deste romance. Pela tua paciência e pela tua compreensão, amar-te-ei sempre, Roya Jan.

UM

Dezembro de 2001

Tornei-me no que sou hoje aos doze anos, num dia frio e enevoado do inverno de 1975. Recordo-me do momento exato, eu estava escondido atrás de uma parede de lama decrépita, a espreitar para o beco deserto perto do riacho gelado. Foi há muito tempo, mas hoje sei que não tem razão quem diz que é possível enterrar o passado. Porque, mesmo que o enterremos, ele tanto esgravata a terra que acaba por regressar. Quando olho para trás, vejo que passei vinte anos a fitar aquele beco vazio.

Um dia, no verão passado, o meu amigo Rahim Khan telefonou-me do Paquistão a pedir-me que fosse visitá-lo. De pé na cozinha, com o auscultador encostado ao ouvido, percebi que não era só Rahim Khan que estava do outro lado da linha. Era todo o meu passado, os meus pecados por expiar. Depois de desligar, fui dar um passeio ao longo do lago Spreckels, no extremo norte do Golden Gate Park. O sol do princípio da tarde refletia-se na água, onde dezenas de barcos em miniatura deslizavam ao sabor da leve brisa. Depois olhei para cima e vi dois papagaios de papel vermelhos, com longas caudas azuis, subirem no céu. Flutuavam muito acima das árvores, no lado ocidental do parque, mais altos que os moinhos de vento, ondulando lado a lado como dois olhos debruçados sobre São Francisco, a cidade que é hoje a minha. E de repente, a voz de Hassan murmurou na minha cabeça: «Por ti, tudo.» Hassan, que lançava papagaios de papel e tinha lábio leporino.

Sentei-me num banco de jardim perto de um salgueiro. A pensar numa frase que Rahim Khan tinha dito mesmo antes de desligar, quase como uma ordem. «Nunca é tarde para acertar as contas.» Olhei de novo para os papagaios gémeos. Lembrei-me de Hassan. Lembrei-me de Baba. De Ali. De Cabul. Da minha vida antes do inverno de 1975 chegar e mudar tudo. E de eu me tornar no que sou hoje.

DOIS

Quando éramos pequenos, Hassan e eu costumávamos subir aos choupos da rua que vai dar à casa do meu pai e chatear os vizinhos projetando um raio de sol sobre as casas deles com um bocado de espelho partido. Sentávamo-nos à frente um do outro em dois ramos altos, os pés nus a balouçar, os bolsos das calças a abarrotar de amoras e avelãs. Usávamos o espelho à vez e comíamos amoras, atirávamo-las um ao outro, numa grande risota, às gargalhadas. Parece que estou a ver Hassan empoleirado naquela árvore, o sol filtrado pelas folhas a iluminar o seu rosto quase perfeitamente redondo, um rosto igual ao das estatuetas chinesas talhadas em madeira: o nariz achatado e largo, os olhos estreitos e oblíquos, a lembrar folhas de bambu — olhos que eram, consoante a luz, dourados, verdes ou cor de safira. Ainda consigo ver as orelhas dele, pequenas e baixas, e aquele queixo curto e pontiagudo, um apêndice carnudo que parecia ter sido acrescentado posteriormente. E o lábio leporino, imediatamente à esquerda de uma linha central imaginária, no ponto em que o escultor chinês teria deixado escorregar o cinzel, ou talvez se tivesse apenas distraído, já cansado.

Às vezes, do alto das árvores, convencia Hassan a atirar avelãs com a fisga ao pastor-alemão zarolho do vizinho. Hassan nunca queria fazê-lo, mas se eu lhe pedisse, pedisse a sério, ele não me dizia que não. Nunca me dizia que não. E era invencível com a fisga. O pai de Hassan, Ali, normalmente apanhava-nos e ficava furioso, ou tão furioso quanto uma pessoa doce como Ali era capaz de ficar. Esticava o indicador e mandava-nos descer da árvore. Guardava o espelho e contava-nos o que a mãe dele lhe tinha dito: que o Diabo também fazia os espelhos queimar, fazia-o para distrair os muçulmanos durante as orações. «E a rir-se o tempo todo», acrescentava sempre, repreendendo o filho.

— Sim, pai — balbuciava Hassan, baixando os olhos. Mas nunca me denunciou. Nunca contou que o espelho, tal como a chuva de avelãs, era ideia minha.

Os choupos ladeavam o caminho de argila vermelha que conduzia a um portão de ferro forjado. Este, por sua vez, dava para uma parte da estrada que ficava dentro da propriedade do meu pai. A casa erguia-se à esquerda do caminho vermelho que seguia até ao quintal nas traseiras.

Toda a gente dizia que o meu pai, o meu Baba, tinha construído a casa mais bonita de Wazir Akbar Khan, um bairro novo e próspero na zona norte de Cabul. Havia quem dissesse que era a melhor de toda a cidade de Cabul. Uma ampla avenida, com filas de roseiras dos dois lados, conduzia ao edifício baixo de chão de mármore e grandes janelas. Elaborados painéis de azulejos, escolhidos um a um por Baba em Isfahan, cobriam o chão das quatro casas de banho. Tapeçarias bordadas a ouro, que Baba trouxera de Calcutá, forravam as paredes; um lustre de cristal pendia do teto abobadado.

Lá em cima ficavam o meu quarto, o quarto de Baba e o escritório dele, também chamado «sala de fumo», com um cheiro permanente a tabaco e a canela. Baba e os amigos iam para lá recostar-se nas poltronas de couro negro depois de Ali ter servido o jantar. Enchiam — Baba dizia sempre «engordavam» — os cachimbos e conversavam sobre os três temas que preferiam: política, negócios e futebol. Às vezes eu pedia-lhe para ir para junto deles, mas Baba punha-se à entrada e dizia:

— É melhor não. Isto é só para crescidos. E se fosses ler um dos teus livros? — e fechava a porta, enquanto eu ficava a pensar porque seria que com ele era tudo sempre para os crescidos. Sentava-me no chão, com o rosto apoiado nos joelhos dobrados. Chegava a ficar ali sentado horas, a ouvi-los conversar, rir.

No andar de baixo, a sala de estar tinha uma parede curva com armários embutidos. Neles viam-se molduras com retratos de família: uma fotografia velha e manchada do meu avô com o rei Nadir Shah, tirada em 1931, dois anos antes do assassínio do monarca; estão ambos de pé, junto a um veado morto, de botas até aos joelhos e espingardas ao ombro. Havia uma fotografia da noite de casamento dos meus pais, Baba, impecável no seu fato preto, e a minha mãe, uma jovem e sorridente princesa de branco. Lá estava Baba com o seu melhor amigo e sócio, Rahim Khan, à porta da nossa casa, nenhum deles a sorrir — eu sou o bebé daquela

fotografia, ao colo de Baba, ensonado e mal-humorado. É ele que me tem nos braços, mas é o mindinho de Rahim Khan que os meus dedos apertam.

A parede curva seguia até à sala de jantar, no centro da qual havia uma mesa de mogno que sentava à vontade trinta pessoas — e, como o meu pai adorava dar grandes festas, era precisamente isso que acontecia praticamente todas as semanas. Na outra extremidade da sala de jantar havia uma lareira alta em mármore, onde a luz laranja da lenha ardia durante todo o inverno.

Uma grande porta de correr de vidro abria para um terraço em semicírculo com vista para o hectare do quintal das traseiras e filas de cerejeiras. Baba e Ali tinham plantado uma pequena horta junto ao muro oriental: tomate, hortelã, pimentos e um renque de milho que nunca chegou a pegar. Hassan e eu chamávamos a esse muro o «Muro do Milho Doente».

No extremo sul do jardim, à sombra de uma nespereira, ficava a casa dos criados, uma modesta cabana de lama onde Hassan vivia com o pai.

Foi aí, nessa pequena barraca, que Hassan nasceu no inverno de 1964, precisamente um ano depois de a minha mãe morrer ao dar-me à luz.

Nos dezoito anos que vivi naquela casa, entrei nos aposentos de Hassan e de Ali apenas uma meia dúzia de vezes. Quando o Sol se punha atrás das colinas, acabava-se a brincadeira, e Hassan e eu seguíamos cada um o seu caminho. Eu subia a rua ladeada de roseiras até à casa do meu pai, Hassan ia para a cabana de lama onde tinha nascido e passaria o resto da vida.

Lembro-me de que estava quase vazia, era limpa e tinha apenas dois candeeiros de petróleo a iluminá-la. Havia dois colchões em pontos opostos, um banco com três pés e uma mesa de madeira a um canto, onde Hassan fazia os seus desenhos. As paredes estavam nuas, à exceção de uma tapeçaria onde contas embutidas formavam as palavras «*Allah-u-akbar*». Baba tinha-a comprado numa das viagens que fez a Mashad para a oferecer a Ali.

Foi nessa barraca pequena e escura que a mãe de Hassan, Sanaubar, o deu à luz num dia frio de inverno, em 1964. A minha mãe morreu devido a uma hemorragia durante o parto, mas Hassan

perdeu a dele menos de uma semana depois de nascer. Ela teve um destino que a maioria dos afegãos considera pior que a morte: fugiu com um grupo de cantores e bailarinos que andava de terra em terra.

Hassan nunca falava da mãe, como se ela nunca tivesse existido. Sempre me perguntei se ele sonharia com ela, se gostaria de saber como ela era, onde estava. Se desejaria conhecê-la. Sentiria a falta dela, como eu sentia da mãe que nunca tinha conhecido? Um dia, fomos os dois ao Cinema Zainab ver um novo filme iraniano, seguindo pelo atalho que passava junto ao aquartelamento militar perto da Escola Secundária de Istiqlal — Baba tinha-me proibido de tomar esse atalho, mas na altura ele estava no Paquistão com Rahim Khan. Saltámos a cerca que rodeava o acampamento, pulámos por cima de um pequeno regato e chegámos ao campo de terra batida onde os tanques velhos eram abandonados e ficavam a enferrujar. Um grupo de soldados estava sentado à sombra de um desses tanques, a jogar às cartas e a fumar cigarros. Um deles viu-nos, deu uma cotovelada ao colega do lado e chamou Hassan.

— Ei! Tu! — chamou. — Sei quem tu és.

Nunca o tínhamos visto na vida. Era um homem atarracado, de cabeça rapada e barba por fazer. O modo como nos sorriu, de esguelha, assustou-me.

— Não ligues, continua — ordenei a Hassan.

— Tu! O hazara! Olha para mim quando eu falar contigo! — rugiu o soldado. Entregou o cigarro ao colega do lado, fez um círculo com o polegar e o indicador de uma mão. Enfiou o dedo médio da outra mão no centro do círculo. Enfiou e desenfiou. — Conheci a tua mãe, sabias? Conheci-a bastante bem. Fartei-me de levá-la para ali, para trás do ribeiro.

Os soldados riram-se. Um deles guinchou. Eu mandava Hassan continuar a andar, continuar a andar.

— Mas que coisinha mais boa e apertada que ela tinha! — dizia o soldado, apertando as mãos aos outros, a rir. Mais tarde, às escuras, depois do filme começar, ouvi Hassan soluçar a meu lado. As lágrimas corriam-lhe pela cara. Inclinei-me, pus o braço à sua volta, apertei-o. Encostou a cabeça no meu ombro.

— Ele confundiu-te com outra pessoa — segredei-lhe. — Confundiu-te com outra pessoa.

Dizem que ninguém se admirou quando Sanaubar fugiu. Toda a gente ficou espantada quando Ali, um homem que sabia de cor o Alcorão, casou com Sanaubar, uma mulher dezanove anos mais nova do que ele, de grande beleza mas sem escrúpulos, que vivia de acordo com a sua mais que merecida má reputação. Tal como Ali, era muçulmana xiita e de etnia hazara. Era também prima direita dele e portanto uma escolha natural para esposa. Mas, para além de todas essas coincidências, Ali e Sanaubar pouco tinham em comum, a começar pelo aspeto. Enquanto os brilhantes olhos verdes e o rosto malicioso de Sanaubar tinham, segundo constava, levado inúmeros homens a pecar, Ali sofria de paralisia dos músculos faciais inferiores, problema que o impossibilitava de sorrir, deixando-o permanentemente carrancudo. Era difícil de saber se o rosto petrificado de Ali estava feliz ou triste, porque só os seus olhos castanhos em bico brilhavam de alegria ou escureciam de tristeza. Dizem que os olhos são o espelho da alma. Isso não podia ser mais verdadeiro no caso de Ali, que só se revelava através do seu olhar.

Ouvi dizer que o andar insinuante de Sanaubar, a forma como maneava as ancas, punha os homens a sonhar com infidelidade. Mas a poliomielite dera a Ali uma perna direita torta e atrofiada, de pele e osso, com uma camada de músculo tão fina como papel. Lembro-me de um dia, quando eu tinha oito anos, Ali me levar ao bazar para comprar *naan*. Eu ia atrás dele, a cantarolar e a imitar a forma como ele andava. Reparei que descrevia com a perna defeituosa um arco largo, inclinando completamente o corpo para a direita sempre que pousava esse pé. Só por milagre não tropeçava a cada passo. Quando tentei fazer o mesmo, quase tombei na sarjeta. Desatei a rir-me. Ali voltou-se e percebeu que eu estivera a imitá-lo. Não disse nada. Nem nessa altura nem nunca. Limitou-se a seguir caminho.

O rosto e o andar de Ali metiam medo a algumas das crianças mais pequenas do bairro. Mas o problema residia nos miúdos mais velhos. Perseguiam-no pelas ruas e faziam troça quando o viam passar. Alguns chamavam-lhe mesmo *babalu*, que significa «papão».

— Ei, *babalu*, quem é que comeste hoje? — gritavam-lhe, entre um coro de gargalhadas.

Chamavam-lhe «nariz achatado» por causa das feições mongóis típicas dos hazaras de Ali e Hassan. Durante anos isso era tudo o que eu sabia sobre os hazaras, que descendiam dos mongóis e que se pareciam com os chineses. Os manuais escolares mal falavam neles e mencionavam a sua ancestralidade apenas de passagem. Até que um dia, quando estava no escritório de Baba a mexer nas coisas dele, encontrei um dos velhos livros de história da minha mãe. O autor era um iraniano de nome Khorami. Sacudi o pó do pódio livro, levei-o às escondidas para a cama nessa noite e descobri, pasmado, que tinha um capítulo inteiro dedicado à História dos hazaras. Contava que os hazaras tinham tentado revoltar-se contra os pastós no século XIX, mas os pastós «esmagaram-nos com uma violência indescritível». Dizia que o meu povo dizimara os hazaras, expulsara-os das suas terras, deitara fogo às suas casas e vendera as suas mulheres. Segundo o livro, os pastós tinham oprimido os hazaras em parte por serem muçulmanos sunitas e os hazaras xiitas. O livro contava muitas coisas que eu não sabia, coisas que os meus professores nunca tinham falado. Coisas que Baba também nunca tinha mencionado. Dizia algumas coisas que eu já sabia, como, por exemplo, que as pessoas chamavam aos hazaras «comedores de ratos, narizes achatados, burros de carga». Tinha ouvido alguns miúdos do bairro berrar esses nomes a Hassan.

Na semana seguinte, depois das aulas, mostrei o livro ao meu professor e chamei a atenção dele para o capítulo sobre os hazaras. Ele folheou umas páginas, abafou um risinho e devolveu-me o livro.

— É a única coisa que os xiitas sabem fazer — disse, pegando nos seus papéis —, armar-se em mártires — franziu o nariz quando pronunciou a palavra «xiitas», como se ela fosse uma espécie de doença.

Mas, apesar de partilhar a mesma herança étnica e o mesmo sangue, Sanaubar fazia coro com os miúdos que troçavam de Ali. Tinham-me dito que ela não escondia o seu desdém pela aparência dele.

— Isto, um marido? Já vi burros velhos serem maridos melhores.

Na verdade, a maioria das pessoas desconfiava que o casamento tinha sido combinado entre Ali e o tio, pai de Sanaubar. Diziam que Ali casara com a prima para limpar a honra do nome do tio, muito embora, tendo ficado órfão aos cinco anos, não possuísse bens nem herança que se visse.

Ali nunca retaliava contra os seus atormentadores, suponho que em parte porque nunca conseguia apanhá-los, pois tinha que arrastar a perna torta quando corria. Mas, sobretudo, porque Ali era imune aos insultos dos seus atacantes; tinha encontrado a sua alegria, o seu antídoto, no momento em que Sanaubar deu à luz Hassan. O parto fora bastante fácil. Nem obstetras, nem anestesistas, nem equipamento sofisticado. Só Sanaubar deitada em cima de um colchão manchado, Ali e uma parteira a assisti-la. Não precisou de muita ajuda, pois a verdade é que Hassan nasceu tal como viveu toda a vida: sem fazer mal seja a quem for. Uns grunhidos, uns empurrões e Hassan lá veio ao mundo. A sorrir.

Como a loquaz parteira confidenciou a uma vizinha, que mais tarde o contou a quem quis ouvir, Sanaubar olhou de relance o bebé que Ali segurava nos braços, reparou no lábio leporino e soltou um riso amargo:

— Já está — terá dito. — Agora tens um monstrinho só teu que pode sorrir por ti! — recusou-se mesmo a pegar em Hassan ao colo e cinco dias depois desapareceu.

Baba contratou a mesma mulher que me amamentara para ser a ama de Hassan. Ali contou-nos que ela era uma hazara de olhos azuis, natural de Bamiyan, a cidade das estátuas gigantes do Buda.

— Que bem que ela cantava — costumava dizer-nos.

Que cantava ela era o que Hassan e eu perguntávamos sempre, embora já o soubéssemos — Ali tinha-nos contado vezes sem fim. O que nós queríamos era ouvir Ali cantar. Aclarava a garganta e começava:

Subi ao cimo do monte
e gritei o nome de Ali, leão de Deus.
Ó Ali, leão de Deus, rei dos homens,
alegra os nossos corações amargurados.

Em seguida, recordava-nos que os homens alimentados pelo mesmo peito eram como irmãos, um laço que nem o tempo era

capaz de destruir.

Hassan e eu fomos amamentados pelo mesmo peito. Demos os primeiros passos no relvado do mesmo quintal. E debaixo do mesmo teto dissemos as nossas primeiras palavras.

A minha foi Baba.

A dele foi Amir. O meu nome.

Quanto mais penso nisso, mais me convenço de que o que aconteceu no inverno de 1975 — e tudo o que se seguiu — começou com essas primeiras palavras.

TRÊS

Diz quem sabe que um dia o meu pai lutou corpo a corpo com um urso-negro no Balochistão. Se o protagonista da história fosse outra pessoa qualquer, ela teria sido imediatamente atribuída à *laaf*, aquela terrível tendência afegã para o exagero — infelizmente, quase uma doença nacional; bastava um miúdo passar um exame de Biologia para o pai logo se gabar de ter um filho doutor. Mas da veracidade da valentia de Baba nunca ninguém duvidou. E, se alguém duvidasse, bem, Baba tinha realmente três cicatrizes paralelas a descerem-lhe pelas costas. Imaginei a prova de valentia de Baba inúmeras vezes, até sonhava com ela. E nesses sonhos nunca se via qual era o Baba e qual era o urso.

Foi Rahim Khan quem pela primeira vez se lhe referiu pelo que acabou por se tornar a famosa alcunha de Baba, «*Toophan Agha*», ou «Senhor Furacão». Era uma alcunha mais do que apropriada. O meu pai era uma força da natureza, um enorme pastó de barba espessa, uma cabeleira aos caracóis castanhos tão desalinhada como ele próprio, mãos que pareciam capazes de arrancar sozinhas um salgueiro e um olhar negro que poria «o próprio Diabo de joelhos a pedir misericórdia», como Rahim Khan costumava dizer. Nas festas, quando entrava de rompante na sala com o seu metro e noventa, todas as atenções se voltavam para ele, como os girassóis para o sol.

Era impossível não reparar em Baba, mesmo quando ele estava a dormir. Eu enfiava bolas de algodão nos ouvidos, tapava a cabeça com o cobertor e mesmo assim o barulho que Baba fazia a ressonar — muito parecido com o do motor de um camião — atravessava as paredes. E o meu quarto ficava do outro lado do corredor. Como é que a minha mãe conseguia dormir no mesmo quarto que ele continua a ser um mistério para mim. É uma das muitas perguntas que eu lhe teria feito se a tivesse conhecido.

Em finais da década de 1960, tinha eu cinco ou seis anos, o meu pai decidiu construir um orfanato. Eu soube de tudo por Rahim Khan. Contou-me que Baba tinha desenhado ele mesmo a planta, embora não possuísse qualquer experiência do assunto. Os mais

céticos suplicaram-lhe que se deixasse de fantasias e contratasse um arquiteto. Baba recusou, claro, e todas as pessoas abanaram a cabeça, desesperadas com a teimosia dele. Mas afinal tudo correu bem, e as pessoas voltaram a abanar a cabeça, desta vez de espanto pelo seu triunfo. Baba pagou a construção do orfanato de dois pisos, mesmo ao pé da rua principal de Jadeh Maywand, a sul do rio Cabul, com o seu próprio dinheiro. Rahim disse-me que Baba financiou sozinho todo o projeto, remunerando engenheiros, eletricistas, canalizadores e pedreiros, para não falar dos empregados da câmara, cujos «bigodes precisavam de ser engraxados».

A construção do orfanato demorou três anos. Eu tinha oito quando ele ficou pronto. Lembro-me de, na véspera da inauguração, Baba me levar ao lago Ghargha, uns quilómetros a norte de Cabul. Disse-me para convidar Hassan, mas eu menti-lhe e disse que Hassan tinha ido fazer recados. Queria Baba só para mim. E além disso quando, um dia, no mesmo lago Ghargha, Hassan e eu fomos atirar seixos à água, a pedra de Hassan deu oito saltos. O mais que eu consegui foi cinco. Baba estava lá, a ver tudo, e deu uma palmadinha nas costas de Hassan. Até pôs o braço em volta dos ombros dele.

Sentámo-nos a uma mesa de piquenique na margem do lago, só Baba e eu, a comer ovos cozidos e sanduíches de *kofta* — almôndegas e picles entre duas fatias de *naan*. À sexta-feira, o lago enchia-se de famílias que iam passar um dia ao ar livre. A água estava de um azul profundo, e para além de Baba e eu só lá se viam mais uns estrangeiros de cabelo comprido e barba — *hippies*, era como lhes chamavam. Estavam sentados na doca, com os pés enfiados na água, de canas de pesca na mão. Perguntei a Baba porque é que eles deixavam crescer o cabelo, mas ele grunhiu, não respondeu. Estava a preparar o discurso para o dia seguinte, folheando uma confusão de folhas manuscritas, acrescentando notas aqui e ali com um lápis. Dei uma dentada no meu ovo e perguntei se era verdade o que um rapaz me tinha dito na escola, que quando se engole um bocado de casca de ovo ela sai no chichi. Baba voltou a grunhir.

Comecei a comer a minha sanduíche. Um dos turistas de cabelo amarelo riu-se e bateu nas costas do outro. Ao longe, do outro lado do lago, um camião saiu de uma curva na encosta. A luz do Sol refletia-se no retrovisor lateral.

— Acho que estou com *saratan* — anunciei. Cancro. Baba ergueu os olhos das folhas que o vento agitava. Disse-me que eu podia ir sozinho buscar a gasosa, que bastava procurá-la na bagageira do carro.

Em frente ao orfanato, no dia seguinte, esgotaram-se as cadeiras. Muitas pessoas tiveram de assistir de pé à cerimónia de abertura. Estava muito vento e eu sentei-me atrás de Baba no pequeno pódio mesmo junto à porta principal do novo edifício. Baba estava de fato verde e chapéu de astracã. A meio do discurso, o vento arrancou-lhe o chapéu da cabeça e toda a gente rompeu às gargalhadas. Com um gesto, pediu-me que lhe guardasse o chapéu, e fiquei muito contente porque foi a maneira de dizer a toda a gente que ele era meu pai, o meu Baba. Voltou-se para o microfone e comentou que esperava que o edifício fosse mais resistente do que o seu chapéu, o que fez todos voltarem a rir-se. Quando Baba acabou de fazer o seu discurso, todas as pessoas se levantaram e aplaudiram. Bateram palmas durante muito tempo. Depois, quiseram dar-lhe um aperto de mão. Algumas fizeram-me festas no cabelo e também apertaram a minha mão. Eu estava tão orgulhoso de Baba, de nós dois.

Mas, apesar dos sucessos de Baba, as pessoas pareciam não acreditar nele. Diziam a Baba que os negócios não lhe estavam na massa do sangue, que seria preferível estudar Direito, como o seu pai. Baba provou-lhes que não tinham razão, pois não só soube gerir a sua empresa, como se tornou um dos comerciantes mais ricos de Cabul. Baba e Rahim Khan tinham uma empresa de exportação de tapetes que era um êxito estrondoso, mais duas farmácias e um restaurante.

Quando as pessoas murmuravam que Baba nunca faria um bom casamento — pois na verdade não tinha sangue real —, ele casou com a minha mãe. Sofia Akrami, uma mulher com curso superior, considerada universalmente uma das mais respeitadas, belas e virtuosas senhoras de Cabul. Ela não só dava aulas de Literatura

Clássica Parse na faculdade, como era também descendente da família real, facto que o meu pai, de propósito, não se cansava de recordar aos mais céticos tratando-a por «minha princesa».

À exceção da minha pessoa, o meu pai moldava o mundo à sua volta de acordo com a sua vontade. O problema, claro, é que Baba via o mundo a preto e branco. E tinha que decidir o que era preto e o que era branco. É impossível amar uma pessoa que vive dessa maneira sem temê-la um pouco. Talvez mesmo sem odiá-la um pouco.

Quando eu estava no nono ano, tivemos um mulá que nos ensinava o islão. Chamava-se Fatiullah Khan, um homem baixo e gordo com a cara marcada da acne e uma voz roufenha. Fazia-nos sermões sobre as virtudes do *zakat* e o dever do *hadj*; ensinava-nos que era obrigatório rezar os cinco namazes diários e obrigava-nos a decorar versículos do Alcorão — e, embora nunca nos traduzisse as palavras, deixava claro, às vezes com o auxílio de uma vara de salgueiro descascada, que tínhamos de pronunciar as palavras árabes corretamente para Deus nos ouvir melhor. Disse-nos um dia que o islão considerava a bebida um pecado terrível; os que bebiam teriam de responder pelo seu pecado no dia do Qiyamat, ou do Juízo Final. Nesse tempo, beber era comum em Cabul. Ninguém era repreendido em público por isso, mas os afegãos que bebiam faziam-no em privado, por uma questão de respeito. As pessoas compravam as suas garrafas de uísque embrulhadas em papel pardo a fingir que era «remédio» em certas «farmácias». Saíam com o embrulho debaixo do braço, por vezes recebendo olhares de desaprovação dos que os viam passar e sabiam quais os estabelecimentos onde se faziam tais transações.

Estávamos lá em cima, no escritório de Baba, a sala de fumo, quando lhe contei o que o mulá Fatiullah Khan nos tinha ensinado na aula. Baba estava a servir-se de um uísque junto do bar que construíra no canto da sala. Ouviu, concordou com a cabeça, deu um gole na sua bebida. Depois instalou-se na poltrona de couro, pousou o copo e puxou-me para o seu colo. Parecia que eu estava sentado em cima de dois troncos de árvore. Inspirou longamente, expirou pelo nariz, o ar agitando o bigode durante o que me pareceu

uma eternidade. Eu não sabia se havia de abraçá-lo ou de fugir apavorado do colo dele.

— Vejo que confundes o que aprendes na escola com a educação propriamente dita — disse num tom solene.

— Mas, se o que ele diz é verdade, tu és um pecador, Baba?

— Hum... — Baba esmagou um cubo de gelo com os dentes. — Queres saber o que o teu pai pensa do pecado?

— Quero.

— Então vou dizer-te, mas primeiro ouve isto e ouve de uma vez, Amir: nunca aprenderás nada de valor com esses idiotas barbudos.

— Queres dizer o mulá Fatiullah Khan?

Baba fez um gesto largo com o copo. O gelo chocalhou lá dentro.

— Quero dizer todos. Mija na barba de todos esses macacos convencidos.

Desatei a rir-me. A imagem de Baba a fazer chichi nas barbas de qualquer macaco, convencido ou não, era de mais.

— Só sabem fazer rolar as contas dos seus rosários e recitar um livro escrito numa língua que eles nem compreendem — deu mais um gole. — Deus nos ajude se o Afeganistão alguma vez for parar às mãos deles.

— Mas o mulá Fatiullah Khan parece tão boa pessoa — consegui dizer entre ataques de riso.

— Também o Gengiscão parecia — retorquiu Baba. — Bem, mas falemos de outras coisas. Queres saber o que é o pecado e vou explicar-te. Estás a ouvir?

— Estou — respondi, cerrando os lábios. Mas um riso escapou-se-me pelo nariz produzindo um som estranho. Que me fez voltar a rir.

O olhar inflexível de Baba fixou-se no meu e de um minuto para o outro passou-me a vontade de rir.

— Quero falar-te de homem para homem. Achas que é possível, por uma vez?

— Sim, Baba Jan — balbuciei, estarrecido, e não pela primeira vez, com o modo como Baba me magoava com tão poucas palavras. Estávamos a viver um momento maravilhoso e raro, não era habitual Baba conversar comigo, muito menos sentando-me ao seu colo, e eu tinha sido um idiota ao desperdiçar esse momento.

— Ótimo — disse Baba, mas os seus olhos estavam noutro sítio. — Ora bem, seja o que for que o mulá te ensine, existe apenas um pecado, só um. E esse pecado é o roubo. Todos os outros pecados são variantes do roubo. Percebes?

— Não, Baba Jan — respondi, desejando desesperadamente ter percebido. Não queria voltar a dececioná-lo.

Baba respirou fundo, um sinal de impaciência. Isso também me magoou, porque ele não era um homem impaciente. Lembrei-me de todas as vezes que ele não voltou para casa depois de escurecer, de todas as vezes que eu tinha jantado sozinho. Perguntava a Ali onde é que ele estava, quando é que ele vinha para casa, embora soubesse perfeitamente que estava na obra, a dirigir isto, a supervisionar aquilo. Isso não exigia muita paciência? Eu já odiava todos os miúdos para quem ele estava a construir o orfanato; às vezes desejava que morressem todos, que fossem ter com os pais deles.

— Quando alguém mata um homem, rouba uma vida — explicou Baba. — Rouba à mulher dele um marido, um pai aos seus filhos. Quando dizemos uma mentira, roubamos a alguém o direito à verdade. Quando somos desonestos, roubamos o direito à honestidade. Estás a compreender?

Eu estava. Quando Baba tinha seis anos, um ladrão entrou em casa do meu avô a meio da noite. O meu avô, um juiz muito respeitado, fez-lhe frente, mas o ladrão apunhalou-o na garganta, matando-o instantaneamente — e roubando o pai a Baba. As pessoas da cidade apanharam o assassino ainda antes da manhã seguinte terminar; era um caminhante proveniente da região de Kunduz. Enforcaram-no no ramo de um velho carvalho faltavam duas horas para a oração da tarde. Foi Rahim Khan, e não Baba, quem me contou a história. Eu estava sempre a aprender coisas novas sobre Baba por intermédio de outras pessoas.

— Não há nada mais abjeto que o roubo, Amir — continuou Baba. — Um homem que tira o que não é dele, seja uma vida seja um bocado de *naan*... merece o meu desprezo. E, se eu alguma vez me cruzar com ele, Deus o ajude. Percebes?

Achei a imagem de Baba a espancar um ladrão ao mesmo tempo hilariante e tremendamente assustadora.

— Sim, Baba.

— Se houver um Deus, com certeza tem mais que fazer que reparar se eu bebo uísque ou como carne de porco. Agora, salta daí. Toda esta conversa acerca do pecado fez-me sede.

Vi Baba encher o copo no bar e perguntei-me daí a quanto tempo voltaria eu a conversar assim com ele. Porque a verdade era que eu sempre tinha sentido que Baba me odiava um pouco. E porque não havia de odiar? Afinal, eu é que tinha matado a mulher que ele tanto amava, a sua linda princesa. O mínimo que eu podia fazer era ao menos tentar parecer-me mais com ele. Mas eu não era parecido com ele. Nem um pouco.

Na escola, costumávamos fazer um jogo chamado *sherjangi* ou batalha de poemas. A professora de Parse era a moderadora e era mais ou menos assim: uma pessoa recitava um verso de um poema e o adversário tinha sessenta segundos para responder com um verso que começasse com a mesma letra e completasse o outro. Toda a gente da minha turma queria fazer equipa comigo, porque aos onze anos eu já sabia de cor dúzias de poemas de Khayyám, Hãfez ou o famoso épico de Rumi, o *Masnawi*. Uma vez joguei contra a turma toda e ganhei. Quando contei o que acontecera ao meu pai, ele abanou a cabeça e murmurou: «Muito bem.»

Foram eles que me ajudaram a esquecer a indiferença do meu pai, os livros da minha mãe. Os livros e Hassan, claro. Eu lia tudo. Rumi, Hãfez, Saadi, Vítor Hugo, Júlio Verne, Mark Twain, Ian Fleming. Quando acabei de ler os livros da minha mãe — não os aborrecidos sobre história, esses nunca me interessaram muito, mas os romances, as epopeias —, passei a gastar toda a minha mesada em livros. Comprava um por semana na livraria ao pé do Cinema Park, e comecei a guardá-los em caixas de cartão quando deixou de haver espaço nas prateleiras.

Claro, casar com uma poetisa era uma coisa, mas ter um filho que preferia enfiar a cabeça nos livros a ir caçar... bem, não era disso que Baba estava à espera, penso eu. Os homens a sério não leem poesia — quanto mais escrevê-la! Os homens a sério — os rapazes a sério — jogavam futebol, como Baba, na sua juventude. Isso, sim, era uma coisa apaixonante. Em 1970, Baba tirou umas férias da construção do orfanato e foi passar um mês a Teerão, para assistir

às transmissões televisivas dos jogos do Campeonato do Mundo, visto que na época ainda não havia televisões no Afeganistão. Inscreveu-me no futebol para infundir em mim a mesma paixão. Mas eu era patético, uma desgraça para a minha equipa, sempre a estorvar um passe oportuno ou a tapar inadvertidamente as linhas. Arrastava-me pelo campo nas minhas pernas magricelas, implorava, gritando, por bolas que nunca me chegavam. E quanto mais eu me esforçava, esbracejando freneticamente e berrando «Passa! Passa!», mais me ignoravam. Mas Baba não desistia. Quando se tornou mais do que óbvio que eu não herdara nem a sombra dos seus talentos atléticos, ele decidiu fazer de mim um espectador informado. Disso eu ia ser capaz ou não? Fingi-me interessado durante o máximo de tempo possível. Rejubilei com ele quando a equipa de Cabul ganhou a Kandahar e participei no coro de insultos ao árbitro quando ele marcou grande penalidade contra nós. Mas Baba percebeu que o meu interesse não era genuíno, e acabou por se conformar com o triste facto de que o seu filho nunca seria nem um jogador nem um adepto de futebol.

Lembro-me do dia em que Baba me levou com ele ao torneio anual de *buzkashi* realizado no primeiro dia da primavera, o dia do Ano Novo. O *buzkashi* era, e continua a ser, a paixão nacional do Afeganistão. Um *chapandaz*, um cavaleiro de alto gabarito geralmente patrocinado por adeptos ricos, tem de conseguir arrancar uma carcaça de cabra ou vitela do meio de um grupo delas, transportá-la pelo estádio a galope e deixá-la cair dentro de um círculo, enquanto uma equipa de outros cavaleiros o persegue e faz tudo o que está ao seu alcance — aos pontapés, arranhões, chicotadas, socos — para lhe arrancar o cadáver. Nesse dia, a multidão aclamava, entusiasmada, enquanto os cavaleiros em jogo gritavam e lutavam pela carcaça envoltos numa nuvem de poeira. A terra estremecia sob o estampido dos cascos. Das arquibancadas víamos os cavaleiros passar por nós a galope, brandindo o chicote e soltando guinchos, os cavalos a espumar.

De repente, Baba apontou para alguém.

— Amir, estás a ver aquele homem ali sentado, com outros à volta?

Eu estava.

— É o Henry Kissinger.

— Oh — exclamei. Não fazia a mínima ideia de quem era o Henry Kissinger, e podia ter-lho dito. Mas no mesmo instante vi com horror um *chapandaz* cair da sela e ser pisado por um amontoado de cascos. O corpo dele foi arrastado num turbilhão como uma boneca de trapos, acabando por rebolar e parar quando o grupo voltou a circular. Piscou os olhos uma vez e ficou inerte, as pernas dobradas de forma pouco natural, uma poça de sangue a encharcar a areia.

Desatei a chorar.

Chorei durante todo o caminho para casa. Lembro-me da força com que as mãos de Baba agarravam o volante. Agarravam e soltavam. Acima de tudo, nunca esquecerei o enorme esforço de Baba para disfarçar a expressão de desgosto que tinha no rosto enquanto conduzia sem dizer palavra.

Nessa noite, passei pelo escritório do meu pai e ouvi-o conversar com Rahim Khan. Encostei o ouvido à porta fechada.

— ... graças a Deus é saudável — dizia Rahim Khan.

— Eu sei, eu sei. Mas está sempre enterrado nos livros ou a cirandar pela casa, como se estivesse perdido.

— E?

— Eu não era assim. — Baba parecia frustrado, quase indignado.

Rahim Khan riu-se.

— As crianças não são livros de colorir. Não podemos dar-lhes as nossas cores preferidas.

— Acredita — insistiu Baba. — Eu não era nada assim, nem nenhum dos miúdos que conheci.

— Sabes, às vezes és o homem mais vaidoso que conheço — disse Rahim Khan. Era a única pessoa que eu conhecia capaz de dizer esse tipo de coisas a Baba.

— Não tem nada que ver com isso.

— Ai, não?

— Não.

— Então tem a ver com quê?

Ouvi o couro do assento da poltrona estalar quando Baba mudou de posição. Fechei os olhos, encostei ainda mais o ouvido à porta, desejando ouvir, desejando não ouvir.

— Às vezes olho por aquela janela e vejo-o a brincar na rua com os miúdos do bairro. Vejo-os empurrá-lo, tirarem-lhe os brinquedos, darem-lhe uma palmada aqui, uma estalada acolá. E, sabes, ele nunca responde. Nunca. Ele... ali fica e...

— Quer dizer que não é violento — disse Rahim Khan.

— Não é a isso que me refiro, Rahim, e tu sabes. Há qualquer coisa que falta naquele rapaz.

— Sim, maldade.

— O instinto de defesa não tem nada que ver com maldade. Sabes o que acontece sempre que esses miúdos o chateiam? O Hassan chega e corre com eles. Já o vi com os meus olhos. E quando os dois voltam para casa eu pergunto: «Onde é que o Hassan fez o arranhão que tem na cara?», ele responde: «Caiu.» Acredita, Rahim, há um problema qualquer com aquele rapaz.

— Tens que deixá-lo encontrar o caminho dele — disse Rahim Khan.

— Mas qual será? Um rapaz que não sabe defender-se, torna-se um homem que não sabe lutar por nada.

— Como sempre, estás a simplificar demasiado.

— Penso que não.

— Estás irritado porque tens medo de que ele não te queira suceder nos negócios.

— E agora quem é que está a simplificar? Ouve, sei que há uma forte afinidade entre vocês os dois, e isso deixa-me muito feliz. Invejoso, mas feliz. A sério. Ele precisa de alguém que... o compreenda, porque Deus sabe que eu não consigo. Mas há qualquer coisa no Amir que me preocupa, e eu não sei explicar o que é. É como... — percebi que ele procurava, perseguia as palavras certas. Baixou o tom, mas mesmo assim ouvi tudo. — Se eu não tivesse visto o médico tirá-lo da barriga da minha mulher com os meus próprios olhos, não acreditava que ele fosse meu filho.

Na manhã seguinte, enquanto preparava o meu pequeno-almoço, Hassan perguntou-me o que se passava comigo. Fui bruto com ele, disse-lhe para não se meter onde não era chamado.

Rahim Khan não tinha razão alguma quando disse aquilo da maldade.

QUATRO

Em 1933, o ano em que Baba nasceu e o ano em que Zahir Shah iniciou o seu reinado de quarenta anos no Afeganistão, dois irmãos, dois jovens de uma família rica e respeitada de Cabul, meteram-se ao volante do *Ford* descapotável do pai. Empanturrados de haxixe e *mast* com vinho francês, atropelaram e mataram um casal hazara que ia a caminho de Paghman. A polícia levou os constrangidos rapazes e um órfão com cinco anos à presença do meu avô, que era um juiz muito considerado e um homem de impecável reputação. Depois de ouvir o relato dos jovens e o pedido de misericórdia do pai deles, o meu avô ordenou que fossem imediatamente para Kandahar e se alistassem no exército durante um ano — isso apesar de a família deles ter conseguido, não sei como, livrá-los da tropa. O pai ainda tentou argumentar, mas não com muita veemência, e no fim todos concordaram que o castigo era talvez duro mas justo. Quanto ao órfão, o meu avô adotou-o e levou-o para casa, dizendo aos criados que o educassem, mas com brandura. Esse rapaz era Ali.

Ali e Baba cresceram juntos e foram companheiros de brincadeira — pelo menos até a perna de Ali sofrer as consequências da poliomielite —, tal como Hassan e eu uma geração depois. Baba estava sempre a contar-nos as travessuras que eles faziam e Ali concordava com a cabeça e dizia:

— Mas, Agha Sahib, conte-lhes quem arquitetava essas diabruras e quem as punha em prática?

Baba desatava a rir-se e punha o braço em volta dos ombros de Ali.

Porém, em nenhuma dessas histórias Baba chamava a Ali seu amigo.

O curioso era que eu também nunca pensava em mim e Hassan como amigos. Pelo menos no sentido habitual. Apesar de termos ensinado um ao outro a andar de bicicleta sem mãos, ou a construir uma câmara fotográfica completamente funcional com uma caixa de cartão. Apesar de termos passado invernos inteiros a lançar papagaios de papel e a correr atrás deles. Apesar de para mim o

rosto do Afeganistão ser o de um rapaz magro, de cabeça rapada e orelhas baixas, um rapaz com rosto de estatueta chinesa perpetuamente iluminado pelo sorriso de um lábio leporino.

Apesar de todas essas coisas. Porque a história não é fácil de ultrapassar. Nem a religião. No fundo, eu era um pastó e ele um hazara. Eu era sunita e ele xiita, e nada conseguiria alguma vez mudar isso. Nada.

Mas éramos crianças que tinham aprendido a gatinhar juntas e nem a história, nem a etnia, nem a religião iriam também mudar isso. Passei os primeiros doze anos da minha vida a brincar com Hassan. Às vezes, toda a minha infância parece um único e longo dia quente de verão com Hassan, a perseguirmo-nos um ao outro por entre o emaranhado de árvores do quintal do meu pai, a jogar às escondidas, aos polícias e ladrões, aos índios e *cowboys*, a torturar insetos — sendo a nossa proeza máxima arrancar o ferrão a uma abelha e atar a desgraçada com um cordel para poder puxá-la para trás sempre que tentava levantar voo.

Seguíamos os *kochi*, os nómadas que atravessavam Cabul a caminho das montanhas do Norte. Ouvíamos as caravanas deles aproximar-se, os balidos das ovelhas, os berros das cabras, a sinfonia dos guizos em volta do pescoço dos camelos. Saíamos a correr de casa, para ver a caravana trotar pela nossa rua, os homens de rosto cansado e coberto de pó e as mulheres envoltas em xailes longos e coloridos, de colares de contas e pulseiras de prata nos pulsos e tornozelos. Atirávamos seixos às cabras e água para cima das mulas. Eu convencia Hassan a subir ao «Muro do Milho Doente» e a atirar pedras com a fisga à garupa dos camelos.

Juntos vimos o nosso primeiro *western*, *Rio Bravo*, com John Wayne, no Cinema Park, mesmo em frente à minha livraria preferida. Lembro-me de suplicar a Baba que nos levasse ao Irão, para podermos conhecer o John Wayne. Baba desatou a rir-se à gargalhada — um som que não era muito diferente do de um motor de camião a arrancar —, e, quando conseguiu falar, explicou-nos o que era a dobragem. Hassan e eu ficámos pasmados. De boca à banda. John Wayne não falava parse e não era iraniano! Era americano, tal como os simpáticos jovens de cabelo comprido com que nos estávamos sempre a cruzar em Cabul, vestidos com

camisas rasgadas e de cores vivas. Vimos o *Rio Bravo* três vezes, mas vimos o nosso *western* preferido, *Os Sete Magníficos*, treze vezes. Chorávamos sempre no fim, quando os miúdos mexicanos enterravam o Charles Bronson — que, pelos vistos, também não era iraniano.

Íamos aos bazares que cheiravam a almíscar e ficavam no Bairro Shar-e-Nau, em Cabul, ou na cidade nova, a oeste do Bairro Wazir Akbar Khan. Falávamos do filme que tínhamos acabado de ver e passeávamos pelo meio de multidões de *bazarris*. Serpenteávamos por entre os vendedores e os pedintes, deambulávamos pelas ruelas atafulhadas de bancas minúsculas cheias de tralha. Baba dava a cada um de nós uma semanada de dez afeganes e comprávamos *Coca-Cola* quente e gelado de água de rosas com pistachos picados em cima.

Durante o ano letivo, tínhamos uma rotina diária. Quando finalmente eu conseguia sair da cama e arrastar-me até à casa de banho, já Hassan se tinha lavado, rezado o namaz da manhã com Ali e preparado o meu pequeno-almoço; chá preto quente com três cubos de açúcar e uma fatia de *naan* torrada, barrada com o meu doce preferido, de ginja, tudo muito bem alinhado em cima da mesa da casa de jantar. Enquanto eu comia e me queixava dos trabalhos de casa, Hassan fazia a minha cama, engraxava-me os sapatos, passava a ferro o que eu ia vestir nesse dia, arrumava os meus livros e lápis. Ouvia-o cantar sozinho, enquanto engomava, velhas canções hazaras na sua voz nasalada. Depois Baba e eu partíamos no *Ford Mustang* preto — um carro que todos olhavam com inveja porque era igual ao que o Steve McQueen conduzia no *Bullitt*, um filme que esteve em exibição durante seis meses. Hassan ficava em casa e ajudava Ali nas tarefas domésticas: lavar à mão a roupa suja e pendurá-la a secar no quintal, varrer o chão, ir comprar *naan* fresco ao bazar, marinar carne para o jantar, regar a relva.

Após as aulas, Hassan e eu encontrávamo-nos, pegávamos num livro e subíamos uma colina em forma de tigela que ficava a norte da propriedade do meu pai em Wazir Akbar Khan. Havia no topo da colina um velho cemitério abandonado com filas de pedras tumulares sem nome, separadas por emaranhados de silvas. Vários anos de chuva e neve tinham enferrujado o portão de ferro e

deixado o muro baixo de pedra branca quase em ruínas. Havia uma romãzeira junto à entrada do cemitério. Um dia de verão, levei uma das facas de cozinha de Ali para gravar nela os nossos nomes: «Amir e Hassan, sultões de Cabul.» As palavras formalizaram a propriedade: a árvore era nossa. Depois das aulas, Hassan e eu trepávamos por ela acima e apanhávamos romãs vermelhas como o sangue. Depois de comermos os frutos e de limparmos as mãos à relva, eu lia a Hassan.

Sentado de pernas cruzadas, com o sol e a sombra das folhas da romãzeira a dançar no seu rosto, Hassan ia arrancando distraidamente lâminas de relva enquanto eu lhe lia as histórias que ele não podia ler por si próprio. Que Hassan seria analfabeto como Ali e a maioria dos hazaras ficou decidido no instante em que ele nasceu, talvez mesmo no momento em que foi concebido no útero pouco acolhedor de Sanaubar — na verdade, para que precisava um criado da palavra escrita? Mas apesar do seu analfabetismo, ou talvez por causa dele, Hassan sentia-se atraído pelo mistério das palavras, seduzido por um mundo secreto que lhe era vedado. Eu lia-lhe poemas e histórias, às vezes charadas — mas depressa desisti das últimas, quando percebi que ele era muito melhor que eu a resolvê-las. Passei então a ler-lhe coisas mais simples, como as desventuras do desastrado mulá Nasruddin e do seu burro. Ficávamos horas sentados à sombra daquela árvore, até o Sol desaparecer a ocidente, e mesmo assim Hassan teimava que ainda havia luz para mais uma história, mais um capítulo.

A parte da leitura que eu preferia era quando deparávamos com uma palavra difícil que ele não conhecia. Gozava com ele, expunha a sua ignorância. Uma vez, a meio de uma história de mulá Nasruddin, ele interrompeu-me.

— Que quer dizer essa palavra?

— Qual?

— Imbecil.

— Não sabes o que ela quer dizer? — perguntei, com um sorriso.

— Não, Amir Agha.

— Mas é uma palavra tão vulgar!

— Mesmo assim, não a conheço — se percebia que eu estava a provocá-lo, o seu rosto não o denunciava.

— Bem, toda a gente lá na escola sabe o que ela quer dizer. Vejamos. Imbecil quer dizer esperto, inteligente. Vou dar um exemplo. «No que toca a palavras, Hassan é imbecil.»

— Ah — respondeu, fazendo que sim com a cabeça.

Mais tarde enchia-me de remorsos. Então, para aliviar o peso da minha consciência, dava-lhe uma das minhas camisas velhas ou um brinquedo partido. Dizia a mim próprio que era uma compensação mais que suficiente por uma partida inofensiva.

O livro preferido de Hassan era de longe o *Shahnamah*, a epopeia do século X que falava dos antigos heróis persas. Gostava de todos os capítulos, dos xás dos velhos tempos, Feridoun, Zal e Rudabeh. Mas a sua história preferida, e a minha, era «Rostam e Sohrab», a lenda do grande guerreiro Rostam e do seu cavalo veloz, *Rakhsh*. Rostam fere mortalmente o valente Sohrab numa batalha, só depois vindo a saber que Sohrab era o filho que tanto procurara. Atormentado de desgosto, Rostam ouve as derradeiras palavras do filho:

> *Se és na verdade o meu pai, então manchaste a tua espada com o sangue do teu próprio filho. E fizeste-o por obstinação. Procurei voltar-te para o amor e implorei que me desses o teu nome, pois julguei ver em ti as virtudes descritas por minha mãe. Mas apelei ao teu coração em vão, e agora já não há tempo para nos conhecermos...*

— Lê outra vez, por favor, Amir Agha — pedia Hassan. Por vezes os olhos dele enchiam-se de lágrimas quando eu lhe lia essa passagem, e eu sempre me perguntei por quem choraria ele, pelo infeliz Rostam, que fica com a roupa ensopada de tanto chorar e cobre o rosto com cinzas, ou pelo moribundo Sohrab, que só queria o amor do pai? Pessoalmente não via nada de trágico no destino de Rostam. Afinal, não era este o desejo secreto que todos os pais escondiam no fundo do seu coração matar o seu filho?

Um dia, em julho de 1973, preguei outra partida a Hassan. Estava a ler-lhe e de repente afastei-me do que estava escrito. Fingi que lia o que vinha no livro, voltando as páginas regularmente, mas abandonei pura e simplesmente o texto, tomei conta da história e inventei a minha. Hassan, claro, não deu por nada. Para ele, as palavras da página constituíam um código hermético, indecifrável, misterioso. As palavras eram portas secretas cujas chaves estavam na minha mão. De seguida perguntei-lhe se tinha gostado da

história, e abafei uma gargalhada na minha garganta quando Hassan começou a bater palmas.

— O que é que estás a fazer? — perguntei.

— Há muito tempo que não ouvia uma história tão boa — respondeu, sem parar de aplaudir.

Desatei a rir.

— A sério?

— A sério.

— Isso é fascinante — murmurei. E, sinceramente, não esperava nada daquilo. — Tens a certeza, Hassan?

Ele continuava a bater palmas.

— Gostei muito, Amir Agha. Lês-me o resto amanhã?

— Fascinante — repeti, quase sem fôlego, como um homem que descobre um tesouro enterrado no seu quintal. Ao descer a encosta, as ideias explodiam na minha cabeça como o fogo de artifício no Chaman. «Há muito tempo que não ouvia uma história tão boa», tinha ele dito. Eu lera-lhe já imensas histórias. Mas Hassan estava a dizer-me qualquer coisa.

— Que é? — perguntei.

— O que é que isso quer dizer, «fascinante»?

Ri-me. Dei-lhe um abraço e pespeguei-lhe um beijo na bochecha.

— Que foi isso? — perguntou-me espantado, corado.

Dei-lhe um empurrão amigável. Sorri.

— És um príncipe, Hassan. És um príncipe e eu adoro-te.

Nessa mesma noite escrevi o meu primeiro conto. Levei trinta minutos. Era um conto negro sobre um homem que encontrava uma taça mágica e que ficou a saber que se chorasse lá para dentro ela transformaria as suas lágrimas em pérolas. Mas, apesar de ter sido sempre pobre, o homem era feliz e raramente vertia uma lágrima. Pôs-se então à procura de maneiras de entristecer para que as suas lágrimas o tornassem rico. À medida que as pérolas se acumulavam, a sua ganância crescia. A história acabava com o homem sentado em cima de uma montanha de pérolas, de faca na mão, a chorar desesperado para a taça, com o corpo esquartejado da esposa amada nos braços.

Nessa noite, subi as escadas e fui à sala de fumo de Baba, levando comigo as duas folhas de papel nas quais escrevinhara a

história. Baba e Rahim Khan estavam a fumar os seus cachimbos e a beber brande quando eu entrei.

— Que foi, Amir? — perguntou Baba, reclinando-se no sofá e cruzando as mãos atrás da cabeça. Diante do seu rosto rodopiavam colunas de fumo azul. O olhar dele fez a minha garganta secar. Tossi e contei-lhe que tinha escrito uma história.

Baba fez que sim com a cabeça e esboçou um sorriso que transmitia pouco mais que um interesse forçado.

— Sim senhor, muito bem — disse. E depois mais nada. Limitou-se a olhar para mim através da cortina de fumo.

Devo ter ficado ali especado no máximo um minuto, mas esse foi um dos minutos mais longos da minha vida. Os segundos sucediam-se, entre cada um uma eternidade. A atmosfera estava pesada, húmida, quase sólida. Eu respirava tijolos. Baba continuou a fitar-me de alto a baixo, e nada de pedir-me para a ler.

Como sempre, Rahim Khan veio em meu auxílio. Estendeu a mão e fez-me um sorriso, que era tudo menos fingido.

— Emprestas-ma, Amir Jan? Gostava mesmo muito de a ler. — Baba nunca usava a expressão de afeto *jan* quando falava comigo.

Baba encolheu os ombros e levantou-se. Parecia aliviado, como se também ele tivesse sido salvo por Rahim Khan.

— Boa ideia, Kaka Rahim, lê-a. Vou lá acima arranjar-me — e com estas palavras saiu da sala. A maior parte dos dias eu adorava Baba com uma intensidade quase religiosa. Mas naquele instante só queria abrir as veias e tirar do meu corpo o seu sangue maldito.

Uma hora depois, quando o céu escureceu, foram os dois no carro do meu pai a uma festa. Quando saiu, Rahim Khan inclinou-se para mim e entregou-me a história mais um papel dobrado. Sorriu-me e piscou-me o olho.

— Para ti. Depois lê — fez uma pausa e disse uma palavra que foi um incentivo maior que todos os elogios que os editores alguma vez me fizeram. Essa palavra foi «Bravo».

Depois de eles saírem, sentei-me na cama e desejei que Rahim Khan fosse o meu pai. Logo a seguir lembrei-me de Baba, do seu peito forte e de como era bom estar encostado a ele, do cheiro a *Brut* e das cócegas que a barba dele me fazia de manhã. Fui

invadido por um tal sentimento de culpa que corri para a casa de banho e vomitei no lavatório.

Mais tarde, já deitado na cama, li o bilhete de Rahim Khan vezes sem conta. Dizia assim:

> «Amir Jan,
>
> Gostei muito da tua história. *Mashallah*, Deus concedeu-te um talento especial. É teu dever aproveitar esse talento, porque quem desperdiça os talentos que Deus lhe dá é burro. Escreveste a tua história numa linguagem correta e num estilo original. Mas o que nela mais impressiona é a ironia. Talvez nem saibas o que esta palavra significa. Mas um dia saberás. É algo que muitos escritores tentam alcançar a vida toda em vão. Tu conseguiste-o logo na tua primeira história.
>
> A minha porta está e sempre estará aberta para ti, Amir Jan. Ouvirei todas as histórias que quiseres contar. Bravo.
>
> O teu amigo,
> Rahim»

Entusiasmado com a carta de Rahim Khan, agarrei na história e fui a correr lá abaixo, ao átrio, onde Ali e Hassan dormiam num colchão. Eles só dormiam lá em casa quando Baba saía e Ali ficava a tomar conta de mim. Abanei Hassan até o acordar e perguntei-lhe se queria ouvir uma história.

Hassan esfregou os olhos ensonados e espreguiçou-se.

— Agora? Que horas são?

— Não interessa que horas são. Esta história é especial. Foi escrita por mim — segredei-lhe, na esperança de não acordar Ali. O rosto de Hassan iluminou-se.

— Então tenho de ouvi-la — disse, já a puxar o cobertor para o lado.

Li-lha na sala, em frente da lareira de mármore. Desta vez não me afastei das palavras; aquilo era meu! Hassan era a plateia ideal, inteiramente absorto no conto, a expressão a mudar consoante os diferentes tons da história. Quando li a última frase, fez com as mãos o gesto de bater palmas.

— *Mashallah*, Amir Agha. Bravo! — estava radiante.

— Gostaste? — perguntei, saboreando a minha segunda, e como era saborosa, crítica positiva.

— Um dia, *inshallah*, vais ser um grande escritor — disse Hassan. — E todas as pessoas do mundo vão ler as tuas histórias.

— Estás a exagerar — respondi, adorando-o por isso.

— Não. Vais ser importante e famoso — teimou. Depois fez uma pausa, como quem se prepara para acrescentar qualquer coisa. Mediu as palavras e aclarou a garganta. — Mas deixas-me fazer uma pergunta acerca da história? — perguntou timidamente.

— Claro.

— Bem... — começou, e depois calou-se.

— Pergunta lá, Hassan — insisti. Eu estava a sorrir, embora de repente o escritor inseguro que eu era não soubesse se queria realmente ouvir a pergunta.

— Bem — disse ele —, desculpa lá, mas porque é que o homem matou a mulher? Quer dizer, porque é que foi preciso ele ficar triste para chorar? Não podia antes ter cheirado uma cebola?

Fiquei boquiaberto. Aquele pormenor, tão estupidamente óbvio, não me tinha ocorrido. Mexi os lábios mas não saiu qualquer palavra. Parecia que na mesma noite em que eu ficara a conhecer uma das propriedades da escrita, a ironia, ia também ficar a saber uma das suas armadilhas: uma falha no enredo. Através de Hassan, ainda por cima. Hassan, que não sabia ler e nunca na vida escrevera uma só palavra. Uma voz fria e escura falou-me ao ouvido. «Que percebe ele do assunto, esse hazara analfabeto? Nunca será nada na vida, quando muito acabará cozinheiro. Como se atreve a criticar-te?»

— Bem... — ainda balbuciei, mas nunca terminei a frase.

Porque de um momento para o outro o Afeganistão mudou para sempre.

CINCO

Qualquer coisa rugiu, como trovoada. A terra estremeceu levemente e ouvimos o ribombar de uma metralhadora.

— Pai! — gritou Hassan. Pusemo-nos de pé num pulo e saímos da sala a correr. Encontrámos Ali a coxear, frenético, pelo átrio.

— Pai! Que barulho foi aquele? — berrou Hassan, estendendo as mãos para Ali. Ali abraçou-nos. Uma luz branca projetou no céu um clarão prateado. Voltou a acender-se, seguida de um rápido *stacato* de tiros.

— Estão a caçar patos — explicou Ali, com uma voz rouca. — Os patos caçam-se de noite, sabem. Não tenham medo.

Uma sirene soou à distância. Algures, vidros estilhaçaram-se e alguém gritou. Ouviam-se pessoas nas ruas, roubadas ao sono e provavelmente ainda de pijama, com o cabelo desgrenhado e os olhos inchados. Hassan estava a chorar. Ali apertou-o contra si, rodeando-o de ternura. Mais tarde eu repetiria para comigo que não senti inveja de Hassan. Nenhuma.

Ficámos assim abraçados até às primeiras horas da manhã. Os disparos e as explosões haviam durado menos de uma hora, mas tinham-nos assustado terrivelmente, porque nunca nenhum de nós ouvira tiros nas ruas. Tratava-se, portanto, de sons que nos eram estranhos. A geração de crianças afegãs cujos ouvidos só conhecem bombas e tiros ainda não tinha nascido. Agarrados um ao outro na sala de jantar, à espera que o Sol nascesse, nenhum de nós teve a noção de que uma certa forma de vida chegava ao fim. O fim, o fim oficial, viria em abril de 1978, com o golpe de Estado comunista, e depois em dezembro de 1979, quando os tanques russos avançaram exatamente pelas mesmas ruas onde Hassan e eu brincávamos, trazendo consigo a morte do Afeganistão que eu conhecia e marcando o início de uma era de derramamento de sangue que ainda não terminou.

Pouco antes de o dia nascer, o carro de Baba chegou a casa. A porta fechou-se com um estrondo e ouviram-se os seus passos correr escada acima, pisando com força os degraus. Depois ele apareceu à porta e havia qualquer coisa de diferente no seu rosto.

Qualquer coisa que não reconheci de imediato porque nunca lá a vira antes: medo.

— Amir! Hassan! — exclamou, correndo ao nosso encontro, de braços bem abertos. — Fecharam as estradas e o telefone não funcionava. Fiquei tão preocupado!

Deixámo-lo abraçar-nos e, por um breve momento de insanidade, fiquei feliz com o que quer que tivesse acontecido naquela noite.

Não estavam nada a caçar patos, afinal. Como viemos a saber, não caçaram muito naquela noite de 17 de julho de 1973. Quando acordou no dia seguinte, Cabul descobriu que a monarquia era uma coisa do passado. O rei, Zahir Shah, estava fora, em Itália. Na sua ausência, o seu primo Daoud Khan pusera fim a quarenta anos de reinado com um golpe de Estado sem sangue.

Lembro-me de estar com Hassan de gatas, na manhã seguinte, à porta do escritório do meu pai, enquanto Baba e Rahim Khan beberricavam chá preto e escutavam as empolgantes notícias do golpe na Rádio Cabul.

— Amir Agha? — sussurrou Hassan.

— Que foi?

— O que é uma república?

Encolhi os ombros.

— Não sei — no rádio de Baba, estavam sempre a repetir essa palavra, «república».

— Amir Agha?

— Que é?

— República quer dizer pai e eu tenho de me ir embora?

— Acho que não — respondi em voz baixa.

Hassan ficou a pensar.

— Amir Agha?

— Sim?

— Não quero que eles me mandem a mim e ao meu pai embora.

Sorri.

— *Bas*, és mesmo burro. Ninguém vos vai mandar embora.

— Amir Agha?

— Sim?

— Queres ir subir à nossa árvore?

O meu sorriso alargou-se. Isso era outra coisa que Hassan tinha. Sabia sempre o que dizer na altura certa — o noticiário no rádio estava a ficar enfadonho. Hassan foi à cabana arranjar-se e eu corri lá acima, a buscar um livro. Depois fui à cozinha, enchi os bolsos de pinhões, e fui ter com Hassan, que já me esperava lá fora. Atravessámos o portão a correr e dirigimo-nos à colina.

Tínhamos atravessado a rua residencial e íamos já a meio do descampado que conduzia à colina quando de repente uma pedra atingiu Hassan nas costas. Voltámo-nos e o meu coração parou. Assef e dois dos seus amigos, Wali e Kamal, vinham na nossa direção.

Assef era filho de um dos amigos do meu pai, Mahmood, piloto comercial. A família dele morava umas ruas mais abaixo da nossa, num bairro chique, murado e onde havia palmeiras. Qualquer miúdo que morasse na zona de Wazir Akbar Khan de Cabul tinha de conhecer Assef e a sua famosa soqueira de aço inoxidável, de preferência só de fama. Filho de mãe alemã e pai afegão, Assef, louro e de olhos azuis, era mais alto que todos os outros miúdos. A sua merecida reputação de selvagem precedia-o pelas ruas. Acompanhado pelos seus obedientes amigos, passeava-se pelo bairro como um *khan* pelas suas propriedades, rodeado por um séquito de lacaios. A sua palavra era lei, e, se alguém precisasse de um pouco de educação jurídica, essa soqueira de aço era a ferramenta ideal para ministrar o ensino. Vi-o usá-la um dia contra um rapaz do Bairro Karteh-Char. Nunca me esqueci de como os olhos azuis de Assef faiscavam, com um brilho não inteiramente são, nem do sorriso dele, ao deixar o pobre miúdo inconsciente. Uns rapazes do bairro tinham-lhe posto a alcunha de Assef «Goshkhor» ou Assef, o *Arranca-Orelhas*. Claro, nenhum de nós se atrevia a dar um pio na presença dele, a não ser que quiséssemos ter um destino idêntico ao do infeliz que, sem querer, deu origem a essa alcunha quando ousou disputar com Assef um papagaio de papel e acabou a procurar a orelha direita numa sarjeta. Anos mais tarde, aprendi uma palavra que descrevia uma criatura como Assef, palavra para a qual não existe termo equivalente em parse: sociopata.

De todos os rapazes que torturavam Ali, Assef era de longe o mais implacável. Fora, por sinal, o criador da saudação *babalu*: «Ei,

babalu, o que é que comeste hoje? Hã? Vá lá, *babalu*, sorri!» E nos dias de maior inspiração ainda retocava a sua cantilena: «Ei, *babalu* de nariz achatado, o que é que comeste hoje? Conta lá, burro de olhos em bico!»

Caminhava agora direito a nós, mãos nas ancas, levantando com os pés pequenas nuvens de poeira.

— Bom dia, *kunis*! — exclamou, acenando. «Maricas» era outro dos seus insultos preferidos. Hassan escondeu-se atrás de mim enquanto os três rapazes, mais velhos que nós, apertavam o cerco. Pararam à nossa frente, muito altos, os três de calças de ganga e *T-shirt*. Assef, o maior de todos, cruzou os braços grossos com uma espécie de sorriso selvagem nos olhos. Não foi a primeira vez que pensei que Assef não era completamente bom da cabeça. Também pensei na sorte que era Baba ser meu pai, a única razão, creio eu, pela qual Assef não me assediava demasiado.

Indicou Hassan com a ponta do queixo.

— Ei, nariz achatado — chamou. — Como vai o *babalu*?

Hassan não respondeu e encostou-se mais a mim.

— Já sabem a novidade? — perguntou Assef, sempre com o mesmo sorriso. — O rei foi-se embora. De vez. Viva o presidente! O meu pai conhece o Daoud Khan, sabias, Amir?

— Também o meu — respondi. Na verdade, não fazia ideia se era ou não verdade.

— Também o meu — imitou Assef, numa voz esganiçada. Kamal e Wali riram em uníssono. Desejei que Baba aparecesse naquele instante. — O Daoud Khan jantou na nossa casa na semana passada — insistiu Assef. — E esta, Amir?

Perguntei-me se alguém estaria a ouvir-nos naquela remota faixa de terra. A casa de Baba ficava a mais de um quilómetro de distância. Lamentei termos saído de casa.

— Sabes o que é que eu vou dizer ao Daoud Khan da próxima vez que ele for jantar a nossa casa? — perguntou Assef. — Vou ter uma conversazinha com ele, de homem para homem, *mard* para *mard*. Dizer-lhe o que eu disse à minha mãe. Sobre o Hitler. Aquilo é que era um líder. Um grande líder. Um homem com visão. Vou dizer a Daoud Khan que não se esqueça que, se tivessem deixado Hitler terminar o que começou, o mundo hoje seria um lugar melhor.

— Baba diz que Hitler era doido, que mandou matar muitas pessoas inocentes — ouvi-me dizer antes de tapar a boca com a mão.

Assef falou com desdém.

— Pareces a minha mãe, e ela é alemã; ela devia saber do que falava. É isso que eles querem que penses, não é? Não te querem contar a verdade.

Eu não percebia quem eram «eles» nem o que estavam a esconder-me, e nem queria saber. Lamentei ter aberto a boca. Mais uma vez só queria olhar e ver Baba aparecer ao cimo da encosta.

— Devias ler livros sem ser os da escola — disse Assef. — Eu li. E abriram-me os olhos. Agora tenho uma visão e vou partilhá-la com o novo presidente. Sabes qual é?

Abanei a cabeça. Ele ia acabar por me contar; Assef respondia sempre às perguntas que fazia.

Piscou os seus olhos azuis na direção de Hassan.

— O Afeganistão é a terra dos pastós. Sempre foi e sempre será. Nós é que somos os verdadeiros afegãos, os afegãos puros, não esse nariz achatado. O povo dele polui a nossa pátria, a nossa *watan*. Suja o nosso sangue — fez um gesto largo e grandioso com as mãos. — O Afeganistão para os pastós. É essa a minha visão. — Assef virou-se novamente para mim. — Para o Hitler é tarde de mais. Mas para nós não é — tirou qualquer coisa do bolso de trás das calças de ganga. — Vou pedir ao presidente que faça o que o rei não teve *quwat* para fazer. Que expulse do Afeganistão os porcos, os *kasseef* dos hazaras.

— Deixa-nos em paz, Assef — supliquei, detestando ouvir a minha voz tremer. — Não te fiz mal nenhum.

— Fizeste sim senhor — replicou Assef. E vi com o coração apertado o que ele estava a tirar do bolso. Claro. Um raio de sol fez a soqueira de aço inoxidável brilhar. — Fizeste mal e muito. Para ser sincero, irritas-me mais do que esse hazara aí. Como é que consegues falar e brincar com ele, deixar que ele te toque? — perguntou, num tom enojado. Wali e Kamal concordaram com a cabeça e grunhiram qualquer coisa. Assef semicerrou os olhos. Abanou a cabeça. Quando voltou a falar, foi num tom tão inchado como o seu aspeto. — Como consegues chamar-lhe «amigo»?

«Mas ele não é meu amigo», quase berrei, «é meu criado!» Alguma vez eu tinha pensado nisso? Claro que não. Não tinha. Eu tratava Hassan bem, como um amigo, talvez mesmo melhor, como um irmão. Mas se assim era, por que razão, quando os amigos de Baba iam visitá-lo e levavam os filhos, eu não o incluía nas nossas brincadeiras? Porque seria que eu só brincava com Hassan quando não tinha mais ninguém com quem brincar?

Assef enfiou nos dedos a soqueira de metal. Lançou-me um olhar gélido.

— Tu tens culpas no cartório, Amir. Se idiotas como tu e o teu pai não contratassem gente dessa, já nos tínhamos livrado deles. Já estavam todos a apodrecer em Hazarajat, de onde nunca deviam ter saído. Vocês são a desgraça do Afeganistão.

Fitei os seus olhos loucos e vi que não estava a brincar. Queria mesmo bater-me. Assef ergueu o punho e avançou na minha direção.

Ouvi um rumorejar rápido atrás de mim. Pelo canto do olho, vi Hassan dobrar-se e endireitar-se logo a seguir. Qualquer coisa atrás de mim fez Assef piscar os olhos e depois abri-los, surpreendido. A mesma expressão incrédula atravessou o rosto de Kamal e o de Wali quando também eles viram o que surgiu nas minhas costas.

Voltei-me e dei de caras com Hassan de fisga na mão. Tinha puxado o elástico para trás. Ao meio estava uma pedra do tamanho de uma noz. Hassan apontava a fisga à cara de Assef. Tinha a mão a tremer, da força que estava a fazer para esticar o elástico, e a testa coberta de gotas de suor.

— Por favor deixa-nos em paz, *agha* — disse Hassan num tom sereno. Tratara Assef por *agha*, e por instantes pensei como seria viver com uma noção tão forte da posição que temos na hierarquia.

Assef cerrou os dentes.

— Larga isso, hazara filho da mãe.

— Deixa-nos em paz por favor, *agha* — repetiu Hassan.

Assef sorriu.

— Se calhar ainda não deste por isso, mas vocês são dois e nós somos três.

Hassan encolheu os ombros. Quem não o conhecesse, julgaria que não estava assustado. Mas o rosto de Hassan era das primeiras

coisas que me lembrava de ter visto na vida e eu conhecia de cor todas as suas subtilezas, todos os tremores e vincos que ele costumava apresentar. E percebi que estava com medo. Cheio de medo.

— Tens razão, *agha*. Mas se calhar tu também não reparaste que sou o único que tem uma fisga. Se te mexeres um milímetro, vão ter de mudar o teu nome de Assef, o *Arranca-Orelhas* para Assef, o *Zarolho,* porque esta pedra está apontada ao teu olho esquerdo — falou com tanta serenidade que até eu tive de fazer um esforço para detetar o medo que sabia esconder-se por trás daquela voz tranquila.

A boca de Assef estremeceu. Wali e Kamal assistiam à cena com uma espécie de fascínio. Alguém desafiara o seu deus. Humilhara-o. E esse alguém era um hazara esquelético. Assef olhava, ora para a pedra ora para Hassan. Estudava atentamente o rosto de Hassan. O que viu nele deve tê-lo convencido da seriedade das suas intenções, porque baixou a mão.

— O teu hazara acaba de cometer um erro grave, Amir. A minha paciência tem limites. Ele há de pagá-las, acredita. — Virou-se para mim: — Para ti isto também não acabou. Um dia havemos de nos encontrar sozinhos — Assef recuou um passo. Os seus discípulos imitaram-no.

Hassan tentava enfiar a fisga no cós das calças, pois tinha as mãos a tremer. Com a boca esboçou o que queria que fosse um sorriso tranquilizador. Só à quinta tentativa conseguiu atar a corda que lhe segurava as calças. Nenhum de nós disse grande coisa enquanto regressávamos a casa, apavorados, temendo que Assef e os amigos nos aguardassem emboscados a cada esquina. Isso não aconteceu, o que deveria ter-nos consolado um pouco. Mas não consolou. Não consolou nada.

Ao longo dos dois anos seguintes, as palavras «desenvolvimento económico» e «reforma» dançaram na maioria das bocas em Cabul. A monarquia constitucional fora abolida e substituída por uma república, dirigida por um presidente. Durante algum tempo, uma sensação de rejuvenescimento e entusiasmo varreu o país. Ouvia-se falar em coisas como direitos das mulheres e tecnologia moderna.

Mas no essencial, e apesar de o Arg — o palácio real em Cabul — ter um novo inquilino, tudo continuou como dantes. As pessoas trabalhavam de sábado a quinta-feira e faziam grandes piqueniques à sexta-feira, em parques, nas margens do lago Ghargha, nos jardins de Paghman. Autocarros e camiões coloridos a abarrotar de passageiros rolavam pelas ruas estreitas de Cabul, incitados pelos gritos constantes dos assistentes dos condutores, que atavam carga à traseira dos veículos e berravam indicações ao homem do volante, com o seu forte sotaque. Durante o Eid, os três dias de celebrações a seguir ao mês santo do Ramadão, os habitantes de Cabul vestiam as suas melhores roupas e visitavam a família. Abraçavam-se, beijavam-se e saudavam-se dizendo «*Eid Mubarak*». Feliz Eid. As crianças desembrulhavam prendas e brincavam com ovos cozidos, os quais tinham a casca pintada de várias cores.

Um dia, no início do inverno de 1974, Hassan e eu estávamos a brincar no jardim, a construir um castelo de neve, quando Ali veio chamá-lo.

— Hassan, Agha Sahib quer falar contigo!

Estava de pé à porta, vestido de branco, de braços cruzados, a respirar pausadamente.

Hassan e eu trocámos um sorriso. Tínhamos estado à espera daquilo todo o dia. Era o dia do aniversário de Hassan.

— O que é, pai, sabes? — perguntou Hassan, de olhos brilhantes.

Ali encolheu os ombros.

— Agha Sahib não me disse nada.

— Vá lá. Ali, conta-nos — pressionei. — É um bloco de desenho? Uma pistola?

Como Hassan, Ali era incapaz de mentir. Todos os anos fingia não saber o que Baba tinha comprado para dar a Hassan e a mim nos nossos aniversários. E todos os anos os seus olhos traíam-no e nós não lhe dávamos tréguas. Desta vez, porém, parecia estar a dizer a verdade.

Baba nunca se esquecia do aniversário de Hassan. Ao princípio, perguntava-lhe que prenda queria ele receber no seu dia de anos, mas acabou por desistir, porque Hassan era demasiado modesto para pedir fosse o que fosse. Assim, todos os invernos o próprio Baba escolhia um presente. Comprou-lhe um camião japonês de

brincar um ano, um comboio elétrico e respetiva pista noutro. No ano anterior, Baba surpreendera Hassan com um chapéu à *cowboy* de cabedal exatamente igual ao que o Clint Eastwood usava em *O Bom, o Mau e o Vilão* — que destronara *Os Sete Magníficos* como o nosso *western* preferido. Durante todo o inverno, Hassan e eu usámos o chapéu à vez, cantarolando a famosa música do filme enquanto fazíamos montes de bolas de neve e as atirávamos um contra o outro.

Tirámos as luvas e deixámos as botas sujas de neve à porta. Quando entrámos para o átrio, vimos Baba sentado junto ao fogão a lenha de ferro forjado e, ao lado dele, um indiano baixo, meio careca, de fato castanho e gravata vermelha.

— Hassan — chamou Baba, com um sorriso manhoso —, vem conhecer o teu presente de anos.

Hassan e eu trocámos olhares atónitos. Não havia qualquer embrulho à vista. Nenhum saco. Nenhum brinquedo. Só Ali, de pé, atrás de nós, Baba e aquele tipo indiano com ar de professor de Matemática.

O indiano de fato castanho sorriu e estendeu a mão a Hassan.

— Sou o doutor Kumar — disse. — Muito prazer em conhecer-te — falava parse com um ligeiro sotaque indiano.

— *Salaam alaykum* — disse Hassan, pelo sim pelo não. Fez uma pequena vénia, mas procurou com os olhos o pai. Ali deu um passo em frente e pôs uma mão no ombro de Hassan.

Os olhos de Baba cruzaram-se com os de Hassan — desconfiados e intrigados.

— Mandei vir o doutor Kumar de Nova Deli. O doutor Kumar é cirurgião plástico.

— Sabes o que isso é? — perguntou o indiano, quer dizer, o Dr. Kumar.

Hassan fez que não com a cabeça. Olhou para mim a pedir ajuda, mas eu encolhi os ombros. De cirurgiões só sabia que, se as pessoas iam ter com um, tinham apendicite. E sabia-o porque um dos meus colegas da escola tinha morrido de apendicite no ano anterior, e o professor explicou que ele esperou muito tempo até poder ir a um cirurgião. Olhámos os dois para Ali, mas, claro, foi o

mesmo que nada. Tinha o rosto mais impassível que nunca, embora houvesse sobriedade no seu olhar.

— Bem — explicou o Dr. Kumar —, o que eu faço é consertar o que não está bem no corpo das pessoas. Por exemplo, na cara delas.

— Oh — disse Hassan, que olhava, ora para o Dr. Kumar, ora para Baba, ora para Ali. Levou a mão ao lábio superior. — Oh — repetiu.

— É um presente invulgar, eu sei — disse Baba. — E provavelmente não é o que tu querias. Mas é um presente que vai durar toda a vida.

— Oh — disse Hassan. Passou a língua pelos lábios. Aclarou a garganta: — Agha Sahib, vai... vai...

— Nem pensar — interveio o Dr. Kumar, com um sorriso carinhoso. — Não vai doer nem um bocadinho. A verdade é que primeiro vou dar-te um remédio e tu nem vais dar por nada.

— Oh — voltou Hassan a dizer. Sorriu aliviado. Um pouco aliviado, pelo menos. — Eu não fiquei com medo, Agha Sahib... é que... — podiam enganar o Hassan, mas a mim ninguém me enganava. Sabia muito bem que quando os médicos dizem que não dói, é quando dói mais. Horrorizado, lembrei-me da minha circuncisão, no ano anterior. O médico pusera-se com a mesma conversa, a garantir-me que não ia doer absolutamente nada. Mas quando o efeito do remédio que me pôs insensível passou, nessa noite, parecia que alguém tinha encostado um ferro em brasa às minhas partes baixas. Por que razão Baba esperou que eu tivesse dez anos para me circuncidar, foi coisa que nunca percebi, e uma das coisas que nunca hei de perdoar-lhe.

Lamentei não ter também um defeito qualquer que suscitasse a solidariedade de Baba. Não era justo. Hassan não tinha feito nada para merecer o afeto de Baba; apenas nascera com aquele estúpido lábio leporino.

A operação correu bastante bem. Ficámos um pouco impressionados quando tiraram as ligaduras, mas continuámos a sorrir, tal como o Dr. Kumar nos pedira que fizéssemos. Não foi fácil, porque o lábio superior de Hassan era um monte grotesco de carne viva e inchada. Estava à espera que Hassan chorasse de horror

quando a enfermeira lhe estendeu um espelho. Ali deu-lhe a mão enquanto Hassan se olhou demorada e atentamente. Murmurou qualquer coisa que eu não percebi. Encostei o ouvido à boca dele. Ele repetiu.

— *Tashakor.* — Obrigado.

Em seguida retorceu os lábios, mas dessa vez percebi o que ele estava a fazer. Estava a sorrir. Tal como sorrira ao sair do útero da mãe.

O inchaço ainda demorou a desaparecer, e a ferida acabou por sarar com o tempo. Em breve não passava de uma linha rosada e sinuosa a meio do lábio. No inverno seguinte reduziu-se a uma leve cicatriz. O que não deixou de ser irónico. Porque foi nesse inverno que Hassan deixou de sorrir.

SEIS

Inverno.

Vou contar o que faço todos os anos no primeiro dia de neve. Saio de casa de manhã cedo, ainda de pijama, encolhido de frio. Vejo a rua, o carro do meu pai, os muros, as árvores, os telhados e os montes cobertos por meio metro de neve. Sorrio. O céu está todo do mesmo azul, e a neve tão branca que me faz arder os olhos. Enfio uma mão-cheia de neve na boca, ouço o silêncio quebrado apenas pelo grasnar dos corvos. Desço os degraus da porta de entrada, descalço, e chamo Hassan, para que ele venha ver.

O inverno era a estação preferida de todas as crianças de Cabul, pelo menos daquelas cujos pais tinham dinheiro para comprar uma boa salamandra. A razão era simples: a escola fecha durante a estação gelada. O inverno para mim era o fim das longas contas de dividir e do nome da capital da Bulgária e o início dos três meses passados a jogar às cartas frente ao fogão com Hassan, dos filmes russos grátis às terças de manhã no Cinema Park, do doce *qurma* de nabo com arroz ao almoço, depois de uma manhã a fazer bonecos de neve.

E dos papagaios de papel, claro. De lançar papagaios. E correr atrás deles.

Para alguns miúdos infelizes, o inverno não era sinónimo de fim do ano letivo. Havia os chamados «cursos facultativos de inverno». Nenhum miúdo alguma vez se inscreveu voluntariamente nesses cursos; os pais, claro, faziam-no por eles. Felizmente para mim, Baba não era desses. Lembro-me de um miúdo, Ahmad, que vivia do outro lado da nossa rua. O pai dele era uma espécie de médico, parece-me. Ahmad era epilético e andava sempre de camisola de lã e óculos de lentes grossas e aros pretos — era uma das vítimas habituais de Assef. Todas as manhãs via pela janela o criado hazara deles limpar a neve da rua, abrindo caminho à passagem do *Opel* preto. Eu fazia questão de assistir à entrada no carro de Ahmad e do pai, Ahmad de camisola de lã e sobretudo, a pasta cheia de livros e lápis. Esperava até vê-los dobrar a esquina e desaparecerem, depois voltava a meter-me na cama, com o meu

pijama de flanela. Puxava os cobertores até ao queixo e olhava pela vidraça, para as colinas cobertas de neve a norte. Ficava a olhar para elas até voltar a adormecer.

Eu adorava o inverno em Cabul. Por causa do som suave da neve a bater na minha janela durante a noite, da neve a esmagar-se debaixo das minhas botas de borracha, do calor da salamandra enquanto o vento varria os quintais, as ruas. Mas sobretudo porque, quando as árvores congelavam e uma camada de gelo revestia as estradas, o frio entre mim e Baba era menor. E isso acontecia graças aos papagaios de papel. Baba e eu vivíamos na mesma casa, mas em mundos diferentes. Os papagaios eram uma intersecção, fina como papel, entre esses dois mundos.

Todos os invernos os bairros de Cabul organizavam um torneio de lançamento de papagaios de papel. E para todos os rapazes que viviam em Cabul o dia do torneio era sem dúvida o expoente máximo da estação fria. Eu nunca dormia na véspera do torneio. Rebolava-me na cama, projetava sombras em forma de animais nas paredes, chegava a sentar-me na varanda às escuras, embrulhado num cobertor. Sentia-me como um soldado a tentar dormir na trincheira na noite anterior à grande batalha. E não me enganava muito. Em Cabul, ir lançar papagaios era um pouco como ir à guerra.

Como em qualquer guerra, tínhamos de nos preparar para a batalha. Durante algum tempo, Hassan e eu é que construíamos os nossos próprios papagaios de papel. Começávamos a guardar as semanadas no outono, escondendo o dinheiro dentro de um pequeno cavalo de porcelana que Baba tinha trazido uma vez de Herat. Quando os vendavais de inverno chegavam e a neve começava a cair, desatávamos o arreio por baixo da barriga do cavalo. Íamos ao bazar e comprávamos canas de bambu, cola, cordel e papel. Passávamos horas a descascar bambus para a cruzeta do centro, a cortar o fino papel de seda, do qual dependia a facilidade em subir e recuperar. E depois, claro, tínhamos que preparar o nosso próprio cordel, ou *tar*. Se o papagaio era a arma, o *tar*, o cordel ensebado, era a bala. Íamos para o quintal passar uns cento e cinquenta metros de cordel por uma mistura de pó de vidro e cola. Depois pendurávamo-lo nas árvores, a secar. No dia

seguinte, enrolávamos o cordel, já pronto para a batalha, num carreto de madeira. Quando a neve começava a derreter e chegavam as primeiras chuvas da primavera, todos os rapazes de Cabul tinham os dedos cheios de golpes horizontais, resultado de um inverno inteiro a lançar papagaios. Lembro-me de que os meus colegas e eu comparávamos as nossas cicatrizes de guerra no primeiro dia de aulas. Os cortes doíam e levavam semanas a sarar, mas eu não me importava. Eram recordações de uma estação maravilhosa, que, uma vez mais, passara a correr. Depois o chefe de turma apitava e nós lá seguíamos em fila indiana para a sala de aula, já ansiosos pelo inverno seguinte, mas em vez disso confrontados com o espectro de mais um longo ano de estudo.

Depressa se tornou evidente que Hassan e eu éramos melhores a lançar papagaios de papel que a fabricá-los. Havia sempre um erro na sua conceção que lhes ditava um infeliz destino. Portanto Baba passou a ir connosco ao Saifo comprar os nossos papagaios. O Saifo era um velho quase cego e *moochi* de profissão — sapateiro. Mas era também o mais famoso fabricante de papagaios de papel da cidade, e trabalhava num minúsculo casebre em Maywand Jadeh, a rua movimentada a sul das margens lodosas do rio Cabul. Lembro-me de que uma pessoa tinha de agachar-se para entrar na loja, do tamanho de uma cela de prisão, e depois levantar um alçapão e descer a série de toscos degraus de madeira que conduzia à cave húmida onde Saifo armazenava os seus cobiçados papagaios. Baba comprava a cada um de nós três papagaios idênticos e bobinas de cordel ensebado. Se eu mudasse de ideias e pedisse um papagaio maior e mais bonito, Baba comprava-mo — mas também comprava um para Hassan. Eu não queria que ele fizesse isso. Queria que ele me deixasse ser o favorito.

O torneio de papagaios era uma velha tradição de inverno no Afeganistão. Começava de manhã cedo e só terminava quando apenas o papagaio vencedor flutuasse no céu — lembro-me de um ano o torneio se ter prolongado pela noite fora. As pessoas aglomeravam-se nos passeios e nos telhados a torcer pelas suas crianças. As ruas enchiam-se de lançadores de papagaios, a manobrar e a puxar os cordéis, olhando para cima de olhos semicerrados, tentando colocar-se na posição que lhes permitisse

cortar o fio do adversário. Cada lançador tinha um assistente — no meu caso, Hassan — que segurava no carreto e desenrolava o cordel.

Um dia, um miúdo indiano cuja família se mudara havia pouco tempo para o bairro contou-nos que na terra dele os combates entre papagaios de papel obedeciam a regras e regulamentos rigorosos.

— Temos que lançar numa área marcada para o efeito e colocamo-nos em determinado ângulo em relação ao vento — explicou orgulhoso. — E não se pode usar alumínio no cordel.

Hassan e eu olhámos um para o outro. Furiosos. O miúdo indiano aprenderia em breve o que os ingleses tinham aprendido no início do século e os russos iriam aprender lá para o fim da década de 1980: que os afegãos são um povo com um forte sentido de independência. Os afegãos adoram tradições mas abominam regras. Inclusivamente em relação a papagaios de papel. O regulamento era simples: não havia regulamento. Lancem os papagaios. Derrubem o adversário. Boa sorte.

Só que não era bem assim. Começava a ter graça quando se cortava o fio a um papagaio. Era então que entravam em cena os corredores de papagaios, os miúdos que corriam atrás dos papagaios que o vento empurrava pelo bairro até eles caírem em espiral num campo, num quintal, numa árvore ou num telhado. A competição chegava a ser feroz; multidões de corredores enchiam as ruas, aos encontrões uns aos outros, como aquelas pessoas em Espanha, sobre as quais li num livro, que fogem dos touros. Uma vez, um miúdo das vizinhanças trepou a um pinheiro para ir buscar um papagaio. O ramo quebrou-se com o seu peso e ele caiu de uma altura de nove metros. Partiu a coluna e nunca mais andou. Mas caiu com o papagaio nas mãos. E quando um corredor de papagaios deita as mãos a um papagaio, ninguém lho pode tirar. Isso não era uma regra. Era tradição.

Para os corredores, o prémio mais almejado era o último papagaio a cair no torneio de inverno. Era um troféu honroso, ficava exposto na cornija da lareira para as visitas verem. Quando o céu ficava vazio de papagaios e restavam apenas dois, todos os corredores partiam atrás desse prémio. Corriam a tomar as posições que consideravam mais vantajosas. De músculos tensos,

preparados para a corrida. De pescoço esticado. Olhos franzidos. Começavam os combates. E, quando se cortava o último cordel, era a confusão geral.

Ao longo dos anos, vi muita gente perseguir papagaios. Mas Hassan era de longe o melhor que alguma vez vi correr. Era absolutamente incrível como sabia sempre onde o papagaio ia cair antes do próprio papagaio, como se possuísse uma espécie de bússola interna.

Lembro-me de, num dia enevoado de inverno, Hassan e eu estarmos a correr atrás de um papagaio. Perseguíamo-lo pelo bairro, saltando por cima das sarjetas, enfiando-nos pelas ruas estreitas. Eu tinha mais um ano que Hassan, mas ele corria mais depressa e eu estava a ficar para trás.

— Hassan! Espera! — chamei, ofegante, falando com dificuldade.

Ele virou-se e fez um gesto com a mão.

— Por aqui! — gritou, antes de desaparecer noutra esquina. Olhei para cima e vi que íamos na direção oposta à do papagaio à deriva.

— Estamos a perdê-lo! Vamos no caminho oposto! — gritei-lhe.

— Confia em mim — ouvi-o dizer lá adiante. Cheguei à esquina e vi que Hassan continuava a correr, de cabeça baixa, sem sequer olhar para cima, as costas da camisa encharcadas em suor. Tropecei numa pedra e caí — eu não era só mais lento que Hassan, era também mais desastrado; sempre invejara as suas naturais aptidões atléticas. Quando me pus de pé, vi Hassan desaparecer ao longe, noutra esquina. Segui-o a cambalear, ondas de dor invadiam os meus joelhos esfolados.

Fomos dar a uma estrada de terra batida perto da Escola Básica de Istiqlal. De um lado havia um terreno onde cresciam alfaces no verão e do outro uma fila de ginjeiras. Fui dar com Hassan sentado de pernas cruzadas na base de uma dessas árvores, a comer um punhado de amoras secas.

— Que viemos aqui fazer? — perguntei, tentando recuperar o fôlego e com o estômago às voltas.

Ele sorriu.

— Senta-te ao pé de mim, Amir Agha.

Deixei-me cair ao lado dele e deitei-me sobre uma fina camada de neve, estafado.

— Estamos a perder tempo. Ele foi para o outro lado, não viste?

Hassan enfiou uma amora na boca.

— Ele já aparece — respondeu. Eu mal conseguia respirar e ele nem cansado estava.

— Como é que sabes? — perguntei.

— Sei.

— Mas sabes como?

Hassan olhou para mim. Gotas de suor escorriam-lhe da cabeça rapada.

— Alguma vez eu era capaz de te mentir, Amir Agha?

Apeteceu-me gozar um pouco com ele.

— Não sei. Eras?

— Antes comer terra — respondeu, com uma expressão indignada.

— A sério? Fazias isso?

Olhou para mim, espantado.

— Fazia o quê?

— Comias terra, se eu te mandasse? — perguntei. Eu sabia que estava a ser cruel, como quando o atormentava por ele não conhecer uma palavra. Mas eu achava fascinante, doentiamente fascinante, gozar com Hassan. Um pouco como quando brincávamos à tortura de insetos. Só que agora ele era a formiga e eu é que tinha a lupa na mão.

Os olhos dele estudaram-me durante algum tempo. Ali estávamos, dois rapazes na base de uma ginjeira, a olhar, mas a olhar mesmo, um para o outro. Foi então que aconteceu mais uma vez. O rosto de Hassan mudou. Talvez não tenha exatamente mudado, mas de repente tive a impressão de que estava a olhar para dois rostos, o que eu conhecia, e era a primeira coisa que me lembrava de ter visto na vida, e um outro, um segundo rosto, que espreitava sob a superfície. Já me tinha acontecido antes — e impressionou-me bastante. Apareceu apenas por uma fração de segundo, esse outro rosto, mas foi o suficiente para me deixar com a sensação de que não era a primeira vez que o via. Então Hassan piscou os olhos e voltou a haver apenas um rosto. Apenas Hassan.

— Se me pedisses, eu comia — respondeu por fim, fitando-me. Ainda hoje tenho dificuldade em olhar de frente pessoas como

Hassan, pessoas que dizem sempre, e apenas, a verdade. — Mas gostava de saber — acrescentou. — Eras capaz de me pedir uma coisa dessas, Amir Agha? — e assim, sem mais nem menos, pôs-me à prova. Se o que eu queria era provocá-lo e testar a sua lealdade, ele também me provocou e testou a minha lealdade.

Lamentei ter puxado aquela conversa. Fiz um sorriso forçado.

— Que estupidez, Hassan. Claro que não.

Hassan retribuiu-me o sorriso. Só que o dele não era forçado.

— Eu sei — disse. É esse o mal das pessoas que só dizem a verdade. Pensam que os outros são como elas. — Lá vem ele — disse Hassan, apontando para o céu. Pôs-se de pé e afastou-se para a esquerda. Levantei os olhos, vi o papagaio descer na nossa direção. Ouvi passos, aproximava-se um grupo de corredores de papagaios. Mas estavam a perder o seu tempo. Porque Hassan, de braços abertos e sorriso na cara, já estava à espera do papagaio. E Deus, se é que Ele existe, me faça já ceguinho se ele não foi cair exatamente nos braços de Hassan.

* * *

No inverno de 1975, vi Hassan perseguir um papagaio pela última vez.

Geralmente, cada localidade organizava o seu concurso. Mas nesse ano o torneio ia realizar-se no meu bairro, Wazir Akbar Khan, e várias outras povoações — Karteh-Char, Karteh-Parwan, Mekro-Rayan e Koteh-Sangi — tinham sido convidadas. Não se podia ir a lado nenhum sem ouvir falar do torneio que se avizinhava. Dizia-se que ia ser o maior dos últimos vinte e cinco anos.

Nesse inverno, faltavam apenas quatro dias para o grande acontecimento, Baba e eu sentámo-nos no escritório, nas grandes poltronas de couro em frente ao clarão da lareira. Estávamos a beberricar chá e a conversar. Ali servira o jantar mais cedo — batatas e caril de couve-flor com arroz — e já se retirara com Hassan. Baba estava a encher o cachimbo e eu pedi-lhe que me contasse a história daquele inverno em que uma matilha de lobos descera das montanhas em Herat e obrigara toda a gente a ficar fechada em casa uma semana quando ele acendeu um fósforo e disse com a maior das naturalidades:

— Acho que podes ganhar o torneio este ano. Que me dizes?

Fiquei sem saber o que pensar. Ou o que dizer. Estaria a tirar nabos da púcara? Eu era um bom corredor de papagaios. Podia-se mesmo dizer excelente. Estivera várias vezes à beira de ganhar o torneio de inverno — cheguei a ficar entre os três finalistas. Mas estar à beira não é o mesmo que ganhar, pois não? Baba nunca ficara à beira. Ganhava sempre porque os vencedores ganham e os outros vão para casa. Baba estava habituado a ganhar tudo aquilo que se propunha ganhar. Não seria natural esperar o mesmo do seu próprio filho? Imaginem só. Se eu ganhasse...

Baba continuava a fumar e a falar. Eu fingia ouvir. Não era capaz de ouvir, nem pensar, porque o comentário de Baba tinha-me feito tomar uma decisão: esse ano eu ia ganhar o torneio. Eu ia ganhar. Não havia alternativa. Ia ganhar e apanhar o último papagaio. Depois trazia-o para casa e mostrava-o a Baba. Mostrava-lhe de uma vez por todas que o filho era um campeão. Então talvez a minha vida de fantasma naquela casa chegasse finalmente ao fim. Deixei-me sonhar: imaginei conversa e gargalhadas ao jantar em vez de silêncio, quebrado apenas pelo tilintar dos talheres de prata e de um ou outro grunhido. Imaginei-nos a passear à sexta-feira no carro de Baba, até Paghman, parando pelo caminho, no lago Ghargha, para comer truta frita com batatas. Íamos ao zoo ver o leão *Marjan*, talvez sem Baba passar o tempo todo a bocejar e a olhar para o relógio de pulso. Talvez até Baba lesse uma das minhas histórias. Eu escrevia-lhe cem se ele lesse apenas uma. Talvez me chamasse Amir Jan, como fazia Rahim Khan. E talvez, talvez, me perdoasse finalmente a morte da minha mãe.

Baba estava a falar do torneio em que cortou catorze papagaios num só dia. Sorri, fiz que sim com a cabeça e ri-me, sempre nas alturas certas, mas mal ouvi o que ele disse. Agora tinha uma missão. E não ia dececionar Baba. Desta vez, não.

Nevou que se fartou na noite antes do torneio. Hassan e eu sentámo-nos debaixo do *kursi* a jogar *panjpar*, enquanto os ramos das árvores chocalhavam e batiam na janela. Nessa manhã eu tinha pedido a Ali para nos ligar o *kursi* — que consistia basicamente num aquecedor elétrico por baixo de uma mesa baixa coberta com uma manta espessa e acolchoada. Em volta da mesa, ele dispunha

colchões a almofadas de modo a que aí umas dez pessoas pudessem sentar-se com as pernas por baixo da manta. Quando nevava, Hassan e eu passávamos dias inteiros debaixo do *kursi* a jogar xadrez e a jogar às cartas — quase sempre *panjpar*.

Matei o dez de ouros de Hassan, joguei dois valetes e um seis. Na porta ao lado, no escritório de Baba, Baba e Rahim Khan falavam de negócios com outros homens — reconheci um deles, o pai de Assef. Através da parede, ouvia-se o som arranhado do noticiário da Rádio Cabul.

Hassan matou o seis e apanhou os dois valetes. No rádio, Daoud Khan fazia uma declaração sobre investimentos estrangeiros.

— Disse que um dia teremos televisão em Cabul — anunciei.

— Quem?

— Daoud Khan, meu burro, o presidente.

Hassan soltou uma gargalhada.

— Ouvi dizer que no Irão já há — disse ele.

Suspirei.

— Aqueles iranianos... — para muitos hazaras, o Irão representava um verdadeiro santuário, porque quase todos os iranianos eram muçulmanos xiitas, tal como os hazaras. Mas lembro-me de uma coisa que o meu professor disse nesse verão acerca dos iranianos, que eram uns sonsos sorridentes, que nos davam uma palmadinha nas costas com uma mão enquanto nos enfiavam a outra no bolso. Falei nisso a Baba e ele respondeu que o meu professor era um daqueles afegãos invejosos, invejosos porque o Irão era uma potência em crescimento na Ásia e quase ninguém sabia onde é que ficava o Afeganistão.

— Custa-me dizê-lo — disse Baba, encolhendo os ombros —, mas mais vale sofrer com a verdade que encontrar consolo numa mentira.

— Um dia compro-te uma — prometi.

O rosto de Hassan iluminou-se.

— Uma televisão? Verdadeira?

— Claro. E não há-de ser a preto e branco. Nessa altura provavelmente já seremos adultos e eu compro duas. Uma para ti e uma para mim.

— Vou pô-la em cima da minha mesa, aquela onde guardo os meus desenhos — disse Hassan.

A frase dele pôs-me triste. Triste por Hassan ser quem era e viver onde vivia. Pela maneira como aceitava que ia envelhecer naquela cabana de lama no quintal, tal como o seu pai. Joguei a última cartada, um par de rainhas e um dez.

Hassan recolheu as rainhas.

— Sabes, acho que amanhã vais fazer o Agha Sahib ficar muito orgulhoso.

— Achas que sim?

— *Inshallah* — respondeu.

— *Inshallah* — repeti, embora essa versão do «Deus queira» não parecesse tão verdadeira na minha boca. Hassan era assim. Tão desgraçadamente verdadeiro que nos sentíamos sempre uns falsos ao lado dele.

Matei-lhe o rei e joguei a minha última carta, o ás de espadas. Ele tinha de apanhá-la. Ganhei, mas enquanto baralhava as cartas fiquei com a impressão de que ele me tinha deixado ganhar.

— Amir Agha?

— Que foi?

— Sabes... gosto de morar onde moro — estava sempre a fazer aquilo, a ler os meus pensamentos. — É a minha casa.

— Está bem — respondi. — Prepara-te para mais uma derrota.

SETE

Na manhã seguinte, enquanto preparava o chá preto para o pequeno-almoço, Hassan disse-me que tinha tido um sonho.

— Estávamos no lago Ghargha, tu, eu, o meu pai, Agha Sahib, Rahim Khan e milhares de outras pessoas. O dia estava quente, cheio de sol, e o lago límpido como um espelho. Mas ninguém ia nadar porque tinham dito que havia um monstro no lago. Escondido no fundo, à espera.

Encheu-me uma chávena, juntou o açúcar, soprou várias vezes. Colocou-a à minha frente.

— Então, toda a gente está com medo de ir para a água, e de repente tu descalças os sapatos, Amir Agha, e despes a camisa. «Não há lá monstro nenhum», dizes, «vou provar-lhes.» E, antes que alguém te agarre, mergulhas e desatas a nadar para longe. Eu sigo o teu exemplo, e vamos os dois a nadar.

— Mas tu não sabes nadar.

Hassan desatou a rir-se.

— É um sonho, Amir Agha, podemos fazer tudo. Bem, toda a gente começa a gritar: «Saiam daí! Saiam daí!», mas nós continuamos a nadar naquela água fria. Quando chegamos ao meio do lago, paramos de nadar. Voltamo-nos para a praia e acenamos às pessoas. Parecem formigas, mas ouvimo-las bater palmas. Agora acreditam. Não há monstro nenhum, só água. Depois disso, mudam o nome ao lago, que passa a chamar-se lago de Amir e Hassan, Sultões de Cabul, e as pessoas têm de nos dar dinheiro para poderem lá nadar.

— E o que é que esse sonho quer dizer?

Hassan barrou o meu *naan* com doce, colocou-o num prato.

— Não sei. Estava com esperança de que tu soubesses.

— Bem, é um sonho parvo. Não acontece nada.

— O meu pai diz que os sonhos querem sempre dizer qualquer coisa.

Bebi um pouco de chá.

— Porque não lhe perguntas a ele, então? Já que ele é tão esperto — disse, num tom mais abrupto do que queria. Não tinha

pregado olho a noite inteira. O meu pescoço e as minhas costas pareciam molas e os olhos ardiam-me. Mesmo assim, conseguira ser mau para Hassan. Quase lhe pedi desculpa, mas não o fiz. Hassan sabia que era dos nervos. Hassan percebia sempre.

Lá em cima, ouvi a água do banho de Baba correr.

As ruas cintilavam com a neve que acabara de cair e o céu estava impecavelmente azul. A neve cobria todos os telhados e vergava os ramos das amoreiras atrofiadas que ladeavam a nossa rua. Durante a noite, a neve imiscuíra-se em todas as fendas, em todas as sarjetas. O branco brilhante obrigou-me a semicerrar os olhos quando Hassan e eu saímos pelo portão de ferro forjado. Ali fechou-o para nós. Ouvi-o murmurar uma oração entredentes, rezava sempre que o filho saía de casa.

Nunca tinha visto tanta gente na nossa rua. Crianças atiravam bolas de neve, corriam, corriam umas atrás das outras, riam. Os corredores de papagaios seguravam os seus carretos, faziam os últimos preparativos. Das ruas adjacentes vinha o som de vozes e gargalhadas. Já havia telhados pejados de espectadores reclinados em espreguiçadeiras de lona, o fumo do chá quente a sair dos termos e a música de Ahmad Zahir a berrar nos leitores de cassetes. O imensamente popular Ahmad Zahir tinha revolucionado a música afegã e indignado os puristas ao acrescentar guitarras elétricas, baterias e metais aos tradicionais tablado e harmónio; no palco ou em festas, provocava a velha guarda de cantores mais antigos e sorria enquanto cantava — por vezes a mulheres. Olhei para o nosso telhado e vi Baba e Rahim Khan sentados num banco de madeira, ambos de camisolas de lã e a beber chá. Baba acenou. Não percebi se a mim se a Hassan.

— Vamos preparar-nos — disse Hassan. Usava botas de borracha pretas e um *chapan* verde-vivo por cima de uma camisola grossa e calças de bombazina coçadas. O sol inundava-lhe o rosto, e reparei que a cicatriz cor-de-rosa por cima do lábio superior tinha já desaparecido.

De repente, apeteceu-me desistir. Arrumar tudo, voltar para casa. O que é que eu estava ali a fazer? Para quê passar por tudo aquilo, quando já sabia o resultado? Baba observava-me do telhado. Senti

o olhar dele fixar-me, queimar-me como o mais escaldante sol. Seria um fracasso em grande escala, mesmo para mim.

— Não sei se me apetece lançar o papagaio hoje — disse.

— Está um dia lindo — observou Hassan.

Mudei de posição. Tentei desviar o olhar do nosso telhado.

— Não sei. Se calhar é melhor irmos para casa.

Então ele deu um passo na minha direção e, em voz baixa, disse uma coisa que me assustou um pouco.

— Não te esqueças, Amir Agha. Não há monstro nenhum, só um dia lindo — como era possível eu ser para ele um livro aberto quando, metade do tempo, eu não fazia ideia do que lhe ia na cabeça? Eu é que tinha ido à escola, sabia ler e escrever. Eu é que era o inteligente. Hassan não conseguia ler nem o livro da primeira classe, mas lia os meus pensamentos. Era bastante aflitivo, mas não deixava de ser confortável ter alguém que sabia sempre o que eu precisava.

— Não há monstro — repeti. E senti-me, para meu próprio espanto, melhor.

Ele sorriu.

— Não há monstro.

— Tens a certeza?

Hassan fechou os olhos. Fez que sim com a cabeça.

Olhei para os miúdos que brincavam na rua a atirar bolas de neve.

— Está um dia bonito, não está?

— Vamos lá lançar o papagaio — disse Hassan.

Passou-me então pela cabeça que talvez Hassan tivesse inventado aquele sonho. Seria possível? Decidi que não. Hassan não era assim tão esperto. Eu não era assim tão esperto. Porém, inventado ou não, aquele estúpido sonho tinha-me levantado o ânimo. Talvez eu devesse despir a camisa, mergulhar no lago. Porque não?

— Vamos a isso — concordei.

O rosto de Hassan animou-se.

— Ótimo — respondeu. Pegou no nosso papagaio, vermelho com margens amarelas, mesmo por baixo do ponto onde a barra horizontal se encontrava com a vertical, onde estava a inconfundível

assinatura de Saifo. Hassan lambeu o dedo e esticou-o, para verificar de onde vinha o vento. A bobina rolou na minha mão até Hassan parar a uns cinco metros de distância. Segurava o papagaio por cima da cabeça, como um atleta olímpico a mostrar a sua medalha de ouro. Dei dois puxões na corda, o nosso sinal, e Hassan largou o papagaio.

Dividido entre Baba e os mulás da escola, eu ainda não tomara uma decisão relativamente a Deus. Mas quando um *ayat* do Alcorão que eu decorara na minha aula de *diniyat* me veio à cabeça, eu recitei-o. Inspirei longamente, expirei e puxei o cordel. Um minuto depois o meu papagaio voava rumo aos céus. O barulho que fazia lembrava o de um pássaro de papel a bater as asas. Hassan bateu palmas, assobiou e veio a correr ter comigo. Entreguei-lhe a bobina à qual estava preso o cordel e ele girou-a depressa para voltar a enrolar o fio solto.

Já havia pelo menos duas dúzias de papagaios a esvoaçar, como tubarões de papel em busca de presas. Ao fim de uma hora, o número duplicou e o céu encheu-se de papagaios vermelhos, azuis e amarelos a flutuar e a girar. Uma leve brisa despenteou-me o cabelo, mas com a força necessária para dar algum impulso ao meu papagaio, ajudá-lo a subir. A meu lado, Hassan segurava o carreto, com as mãos já vermelhas do cordel.

Daí a pouco começaram os cortes e os primeiros papagaios vencidos rodopiaram, descontrolados. Tombaram como estrelas cadentes, com as suas caudas coloridas e espiraladas, para gáudio dos corredores que os perseguiam pelos bairros. Ouvia-os agora, a gritar enquanto corriam. Alguém disse que um incêndio deflagrara duas ruas mais abaixo.

Eu continuava a deitar de vez em quando o olho a Baba e a Rahim Khan, sentados no telhado, e perguntava a mim próprio em que pensaria ele. Estaria a torcer por mim? Ou iria em parte gostar de me ver fracassar? Lançar papagaios de papel era assim mesmo. A nossa cabeça divagava com o papagaio.

Estavam agora por toda a parte, os papagaios, e o meu ainda a voar. Ainda a voar. Os meus olhos não conseguiam deixar de se fixar, volta e meia, em Baba, embrulhado na sua camisola de lã. Estaria surpreendido por eu ainda não ter sido derrotado? «Olha

para o céu ou estás aqui estás a perder.» Voltei a olhar para cima. Um papagaio vermelho vinha na direção do meu — ia apanhá-lo mesmo a tempo. Deixei-o emaranhar-se um pouco, acabei por ganhar vantagem quando ele se tornou impaciente e tentei cortar por baixo.

Pelas ruas, os corredores começavam a regressar triunfantes, exibindo orgulhosos os papagaios capturados. Mostravam-nos aos pais, aos amigos. Mas todos sabiam que o melhor ainda estava para vir. O maior prémio de todos continuava a voar. Cortei um papagaio amarelo-vivo com uma cauda branca encaracolada. Valeu-me mais uma ferida no indicador e o sangue escorreu-me para a palma da mão. Pedi a Hassan que segurasse o cordel e chupei o sangue seco, limpei o dedo às calças de ganga.

Ao fim de mais uma hora, o número de papagaios sobreviventes caíra de cinquenta para doze. Eu era um deles. Estava entre os doze melhores. Sabia que esta parte do torneio ia demorar algum tempo, porque os tipos que chegavam àquela fase eram bons — não iam cair facilmente em truques simples, como o velho sobe-e-desce, o preferido de Hassan.

Pelas três da tarde, o céu cobriu-se de tufos de nuvens e o Sol escondeu-se atrás deles. As sombras começaram a alongar-se. Em cima dos telhados, os espectadores enrolavam-se em cachecóis e casacos grossos. Estávamos reduzidos a uma meia dúzia, e eu continuava em ação. Doíam-me as pernas e custava-me mexer o pescoço. Mas a cada papagaio derrotado a esperança aumentava no meu coração, como a neve que se acumula sobre um muro, floco a floco.

Os meus olhos não largavam o papagaio azul, que não deixava ninguém sossegado havia meia hora.

— Quantos cortou ele?

— Eu contei onze — respondeu Hassan.

— Sabes de quem é?

Hassan estalou a língua e levou a mão ao queixo. Era um gesto emblemático de Hassan, significava que não fazia ideia. O papagaio azul cortou um roxo grande e subiu, descrevendo dois arcos largos. Dez minutos depois, tinha cortado mais dois, pondo uma multidão de corredores atrás deles.

Ao fim de mais trinta minutos, só restavam quatro papagaios. Entre os quais o meu. Parecia que eu não ia fazer nenhum movimento em falso, pois todas as rajadas de vento eram a meu favor. Nunca me tinha sentido tão confiante, tão feliz. Era apaixonante. Eu nem ousava espreitar o telhado. Tirar os olhos do céu. Tinha de me concentrar, jogar com inteligência. Mais quinze minutos, e o que de manhã me parecera um sonho ridículo tornara-se realidade: estava só eu e o outro. O papagaio azul.

No ar pairava uma tensão semelhante à do cordel ensebado que eu puxava com as mãos ensanguentadas. As pessoas batiam com os pés no chão, aplaudiam, assobiavam, gritavam: «*Boboresh! Boboresh!*» Corta! Corta! Perguntei-me se uma daquelas vozes seria a de Baba. A música trovejava. Dos telhados e das portas abertas vinha o cheiro a *mantu* e *pakora* fritos.

Mas eu só ouvia — ou só me dispunha a ouvir — o sangue a latejar na minha cabeça. Só via o papagaio azul. Só sentia o cheiro da vitória. Salvação. Redenção. Se Baba estivesse errado e existisse mesmo um Deus, como diziam na escola, Ele ia deixar-me ser o vencedor. Não sei por que motivo o outro estava a competir, provavelmente só para ter de que se gabar. Mas aquela era a minha única hipótese de me tornar numa pessoa olhada com admiração, não vista, não ouvida, não escutada. Se houvesse um Deus, ele ia guiar os ventos, deixá-los-ia soprar de modo a, com um golpe do meu cordel, eu poder expulsar de mim a minha dor, a minha ansiedade. Tinha sofrido muito, durante muito tempo. E de repente, sem mais nem menos, a esperança tornava-se certeza. Eu ia ganhar. Só faltava saber quando.

Por sinal foi mais cedo do que eu pensava. Uma rabanada de vento levantou o meu papagaio e fiquei em vantagem. Dei mais cordel, deixei-o subir. Fi-lo voar para cima do azul. Mantive a posição. O azul percebeu que estava em apuros. Tentou desesperadamente manobrar e libertar-se, mas eu não deixei. Mantive a posição. A multidão sentiu que o fim estava próximo. O coro de «Corta! Corta!» subiu de tom, como os romanos a incitar os gladiadores: «Mata! Mata!»

— Está quase, Amir Agha! Está quase! — Hassan mal falava.

Então chegou o momento. Fechei os olhos e soltei um pouco o cordel. Voltou a ferir-me os dedos quando o vento o arrastou. E depois... não precisei de ouvir o rugido da multidão para saber o que tinha acontecido. Nem de ver. Hassan gritava, com o braço em volta do meu pescoço.

— Bravo! Bravo, Amir Agha!

Abri os olhos, vi o papagaio azul girar como doido, como um pneu a soltar-se de um carro de corrida. De repente, senti-me nas nuvens, a olhar cá para baixo, para mim. Casaco de cabedal preto, cachecol vermelho, calças de ganga desbotadas. Um rapaz magricela, um pouco amarelento, ligeiramente baixo para os seus doze anos. Era estreito de ombros e tinha olheiras escuras em volta dos olhos cor de avelã. O vento despenteava-lhe o cabelo castanho-claro. Olhou para mim e sorrimos um ao outro.

Pouco depois eu estava a gritar e tudo era cor e som, alegre e bom. Abracei Hassan com o meu braço livre e desatámos aos pulos, os dois a rir, os dois a chorar.

— Ganhaste, Amir Agha! Ganhaste!

— Ganhámos! Ganhámos — foi só o que consegui dizer. Aquilo não podia ser verdade. Num segundo, pisquei os olhos e despertei daquele sonho maravilhoso, saí da cama, desci até à cozinha para tomar o pequeno-almoço, não tendo mais ninguém com quem falar a não ser Hassan. Vestir-me. Esperar por Baba. Desistir. Regressar à minha vida de sempre. Foi então que vi Baba em cima do nosso telhado. De pé, mesmo à beira, erguendo os dois punhos. A gritar e a bater palmas. E aquele foi o maior momento de todos os meus doze anos de vida, ver Baba em cima do telhado, finalmente orgulhoso de mim.

Mas agora ele estava a fazer o quê, que gesto descreviam as mãos dele, tão urgente? Acabei por perceber.

— Hassan, nós...

— Eu sei — respondeu, libertando-se do meu abraço. — *Inshallah*, depois festejamos. Agora vou apanhar-te aquele papagaio azul — disse. Largou o carreto e desatou a correr, arrastando a bainha do *chapan* verde pela neve.

— Hassan! — gritei. — Não voltes sem ele!

Ele já ia na esquina, as botas de borracha a levantar a neve. Parou, voltou-se. Pôs as mãos em concha junto à boca:

— Por ti, tudo! — disse. Depois fez o seu sorriso à Hassan, dobrou a esquina e desapareceu. Só voltei a vê-lo sorrir assim vinte e seis anos mais tarde, numa fotografia meio desfocada.

Comecei a puxar pelo meu papagaio enquanto as pessoas corriam a felicitar-me. Apertei-lhes as mãos, e agradeci. Os miúdos mais pequenos olhavam-me com um brilho de admiração nos olhos: eu era um herói. Havia mãos a bater-me nas costas, a afagar-me o cabelo. Eu puxava o cordel e retribuía cada sorriso, mas o meu pensamento estava no papagaio azul.

Finalmente, agarrei o meu papagaio. Enrolei no carreto o cordel que caíra a meus pés, apertei mais umas mãos, e corri para casa. Quando cheguei ao portão de ferro forjado, Ali esperava-me do lado de dentro. Esticou as mãos pelas grades.

— Parabéns — disse.

Entreguei-lhe o papagaio e o carreto, apertei-lhe a mão.

— *Tashakor*, Ali Jan.

— Rezei por si o tempo todo.

— Então continua a rezar. Ainda não acabámos.

Desci a rua a correr. Não perguntei a Ali por Baba. Ainda não o queria ver. Tinha tudo planeado na minha cabeça: ia fazer uma entrada triunfante, como um herói, o tão esperado troféu nas mãos sujas de sangue. As cabeças voltar-se-iam, de olhos fixos em mim. Rostam e Sohrab a medirem-se um ao outro. Um momento dramático de silêncio. Então o velho guerreiro dirigia-se ao novo, abraçava-o, reconhecia o seu valor. Vingança. Salvação. Redenção. E depois? Bem... viveria feliz para sempre, claro. Que outra coisa podia acontecer?

As ruas de Wazir Akbar Khan eram numeradas e perpendiculares umas às outras, formando uma grelha. Nessa altura o bairro ainda era novo, nem sequer estava terminado, havia lotes de terreno vazios e casas meio construídas em todas as ruas, entre urbanizações destinadas a estrangeiros rodeadas de muros de três metros de altura. Subi e desci cada rua, à procura de Hassan. Por toda a parte as pessoas dobravam cadeiras, arrumavam a louça e

os restos dos piqueniques, terminado o dia de festa. As que ainda estavam em cima dos telhados gritavam-me parabéns.

Quatro ruas abaixo da nossa encontrei Omar, o filho de um engenheiro amigo de Baba. Estava a dar toques numa bola de futebol com o irmão no relvado em frente da casa deles. Omar era um tipo porreiro. Tínhamos sido colegas de turma no quarto ano, e um dia ele deu-me uma caneta de tinta permanente, daquelas que se recarregam.

— Já sei que ganhaste, Amir. Parabéns.

— Obrigado. Viste o Hassan?

— O teu hazara?

Fiz que sim com a cabeça.

Omar chutou a bola para o irmão.

— Ouvi dizer que ele é um grande corredor — o irmão devolveu-lhe a bola. Omar defendeu-a e pôs-se a batê-la no chão. — Embora eu nunca tenha percebido como é que ele consegue. Quero dizer, com aqueles olhos em bico, como é que ele vê seja o que for?

O irmão dele riu-se, uma gargalhada curta, e pediu-lhe que lhe passasse a bola. Omar ignorou-o.

— Viste-o?

Omar esticou o polegar por cima do ombro, apontando para sudoeste.

— Ia a correr para o bazar ainda agora.

— Obrigado — e corri dali para fora.

Quando cheguei ao mercado, o Sol já estava quase todo atrás das colinas e o fim de tarde pintara o Sol de cor-de-rosa e roxo. A uns quarteirões dali, na Mesquita Haji Yaghoub o mulá gritava *azan*, convidando os fiéis a desenrolar os tapetes e a baixar a cabeça voltados para ocidente, a fim de rezarem. Hassan nunca faltava a nenhuma das cinco orações diárias. Mesmo quando estávamos a brincar na rua, ele pedia licença, ia buscar água ao poço do quintal, lavava-se e fechava-se na cabana. Saía uns minutos depois, a sorrir, e ia ter comigo, que o esperava sentado no muro ou empoleirado numa árvore. Mas naquela noite ia perder a oração por minha causa.

O bazar estava quase vazio, os comerciantes terminavam as vendas do dia. Caminhei pela lama, por entre as filas de cubículos

apertados, onde se podia comprar um faisão acabado de matar numa banca e uma calculadora noutra, mesmo ao lado. Abri caminho por entre a multidão que saía, pedintes aleijados cobertos de camadas de trapos velhos, vendedores com tapetes ao ombro, comerciantes de tecidos e talhantes que tinham acabado de fechar as suas lojas. De Hassan, nem sinal.

Parei junto a uma banca de frutos secos, descrevi Hassan a um velho que carregava a sua mula de mercadoria, caixotes cheios de pinhões e passas. Usava um turbante azul-claro.

Olhou para mim durante algum tempo antes de responder.

— Talvez o tenha visto.

— Para que lado é que ele foi?

Mirou-me de alto a baixo.

— O que é que um rapaz como tu está a fazer aqui a estas horas, ainda por cima à procura de um hazara? — Os olhos dele demoraram-se no meu casaco de cabedal e nas minhas calças de ganga, calças à *cowboy*, era assim que lhes chamávamos. No Afeganistão, ter qualquer coisa que fosse americana, sobretudo em primeira mão, era sinal de riqueza.

— Preciso de encontrá-lo, *agha.*

— O que é que ele te é? — perguntou. Não percebi onde ele queria chegar, mas recordei a mim próprio que a impaciência não me levaria longe.

— Ele é filho do nosso criado — expliquei.

O velho franziu a sobrancelha grisalha.

— Ai é? Mas que hazara cheio de sorte, com um patrão tão preocupado. O pai dele devia ajoelhar-se aos teus pés, limpar o pó dos teus sapatos com as pestanas.

— Vais responder-me ou não?

O homem encostou um braço ao dorso da mula e apontou para sul.

— Acho que vi o rapaz que descreveste a correr naquela direção. Tinha um papagaio de papel na mão. Um papagaio azul.

— Sim? — «Por ti, tudo», tinha prometido. Grande Hassan! Tinha cumprido a promessa e apanhado o último papagaio para mim.

— Bem, a estas horas com certeza já o alcançaram — disse o velho, continuando a carregar a mula entre resmungos.

— Quem?

— Os outros rapazes — respondeu. — Os que iam atrás dele. Estavam vestidos como tu — olhou para o céu e suspirou. — Agora, vai. Ainda chego atrasado ao namaz.

Mas eu já ia encosta abaixo.

Nos minutos que se seguiram, revistei o bazar em vão. Talvez os olhos do velhote o tivessem traído. Mas ele mencionou o papagaio azul. Só de pensar que ia deitar as mãos àquele papagaio... Espreitei em cada rua, em cada loja. De Hassan, nem sinal.

Estava a começar a ficar com medo de que a noite viesse antes de eu encontrar Hassan quando ouvi vozes mais adiante. Eu tinha ido parar a uma rua isolada, enlameada. Era uma perpendicular à parte final da avenida principal que atravessava o bazar. Tomei um carreiro e segui no sentido de onde vinham as vozes. As minhas botas enterravam-se na lama a cada passo e quando eu expirava surgiam pequenas nuvens brancas à minha frente. O carreiro estreito era paralelo a uma ravina cheia de neve pela qual corria um ribeiro na primavera. Do outro lado havia filas de ciprestes cobertos de neve, espalhados entre casas de barro e telhado achatado — barracas de lama na maioria dos casos — separadas por becos estreitos.

Voltei a ouvir vozes, desta vez mais altas, vindas de um dos becos. Aproximei-me devagar da esquina. Sustive a respiração. Espreitei.

Hassan estava ao fundo do beco, o lado que não tinha saída, em atitude de desafio: punhos em riste, pernas ligeiramente afastadas. Atrás dele, pousado em cima de pilhas de entulho, o papagaio azul. A chave que me abriria o coração de Baba.

Três rapazes impediam Hassan de sair do beco, os mesmos que tínhamos encontrado na colina, no dia a seguir ao golpe de Estado de Daoud Khan, quando Hassan nos salvou com a fisga. De um lado estava Wali, do outro, Kamal e, no meio, Assef. Senti o meu corpo contrair-se e um arrepio na espinha. Assef parecia descontraído, confiante. Tinha na mão a soqueira de metal. Os outros dois mexiam-se nervosamente, olhando, ora para Assef ora para Hassan, como se tivessem cercado uma fera selvagem que só Assef seria capaz de domar.

— Onde está a tua fisga, hazara? — perguntou Assef, rolando a soqueira na mão. — O que é que disseste? «Vão chamar-te Assef, *o Zarolho*.» Foi isso. Assef, *o Zarolho*. Inteligente. Muito inteligente. Mas é fácil ser-se inteligente quando se tem uma fisga carregada na mão.

Apercebi-me de que não respirava havia imenso tempo. Expirei devagar, sem fazer barulho. Sentia-me paralisado. Vi-os apertar o cerco ao rapaz com quem eu tinha crescido, o rapaz cujo rosto com lábio leporino era a primeira coisa que me lembrava de ter visto na vida.

— Mas hoje é o teu dia de sorte, hazara — disse Assef. Estava de costas para mim, mas eu podia jurar que sorria. — Hoje apetece-me ser benevolente. Que me dizem, rapazes?

— És muito generoso — balbuciou Kamal. — Sobretudo depois de ele ter sido tão malcriado connosco da última vez. — Tentava falar como Assef, só que a voz tremia-lhe. Então compreendi: ele não estava com medo de Hassan, de modo algum. Estava com medo do que Assef pudesse fazer.

Assef baixou a mão, num gesto condescendente.

— *Bakhshida*. Perdoo-te. Já está — baixou um pouco de tom. — Claro, nada é grátis neste mundo, e o meu perdão tem um preço.

— Acho correto — disse Kamal.

— Tudo tem um preço — acrescentou Wali.

— És um hazara cheio de sorte — disse Assef, dando um passo em direção a Hassan. — Porque hoje só te vai custar esse papagaio azul. Um preço justo, não acham, malta?

— Mais do que justo — disse Kamal.

Mesmo do ponto onde eu me encontrava, vi o medo nos olhos de Hassan, mas ele sacudiu a cabeça.

— Amir Agha ganhou o torneio, e eu corri atrás deste papagaio. Apanhei-o. Este papagaio é dele.

— Mas que hazara tão fiel. Que nem um cão — disse Assef.

Kamal soltou um riso esganiçado, nervoso.

— Mas, antes de te sacrificares por ele, pensa bem. Achas que ele faria o mesmo por ti? Alguma vez te perguntaste por que razão ele nunca te convida para brincar quando tem visitas? Porque é que ele só brinca contigo quando não tem mais ninguém? Eu respondo,

hazara. Porque para ele tu és um animal de estimação. Que serve para ele brincar quando está chateado e dar pontapés quando está irritado. Não te iludas, não penses que és mais que isso.

— Amir Agha e eu somos amigos — disse Hassan. Corado.

— Amigos? — perguntou Assef, e desatou a rir-se. — És mesmo parvo! Um dia acordas desse sonho e vais saber como ele é um bom amigo. Agora, *bas*! Já chega de conversa. Dá cá o papagaio.

Hassan baixou-se e pegou numa pedra.

Assef recuou. Deu um passo atrás, parou.

— Última oportunidade, hazara.

A resposta de Hassan foi levantar o braço que segurava a pedra.

— Como queiras — Assef desabotoou o sobretudo, despiu-o, dobrou-o cuidadosamente, provocador. Arrumou-o junto ao muro.

Abri a boca, quase falei. Quase. O resto da minha vida teria sido diferente se tivesse falado. Mas não disse nada. Fiquei a olhar. Paralisado.

Assef fez um gesto com a mão, e os outros dois separaram-se e formaram um semicírculo, encarcerando Hassan no beco.

— Mudei de ideias — disse Assef. — Vou deixar-te ficar com o papagaio, hazara. Vou deixar-te ficar com ele para nunca mais te esqueceres do que eu vou fazer.

Depois investiu. Hassan lançou a pedra. Atingiu Assef na testa. Assef gemeu e atirou-se a Hassan, deitando-o ao chão. Wali e Kamal seguiram-lhe o exemplo.

Mordi a mão. Fechei os olhos.

Uma lembrança:

Sabias que Hassan e tu foram alimentados pelo mesmo peito? Sabias, Amir Agha? Sakina, chamava-se ela. Uma mulher hazara loura e de olhos azuis, natural de Bamiyan, que lhes cantava velhas canções de amor. Dizem que aqueles que foram alimentados pelo mesmo peito são como irmãos. Sabias?

Uma lembrança:

«Uma rupia cada um, filhos. Só uma rupia cada um e destapo o véu da verdade.» *O velho está sentado contra uma parede de lama. Os seus olhos cegos parecem prata derretida incrustada em cavidades gémeas e profundas. Debruçado sobre a bengala, o adivinho passa uma mão ossuda pelo rosto encovado. Estende-a à*

nossa frente. «Não é um preço elevado pela verdade, pois não, uma rupia cada um?» *Hassan deita uma moeda na pele endurecida da palma da mão do homem. Eu deito outra*. «Em nome de Alá, o mais benévolo, o mais misericordioso», *murmura o velho. Pega primeiro na mão de Hassan, acaricia a palma com uma unha em forma de chifre, às voltas, às voltas, às voltas. O dedo voa então até ao rosto de Hassan e produz um som seco, um arranhar, enquanto descreve a curva das suas faces, o contorno das orelhas. Os dedos calejados pousam nos olhos de Hassan. A mão detém-se aí. Demora-se. Uma sombra atravessa o rosto do velho. Hassan e eu trocamos olhares. O velho pega na mão de Hassan e volta a colocar lá a rupia. Volta-se para mim*. «E nós, meu amigo?», *diz. Do outro lado do muro, um galo canta. O velho estende a mão para a minha, mas eu recolho-a*.

Um sonho:

Estou perdido num nevão. O vento chia, soprando grandes mantos de neve para os meus olhos. Cambaleio pelas camadas movediças de neve. Peço socorro, mas o vento abafa os meus gritos. Caio e fico deitado, ofegante, perdido entre tanto branco, o vento a gemer nos meus ouvidos. Vejo a neve apagar as minhas pegadas. «Sou um fantasma agora», *penso*, «um fantasma que não deixa vestígios da sua passagem.» *Volto a chamar, a esperança esvai-se como as marcas dos meus pés. Mas desta vez há uma ténue resposta. Tapo os olhos e consigo sentar-me. Por detrás das cortinas de neve distingo um movimento, um restolhar. Uma mão estende-se para mim. Vejo que tem feridas profundas, paralelas, o sangue goteja, manchando o branco. Agarro essa mão e de repente já não há neve. Estamos num prado de ervas verdes-maçã por cima do qual deslizam pequenas nuvens suaves. Olho para cima e vejo que o céu está cheio de papagaios de papel, verdes, amarelos, vermelhos, laranja. Brilham à luz da tarde*.

Uma amálgama de porcaria e entulho amontoa-se no beco. Pneus de bicicleta gastos, garrafas com os rótulos arrancados, revistas rasgadas, jornais amarelecidos, tudo espalhado por entre uma pilha de tijolos e traves de cimento. Uma salamandra enferrujada com um buraco aberto de lado equilibra-se contra uma parede. Mas havia duas coisas no meio do lixo das quais eu não conseguia tirar os olhos: uma era o papagaio azul encostado à parede, ao lado da

salamandra enferrujada; a outra eram as calças de bombazina castanhas de Hassan em cima de um monte de tijolos partidos.

— Eu cá não sei — dizia Wali. — O meu pai acha que é pecado — parecia inseguro, empolgado, amedrontado, tudo ao mesmo tempo. Hassan jazia de barriga para baixo. Kamal e Wali pegaram cada um num braço, torceram-no e dobraram-no pelo cotovelo, de modo que as mãos ficassem abertas contra as costas. Assef observava-os de pé, a pisar com o calcanhar das botas a nuca de Hassan.

— O teu pai não vai saber de nada — disse Assef. — E não é pecado nenhum dar uma lição a um burro teimoso.

— Não sei... — murmurou Wali.

— Como queiras — retorquiu Assef. Virou-se para Kamal. — E tu?

— Eu... bem...

— É apenas um hazara — disse Assef. Mas Kamal continuava a olhar para outro lado. — Ótimo — concluiu Assef. — A única coisa que lhes peço para fazerem, meus medricas, é que não o deixem levantar-se. Conseguem?

Wali e Kamal fizeram que sim com a cabeça. Pareciam aliviados.

Assef ajoelhou-se por trás de Hassan, pôs as mãos nas ancas de Hassan e levantou-lhe as nádegas nuas. Com uma mão segurou nas costas de Hassan e desapertou a fivela do seu próprio cinto com a outra. Abriu o fecho das calças de ganga. Despiu a roupa interior. Colocou-se atrás de Hassan. Hassan não se debateu. Nem pestanejou. Mexeu levemente a cabeça e entrevi o rosto dele. Um rosto resignado. Um olhar que eu já tinha visto antes. Era o olhar do cordeiro.

Amanhã é o décimo dia do Dhul-Hijjah, o último mês do calendário muçulmano e o primeiro dos três dias de Eid Al-Adha, ou Eid-e-Qorban, como lhe chamam os afegãos — um dia em que se celebra aquele em que o profeta Ibraim quase sacrificou o seu próprio filho a Deus. Baba escolhera ele mesmo o cordeiro este ano, todo branco com orelhas tortas e pretas.

*Fomos todos para o quintal das traseiras, Hassan, Ali, Baba e eu. O mulá recita a oração, cofia a barba. Baba murmura «*Despacha lá isso*», entredentes. Parece chateado com as intermináveis rezas, o*

ritual de tornar a carne halal*. Baba acha ridícula a história por detrás deste* Eid*, tal como quase tudo o que seja religioso. Mas respeita a tradição do Eid-e-Qorban. O costume é dividir a carne em três partes, uma para a família, uma para os amigos e outra para os pobres. Todos os anos, Baba dá-a toda aos pobres. «*Os ricos já são muito gordos*», explica.*

*O mulá termina a oração. «*Ámen*.» Pega na faca de cozinha que tem a lâmina maior. O costume é não deixar o cordeiro ver a faca. Ali dá ao animal um cubo de açúcar — outro costume, para tornar a morte mais doce. O cordeiro esperneia, mas não muito. O mulá agarra-o pelas maxilas e encosta a lâmina ao pescoço do animal. Um segundo antes de lhe dar um golpe na garganta, com a precisão de um especialista, reparo nos olhos do cordeiro. É um olhar que me há de perseguir em sonhos semanas a fio. Não sei por que razão assisto todos os anos a este ritual no quintal das traseiras; os meus pesadelos persistem muito depois de as manchas de sangue na relva deixarem de se ver. Mas assisto sempre. Assisto por causa daquela expressão conformada dos olhos do animal. Pode parecer absurdo, mas tenho a mania de que o animal percebe. Imagino que o animal entende que o seu falecimento iminente é por uma causa nobre. É esta a expressão...*

Não quero olhar mais, volto as costas ao beco. Sinto uma coisa quente descer pelo meu pulso. Pisco os olhos e apercebo-me de que não tinha parado de morder a mão, com força bastante para fazer correr sangue. Apercebo-me de outra coisa. Eu estava a chorar. Da esquina chegavam-me os grunhidos rápidos e cadenciados de Assef.

Tinha ainda a possibilidade de tomar uma decisão. A última oportunidade de decidir que tipo de pessoa eu me ia tornar. Eu podia decidir entrar naquele beco e defender Hassan — tal como ele me defendera tantas vezes no passado —, sujeitando-me ao que me acontecesse. Ou decidir fugir.

Decidi fugir.

Fugi por cobardia. Tinha medo de Assef e do que ele poderia fazer-me. Tinha medo de ficar ferido. Foi o que repeti para comigo quando virei as costas ao beco, a Hassan. Era isso que eu queria convencer-me que havia acontecido. A verdade é que eu aspirava à

cobardia, porque a alternativa, a verdadeira razão pela qual eu estava a fugir, era que Assef tinha razão: nada é de graça neste mundo. Talvez Hassan fosse o preço que eu tinha de pagar, o cordeiro que eu tinha de matar para conquistar Baba. Seria um preço justo? A resposta já pairava na minha consciência antes de eu a apreender: ele era apenas um hazara, ou não?

Corri pelo mesmo caminho que me levara ali. Corri até ao bazar quase deserto. Agachei-me num cubículo e encostei-me às portas fechadas a cadeado. Fiquei ali a suar, a recuperar o fôlego, e vi Assef e os outros passarem a rir, atravessando a toda a velocidade a rua deserta. Obriguei-me a esperar mais dez minutos. Depois voltei a percorrer o carreiro enlameado que bordejava a ravina cheia de neve. Como estava a escurecer, semicerrei os olhos e vi Hassan caminhando devagar na minha direção. Cruzámo-nos junto a uma bétula de ramos nus à beira da ravina.

Trazia nas mãos o papagaio azul; foi a primeira coisa que vi. Não quero mentir e dizer que os meus olhos não foram logo verificar se ele tinha rasgões. O *chapan* dele tinha manchas de lama à frente e a camisa estava rasgada mesmo abaixo do colarinho. Parou. Vacilou, como se fosse desmaiar. Mas aguentou-se. E entregou-me o papagaio.

— Onde te meteste? Andei à tua procura — disse-lhe. Pronunciar estas palavras foi como engolir pedras.

Hassan passou a manga pelo rosto, limpou-o de ranho e lágrimas. Esperei que ele dissesse alguma coisa, mas ficámos os dois calados, ao lusco-fusco. Felizmente as sombras do início da noite projetavam-se sobre o rosto de Hassan e escondiam o meu. Fiquei contente por não ter de olhá-lo nos olhos. Será que ele sabia que eu sabia? E, se soubesse, que veria eu nos olhos dele, se o encarasse de frente? Acusação? Indignação? Ou, o pior de tudo, e o que eu mais temia: uma devoção sincera? Isso eu não suportaria ver.

Começou a dizer qualquer coisa, mas a voz falhou-lhe. Fechou a boca, abriu-a, voltou a fechá-la. Deu um passo atrás. Limpou a cara. E foi o mais próximo que Hassan e eu alguma vez estivemos de falar sobre o que se passou no beco. Julguei que ele fosse romper em lágrimas, mas, para meu grande alívio, não o fez, e eu fingi que não tinha ouvido a voz falhar-lhe. Tal como fingi não ver a mancha

escura nas calças dele. Ou as pequenas gotas que lhe escorriam entre as pernas e manchavam a neve de preto.

— Agha Sahib deve estar preocupado — foi só o que ele disse. Depois afastou-se e desapareceu a coxear.

Foi exatamente como eu tinha imaginado. Abri a porta do escritório cheio de fumo e entrei. Baba e Rahim Khan estavam a beber chá e a ouvir as notícias que crepitavam no rádio. As suas cabeças viraram-se para mim. Um sorriso surgiu nos lábios do meu pai. Abriu os braços. Pousei o papagaio e corri para aqueles braços grossos e peludos. Encostei a cara ao peito quente dele e chorei. Baba apertou-me contra si, embalando-me para trás e para diante. Esqueci o que tinha feito. E isso foi bom.

OITO

Durante uma semana praticamente não vi Hassan. Acordava e encontrava torradas, chá e um ovo cozido à minha espera na mesa da cozinha. As roupas que eu devia vestir nesse dia estavam engomadas e dobradas em cima da cadeira com assento de palhinha no átrio onde Hassan costumava passar a ferro. Ele esperava sempre que eu me sentasse à mesa para começar a engomar — assim podíamos ir conversando. E também cantávamos, enquanto o ferro bufava, velhas canções hazaras sobre campos de túlipas. Agora só as roupas dobradas me davam os bons-dias. Isso e um pequeno-almoço que eu passei a deixar sempre a meio.

Numa manhã encoberta, eu estava entretido a fazer o ovo cozido girar no prato quando Ali entrou, trazendo no regaço uma pilha de lenha. Perguntei-lhe onde estava Hassan.

— Foi dormir mais um pouco — respondeu Ali, ajoelhando-se frente ao fogão. Abriu a pequena portinhola quadrada.

Poderia Hassan vir brincar comigo?

Ali fez uma pausa com um tronco na mão. Uma expressão preocupada atravessou-lhe o rosto.

— Ultimamente parece que ele só quer dormir. Faz o seu trabalho, isso tem de ser, mas depois volta a enfiar-se debaixo dos cobertores. Posso fazer-lhe uma pergunta?

— Se quiseres.

— Depois daquele torneio de papagaios, voltou para casa cheio de sangue e com a camisa rasgada. Perguntei-lhe o que tinha acontecido e ele respondeu que não era nada, que tinha lutado com uns miúdos por causa do papagaio.

Eu não disse nada. Continuei a fazer o ovo girar no prato.

— Aconteceu-lhe alguma coisa, Amir Agha? Alguma coisa que ele não me tenha contado?

Encolhi os ombros.

— Como queres que eu saiba?

— Contava-me, não era? *Inshallah*, contava-me se tivesse acontecido alguma coisa?

— Como já disse, sei lá o que é que ele tem. Talvez esteja doente. As pessoas passam a vida a adoecer, Ali. Agora, queres que eu morra congelado ou vais finalmente acender o fogão?

Nessa noite perguntei a Baba se podíamos ir a Jalalabad na sexta-feira seguinte. Ele virava-se, ora para um lado ora para o outro, sentado na cadeira giratória atrás da secretária, a ler um jornal. Pousou-o, tirou os óculos que usava para ler e eu detestava — Baba não era velho, ia viver ainda muitos anos, para quê aqueles estúpidos óculos?

— Boa ideia! — respondeu. Ultimamente, Baba dizia sempre que sim a tudo o que eu lhe pedia. Além disso, duas noites antes ele tinha-me proposto irmos ver o *El Cid,* com o Charlton Heston, ao Cinema Aryana.

— Não queres convidar o Hassan para vir connosco?

Porque é que o Baba tinha de estragar sempre tudo?

— Ele está *mareez* — respondi. Adoentado.

— A sério? — Baba parou de rodar a cadeira. — Com quê?

Encolhi os ombros e enterrei-me no sofá junto à lareira.

— Uma constipação ou coisa do género. Ali diz que precisa de dormir muito.

— Realmente não o tenho visto — disse Baba. — Então é só isso? Uma constipação? — Não pude deixar de reparar, com raiva, que Baba tinha a testa enrugada de preocupação.

— Só uma constipação. Então fica combinado para sexta-feira, Baba?

— Sim, sim — disse Baba, levantando-se da secretária. — É pena o Hassan não poder ir. Divertias-te mais se ele fosse.

— Bem, divertimo-nos nós os dois — respondi. Baba sorriu. Piscou o olho.

— Veste roupas quentes — disse.

* * *

Pensava que íamos só os dois, era assim que eu queria, mas na quarta-feira à noite Baba já tinha conseguido convidar mais duas dúzias de pessoas. Falou ao primo Homayoun (na verdade, segundo primo do Baba) a desafiá-lo para ir a Jalalabad na sexta-feira; e Homayoun, que estudara engenharia em França, tinha uma

casa em Jalalabad e disse que tinha muito prazer em fazer-nos companhia, e até ia levar os filhos, as duas mulheres e, já agora, a prima Shafiqa e a família, recém-chegados de Herat, talvez gostassem de ir, e, uma vez que estavam alojados em casa do primo Nader, em Cabul, era melhor convidar também a família dele, apesar de as relações entre Homayoun e Nader não andarem lá muito boas, e, se íamos convidar o primo Nader, tínhamos de dizer qualquer coisa ao irmão dele, Faruq, que podia ficar ofendido e depois não nos convidava para o casamento da filha daí a um mês e...

Enchemos três carrinhas. Fui na de Baba, Rahim Khan, Kaka Homayoun — Baba ensinara-me quando eu era pequeno a tratar os homens mais velhos por *kaka*, ou tio, e as senhoras por *khala*, tia. As duas mulheres do tio Homayoun também foram connosco — a mais velha, com a cara cheia de marcas de bexigas e verrugas nas mãos, e a mais nova, que cheirava a perfume e dançava de olhos fechados —, assim como as filhas gémeas de Kaka Homayoun. Sentei-me no banco de trás, enjoado e com a cabeça a andar à roda, entalado entre as gémeas de sete anos que passaram a viagem toda às estaladas uma à outra por cima de mim. O caminho para Jalalabad é um percurso de duas horas por estradas de montanha que serpenteiam por uma encosta íngreme, e eu sentia o meu estômago saltar a cada curva apertada. Todas as pessoas que iam na carrinha foram todo o caminho a falar, muito alto e ao mesmo tempo, quase aos gritos, que é como os afegãos falam. Pedi a uma das gémeas, Fazila ou Karima, nunca sabia qual era qual, para trocar de lugar comigo e eu poder ir à janela a apanhar ar, visto que estava enjoado. Ela pôs a língua de fora e disse que não. Respondi que estava bem, mas então que não ficasse admirada quando eu desatasse a vomitar para cima do vestido novo dela. No minuto seguinte, já eu estava debruçado na janela. Vi a estrada esburacada subir e descer, espiralar pela montanha, contei os camiões coloridos que passavam cheios de homens sentados em cima de árvores acabadas de abater. Tentei fechar os olhos, deixar o vento bater na minha cara, abrir a boca para que o ar fresco entrasse. Mas não havia meio de me sentir melhor. Um dedo espetou-se nas minhas costas. Era Fazila/Karima.

— Que foi? — perguntei.

— Estava a falar-lhes do torneio — disse Baba do lugar do condutor. Kaka Homayoun e as esposas sorriam-me das filas do meio.

— Devia haver aí uns cem papagaios no céu naquele dia — disse Baba. — Era mais ou menos isso, não, Amir?

— Acho que sim — murmurei.

— Cem papagaios, Homayoun Jan. Não é *laaf*. E o único que continuava a voar ao fim do dia era o do Amir. Tem o último em casa, um papagaio lindo, azul. Hassan e Amir foram os dois apanhá-lo.

— Parabéns — disse Kaka Homayoun. A primeira mulher, a das verrugas, bateu palmas.

— Uau, uau, Amir, estamos muito orgulhosos! — exclamou. A mais nova fez-lhe companhia: num instante estavam todos a bater palmas, a gritar elogios, a dizer o quanto eu os enchia de orgulho. Só Rahim Khan, sentado no seu lugar ao lado de Baba, continuava calado. E olhava-me de um modo estranho.

— Para por favor, Baba — pedi.

— O quê?

— Estou enjoado — sussurrei, inclinado para cima das filhas do Kaka Homayoun.

O rosto de Fazila/Karima contorceu-se.

— Para, *kaka*! Ele está todo amarelo! Não quero que ele vomite para cima do meu vestido novo!

Baba preparou-se para parar, mas não foi a tempo. Minutos depois, dei comigo sentado numa pedra à beira da estrada enquanto eles arejavam a carrinha. Baba aproveitou para fumar na companhia de Kaka Homayoun, que ordenava a Fazila/Karima que acabasse com a choradeira; ele comprava-lhe um vestido novo em Jalalabad. Fechei os olhos e virei-me para o Sol. Pequenas formas surgiram no interior das minhas pálpebras, como mãos a projetar sombras numa parede. Retorciam-se, fundiam-se, formavam uma imagem única: as calças de bombazina castanha de Hassan atiradas para cima de um monte de tijolos no beco.

A casa branca, de dois pisos, que Kaka Homayoun possuía em Jalalabad tinha uma varanda que dava para um grande jardim

murado onde cresciam macieiras e diospireiros. Havia sebes que, no verão, o jardineiro talhava em forma de animais e uma piscina forrada de azulejos cor de esmeralda. Sentei-me na beira da piscina, que estava vazia, se não contarmos com a camada de neve suja do fundo, a abanar os pés. As filhas de Kaka Homayoun brincavam às escondidas do outro lado do quintal. As mulheres cozinhavam e eu sentia o cheiro da cebola frita, ouvia o silvo da panela de pressão, a música, os risos. Baba, Rahim Khan, Kaka Homayoun e Kaka Nader estavam sentados na varanda, a fumar. Kaka Homayoun dizia-lhes que tinha levado o projetor para mostrar os *slides* de França. Regressara de Paris já lá iam dez anos e ainda nos obrigava a ver a porcaria dos *slides*.

Não havia razão para eu estar tão maldisposto. Baba e eu éramos finalmente amigos. Tínhamos ido ao jardim zoológico uns dias antes, vimos o leão *Marjan*, e eu até atirei uma pedra ao urso quando ninguém estava a ver. A seguir fomos ao Restaurante Dadkhoda Kabob, em frente ao Cinema Park, comer espetada de carneiro com *naan* acabado de cozer no *tandoor*. Baba falou-me das viagens que fez à Índia e à Rússia, das pessoas que conheceu, como aquele homem e aquela mulher de Bombaim que não tinham braços nem pernas mas estavam casados há quarenta e sete anos e tinham criado onze filhos. Era giro, passar assim um dia inteiro com Baba, a ouvir as histórias dele. Finalmente eu tinha aquilo que sempre ambicionara. Só que, apesar de ter isso tudo, agora sentia-me tão vazio como a piscina abandonada onde eu balouçava os pés.

As mulheres e as filhas serviram o jantar — arroz, *kofta* e *qurma* de galinha — ao sol-pôr. Jantámos à moda tradicional, sentados em almofadas espalhadas pela sala, a toalha de mesa estendida no chão, a comer com as mãos, em grupos de quatro ou cinco que partilhavam a mesma travessa. Eu não tinha fome, mas mesmo assim sentei-me para comer ao lado de Baba, Kaka Faruq e os dois filhos de Kaka Homayoun. Baba, que bebera alguns uísques antes do jantar, continuava a falar do torneio, a repetir que eu ganhara a todos, que voltara para casa com o último papagaio na mão. A sua voz alegre dominava a sala. As pessoas erguiam os olhos das travessas, gritavam parabéns. Kaka Faruq deu-me uma palmadinha

no ombro com a mão limpa. Foi como se me tivesse espetado uma faca no olho.

Mais tarde, muito depois da meia-noite, após umas horas de póquer entre Baba e os primos, os homens foram dormir em colchões dispostos paralelamente uns aos outros na mesma sala onde tínhamos jantado. As mulheres retiraram-se lá para cima. Ao fim de uma hora, eu ainda não tinha conseguido adormecer. Não parava de dar voltas na cama, enquanto os meus parentes grunhiam, suspiravam e ressonavam, num sono profundo. Uma nesga de luar entrava pela janela.

— Vi Hassan ser violado — disse a ninguém. Baba mexeu-se. Kaka Homayoun rosnou. Uma parte de mim tinha esperança de que alguém acordasse e ouvisse, para eu não ter que viver mais com aquela mentira. Mas ninguém acordou, e no silêncio que se seguiu compreendi a natureza da minha maldição: ninguém ia saber.

Pensei no sonho de Hassan, aquele em que nós nadávamos no lago. «Não há monstro nenhum», tinha ele dito, «só água.» Só que estava enganado. Havia um monstro no lago. Tinha agarrado Hassan pelos tornozelos, arrastado Hassan para o lodo do fundo. Eu era esse monstro.

Foi nessa noite que comecei a sofrer de insónia.

Só voltei a falar com Hassan a meio da semana seguinte. Tinha deixado o almoço a meio e Hassan estava a lavar a loiça. Subi as escadas e ia a caminho do meu quarto quando Hassan me perguntou se queria ir subir o monte. Respondi que estava cansado. Hassan também parecia cansado — tinha emagrecido e havia olheiras escuras em volta dos seus olhos inchados. Mas ele insistiu tanto que eu aceitei, com relutância.

Subimos a encosta, as botas a chiar na neve enlameada. Nenhum de nós disse fosse o que fosse. Sentámo-nos debaixo da romãzeira e percebi que tinha cometido um erro. Não devia ter ido. As palavras que eu gravara no tronco com a faca da cozinha «Amir e Hassan, sultões de Cabul»... Não ia suportar vê-las agora.

Quando ele me pediu que lhe lesse o *Shahnamah,* disse-lhe que tinha mudado de ideias. Que queria voltar para o meu quarto. Ele virou a cabeça e encolheu os ombros. Regressámos exatamente

como tínhamos ido: calados. E, pela primeira vez na minha vida, eu só queria que chegasse a primavera.

Do resto desse inverno de 1975, as minhas recordações são vagas. Lembro-me de que me sentia muito feliz sempre que Baba estava em casa. Comíamos juntos, íamos ao cinema, visitávamos Kaka Homayoun ou Kaka Faruq. Quando Rahim Khan ia lá a casa, Baba deixava-me ficar no escritório a beber chá com eles. Às vezes até me pedia para ler uma das minhas histórias. Era ótimo e eu acreditava que ia ser assim eternamente. E Baba também, penso eu. Estávamos ambos enganados. Durante os primeiros meses a seguir ao torneio, Baba e eu deixámo-nos mergulhar numa doce ilusão, víamo-nos um ao outro como nunca nos tínhamos visto. Enganámo-nos a nós mesmos, como se alguma vez um brinquedo feito de papel de seda, cola e canas pudesse acabar com o abismo que nos separava.

Mas quando Baba saía, e ele saía muito, eu fechava-me no meu quarto. Lia um livro em poucos dias, escrevia histórias, aprendia a desenhar cavalos. Ouvia Hassan às voltas na cozinha de manhã, ouvia o tilintar dos talheres, o assobio da chaleira, esperava até ouvir a porta fechar-se e só então é que descia para comer. Assinalei no meu calendário a data do primeiro dia de aulas e iniciei a contagem decrescente.

Para meu espanto, Hassan continuava a tentar que fizéssemos as pazes. Lembro-me da última tentativa. Eu estava no meu quarto a ler uma tradução parse condensada do *Ivanhoe* quando ele bateu à minha porta.

— O que é?

— Vou à padaria comprar *naan* — respondeu do outro lado. — Não queres... vir comigo?

— Acho que vou continuar a ler — respondi, passando a mão pela testa. Ultimamente, sempre que Hassan estava por perto doía-me a cabeça.

— Está um dia cheio de sol — disse ele.

— Já percebi.

— Podíamos ir passear.

— Vai tu.

— Preferia que viesses comigo — insistiu. Pausa. Alguma coisa bateu contra a porta, talvez a testa dele. — Não sei o que é que eu fiz, Amir Agha. Gostava que me dissesses. Não sei porque é que nunca mais brincámos juntos.

— Não fizeste nada, Hassan. Vai-te embora.

— Diz-me o que foi que eu fiz e eu nunca mais o faço.

Enterrei a cabeça no colo, apertei-a com os joelhos, como se eles fossem um torno.

— Vou dizer o que é que eu quero que nunca mais faças — declarei, de olhos fechados.

— Seja o que for.

— Quero que pares de me chatear. Que te vás embora.

Gostava que ele me tivesse respondido, que tivesse forçado a entrada e discutido comigo — teria sido tão mais fácil, bem melhor. Mas não fez nada disso, e quando abri a porta minutos depois ele já não estava lá. Deixei-me cair na cama, tapei a cabeça com o travesseiro e desatei a chorar.

Hassan passou para a periferia da minha vida depois disso. Eu certificava-me de que os nossos caminhos iam cruzar-se o mínimo possível, planeava os meus dias com esse objetivo em vista. Porque, quando ele estava por perto, o oxigénio escoava-se do meu quarto. Sentia o peito apertado e faltava-me o ar; deixava-me ficar no quarto, a respirar o melhor que podia na minha bolha de atmosfera privada. Mas mesmo quando ele estava ausente, estava presente. Estava presente nas roupas lavadas à mão e engomadas em cima da cadeira de palhinha, nos chinelos aquecidos à porta do meu quarto, na lenha a arder no fogão quando eu descia para tomar o pequeno-almoço. Para onde quer que eu me virasse, via provas da lealdade dele, da sua maldita, e inabalável, lealdade.

No início da primavera, uns dias antes do novo ano letivo começar, Baba e eu fomos plantar túlipas no jardim. A maioria da neve já tinha derretido e nas montanhas a norte surgiam retalhos de erva verde. Era uma manhã fria e cinzenta, e Baba estava sentado no chão a meu lado, a cavar a terra e a plantar os bolbos que eu lhe ia passando. Dizia-me que as pessoas têm a mania de dizer que as túlipas devem ser plantadas no outono, o que não é verdade, quando lhe perguntei:

— Baba, nunca pensaste em arranjar criados novos?

Deixou cair o bolbo, espetou a colher de jardineiro na terra. Despiu as luvas de jardinagem. Eu espantara-o.

— *Chi?* O que é que disseste?

— Foi só uma pergunta, mais nada.

— Por que razão havia eu de querer fazer uma coisa dessas?

— Não queres, claro. Perguntei por perguntar — disse, cada vez mais baixo, terminando num murmúrio.

— Isso tem que ver com o Hassan, não é verdade? Sei que há um problema qualquer entre os dois, mas, seja ele qual for, vocês é que vão ter de o resolver, não sou eu. Não é da minha conta.

— Desculpa, Baba.

Voltou a calçar as luvas.

— Cresci com Ali — disse, sempre de dentes cerrados. — O meu pai decidiu criá-lo, gostava de Ali como de um filho. Há quarenta anos que Ali faz parte da minha família. Quarenta anos não é brincadeira. E tu pensas que eu alguma vez vou pô-lo na rua? — Agora estava a olhar para mim, com o rosto vermelho que nem uma túlipa. — Nunca te bati, Amir, mas se voltas a dizer uma coisa dessas... — Virou a cara, a abanar a cabeça. — Envergonhas-me. E Hassan... Hassan não sai cá de casa, percebeste?

Baixei os olhos e apanhei um punhado de terra fria. Deixei-a escorrer entre os meus dedos.

— Fiz-te uma pergunta. Percebeste?

Estremeci.

— Sim, Baba.

— Hassan não sai cá de casa — repetiu Baba. Enfiou a colher na terra, retirando mais terra do que era preciso. — O lugar dele é aqui, connosco. Esta é a casa dele e nós somos a sua família. Nunca mais na vida voltes a tocar nesse assunto!

— Não volto, Baba. Desculpa.

Plantámos o resto das túlipas em silêncio.

Foi um alívio quando a escola recomeçou na semana seguinte. Alunos com cadernos novos e lápis afiados na mão passeavam-se pelo pátio, a dar pontapés na terra, a conversar uns com os outros, à espera do apito dos chefes de turma. O carro de Baba desceu a rua de terra batida que ia dar ao portão de entrada. A escola era um

velho edifício de dois andares com janelas partidas e corredores sombrios com o chão empedrado, vendo-se ainda manchas da tinta amarelo-clara original entre os pedaços de gesso descascado. A maioria dos rapazes ia a pé para a escola, e o *Mustang* preto de Baba provocava vários olhares de inveja. Eu deveria estar inchado de orgulho por ele me levar — o meu antigo «eu» deveria —, mas o mais que consegui foi sentir-me embaraçado. Embaraçado e vazio. Baba partiu sem me dizer adeus.

Evitei a habitual comparação de cicatrizes da luta de papagaios de papel e tomei o meu lugar na fila. A campainha tocou e marchámos até à aula em que tínhamos sido colocados, em fila e aos pares. Sentei-me nos bancos de trás. Quando o professor de Parse distribuiu os livros de leitura, rezei para que nos passasse muitos trabalhos de casa.

A escola dava-me uma desculpa para eu me fechar no quarto horas a fio. E, durante algum tempo, ajudou-me a não pensar no que acontecera nesse inverno, ou no que eu permitira que acontecesse.

Durante umas semanas ocupei a minha mente com a gravidade e o impulso, os átomos e as células, as guerras anglo-afegãs, em vez de pensar em Hassan e no que lhe tinha acontecido. Mas o meu espírito regressava sempre ao beco. Às calças de bombazina castanhas de Hassan em cima dos tijolos. Aos pingos de sangue a sujar a neve de vermelho-escuro, quase preto.

Numa tarde quente e abafada desse verão perguntei a Hassan se queria ir subir ao monte comigo. Disse-lhe que ia ler-lhe uma história nova escrita por mim. Ele estava a pendurar roupa no estendal e vi a alegria dele na rapidez com que terminou a tarefa.

Subimos a encosta, a fazer conversa. Ele perguntou-me como ia a escola, o que é que andava a estudar, e eu falei-lhe dos meus professores, sobretudo do de Matemática, que era mau e castigava os alunos que estavam sempre a falar apertando-lhes os dedos com uma barra de metal. Hassan estremeceu, declarou que esperava nunca ter de passar por isso. Disse-lhe que para já eu tinha tido sorte, sabendo muito bem que a sorte nada tinha que ver com o assunto. Eu também me fartava de falar nas aulas, mas o meu pai

era rico, toda a gente o conhecia, e por isso via-me livre da barra de metal.

Sentámo-nos junto ao muro baixo do cemitério, à sombra da romãzeira. Daí a um ou dois meses, a colina estaria coberta de vegetação amarela, queimada pelo sol, mas naquele ano os aguaceiros da primavera tinham durado mais tempo que o habitual, esgueirando-se pelo verão dentro, e a erva ainda estava verde, semeada de flores silvestres. Lá em baixo, as casas de paredes brancas e telhados achatados de Wazir Akbar Khan cintilavam ao sol, a roupa pendurada a secar nos terraços ondulava ao vento como filas de borboletas a dançar.

Tínhamos apanhado umas doze romãs da árvore. Desdobrei a história que tinha trazido, procurei a primeira página, depois coloquei as folhas no chão. Levantei-me e fui apanhar uma romã podre que tinha caído ao chão.

— O que é que fazias se eu te atirasse com isto? — perguntei, atirando o fruto para o ar e apanhando-o.

O sorriso de Hassan apagou-se. Ficou com um ar mais velho. Não, mais velho não, velho. Seria possível? Rugas marcavam-lhe o rosto tisnado, e havia sulcos em volta dos seus olhos, da sua boca. Era como se eu tivesse pegado numa faca e gravado aquelas linhas.

— O que é que fazias? — insisti.

A cor desapareceu-lhe do rosto. Ao lado dele, as folhas agrafadas da história que eu prometera ler abanavam com o vento. Atirei-lhe a romã. Foi atingi-lo no peito e desfez-se numa explosão de polpa vermelha. O grito de Hassan foi de surpresa e de dor.

— Vá, agora és tu — desafiei-o. Hassan olhou para a nódoa do seu peito e depois para mim.

— Levanta-te! Atira-me outra! — gritei. Hassan, realmente, levantou-se, mas ali ficou, atordoado como um homem arrastado pelas ondas para o mar, quando, no instante anterior, estava a gozar um tranquilo passeio pela praia.

Atirei outra romã, que desta vez lhe foi bater no ombro. O sumo encharcou-lhe a cara.

— Atira-me uma! — berrei. — Atira-me uma, raios te partam! — Queria que ele o fizesse. Queria que ele me castigasse. Ansiava por

isso, talvez assim eu conseguisse voltar a dormir de noite. Talvez depois as coisas entre nós pudessem voltar a ser como dantes. Mas Hassan continuava imóvel, por mais que eu o provocasse.

— És um cobarde! — gritei. — Não passas duma porcaria dum cobarde!

Não sei quantas romãs lhe atirei. Só sei que, quando finalmente parei, exausto, ofegante, Hassan estava vermelho como se tivesse sido atingido por um pelotão de fuzilamento. Deixei-me cair de joelhos, cansado, arrasado, frustrado.

Então, Hassan apanhou mesmo uma romã. Caminhou na minha direção. Abriu-a e esmagou-a contra a sua própria testa.

— Já está — disse, o sumo vermelho a escorrer-lhe pelo rosto como sangue. — Ficaste satisfeito? Sentes-te melhor? — Deu meia-volta e começou a descer o monte.

Deixei as lágrimas brotar livremente dos meus olhos enquanto me balouçava para a frente e para trás, de joelhos.

— O que é que eu faço contigo, Hassan? O que é que eu faço contigo?

Mas quando as lágrimas secaram, e finalmente comecei a descer a colina, eu já sabia a resposta.

Fiz treze anos nesse verão de 1976, o penúltimo verão de paz e sossego no Afeganistão. As coisas entre mim e Baba tinham outra vez azedado. Julgo que a culpa foi da estúpida sugestão que fiz no dia em que plantámos as túlipas, aquilo de ele arranjar criados novos. Arrependi-me de o ter feito, sinceramente, mas acho que, mesmo que eu não tivesse dito nada, o nosso pequeno e feliz interlúdio terminaria mais cedo ou mais tarde. Talvez mais tarde, mas não duraria muito. No fim do verão, o barulho dos talheres nos pratos tinha já substituído o das conversas à mesa, e Baba retomara o hábito de se retirar para o escritório depois do jantar. E de fechar a porta. Eu voltara a folhear Hãfez e Khayyám, enquanto roía as unhas até ao sabugo, e a escrever histórias. Guardava-as numa pilha escondida debaixo da cama, pelo sim pelo não, embora no fundo não acreditasse que Baba voltasse alguma vez a pedir-me para lhe ler uma.

Para Baba, dar uma festa obedecia a uma regra: convida-se toda a gente, ou não é uma festa. Lembro-me de passar os olhos pela

lista de convidados para a festa do meu aniversário e de não reconhecer pelo menos três quartos dos mais de quatrocentos *kakas* e *khalas* que iam trazer-me presentes e felicitar-me por ter sobrevivido treze anos. Apercebi-me então de que nenhum deles vinha por minha causa. Eram os meus anos, mas eu sabia quem era realmente o rei da festa.

Durante dias a casa encheu-se de empregados contratados por Baba. Havia Salahuddim, o talhante, que chegou com um vitelo e dois carneiros a reboque, recusando o pagamento de qualquer dos três. Ele próprio matou os animais no pátio, junto a um choupo.

— O sangue faz bem à árvore — lembro-me de ouvi-lo dizer, enquanto o sangue ensopava a erva em volta do choupo. Homens que eu nunca tinha visto treparam aos carvalhos com as mãos cheias de grinaldas de minúsculas lâmpadas elétricas e quilómetros de fio. Outros instalaram dúzias de mesas no quintal e colocaram uma toalha em cima de cada uma. Na véspera da grande noite, Del-Muhammad, o amigo de Baba, proprietário de uma casa de *kabob* em Shar-e-Nau, apareceu lá em casa com sacos de especiarias. Tal como o talhante, Del-Muhammad — ou Dello, como Baba lhe chamava — não quis receber um tostão pelos serviços prestados. Disse que Baba já tinha feito muito pela sua família. Foi Rahim Khan que me contou em segredo, enquanto Dello marinava a carne, que Baba lhe emprestara dinheiro para abrir o restaurante. Baba nunca quis que ele lho pagasse, até que um dia Dello entrou pelo nosso jardim de Benz e disse que só saía dali quando Baba aceitasse o dinheiro.

Creio que, de certo modo, pelo menos do modo como se costuma avaliar as festas, a festa do meu aniversário foi um êxito. Nunca tinha visto a casa tão cheia de gente. Convidados de copo na mão conversavam nos corredores, fumavam nas escadas, encostavam-se às ombreiras das portas. Sentavam-se onde podiam, nas bancadas da cozinha, no átrio, até no poço das escadas. No quintal das traseiras, confraternizavam à luz dos clarões azuis, vermelhos e verdes das lâmpadas, que balouçavam nas árvores, os rostos iluminados pelos candeeiros a petróleo pendurados por toda a parte. Baba mandou construir um estrado na varanda que dava para o jardim e espalhou altifalantes pelo quintal. Ahmad Zahir tocava

acordeão e cantava no palco, enquanto um sem-número de corpos dançava.

Tive de cumprimentar cada convidado pessoalmente — Baba obrigou-me; ninguém poderia dizer no dia seguinte que o filho dele não tinha maneiras. Beijei centenas de bochechas, abracei pessoas completamente desconhecidas, agradeci os presentes. Fiquei com os músculos da cara doridos por fazer tanto sorriso forçado.

Estava no quintal com Baba, junto do bar, quando uma voz disse:

— Muitos parabéns, Amir.

Era Assef com os pais. O pai de Assef, Mahmood, era um tipo baixo e gordo, de pele morena e rosto comprido. A mãe, Tanya, era uma mulher pequena e nervosa, sempre a sorrir e a piscar os olhos. No meio dos dois, mais alto que qualquer um deles, Assef sorria, com um braço em volta de cada um. Conduzira-os na nossa direção, como se fosse ele a trazê-los. Como se fosse ele o pai e eles os filhos. Senti-me tonto. Baba agradeceu a comparência deles.

— Eu próprio escolhi o teu presente — disse Assef. O rosto de Tanya retorceu-se e os seus olhos voltaram-se de Assef para mim. Sorriu, de forma pouco convincente, e piscou os olhos. Perguntei-me se Baba teria reparado.

— Continuas a jogar futebol, Assef Jan? — perguntou Baba. Sempre tinha desejado que eu travasse amizade com Assef.

— Claro, Kaka Jan.

— Extremo-direito, se não estou em erro?

— Por acaso este ano mudei para avançado-centro — retificou Assef. — É que assim marco mais golos. Vamos jogar contra a equipa de Mekro-Rayan na semana que vem. Deve ser um bom desafio. Eles têm bons jogadores.

Baba concordou com a cabeça.

— Sabes, eu também joguei a central quando era novo.

— Aposto que ainda conseguia se quisesse — disse Assef. E ainda piscou o olho a Baba.

Baba retribuiu-lho.

— Vejo que o teu pai te ensinou a ser lisonjeador — deu uma cotovelada tal ao pai de Assef que ia deitando o desgraçado ao chão. O riso de Mahmood foi tão convincente como o sorriso de Tanya, e de repente perguntei a mim próprio se, até certo ponto, o

filho deles não lhes meteria medo. Tentei sorrir, mas só consegui encurvar ligeiramente os cantos da boca, tinha o estômago às voltas, só de ver o meu pai a dar-se tão bem com Assef.

Assef olhou então para mim.

— Wali e Kamal também vieram. Não queriam de maneira nenhuma perder a tua festa — acrescentou, via-se que estava cheio de vontade de rir. Fiz que sim com a cabeça. — Estamos a organizar um joguinho de vólei amanhã em minha casa — disse Assef. — Não queres vir? Traz o Hassan, se quiseres.

— Que boa ideia — disse Baba, radiante. — Que me dizes, Amir?

— Não gosto lá muito de vólei — balbuciei. Vi a alegria apagar-se no olhar de Baba, e seguiu-se um silêncio desconfortável.

— Desculpa, Assef Jan — disse Baba, encolhendo os ombros. Foi horrível vê-lo a desculpar-se por mim.

— Não, não tem importância — respondeu Assef. — Mas o convite continua de pé, Amir Jan. Bem, como soube que gostas de ler, comprei-te um livro. Um dos meus preferidos — entregou-me um embrulho. — Parabéns.

Usava camisa de algodão e calças azuis, gravata de seda vermelha e mocassins pretos bem engraxados. Cheirava a água-de-colónia e tinha o cabelo louro todo penteado para trás. À primeira vista, ele era o sonho de qualquer pai, um rapaz forte, alto, bem vestido e bem-educado, com talento e beleza, para não falar do seu lado espirituoso, capaz de trocar piadas com um adulto. Mas, na minha opinião, os olhos dele traíam-no. Quando o fitei, a fachada desapareceu, revelando a loucura que se escondia atrás deles.

— Não o aceitas, Amir? — estava Baba a perguntar.

— O quê?

— O teu presente — continuou Baba, irritado. — Assef Jan quer dar-te um presente.

— Oh — exclamei. Peguei no embrulho que Assef me estendia e baixei os olhos. Só queria estar sozinho no meu quarto, com os meus livros, longe daquelas pessoas.

— Bem? — perguntou Baba.

— O que foi?

Baba falou em voz baixa, a que usava sempre que eu o embaraçava em público.

— Não agradeces a Assef Jan? Foi muito simpático da parte dele.

Desejei que Baba parasse de tratá-lo daquela maneira. Quantas vezes me tinha ele chamado «Amir Jan»?

— Obrigado — obedeci. A mãe de Assef olhou para mim como se quisesse dizer alguma coisa, mas não disse, e foi então que reparei que os pais de Assef ainda não tinham pronunciado uma só palavra. Antes que eu voltasse a envergonhar-me a mim e a Baba, mas sobretudo para fugir de Assef e daquele sorriso, afastei-me. — Obrigado por teres vindo — disse-lhe.

Abri caminho por entre a multidão de visitas e esgueirei-me pelos portões de ferro forjado. Duas casas abaixo da nossa havia um grande descampado de terra batida. Eu tinha ouvido Rahim Khan contar que um juiz tinha comprado esse lote de terreno e mandado um arquiteto desenhar o respetivo plano urbanístico. Para já, o terreno estava vazio, à exceção da terra, das pedras e de algumas ervas daninhas.

Rasguei o papel do presente de Assef e inclinei a capa do livro para que o luar a iluminasse. Era uma biografia de Hitler. Atirei-o para dentro de um monte de ervas.

Encostei-me ao muro do vizinho, deixei-me escorregar até ficar sentado no chão. Fiquei ali algum tempo, na escuridão, o queixo apoiado nos joelhos dobrados, a olhar para as estrelas, à espera que aquela noite terminasse.

— Não devias estar a receber os teus convidados? — perguntou uma voz conhecida. Rahim Khan caminhava paralelamente ao muro.

— Não precisam de mim para nada. Baba está lá, não está? — respondi. O gelo tilintou no copo de Rahim Khan quando ele se sentou a meu lado. — Não sabia que gostavas de beber.

— Mas gosto muito — respondeu. Deu-me uma cotovelada e disse, num tom brincalhão: — No entanto, só bebo em ocasiões muito especiais.

— Obrigado — agradeci com um sorriso.

Apontou o copo para mim e bebeu um gole. Acendeu um cigarro, um dos cigarros paquistaneses sem filtro que ele e o meu pai estavam sempre a fumar.

— Alguma vez te contei que um dia estive quase a casar-me?

— A sério? — perguntei, sorrindo com a ideia de Rahim Khan casado. Sempre o considerara o *alter ego* de Baba, o meu mentor literário, o meu amigo, o único que nunca se esquecia de me trazer uma recordação, um *saughat*, quando fazia uma viagem. Mas marido? Pai?

— É verdade. Tinha dezoito anos. O nome dela era Homaira. Uma hazara, filha dos criados dos nossos vizinhos. Era linda como um *pari*, cabelo castanho-claro, grandes olhos amendoados... Ria-se de uma maneira... Às vezes parece que estou a ouvi-la... — Rodou o copo. — Encontrávamo-nos às escondidas no pomar de macieiras do meu pai, sempre depois da meia-noite, quando toda a gente já estava a dormir. Passeávamos por baixo das árvores e eu dava-lhe a mão... Estou a embaraçar-te, Amir Jan?

— Um pouco — respondi.

— Não te faz mal nenhum ouvir — disse, puxando nova fumaça. — Bem, mas tínhamos um sonho. Havíamos de fazer uma festa de casamento enorme, convidar os amigos e parentes de Cabul a Kandahar. Eu construía uma casa grande para nós, branca, com um pátio de azulejos e grandes janelas. Plantávamos árvores de fruto no jardim, todo o tipo de flores e um relvado para os nossos filhos brincarem. Às sextas-feiras, depois do namaz na mesquita, convidávamos toda a gente para ir almoçar a nossa casa e comíamos no jardim, à sombra das cerejeiras, bebíamos água fresca do poço. Depois tomávamos chá com bolos e víamos os nossos filhos brincar com os primos...

Bebeu um longo gole de uísque. Tossiu.

— Devias de ver a cara do meu pai quando lhe falei disto. A minha mãe até desmaiou. As minhas irmãs tiveram de atirar água para cima dela. Puseram-se a abaná-la e a olhar para mim como se eu lhe tivesse torcido o pescoço. O meu irmão Jalal foi mesmo buscar a espingarda, só que o meu pai deteve-o. — Rahim Khan soltou uma gargalhada amarga. — Era Homaira e eu contra o mundo. Mas digo-te uma coisa, Amir: o mundo ganha sempre. Essa é que é a verdade.

— E depois, o que aconteceu?

— Nesse mesmo dia, o meu pai pôs Homaira e a família dela num camião e mandou-os para Hazarajat. Nunca mais voltei a vê-la.

— Lamento muito.

— Provavelmente foi melhor assim — disse Rahim Khan, encolhendo os ombros. — Ela ia sofrer muito. A minha família nunca a aceitaria como igual. Não é fácil mandar uma pessoa engraxar os sapatos hoje e chamar-lhe irmã no dia seguinte. — Olhou para mim. — Sabes, podes contar-me o que tu quiseres, Amir Jan. Quando quiseres.

— Eu sei — respondi, com pouca convicção. Ele olhou para mim durante algum tempo, os olhos pretos sem fundo a sugerir um segredo só nosso. Por instantes, apeteceu-me contar-lhe. Apeteceu-me contar-lhe tudo, mas o que iria ele pensar de mim? Passaria a odiar-me, e com toda a razão.

— Toma — estendeu-me qualquer coisa. — Ia-me esquecendo. Feliz aniversário. — Era um caderno com uma capa de couro castanho. Passei os dedos pela lista dourada que corria ao longo das margens. Cheirei o couro. — Para as tuas histórias — explicou. Eu ia agradecer-lhe quando ouvi uma explosão e partículas de fogo iluminaram o céu.

— Fogo de artifício!

Corremos para casa e encontrámos os convidados de pé no jardim, a olhar para cima. Crianças assobiavam e gritavam a cada nova explosão. As pessoas aplaudiam, batiam palmas sempre que um novo foguete rebentava e subitamente se desfazia em raios vermelhos, verdes e amarelos.

À luz de um desses breves clarões vi uma cena que nunca esquecerei: Hassan a servir refrescos a Assef e a Wali numa bandeja de prata. A luz apagou-se, um silvo, ou estouro, depois novo brilho laranja: Assef, a sorrir, empurrando o peito de Hassan com a soqueira.

Logo a seguir, graças a Deus, a escuridão.

NOVE

Na manhã seguinte, sentado no chão do meu quarto, comecei a desembrulhar os presentes um a um. Não sei para que me dava a esse trabalho, pois limitava-me a deitar-lhes um olhar satisfeito e a atirá-los para o canto. A pilha crescia a olhos vistos: uma polaroide, um rádio portátil, um comboio elétrico completíssimo, e vários envelopes fechados com dinheiro. Eu sabia que nunca havia de gastar aquele dinheiro nem de ouvir aquele rádio e que o comboio elétrico nunca viajaria sobre os seus carris pelo meu quarto. Não queria nada daquilo. Era tudo pagamento de um serviço; Baba nunca me teria organizado uma festa daquelas se eu não tivesse vencido o torneio.

Baba deu-me dois presentes. Um ia de certeza despertar a inveja de todos os miúdos das redondezas: uma *Schwinn Stingray* novinha em folha, a rainha das bicicletas. Só meia dúzia de miúdos de Cabul tinha uma *Stingray* e agora eu era um deles. Tinha um guiador alto com punhos de borracha preta e o famoso selim em forma de banana. Os raios eram dourados e a estrutura vermelha, como uma maçã cristalizada. Ou como o sangue. Qualquer outro miúdo teria saltado imediatamente para cima da bicicleta nova e dado uma volta completa ao bairro. Eu também o teria feito uns meses antes.

— Gostas? — perguntou Baba, encostado à ombreira da porta do meu quarto. Dirigi-lhe um sorriso e um «obrigado» rápido. Quem me dera ter dito mais qualquer coisa.

— Podíamos ir dar um passeio — disse Baba. Um convite, mas só meio sincero.

— Mais tarde, talvez. Estou cansado.

— Claro — concordou Baba.

— Baba?

— Sim?

— Obrigado pelo fogo de artifício — disse-lhe. Um agradecimento, mas só meio sincero.

— Descansa um pouco — respondeu Baba, dirigindo-se para o seu quarto.

O outro presente que Baba me deu — mas este não ficou à espera que eu o abrisse — foi um relógio de pulso. Tinha o mostrador azul e ponteiros dourados em forma de relâmpagos. Nem o experimentei. Atirei-o para o canto onde estava a pilha de brinquedos. A única prenda que não atirei para esse monte foi o caderno de capa de couro que Rahim Khan me ofereceu. Foi a única coisa que não me pareceu ser pagamento mercenário.

Sentei-me aos pés da cama com o caderno nas mãos e pensei no que Rahim Khan dissera a propósito de Homaira, que o facto de o pai a ter mandado embora talvez tivesse sido a melhor solução. «Ela ia sofrer muito.» Como quando o projetor de Kaka Homayoun emperrava num *slide* e a mesma imagem ficava a faiscar vezes sem conta na minha cabeça: Hassan, de cabeça baixa, a servir bebidas a Assef e a Wali. Talvez tivesse mesmo sido melhor assim. Fosse como fosse, uma coisa era evidente: um de nós tinha de partir.

Ao fim dessa tarde, peguei na *Schwinn* para a sua primeira e última corrida. Pedalei em volta do bairro umas poucas de vezes e voltei. Desci a rua até ao quintal das traseiras onde Hassan e Ali limpavam os vestígios da festa da noite anterior. Copos de papel, guardanapos amarrotados e garrafas de soda vazias cobriam o chão. Ali dobrava cadeiras e encostava-as à parede. Viu-me e acenou-me.

— *Salaam*, Ali — respondi, devolvendo o aceno.

Esticou um dedo, pedindo-me que aguardasse, e dirigiu-se aos seus aposentos. Instantes depois apareceu com qualquer coisa nas mãos.

— Ontem não houve oportunidade para Hassan e eu lhe darmos isto — disse, entregando-me uma caixa. — É humilde e não está à sua altura, Amir Agha. Mas esperamos que mesmo assim goste. Parabéns.

Senti um nó aumentar de volume na minha garganta.

— Obrigado, Ali — disse. Só queria que eles não me tivessem dado nada. Abri a caixa e lá dentro estava um *Shahnamah* novo em folha, com capa dura e belas ilustrações coloridas por baixo dos textos. Ali estava Ferangis a olhar para o filho recém-nascido, Kai Khosrau. Mais além, Afrasiyab montava o seu cavalo, de espada em

riste, chefiando o seu exército. E, claro, Rostam infligindo a ferida mortal no seu filho, o guerreiro Sohrab.

— É lindo — comentei.

— Hassan disse que o seu estava velho e rasgado e que lhe faltavam algumas páginas — explicou Ali. — Nesse, as ilustrações foram todas feitas à mão com caneta e tinta — acrescentou, orgulhoso, deitando o olho a um livro que nem ele nem o filho alguma vez iriam ler.

— É maravilhoso — respondi. E era. E, desconfiei, nada barato. Quis dizer-lhe que eu é que não estava à altura do livro, e não o contrário. Saltei para cima da bicicleta. — Agradece por mim ao Hassan.

Acabei por atirar o livro para a pilha de brinquedos ao canto do meu quarto. Mas, como os meus olhos estavam sempre a procurá-lo, enfiei-o por baixo dos outros todos. Nessa noite, antes de ir para a cama, perguntei a Baba se sabia onde estava o meu relógio novo.

No dia seguinte, esperei no meu quarto que Ali levantasse a mesa do pequeno-almoço. Esperei que ele lavasse a loiça, limpasse as bancadas. Olhei pela janela do meu quarto até ver Ali e Hassan irem ao bazar comprar mercearias, empurrando à sua frente os carros de mão ainda vazios.

Então, fui buscar alguns envelopes com dinheiro e o relógio à pilha de presentes e saí em bicos de pés. Parei diante do escritório de Baba e escutei. Estava lá fechado desde manhã cedo, a fazer telefonemas. Naquele instante falava com alguém acerca de uma encomenda de tapetes que devia chegar na semana seguinte. Desci as escadas, atravessei o quintal e entrei na casa de Ali e de Hassan ao pé da nespereira. Levantei o colchão de Hassan e coloquei por baixo dele o meu relógio novo e um punhado de notas afegãs.

Esperei mais trinta minutos. Então bati à porta de Baba e contei-lhe o que esperei ser a última de uma longa lista de ignóbeis mentiras.

Pela janela do meu quarto, vi Ali e Hassan empurrarem os carrinhos de mão cheios de carne, frutos e legumes rua acima. Vi Baba sair de casa e dirigir-se a Ali. As bocas deles mexiam-se, pronunciando palavras que eu não conseguia ouvir. Baba apontou

para a casa e Ali fez que não com a cabeça. Separaram-se. Baba voltou para casa e Ali e Hassan foram para casa deles.

Instantes depois, Baba bateu à minha porta.

— Chega aqui ao meu escritório — ordenou. — Vamos ter uma conversa e todos juntos resolver este assunto.

Entrei no escritório de Baba e sentei-me numa das poltronas de couro. Só daí a trinta minutos ou mais é que Hassan e Ali foram ter connosco.

Tinham estado ambos a chorar; percebi pelos olhos inchados e vermelhos. Ficaram de pé à frente de Baba, de mãos dadas, e eu perguntei a mim próprio como tinha sido capaz de causar tanto sofrimento.

Baba foi direito ao assunto e perguntou:

— Roubaste aquele dinheiro? Roubaste o relógio de Amir, Hassan?

A resposta de Hassan foi uma palavra simples proferida numa voz baixa e sumida:

— Sim.

Estremeci, como se me tivessem batido. O meu coração parou e a verdade ia-me saindo pela boca. Mas depois percebi tudo. Aquele era o último sacrifício de Hassan por mim. Se ele respondesse que não, Baba acreditava nele, porque todos sabíamos que Hassan só falava verdade. E, se Baba acreditasse nele, o faltoso seria eu; eu teria de explicar e revelaria quem na verdade era. Baba nunca, jamais, me perdoaria. E isso fez-me perceber ainda outra coisa: Hassan sabia. Sabia que eu tinha visto tudo o que se passara no beco, que eu estava lá e não fiz nada. Sabia que eu o tinha traído, e no entanto estava de novo a resgatar-me, provavelmente pela última vez. Amei-o naquele instante, amei-o como nunca amei ninguém e quis dizer a toda a gente que eu era a cobra que se escondia entre as ervas, o monstro do lago. Que eu não merecia aquele sacrifício: era mentiroso, desonesto e ladrão. E teria revelado tudo se uma parte de mim não estivesse radiante. Radiante por tudo aquilo ir terminar em breve. Baba iria despedi-los, haveria um pouco de dor, mas a vida seguiria em frente. Era o que eu queria, seguir em frente, esquecer, apagar tudo o que estava escrito na ardósia. Queria poder voltar a respirar.

Mas Baba deixou-me boquiaberto quando lhe disse:

— Estás perdoado.

Perdoado? Mas o roubo era o tal pecado imperdoável, o denominador comum de todos os pecados. «Quando alguém mata um homem, rouba uma vida. Rouba à mulher dele um marido, um pai aos seus filhos. Quando dizemos uma mentira, roubamos a alguém o direito à verdade. Quando somos desonestos, roubamos o direito à honestidade. Não há nada mais abjeto que o roubo.» Não me tinha Baba sentado ao colo e dito aquelas palavras? Então, como podia agora perdoar Hassan? E, se era capaz de perdoá-lo, porque não me perdoava a mim não ser o filho com que sempre sonhara? Porquê...

— Vamos embora, Agha Sahib — disse Ali.

— Como? — gritou Baba, empalidecendo.

— Não podemos viver mais aqui.

— Mas eu perdoei-lhe, Ali, não ouviste?

— Viver aqui é impossível para nós agora, Agha Sahib. Vamos embora. — Ali puxou Hassan para si, pôs os braços em volta do filho. Era um gesto de proteção, e eu sabia de quem Ali estava a protegê-lo. Ali olhou na minha direção, um olhar frio, implacável, que me disse que Hassan lhe tinha contado tudo. Tudo o que havia a contar, sobre o que Assef e os amigos lhe fizeram, o papagaio, sobre mim. Por estranho que pareça, fiquei contente por alguém saber quem eu realmente era: estava cansado de fingir.

— Não quero saber do dinheiro nem do relógio — protestou Baba, de braços abertos e mãos no ar. — Não compreendo porque estás a fazer isto... «Impossível» porquê?

— Lamento, Agha Sahib, mas os nossos sacos estão prontos. A nossa decisão está tomada.

Baba pôs-se de pé, a dor estampada no rosto.

— Ali, faltei-te com alguma coisa? Tratei-te mal a ti ou a Hassan? Tu és o irmão que eu nunca tive, Ali, sabes muito bem. Por favor, não me faças uma coisa destas.

— Não torne tudo mais difícil do que já é, Agha Sahib — respondeu Ali. A boca dele contorceu-se e por instantes julguei ver uma careta. Foi só nesse momento que me dei conta da profundidade da dor que tinha causado, da espessura do desgosto

que eu infligira a todos, pois nem a face paralisada de Ali conseguia esconder o sofrimento. Obriguei-me a olhar para Hassan, mas ele tinha a cabeça baixa, os ombros descaídos, o dedo a enrodilhar uma linha solta da camisa.

Baba falava agora num tom de súplica:

— Ao menos diz-me porquê. Preciso de saber.

Ali não respondeu a Baba, tal como não abriu a boca quando Hassan confessou o roubo. Nunca saberei porquê, mas imaginei-os aos dois a chorar naquela barraca escura. Só não consegui imaginar o quanto custou a Ali manter-se fiel à sua palavra.

— Leva-nos à estação das camionetas?

— Proíbo-os de fazerem uma coisa destas! — trovejou Baba. — Estás a ouvir? Proíbo-os.

— Com todo o respeito, não nos pode proibir nada, Agha Sahib — disse Ali. — Já não trabalhamos para si.

— Para onde é que vocês vão? — a sua voz estava quase a traí-lo.

— Hazarajat.

— Para casa do teu primo?

— Sim. Leva-nos à estação das camionetas, Agha Sahib?

Vi então Baba fazer uma coisa que nunca o tinha visto fazer antes: começou a chorar. Assustou-me um pouco, ouvir um adulto soluçar. Um pai não chora.

— Por favor — implorava Baba, mas Ali já caminhava em direção à porta, arrastando Hassan atrás de si. Nunca me esquecerei de Baba a dizer aquilo, da dor na sua voz, do medo.

Em Cabul era raro chover no verão. O céu estava sempre azul e limpo, o sol queimava-nos a nuca como um ferro em brasa. Os ribeiros onde Hassan e eu saltávamos de pedra em pedra na primavera secavam e os riquexós levantavam nuvens de poeira à sua passagem. As pessoas enfiavam-se nas mesquitas para as dez *raka'ts* da oração do meio-dia e quando saíam iam dormir a sesta na primeira sombra que lhes aparecesse à frente, à espera da frescura do fim da tarde. O verão significava longos dias na escola a suar em aulas pequenas e superlotadas, com má ventilação, a aprender a recitar *ayats* do Alcorão, a lutar com aquelas palavras árabes que nos obrigavam a retorcer a língua. Significava apanhar moscas à

mão enquanto o mulá passava pelas brasas, e uma brisa quente fazia o mau cheiro da retrete exterior atravessar o pátio, cobrindo de poeira o aro do solitário cesto de básquete.

Mas choveu na tarde em que Baba levou Ali e Hassan à estação das camionetas. Rolos de nuvens negras surgiram a rolar no céu, pintando-o de cinzento cor de chumbo. Minutos depois, a chuva começou a cair, o silvo regular da água contra o chão encheu-me os ouvidos.

Baba ofereceu-se para conduzi-los ele mesmo a Bamiyan, mas Ali não aceitou. Pela cortina de chuva da janela consegui ver Ali içar a mala onde cabia tudo o que eles possuíam para o carro de Baba, que esperava, indolente, já fora do portão. Hassan enrolou o seu colchão, atou-o com uma corda e colocou-o às costas. Deixou todos os seus brinquedos na barraca vazia — fui dar com eles no dia seguinte, empilhados a um canto, tal como os presentes de aniversário no meu quarto.

Gotas de chuva escorriam pelos vidros da minha janela. Vi Baba fechar a bagageira do carro. Ensopado, dirigiu-se ao lugar do condutor. Pelo caminho, debruçou-se e disse qualquer coisa a Ali, que ia no banco traseiro, talvez uma última tentativa vã para fazê-lo mudar de ideias. Falaram ainda algum tempo, Baba cada vez mais encharcado, inclinado, com um braço esticado por cima do tejadilho. Mas, quando ele se endireitou e encolheu os ombros, percebi que a vida que eu conhecia desde o dia do meu nascimento chegara ao fim. Baba entrou. Os faróis acenderam-se e projetaram colunas de luz na chuva. Se fosse num daqueles filmes indianos que Hassan e eu costumávamos ver, aquela era a parte em que eu saía a correr, os pés descalços a chapinhar na água que cobria o chão. Corria atrás do carro, gritava-lhe que parasse. Arrancava Hassan do banco e dizia-lhe que estava arrependido, tão arrependido, as minhas lágrimas misturadas com a chuva. E abraçávamo-nos debaixo de uma grande carga-d'água. Mas não se tratava de um filme indiano. Eu estava arrependido, mas não chorei nem persegui o carro. Vi o carro de Baba arrancar, levando lá dentro a pessoa cuja primeira palavra falada tinha sido o meu nome. Consegui entrever Hassan pela última vez, enterrado no banco de trás, antes de Baba virar à esquerda na esquina onde tantas vezes jogámos ao berlinde.

Recuei um passo e já só vi através das vidraças uma chuva que parecia prata derretida.

DEZ

Março de 1981

Ia uma jovem sentada à nossa frente. Usava um vestido verde-azeitona e um lenço preto que lhe tapava o rosto, a protegê-lo do frio da noite. Desatava a rezar sempre que a camioneta fazia um movimento brusco ou pisava um buraco, o seu «*Bismillah!*» a subir de tom com cada sacudidela ou safanão. O marido, um homem entroncado de calças largas e turbante azul-celeste, embalava uma criança num braço e passava as contas de um rosário com a mão livre. Havia mais pessoas, cerca de uma dúzia, entre elas Baba e eu, sentados com as malas entre as pernas, encafuados, juntamente com os outros desconhecidos, na caixa com cobertura de oleado de um velho camião russo.

As minhas entranhas ainda não tinham parado de rebolar desde a partida de Cabul às duas da manhã. Baba nunca tocava no assunto, mas eu sabia que ele considerava o facto de eu enjoar nas viagens mais uma manifestação da minha debilidade, vi-o no rosto embaraçado dele nas várias vezes que senti o estômago de tal maneira apertado que não consegui deixar de gemer. Quando o tipo entroncado do rosário, o marido da mulher que ia a rezar, perguntou se eu queria vomitar, respondi que talvez. Baba virou a cara. O homem levantou a ponta do oleado e bateu na janela do condutor, pedindo-lhe que parasse. Mas o condutor, Karim, um homem esquelético e de pele escura, com feições angulosas de falcão e um bigode fino, fez que não com a cabeça.

— Estamos quase em Cabul — gritou de volta. — Diga-lhe que aguente.

Baba resmungou qualquer coisa entredentes. Quis pedir-lhe que me perdoasse, mas de repente estava a salivar, com um gosto a bílis ao fundo da garganta. Inclinei-me, levantei a lona e vomitei pela borda do camião em andamento. Atrás de mim, Baba pedia desculpa aos outros passageiros. Como se o enjoo das viagens fosse um crime. Como se uma pessoa de dezoito anos não pudesse enjoar. Vomitei mais duas vezes antes de Karim aceder a parar, antes que eu empestasse o seu veículo, o seu ganha-pão. Karim

era contrabandista de pessoas, um negócio bastante lucrativo na época, levava gente da Cabul ocupada pelos *shorawi* para o relativamente próximo Paquistão. Agora conduzia-nos a Jalalabad, cerca de cento e setenta quilómetros a sudeste de Cabul, onde o irmão, Toor, que tinha um camião maior com uma segunda leva de refugiados, aguardava para nos levar a todos pelo Khyber Pass até Peshawar.

Estávamos a poucos quilómetros das cataratas de Mahipar quando Karim encostou na berma. Mahipar, que significa «Peixe-Voador», era um penhasco alto com uma encosta a pique e vista para a central hidroelétrica que os alemães construíram para o Afeganistão em 1967. Baba e eu tínhamos atravessado o cume inúmeras vezes nas nossas idas a Jalalabad, a cidade dos ciprestes e das plantações de cana-de-açúcar, onde os afegãos passavam férias no inverno.

Saltei pela traseira do camião e agachei-me no aterro poeirento à beira da estrada. Tinha a boca cheia de saliva, sinal de que vinham aí mais vómitos. Cambaleei até à beira da escarpa sobranceira ao vale profundo, envolto em escuridão. Parei, de mãos nos joelhos, e esperei pela bílis. Algures, um tronco rangeu, uma coruja piou. O vento, suave e frio, fazia estalar os arbustos que salpicavam a encosta. E lá de baixo vinha o som brando da água a serpentear pelo vale.

De pé na curva da estrada, pensei no modo como tínhamos deixado a casa onde vivera toda a minha vida, como se tivéssemos ido apenas jantar fora: pratos sujos de *kofta* empilhados no lava-loiça; roupa suja no cesto de vime do corredor; as camas por fazer; os fatos de Baba pendurados no armário. As tapeçarias ficaram nas paredes da sala e os livros da minha mãe nas prateleiras do escritório de Baba. Os sinais da nossa fuga eram subtis: o retrato do casamento dos meus pais não estava lá, nem a fotografia desfocada do meu avô e do rei Nader Shah, com o pé em cima do veado morto. Algumas peças de vestuário não estavam nas gavetas. O caderno de capa de couro que Rahim Khan me oferecera cinco anos antes também não.

De manhã, Jalaluddin, o nosso sétimo criado em cinco anos, iria talvez pensar que tínhamos ido dar uma volta a pé ou de automóvel.

Não lhe contámos nada. Já não se podia confiar em ninguém em Cabul, por algum dinheiro, ou sob ameaça, as pessoas denunciavam quem fosse preciso, o vizinho, o filho, o pai, o irmão, o criado, o patrão, o amigo. Lembrei-me do músico Ahmad Zahir, que tocara acordeão na festa dos meus treze anos. Foi passear com uns amigos e depois encontraram o corpo dele à beira da estrada com uma bala na cabeça. Os *rafiqs*, os camaradas, estavam em toda a parte e tinham dividido Cabul em dois grupos: os que davam com a língua nos dentes e os que não davam. A parte pior era que ninguém sabia quem era quem. Uma simples troca de palavras com o alfaiate durante uma prova podia abrir as portas das masmorras de Poleh-charkhi. Um comentário acerca do recolher obrigatório e, de um minuto para o outro, estava-se atrás das grades a olhar para a ponta de uma *Kalachnikov*. Mesmo à mesa das refeições, na intimidade das suas casas, as pessoas tinham de ter cuidado com o que diziam — também havia *rafiqs* nas salas de aula; mandavam as crianças espiar os pais, diziam-lhes ao que deviam estar atentas, a quem deviam ir contar.

Que fazia eu naquela estrada a meio da noite? Devia estar na cama, debaixo dos cobertores, um livro com os cantos das páginas dobrados a meu lado. Era só um pesadelo. Tinha de ser. No dia seguinte eu ia acordar, espreitar pela janela: nenhum russo de cara fechada a patrulhar os passeios, nenhum tanque a subir e a descer as ruas da minha cidade, as torres de tiro voltadas para cima como dedos acusatórios, nenhuns destroços, nenhum recolher obrigatório, nenhuns veículos de transporte de tropas russas a abrir caminho nos bazares. Então, atrás de mim, ouvi Baba e Karim combinar o que se seguiria a Jalalabad enquanto fumavam. Karim garantia a Baba que o seu irmão tinha um grande camião «excelente e de primeira qualidade» e que sabia de cor o percurso para Peshawar.

— Pode levá-los lá de olhos fechados — disse Karim. Ouvi-o contar a Baba que ele e o irmão conheciam os soldados russos e afegãos que se ocupavam dos postos de controlo e que tinham estabelecido com eles um acordo «mutuamente proveitoso». Aquilo não era sonho. Como se tivesse ouvido a sua deixa, um *MiG* passou a rugir. Karim atirou para o chão o seu cigarro e puxou a pistola do

cinto. Apontando-a para o céu e fazendo o gesto de disparar, cuspiu e praguejou contra o *MiG*.

Perguntei a mim próprio onde estaria Hassan. Depois, o inevitável. Vomitei para cima de um emaranhado de ervas, o barulho abafado pelo ronco ensurdecedor do *MiG*.

Parámos no posto de controlo de Mahipar vinte minutos depois. O condutor deixou o camião preguiçar e desceu para saudar as vozes que se aproximavam. Ouviu-se esmagar a gravilha. Trocar-se palavras. Breves e surdas. O estalido de um isqueiro. «*Spasseba*.»

Outro estalido de isqueiro. Alguém riu, um som estridente e frio que me fez dar um pulo. A mão de Baba pousou na minha anca. O homem que se ria começou a cantar uma versão pouco fiel e desafinada de uma velha canção de casamento afegã, interpretada com um forte sotaque russo:

> *Ahesta boro, Mah-e-man, ahesta boro.*
> *Vai devagar, minha linda Lua, vai devagar.*

Botas pisaram o asfalto. Alguém levantou a lona da traseira do camião e três rostos espreitaram lá para dentro. Um pertencia a Karim, os outros a dois soldados, um afegão, o outro um russo sorridente, que lembrava um buldogue, cigarro ao canto da boca. Por trás deles, uma Lua cor de osso pendia no céu. Karim e o soldado afegão tinham trocado algumas palavras em pastó. Ouvi algumas, qualquer coisa que ver com Toor e o seu azar. O soldado russo enfiou a cabeça na traseira do camião. Enquanto cantarolava a canção de casamento tamborilava com os dedos na borda da abertura móvel. Mesmo à luz ténue da Lua, reparei no olhar frio com que examinava os passageiros. Fixou os olhos na jovem de xaile preto. Falou em russo com Karim sem tirar os olhos dela. Karim disse uma frase breve em russo, à qual o soldado respondeu ainda mais laconicamente. O soldado afegão voltou a falar, num tom baixo e sensato. Mas o soldado russo gritou qualquer coisa que fez os outros dois estremecer. Senti Baba ficar hirto a meu lado. Karim aclarou a garganta, baixou a cabeça. Disse que o soldado precisava de falar durante uma meia hora com a senhora que ia ao fundo do camião.

A jovem tapou o rosto com o xaile. A criança que ia ao colo do seu marido desatou a chorar. O rosto do marido estava branco como

a Lua lá no alto. Ele disse a Karim que pedisse ao «Senhor Soldado Sahib» um pouco de compaixão, talvez ele tivesse uma mãe ou irmã, se calhar uma esposa? O russo ouviu Karim e berrou uma série de palavras.

— É o preço para nos deixar passar — disse Karim. Não conseguia olhar o marido de frente.

— Mas já pagámos o preço ajustado. E não foi pouco — protestou o marido.

Karim e o russo conversaram.

— Ele diz... diz que todos os preços pagam impostos.

Então Baba levantou-se. Foi a minha vez de agarrar a coxa dele, mas Baba soltou-se, afastou-se. De pé, eclipsava o luar.

— Quero que perguntes uma coisa a esse homem — disse Baba. Estava a falar com Karim, mas tinha os olhos postos no russo. — Pergunta-lhe se não tem vergonha na cara.

Falaram os dois.

— Ele diz que estamos em guerra. Em guerra não há vergonha.

— Pois diz-lhe que está muito enganado. A guerra não anula a dignidade. Exige-a, ainda mais que a paz.

«Tens de ser sempre o herói?», pensei, com o coração aos pulos. «Não podes deixar de interferir uma vez na vida?» Mas eu sabia que não, não era a natureza dele. O problema era que a sua natureza ia matar-nos a todos.

O soldado russo disse qualquer coisa a Karim, de sorriso nos lábios.

— Agha Sahib — disse Karim —, estes *roussi* não são como nós. Não sabem o que é o respeito, a honra.

— O que disse ele?

— Disse que lhe vai dar tanto gozo enfiar uma bala em si como... — Karim não terminou a frase, mas indicou com a cabeça a jovem que atraíra a atenção do guarda. O soldado deitou fora o cigarro e tirou a arma do coldre. «É agora que Baba vai morrer. Então a morte dele vai ser assim.» Mentalmente, rezei uma oração que aprendera na escola.

— Diz-lhe que prefiro levar mil tiros a deixar tal ignomínia acontecer — respondeu Baba. A minha mente recuou até àquele dia de inverno, seis anos atrás — eu à espreita, na esquina que dava

para o beco. Kamal e Wali a segurar Hassan. Os músculos das nádegas de Assef a contraírem-se e a descontraírem-se, as ancas dele para a frente e para trás. Que grande herói eu tinha sido, só a pensar no papagaio. Por vezes, até eu duvidava de que era filho de Baba.

O russo com cara de buldogue levantou a arma.

— Baba, senta-te, por favor — pedi, puxando-o pela manga. — Ele vai mesmo dar-te um tiro.

Baba afastou a minha mão.

— Não te ensinei nada? — perguntou. Voltou-se para o sorridente soldado. — Ele que me mate logo ao primeiro disparo. Porque, se ele não me abater, desfaço-o eu, raios o partam!

O soldado continuou a sorrir, imperturbável, enquanto ouvia a tradução. Engatou a arma. Apontou o cano ao peito de Baba. Eu tinha o coração na boca e tapei a cara com as mãos.

A arma disparou.

«Já está. Tenho dezoito anos e estou só no mundo. Não tenho ninguém. Baba morreu e agora tenho de enterrá-lo. Onde? E depois disso que será de mim?»

Mas o rodopio de ideias na minha cabeça parou mal abri os olhos e vi que Baba continuava de pé. Vi um segundo agente russo junto aos outros. Era do cano da sua arma voltada para cima que o fumo saía. O soldado que ia alvejar Baba já tinha guardado a arma. Estava a esfregar os pés no chão. Nunca senti tanta vontade de chorar e rir ao mesmo tempo.

O segundo soldado russo, de cabelo grisalho e entroncado, falou-nos num péssimo parse. Pediu desculpa pelo comportamento do companheiro.

— A Rússia manda-os para cá combater — explicou. — Mas são apenas rapazes, e quando chegam não descansam enquanto não descobrem os prazeres da droga — lançou ao jovem soldado o olhar furioso de um pai exasperado com o mau comportamento do filho. — Este está completamente pedrado. Queria ver se o convencia a desistir... — e despediu-se com um aceno.

Momentos depois, arrancámos. Ouvi uma gargalhada, depois a voz do primeiro soldado, arrastada e desafinada, a cantar a velha canção de casamento.

Depois de seguirmos em silêncio durante cerca de quinze minutos, o marido da jovem pôs-se de pé e fez uma coisa que eu já vira muita gente fazer: beijou a mão de Baba.

Azar de Toor. Não tinha já ouvido falar dele numa conversa em Mahipar?

Entrámos em Jalalabad uma hora antes de o Sol nascer. Karim conduziu-nos rapidamente do camião para uma casa térrea que ficava no cruzamento de duas estradas de terra batida ladeadas por outras casas de um só piso, acácias e lojas fechadas. Puxei para cima a gola do meu casaco, pois o frio era muito, e corremos para a casa, a arrastar os nossos pertences. Não sei porquê, lembro-me de que cheirava a rabanetes.

Depois de nos conduzir a uma sala escassamente mobilada e quase às escuras, Karim trancou a porta da frente e correu os lençóis velhos que faziam de cortinas. Depois respirou fundo e deu-nos a má notícia: o irmão dele, Toor, não podia levar-nos a Peshawar. O motor do camião dele tinha-se avariado na semana anterior e Toor ainda estava à espera que viessem as peças.

— Na semana passada? — alguém perguntou. — Se já o sabias, porque nos trouxeste até aqui?

Pelo canto do olho, senti alguma agitação. Depois qualquer coisa voou pela sala e quando dei por mim Karim estava encostado à parede, os pés com sandálias a balouçar, a meio metro do chão. Em volta do seu pescoço, as mãos de Baba.

— Eu explico porquê — disse Baba. — Porque assim recebeu a parte dele da viagem. Nem quis saber de mais nada. — Karim emitia ruídos guturais, como se estivesse engasgado. A saliva escorria-lhe dos cantos da boca.

— Põe-no no chão, *agha*, vais matá-lo — disse um dos passageiros.

— É isso mesmo que eu pretendo — respondeu Baba. O que nenhum deles sabia era que Baba não estava a brincar. Karim esperneava, cada vez mais vermelho. Baba continuou a apertar-lhe o pescoço até a jovem mãe, aquela com quem o agente russo se havia metido, lhe suplicar que parasse.

Karim caiu ao chão e rolou, tentando respirar, quando Baba por fim o soltou. A sala ficou em silêncio. Menos de duas horas antes,

Baba tinha-se oferecido para levar um tiro no lugar de uma mulher que nem conhecia. Agora quase estrangulara um homem e tê-lo-ia feito sem dificuldade não fossem as súplicas justamente dessa mulher.

Algo caiu na sala ao lado. Ao lado, não, por baixo.

— Que foi isto? — alguém perguntou.

— Os outros — balbuciou Karim, ofegante. — Na cave.

— Há quanto tempo estão eles à espera? — perguntou Baba, de pé junto a Karim.

— Duas semanas.

— Pareceu-me ouvir-te dizer que o camião se avariou na semana passada.

Karim esfregou a garganta.

— Talvez tenha sido na semana anterior.

— Quanto tempo?

— O quê?

— Quanto tempo demoram as peças a chegar? — rugiu Baba. Karim estremeceu mas não deu resposta. Fiquei contente por estarmos às escuras. Não queria ver o olhar de um criminoso no rosto de Baba.

* * *

Um fedor a bafio, a mofo, penetrou nas minhas narinas no instante em que Karim abriu a porta que dava para a escada apodrecida que levava à cave. Descemos em fila indiana. Os degraus gemeram sob o peso de Baba. De pé na cave fria, senti-me observado pelos olhos que cintilavam na escuridão. Vi formas agachadas espalhadas pelo chão, as suas silhuetas projetadas nas paredes pela luz ténue de dois candeeiros a petróleo. Um murmúrio atravessou a cave, por cima do barulho de água a gotejar algures e de outra coisa qualquer, arranhadelas.

Atrás de mim, Baba suspirou e pousou as malas.

Karim disse-nos que o camião ficaria pronto dentro de pouco tempo, um dia, no máximo dois. Depois partiríamos para Peshawar. Para a liberdade. Para a segurança.

A cave foi a nossa casa durante a semana seguinte e ao terceiro dia descobri a fonte daqueles sons que pareciam arranhadelas.

Ratazanas.

Com os olhos já habituados à escuridão, contei cerca de trinta refugiados naquela cave. Sentados no chão, ombro com ombro, encostados às paredes, a comer bolachas, pão com tâmaras, maçãs. Naquela primeira noite, todos os homens rezaram juntos. Um dos refugiados perguntou a Baba porque não os acompanhava.

— Deus vai salvar-nos a todos. Porque não lhe reza?

Baba cuspiu um pouco do seu rapé. Esticou as pernas.

— O que nos vai salvar são oito cilindros e um bom carburador — e com isso encerrou definitivamente o capítulo das perguntas sobre Deus.

Foi a meio dessa noite que percebi que duas das pessoas que estavam escondidas connosco eram Kamal e o pai. Já não foi um choque pequeno ver Kamal sentado no chão da cave, a poucos metros de distância. Mas quando ele e o pai atravessaram a cave e vieram para o nosso lado e dei de caras com Kamal...

Estava murcho, não havia outra palavra para o descrever. Olhou-me com uma expressão vazia e sem me reconhecer. Os ombros caídos, as faces encovadas, como se não tivessem forças para aderir ao osso por baixo delas. O pai, que era o proprietário de um cinema em Cabul, estava a contar a Baba que, três meses antes, uma bala perdida tinha atingido a sua mulher, que se encontrava no templo, matando-a. Depois falou de Kamal a Baba. Só ouvi umas frases soltas: «Nunca devia tê-lo deixado ir sozinho... sempre tão bem-parecido, sabe... eram quatro... tentou resistir... Deus... escolheu-o... a sangrar por ali abaixo... as calças... deixou de falar... para ali está...»

Não havia camião, disse Karim, depois de termos passado uma semana fechados naquela cave infestada de ratazanas. O camião não tinha arranjo.

— Não há alternativa — disse Karim, numa voz que mal se ouvia entre os protestos. O primo tinha um camião de transporte de combustível e já levara gente lá dentro uma ou duas vezes. Encontrava-se em Jalalabad e talvez nos pudesse levar a todos.

Todos decidiram tentar, à exceção de um casal de idosos.

Partimos nessa noite, Baba e eu, Kamal e o pai, e os outros. Karim e o primo, um homem careca de feições angulosas chamado Aziz, ajudaram-nos a entrar para o depósito de combustível. Um a um, subimos pela traseira do camião, trepámos pela escada de acesso e deslizámos para dentro do depósito. Lembro-me de que Baba, quando estava a meio da escada, voltou a descer e tirou a caixa de rapé do bolso das calças. Esvaziou-a e apanhou uma mão-cheia de terra da estrada meio pavimentada. Deitou-a na caixa. Arrumou a caixa no bolso interior do casaco, o que fica junto ao coração.

Pânico.

Abrimos a boca. Tanto que sentimos os maxilares estalar. Ordenamos aos pulmões que respirem. É agora que precisamos de ar, agora. Mas as vias respiratórias ignoram-nos. Cedem, dilatam, espremem-se, e de repente estamos a respirar por uma palhinha. A boca fecha-se, os lábios cerram-se, e o melhor que conseguimos é um coaxo. As mãos estremecem, sacodem-se. Uma represa rebenta algures e liberta um fluxo de suor frio, o corpo vaza. Queremos gritar. Gritaríamos se pudéssemos. Mas para gritar era preciso que respirássemos.

Pânico.

A cave era escura. Mas o depósito era negro como breu. Olhei para a direita, para a esquerda, para cima, para baixo, mexi as mãos diante dos olhos, vi apenas a sugestão de um movimento. Pisquei os olhos uma vez, duas vezes. Nada. O ar tinha algo de errado, era espesso, demasiado espesso, quase sólido. Deu-me vontade de agarrá-lo com as mãos, parti-lo em pedacinhos, enfiá-los pela garganta abaixo. E o fedor a gasolina. Tinha os olhos a arder com o vapor, como se me tivessem puxado as pálpebras para trás e esfregado os olhos com limão. O meu nariz ardia de cada vez que inspirava. «Um lugar assim deve matar», pensei. Senti um grito subir pelo meu peito acima. Lá vem ele, lá vem ele...

E depois um milagre. Baba puxou-me pela manga e viu-se um clarão verde no meio da escuridão. Luz! O relógio de pulso de Baba. Os meus olhos não largavam aqueles ponteiros fluorescentes. Tive tanto medo de perdê-los que nem pestanejei.

A pouco e pouco tomei consciência do que me rodeava. Ouvi gemidos, rezas murmuradas. Um bebé a chorar, uma mãe a serená-lo. Alguém quase a vomitar. Alguém a amaldiçoar o *shorawi*. O camião avançava, sacudindo-se. As cabeças batiam no metal.

— Pensa numa coisa boa — disse-me Baba, ao ouvido. — Feliz.

Uma coisa boa. Feliz. Deixei a minha mente divagar. E ela chegou.

Sexta-feira à tarde em Paghman. Um prado verdejante salpicado de amoreiras em flor. Hassan e eu enterrados na erva até aos joelhos, eu a segurar o cordel, o carreto a rodar nas mãos calejadas de Hassan, ambos de olhos voltados para o papagaio no céu. Não trocamos nem uma palavra, não porque não tenhamos nada para dizer, mas porque não precisamos de dizer nada — é assim entre pessoas que são a primeira recordação uma da outra, pessoas que foram amamentadas pelo mesmo peito. Uma brisa percorre a erva e Hassan deixa o cordel desenrolar-se à vontade. O papagaio rodopia, mergulha, endireita-se. As nossas sombras gémeas dançam na erva ondulante. Do muro baixo de tijolo no extremo do campo vem o som de vozes e risos e o chilrear da água numa fonte. E música, uma música antiga, bem conhecida. Creio que é *Ya Mowlah* em cordas de *rubab*. Alguém grita os nossos nomes do outro lado do muro, diz que são horas do lanche, do bolo.

Não me lembrava em que mês estávamos, nem sequer em que ano. Só sabia que a memória vivia dentro de mim, um pedaço perfeitamente definido de um passado bom, uma pincelada de cor na tela cinzenta, árida, em que as nossas vidas se tinham tornado.

O resto da viagem são pequenos fragmentos das recordações que vão e vêm, na maioria cheiros e sons: os *MiGs* a rugir por cima das nossas cabeças; o *staccato* das metralhadoras; um burro a zurrar perto, o tinir dos badalos e o bramido das ovelhas; a gravilha esmagada pelos pneus do camião; um bebé a choramingar; o fedor a gasolina, vomitado, excremento.

Depois só me lembro da luz estonteante do amanhecer quando saí do depósito de combustível. Recordo-me de me virar para o céu, de piscar os olhos, de respirar como se o ar do mundo fosse esgotar-se. Deitei-me na berma da estrada de terra batida junto a

uma vala rochosa, olhei para o céu cinzento da manhã, a agradecer o ar, a agradecer a luz, a agradecer estar vivo.

— Chegámos ao Paquistão, Amir — disse Baba. Estava de pé a meu lado. — Karim vai arranjar um autocarro para nos levar a Peshawar.

Voltei-me de barriga para baixo, ainda sobre a terra fria, e vi as nossas malas ao lado dos pés de Baba. Pelo «V» invertido formado pelas pernas dele vi o camião parado à beira da estrada, os outros refugiados a descer pela escada. Para lá do camião, a estrada de terra seguia através de campos que lembravam véus de chumbo sob o céu cinzento até desaparecer por detrás de uma fila de montes arredondados. Pelo caminho, atravessava uma pequena aldeia que se espalhava por uma encosta batida pelo sol.

Os meus olhos regressaram às malas. Senti pena de Baba. Depois de tudo o que ele tinha construído, planeado, do muito que tinha batalhado, sofrido, para o conseguir, a sua vida resumia-se àquilo: um filho dececionante e duas malas de viagem.

Estava alguém a gritar. Não, não era a gritar. A gemer. Vi os passageiros formarem um círculo, ouvi-lhes as vozes aflitas. Alguém pronunciou a palavra «vapores». Outra pessoa disse o mesmo. O gemido transformou-se num grito lancinante.

Baba e eu corremos para junto do aglomerado de pessoas e abrimos caminho por entre elas. O pai de Kamal estava sentado de pernas cruzadas no centro do círculo, balouçando para a frente e para trás, beijando o rosto exangue do filho.

— Não respira! O meu filho não respira! — gritava. O corpo inanimado de Kamal jazia no colo do pai. A sua mão direita, aberta e inerte, movia-se ao ritmo dos soluços do pai. — O meu filho! Não respira! Alá, ajuda-o a respirar!

Baba ajoelhou-se ao lado dele e abraçou-o. Mas o pai de Kamal afastou-o e virou-se para Karim que estava perto, acompanhado pelo primo. O que aconteceu a seguir foi tão rápido e breve que nem se lhe pode chamar briga. Karim soltou uma exclamação de surpresa e recuou. Vi um braço levantar-se, uma perna pontapear. No minuto seguinte, o pai de Kamal tinha a arma de Karim na mão.

— Não me mate! — suplicava Karim.

Mas antes que algum de nós dissesse ou fizesse qualquer coisa, o pai de Kamal enfiou o cano da arma na boca. Nunca esquecerei o eco daquele estrondo. Nem o clarão, nem a chuva de salpicos vermelhos. Voltei a deitar-me na berma da estrada e vomitei em seco.

ONZE

Fremont, Califórnia, década de 1980

Baba adorava a ideia de viver na América.

Foi a vida na América que lhe provocou uma úlcera.

Lembro-me de nós os dois a passear pelo Lake Elizabeth Park em Fremont, umas ruas abaixo do nosso apartamento, a ver os rapazes brincarem às lutas, as raparigas às gargalhadas nos balouços do parque infantil. Baba aproveitava esses passeios para me iluminar com os seus ensinamentos, fazendo-me longas dissertações.

— Neste mundo só existem três verdadeiros homens, Amir — costumava dizer. Contava-os pelos dedos: a América, o valoroso salvador, a Inglaterra e Israel. — Os outros — fazia um gesto com a mão e um *pff* de desprezo — são todos velhas alcoviteiras.

A inclusão de Israel enfurecia os afegãos de Fremont, que o acusavam de ser pró-judeu e, no fundo, anti-islão. Baba costumava encontrar-se com eles no parque, para tomarem chá e comerem um bolo chamado *rowt*, e todos ficavam de cabeça perdida com as suas ideias.

— O que eles não percebem — explicava-me mais tarde —, é que a religião não tem nada que ver com o assunto. — Na opinião de Baba, Israel era uma ilha de homens verdadeiros num mar de árabes tão entretidos a engordar à custa do petróleo que não tinham tempo para cuidar do que era seu. — Israel fez assim, Israel fez assado — dizia Baba a imitar o sotaque árabe. — Então façam qualquer coisa! Tomem medidas! Vocês são árabes, ajudem os palestinianos!

Abominava Jimmy Carter, que considerava um idiota chapado. Em 1980, estávamos nós ainda em Cabul, os EUA anunciaram que iriam boicotar os Jogos Olímpicos de Moscovo.

— *Wah! wah!* — exclamou Baba, revoltado. — O Brejnev anda a massacrar os afegãos e tudo o que aquele comedor de amendoins sabe dizer é que não vai nadar na piscina dele. — Baba achava que Carter, sem dar por isso, tinha feito mais pelo comunismo do que Leonid Brejnev. — Ele não serve para governar este país. É como pôr um rapaz que não sabe andar de bicicleta ao volante de um

Cadillac novinho em folha. — A América e o mundo precisavam era de um homem duro. Um homem com quem se pudesse contar, alguém que agisse em vez de estar sempre a esfregar as mãos. Esse alguém apareceu assumindo a personalidade de Ronald Reagan. E quando Reagan foi à televisão e chamou aos *shorawi* o «Império do Mal», Baba foi logo comprar um retrato do jovial presidente de polegar em riste. Mandou emoldurá-lo e pendurou-o no corredor, mesmo ao lado da velha fotografia a preto e branco em que ele, de lacinho, apertava a mão ao rei Zahir Shah. Quase todos os nossos vizinhos em Fremont eram condutores de autocarros, polícias, empregados de estações de serviço e mães solteiras a viver da segurança social, exatamente o tipo de trabalhadores que não tardaria a sufocar sob a almofada que Reagan encostou às caras deles. Baba era o único republicano do nosso prédio.

Mas a forte neblina que pairava sobre a baía fazia-lhe arder os olhos, o ruído do trânsito dava-lhe dores de cabeça, o pólen provocava-lhe tosse. A fruta nunca era suficientemente doce nem a água suficientemente limpa, e o que era feito das árvores e dos campos? Durante dois anos tentei convencer Baba a inscrever-se nas aulas de Inglês para Estrangeiros, a ver se aperfeiçoava o seu péssimo inglês. Mas ele até fez troça.

— E quando eu conseguir escrever «gato» sem erros a professora dá-me uma estrelinha para eu te mostrar quando chegar das aulas — resmungava.

Um domingo, na primavera de 1983, entrei numa pequena livraria que vendia volumes em segunda mão e ficava ao lado do cinema que passava filmes indianos, a oeste do cruzamento entre Amtrak e Fremont Boulevard. Disse a Baba que não ia demorar mais que cinco minutos e ele encolheu os ombros. Baba estava a trabalhar numa estação de serviço em Fremont e tinha esse dia de folga. Vi-o atravessar Fremont Boulevard e entrar no Fast & Easy, uma pequena mercearia que era propriedade de um casal vietnamita já idoso, Mr. e Mrs. Nguyen. Tinham o cabelo branco e eram muito simpáticos: a mulher sofria de Parkinson, o marido fora operado à anca e tinha uma prótese.

— Agora o meu marido vale seis milhões de dólares — dizia-me ela sempre, com um sorriso na boca desdentada. — Seis milhões

de dólares, não te esqueças, Amir. — Depois Mr. Nguyen franzia o sobrolho como o Lee Majors e fingia que estava a correr em câmara lenta.

Estava eu a folhear um exemplar já muito usado de um policial de Mike Hammer quando ouvi gritos e vidros a partirem-se. Larguei o livro e atravessei a rua a correr. Fui dar com os Nguyen escondidos atrás do balcão, encostados à parede, brancos como a cal, os braços dele em volta da esposa. No chão havia laranjas, um expositor de revistas tombado, um frasco de carne seca partido e estilhaços de vidro, tudo aos pés de Baba.

Vim a saber que Baba não tinha levado dinheiro para as laranjas. Passou um cheque a Mr. Nguyen, que lhe pediu a identificação.

— Quer ver a minha carta — berrou Baba em parse. — Há quase dois anos que compramos a porcaria da fruta dele e lhe enchemos os bolsos e o filho da mãe agora quer ver a minha carta!

— Baba, não leves a mal — expliquei, sorrindo aos Nguyen. — É assim mesmo, têm de pedir a identificação.

— Não os quero aqui — disse Mr. Nguyen, avançando para a frente da mulher. Apontava Baba com a bengala. Virou-se para mim: — Tu seres jovem simpático, mas o teu pai, ele é doido. Não bem-vindos nesta casa.

— Será que ele pensa que eu sou um ladrão? — disse Baba, levantando a voz. Lá fora juntara-se uma multidão. Que olhava especada. — Que raio de país é este? Já não se confia em ninguém?

— Eu chamar polícia — disse Mrs. Nguyen, a espreitar por detrás do balcão. — Vocês sair ou eu chamar polícia.

— Por favor, Mistress Nguyen, não chame a polícia. Eu levo-o para casa. Mas não chame a polícia, está bem? Por favor?

— Sim, sim, leva-o para casa. Boa ideia — disse Mr. Nguyen. Sem nunca tirar os olhos, por detrás dos óculos de aros finos, de cima de Baba. Eu empurrei Baba para a rua. Ao sair, ainda deu um pontapé numa revista. Depois de me prometer que não voltaria a entrar, fui à loja pedir desculpa aos Nguyen. Expliquei que o meu pai estava a passar um mau bocado. Dei a Mrs. Nguyen o nosso número de telefone e a nossa morada e pedi-lhe que me dissesse quanto lhe devia pelos prejuízos.

— Por favor, telefone-me assim que souber, Mistress Nguyen. Peço muita desculpa. — Mrs. Nguyen pegou no papel que eu lhe estendia e fez que sim com a cabeça. Reparei que tinha as mãos mais trémulas que o costume, o que me fez ficar furioso com Baba, fazer uma senhora de idade tremer daquela maneira. — O meu pai ainda não se adaptou à vida na América — acrescentei, tentando justificá-lo.

Quis explicar-lhes que, em Cabul, arrancávamos um tronco de árvore e usávamo-lo como cartão de crédito. Hassan e eu levávamos o ramo ao padeiro. E ele fazia pequenas incisões com uma faca, uma por cada *naan* que tirava das brasas do *tandoor*. No fim do mês, o meu pai pagava-lhe de acordo com os golpes que havia no ramo. Era assim. Mais nada. Não era preciso nenhuma identificação.

Mas não lhes contei. Agradeci a Mr. Nguyen não ter chamado os chuis. Levei Baba para casa. Amuou e foi para a varanda fumar enquanto eu preparava arroz com pescoços de galinha guisados. Já lá ia ano e meio desde que tínhamos saído do *Boeing* proveniente de Peshawar, mas Baba ainda estava a adaptar-se.

Nessa noite comemos calados. Ao fim de duas garfadas, Baba empurrou o prato para o lado.

Olhei-o, sentado à minha frente, as unhas partidas e pretas do óleo, a pele das mãos arranhada, os cheiros da estação de serviço — terra, suor e gasolina — entranhados na roupa. Baba era como o viúvo que volta a casar mas não consegue esquecer a mulher morta. Sentia a falta das plantações de cana-de-açúcar de Jalalabad e dos jardins de Paghman. Tinha saudades de ver pessoas a entrar e a sair de sua casa, tinha saudades de passear pelas ruas movimentadas do Bazar Shor e de cumprimentar as pessoas que o conheciam a ele e ao seu pai, e ao avô dele, pessoas com quem tinha antepassados comuns e cujas vidas se interligavam à sua.

Para mim, a América era o local onde eu iria enterrar as minhas memórias.

Para Baba, o local onde iria chorar as suas.

— Talvez fosse melhor voltarmos para Peshawar — disse, fitando o gelo que flutuava no meu copo de água. Tínhamos passado seis meses em Peshawar à espera que o INS[1] nos desse os vistos. O

nosso lúgubre apartamento de duas assoalhadas cheirava a peúgas sujas e a cocó de gato, mas estávamos rodeados por pessoas que conhecíamos — pelo menos que Baba conhecia. Ele convidava todos os vizinhos para jantar, na maioria afegãos à espera de vistos. Inevitavelmente, alguém trazia um tabuleiro de *tabla* e outra pessoa um harmónio. Fazia-se chá e quem tivesse uma voz sofrível cantava até o Sol nascer, os mosquitos pararem de zumbir e as mãos começarem a doer de tanto bater palmas.

— Lá eras mais feliz, Baba. Sentias-te mais em casa.

— Para mim, Peshawar servia muito bem. Mas para ti não.

— Tens um trabalho tão duro aqui.

— O pior já passou — respondeu, aludindo ao facto de ter sido nomeado gerente de dia na estação de serviço. Mas eu bem via Baba estremecer e esfregar os pulsos quando o tempo estava húmido. O suor a escorrer-lhe da testa quando procurava o frasco de sais minerais depois das refeições. — Além disso, não viemos para aqui por minha causa, pois não?

Estendi o braço e pousei a minha mão na dele. A minha mão de estudante, limpa e macia, na mão de trabalhador dele, suja e calejada. Pensei em todos os camiões, comboios elétricos e bicicletas que ele me tinha comprado em Cabul. Agora, a América. Uma última prenda para Amir.

Um mês após a nossa entrada nos EUA, Baba arranjou emprego perto de Washington Boulevard como assistente numa estação de serviço de um afegão seu conhecido — começou a procurar trabalho assim que chegámos. Seis dias por semana, Baba fazia turnos de doze horas a pôr gasolina nos carros, a trabalhar com a caixa registadora, a mudar óleo e a lavar para-brisas. Eu às vezes ia levar-lhe o almoço e encontrava-o a tirar um maço de cigarros das prateleiras, o cliente à espera do outro lado do balcão manchado de óleo, o rosto de Baba ainda mais esgotado e pálido sob aquela luz fluorescente. A campainha eletrónica por cima da porta retinia quando eu entrava e Baba olhava por cima do ombro, acenava-me e sorria, os olhos líquidos de cansaço.

Logo no dia em que foi contratado, Baba levou-me à assistente social de San Jose, Mrs. Dobbins. Era uma negra gorda, sempre a piscar os olhos, que quando sorria fazia covinhas nas bochechas.

Contou-me que fazia parte do coro da igreja e eu acreditei — tinha uma voz que me fazia pensar em leite quente e mel. Baba colocou os blocos de senhas em cima da secretária dela.

— Obrigado, mas não preciso — disse Baba. — Toda a vida trabalhei. Trabalhei no Afeganistão, trabalho na América. Muito obrigado, Mistress Dobbins, mas não gosto de receber sem trabalhar.

Mrs. Dobbins pestanejou repetidamente. Pegou nas senhas, olhou para mim e para Baba como se desconfiasse que lhe estávamos a pregar uma partida, ou uma peça, como dizia Hassan.

— Há quinze anos que trabalho aqui e nunca vi ninguém fazer isto — comentou. E foi assim que Baba acabou com aquelas humilhantes senhas e simultaneamente com um dos seus maiores receios: que um afegão o visse comprar comida com dinheiro recebido por caridade. Baba saiu do gabinete dos serviços sociais como um homem a quem tivessem acabado de dizer que vencera o seu tumor.

No verão de 1983 terminei o liceu, aos vinte anos, de longe o mais velho de todos os que naquele dia atiraram o chapéu quadrado de finalista para o campo de futebol. Lembro-me de me perder de Baba no meio do enxame de famílias a disparar as suas câmaras, no meio das capas azuis. Encontrei-o junto da linha das vinte jardas, de mãos nos bolsos, câmara pendurada ao pescoço. Desaparecia e reaparecia por entre a multidão que nos separava: raparigas vestidas de azul aos abraços e gritinhos, rapazes a dizer «Dá cá mais cinco» aos pais ou uns aos outros. A barba de Baba tornara-se grisalha, o cabelo começava a faltar-lhe junto às têmporas e em Cabul ele não era mais alto? Estava de fato castanho, o seu único fato, o mesmo que usava no Afeganistão quando ia a casamentos e funerais, e a gravata vermelha que eu lhe oferecera no dia do seu quinquagésimo aniversário, nesse mesmo ano. Viu-me e acenou-me. Sorriu. Fez sinal para eu pôr o chapéu de finalista na cabeça e tirou-me uma fotografia, tendo por fundo a torre do relógio da escola. Sorri-lhe; de certo modo, aquele dia era mais dele que meu. Caminhou na minha direção, pôs o braço em volta do meu pescoço e deu-me um beijo na testa.

— Estou *moftakhir*, Amir — disse. Orgulhoso. Os olhos dele brilharam quando o disse e gostei de ser o destinatário daquele olhar.

Levou-me a um restaurante afegão em Hayward nessa noite e mandou vir comida a mais. Disse ao proprietário que o seu filho iria para a faculdade no outono. Eu tinha tentado falar com ele desse assunto antes da minha formatura e dissera-lhe que queria procurar um emprego. Ajudar a pagar as contas, a juntar algum dinheiro, a faculdade podia ficar para o ano seguinte. Mas ele deitou-me um daqueles olhares ameaçadores à Baba, e as palavras evaporaram-se na minha língua.

Depois do jantar, Baba convidou-me para ir a um bar do outro lado da rua. Estava quase às escuras, com um cheiro ácido a cerveja, que eu sempre odiara, colado às paredes. Homens com bonés de basebol e *T-shirts* sem mangas jogavam bilhar, nuvens de fumo de cigarro pairavam por cima das mesas verdes, subindo em espiral por baixo das lâmpadas fluorescentes. Todos os olhares se voltaram para nós, Baba com o seu fato castanho e eu de calças vincadas e *blazer*. Sentámo-nos ao balcão, ao lado de um velhote cujo rosto tinha uma cor doentia por causa da luz azul do reclamo *Michelob*. Baba acendeu um cigarro e pediu uma cerveja para cada um.

— Hoje estou feliz até mais não — disse a toda a gente e a ninguém em especial. — Hoje vou beber um copo com o meu filho. E um também, por favor, para o meu amigo — acrescentou, dando uma palmadinha nas costas do velhote. O velhote tirou o boné e sorriu. Não tinha nenhum dente no maxilar superior.

Baba acabou com a sua cerveja em três tragos e pediu outra. Já tinha bebido três quando eu finalmente engoli um quarto da minha. Nessa altura já ele tinha pago um uísque ao velho e oferecido *Budweisers* a quatro jogadores de bilhar. Os homens apertaram-lhe a mão e deram-lhe palmadas nas costas. Beberam à saúde dele. Alguém lhe acendeu o cigarro. Baba alargou o nó da gravata e deu ao velho uma mão-cheia de moedas. Apontou para a *jukebox*.

— Ele que ponha a tocar as músicas que preferir — disse-me. O velho concordou com a cabeça e fez continência a Baba. Daí a nada

começou a ouvir-se música *country* e assim, sem mais nem menos, Baba organizou uma festa.

Às tantas, Baba pôs-se de pé, ergueu o copo, entornando um pouco no chão coberto de serradura, e berrou:

— A Rússia que vá para o raio que a parta!

Todo o bar rompeu às gargalhadas, e a seguir repetiu a palavra de ordem. Baba comprou outra rodada de canecas para todos.

Quando saímos, todos lamentaram que ele se fosse embora. Cabul, Peshawar, Hayward. «Sempre o mesmo Baba», pensei, com um sorriso.

Fui a conduzir o velho *Buick Century* ocre de Baba. Baba dormitou pelo caminho, ressonando que nem uma escavadora. Sentia o cheiro dele a tabaco e a álcool, doce e pungente. Mas ele sentou-se quando parei o carro e disse numa voz rouca:

— Continua a guiar até ao fim do quarteirão.

— Porquê, Baba?

— Continua — repetiu, e mandou-me estacionar no lado sul da rua. Procurou no bolso do casaco e entregou-me umas chaves. — Toma — disse, apontando para um *Ford* antiquado, comprido e largo, de uma cor escura que eu, à luz do luar, não percebi qual era.

— Precisa de ser pintado e vou pedir a uns tipos lá da bomba para lhe porem para-choques novos, mas anda.

Peguei nas chaves, embasbacado. Olhei para Baba, depois para o carro.

— Vai dar jeito quando fores para a faculdade — explicou. Segurei na mão dele. Apertei-a. Os meus olhos encheram-se de lágrimas e fiquei feliz por as sombras esconderem os nossos rostos.

— Obrigado, Baba.

Saímos e sentámo-nos no *Ford*. Era um *Grand Torino*. Azul-marinho, disse Baba. Dei a volta ao quarteirão, experimentei os travões, o rádio, os piscas. Estacionei-o no parque do nosso prédio e desliguei o motor.

— *Tashakor*, Baba Jan — disse. Queria dizer mais, dizer-lhe como estava emocionado com aquele ato de bondade, o quanto lhe agradecia tudo o que tinha feito por mim, tudo o que continuava a fazer. Mas eu sabia que isso iria deixá-lo embaraçado. — *Tashakor* — repeti.

Ele sorriu e reclinou-se, com a cabeça no respetivo encosto, a testa quase a tocar no teto. Não dissemos nada. Ficámos ali sentados às escuras, a ouvir o ruído do motor a arrefecer, uma sirene a gemer ao longe. Então Baba olhou para mim.

— Tenho pena que Hassan não esteja aqui hoje — disse.

Senti duas mãos de aço a apertar o meu pescoço assim que ouvi o nome de Hassan. Fechei a janela. Esperei que a força das mãos de aço começasse a afrouxar.

Iria inscrever-me na faculdade no outono, disse a Baba no dia a seguir à festa de fim de curso. Ele estava a beber chá preto e a mascar sementes de cardamomo, o seu antídoto pessoal contra as dores de cabeça das ressacas.

— Acho que vou escolher Inglês — disse. Estava ansioso pela reação dele.

— Inglês?

— Escrita criativa.

Ficou a pensar. A beberricar o chá.

— Histórias, queres tu dizer. Vais inventar histórias — baixei os olhos. — E alguém te vai pagar para isso, para inventares histórias?

— Se eu for bom — respondi. — E se me descobrirem.

— E há muitas probabilidades de te descobrirem?

— Acontece — respondi.

Baba concordou com a cabeça.

— E então o que é que vais fazer enquanto não fores bom e não te descobrirem? De que é que vais viver? Se te casares, como vais sustentar a tua *khanum*?

Não consegui olhá-lo de frente.

— Arranjo... um emprego.

— Oh — disse ele. — *Wah wah!* Portanto, deixa ver se percebi, vais estudar uma data de anos para teres um curso e depois arranjas um emprego *chatti* como o meu, emprego que podias arranjar já hoje, sem canudo nenhum, na esperança de que o teu curso te ajude a vires um dia a ser... descoberto — respirou fundo e deu mais um gole no seu chá. Resmungou qualquer coisa acerca de medicina, direito e mundo real.

Senti a cara a arder e o remorso a roer-me por dentro. Remorso por realizar um sonho à custa da sua úlcera, das suas unhas pretas,

das suas dores nos pulsos. Mas não ia ceder, decidi. Não ia sacrificar-me mais a Baba. A última vez que o fiz dei-me mal.

Baba soltou um suspiro profundo e enfiou na boca uma mão-cheia de sementes de cardamomo.

Às vezes eu sentava-me ao volante do meu *Ford*, abria as janelas e conduzia horas a fio, de East Bay a South Bay, subia a península e voltava a descê-la. Atravessava as grelhas de ruas ladeadas de choupos em redor do nosso bairro de Fremont, onde pessoas que nunca tinham apertado a mão de um rei viviam em casas decrépitas de um só piso, com grades nas janelas, e carros iguais ao meu deixavam manchas de óleo no lugar onde haviam estacionado. Grades cinzentas fechavam os quintais das traseiras no nosso bairro. Brinquedos, pneus carecas e garrafas de cerveja com os rótulos meio arrancados amontoavam-se nos relvados por cuidar em frente às habitações. Passava por três jardins com árvores que cheiravam a bosque, centros comerciais tão grandes que podiam realizar-se lá dentro cinco torneios de *buzkashi* ao mesmo tempo. Subia no *Torino* ao topo da encosta de Los Altos, passando por propriedades com janelas panorâmicas e leões prateados a guardar os portões de ferro forjado, mansões onde fontes com anjinhos ladeavam as ruas bem tratadas e sem *Ford Torino* à porta. Mansões que faziam a casa de Baba em Wazir Akbar Khan parecer a cabana de um criado.

Aos sábados de manhã em geral acordava cedo e tomava a Autoestrada 17 para sul, conduzia o *Ford* pela estrada que cruzava as montanhas até Santa Cruz. Estacionava junto ao velho farol e esperava que o Sol nascesse, sentado no meu carro a ver o nevoeiro que vinha do mar. No Afeganistão, só tinha visto o mar no cinema. Sentado na sala às escuras ao lado de Hassan, perguntava-me se seria verdade o que vinha nos livros, que o ar do mar cheirava a sal. Dizia a Hassan que um dia havíamos de passear numa praia coberta de algas, enterrar os pés na areia e ficar a ver a água afastar-se de nós. A primeira vez que vi o Pacífico ia chorando. Era tão vasto e azul como os oceanos dos ecrãs da minha infância.

Por vezes, ao fim da tarde, estacionava o carro e percorria a pé um viaduto. De cara encostada ao gradeamento, contava os faróis

traseiros que passavam a piscar até onde a minha vista alcançava. *BMWs*, *Saabs*, *Porsches*. Carros que eu nunca tinha visto em Cabul, onde a maioria das pessoas guiava *Volgas* russos, velhos modelos *Opel* ou *Paikans* iranianos.

Tinham passado quase dois anos desde a nossa chegada aos EUA e eu ainda ficava maravilhado com as dimensões daquele país, a sua vastidão. A seguir a um viaduto havia sempre outro viaduto, a seguir a uma cidade, outra cidade, colinas atrás de montanhas e montanhas atrás de colinas e, atrás destas, mais cidades e mais pessoas.

Muito antes de o exército *roussi* ter marchado sobre o Afeganistão, muito antes de se terem queimado aldeias inteiras e destruído escolas, muito antes de se terem plantado minas como se fossem sementes de morte e de se terem enterrado crianças em sepulturas tapadas com pedras, Cabul já era para mim uma cidade-fantasma. Uma cidade cheia de fantasmas com lábio leporino.

A América era diferente. A América era um rio que rumorejava pelo seu curso fora, indiferente ao passado. Eu podia entrar nesse rio, enterrar os meus pecados no seu leito, deixar que as suas águas me levassem para longe. Para um lugar sem fantasmas, nem memórias, nem pecados.

Quanto mais não fosse por isso, eu gostava da América.

* * *

No verão seguinte, o verão de 1984 — o ano em que fiz vinte e um anos —, Baba vendeu o velho *Buick* e comprou uma carrinha *Volkswagen* de 1971 em péssimo estado por quinhentos e cinquenta dólares a um afegão que conhecia há muito tempo e que dava aulas de Ciências num liceu de Cabul. As cabeças dos vizinhos voltaram-se todas na tarde em que a carrinha subiu aos solavancos a nossa rua e atravessou a bufar o nosso parque de estacionamento. Baba desligou o motor e deixou a carrinha rolar silenciosamente até ao espaço que nos fora atribuído. Encolhemo-nos nos nossos assentos e rimos até às lágrimas e, mais importante, até termos a certeza de que os vizinhos já não estavam a olhar. A carrinha era uma triste carcaça de metal enferrujado, janelas com sacos de plástico preto em vez de vidros, pneus

carecas e estofos com as molas de fora. Mas o velho professor garantira a Baba que o motor e a transmissão estavam um brinco e, verdade seja dita, o homem não tinha mentido.

Aos sábados, Baba acordava-me de madrugada. Enquanto se vestia, eu passava revista às páginas dos anúncios da imprensa local e assinalava com um círculo os anúncios postos por pessoas desejosas de vender as velharias que tinham em casa. Estabelecíamos a nossa rota — primeiro Fremont, Union City, Newark e Hayward, depois San Jose, Milpitas, Sunnyvale e Campbell, se houvesse tempo. Baba conduzia a carrinha, beberricando o chá quente que levávamos no termo, e eu fazia de navegador. Parávamos nas moradas referidas no jornal e comprávamos as bugigangas de que as pessoas se queriam ver livres. Discutíamos o preço de velhas máquinas de costura, *Barbies* zarolhas, raquetas de ténis em madeira, guitarras sem cordas e velhos aspiradores *Electrolux*. A meio da tarde, tínhamos a parte de trás da carrinha *VW* cheia de mercadoria. Depois, aos domingos de manhãzinha, íamos à feira de velharias de San Jose, perto de Berryessa, alugávamos um espaço e vendíamos aquela tralha toda com algum lucro: um disco dos Chicago que tínhamos comprado na véspera por vinte e cinco cêntimos podia sair por um dólar, por quatro dólares um conjunto de cinco; uma máquina de costura *Singer* a cair aos bocados pela qual tínhamos dado dez dólares chegava, depois de regatearmos um pouco, a ser vendida por vinte e cinco.

Nesse verão, já todo um setor da feira de velharias de San Jose estava nas mãos de famílias afegãs. Só se ouvia música afegã na secção de artigos em segunda mão. Havia um código de conduta tácito entre os comerciantes afegãos da feira: cumprimentávamos o tipo do lado, oferecíamos-lhe *bolani* de batatas ou um pouco de *qabuli* e conversávamos com ele. Dávamos-lhe as nossas *tassali*, ou condolências, pela morte de um familiar, felicitávamo-lo pelo nascimento de um filho e abanávamos a cabeça pesarosamente quando o tema da conversa era o Afeganistão e os *roussis* — o que acabava sempre por acontecer. Mas evitávamos o tema sábado. Porque o tipo do lado podia muito bem ser o mesmo que quase

tínhamos mandado para a berma no dia anterior na pressa de fechar antes dele um negócio promissor.

Naquele setor, só os mexericos sobre afegãos se escoavam a uma velocidade mais rápida do que o chá. Era na feira de velharias que se bebia chá verde com *kolchas* de amêndoa e se ficava a saber que uma filha tinha rompido o noivado e fugido com o namorado americano, quem fora *parchami* — comunista — em Cabul e quem comprara uma casa com dinheiro recebido pela porta do cavalo enquanto ainda embolsava o subsídio social. Chá, política e escândalo, os três ingredientes com que se cozinhavam as manhãs de um domingo afegão na feira de velharias.

Eu ficava muitas vezes a tomar conta da banca enquanto Baba passeava pelas dos outros, mãos respeitosamente cruzadas junto ao peito, a cumprimentar gente que conhecia de Cabul; mecânicos e alfaiates a vender casacos de lã baratos e capacetes de motos esfolados ao lado de ex-embaixadores, médicos desempregados e professores universitários.

Num domingo de julho de 1984 de manhã cedo, enquanto Baba dispunha as suas mercadorias, fui comprar dois cafés à barraca do concessionário e quando voltei dei com Baba a conversar com um homem mais velho que ele, de aspeto distinto. Coloquei os cafés em cima do para-choques traseiro da carrinha, junto ao autocolante «Reagan/Bush para 84».

— Amir — disse Baba, mandando-me aproximar com um gesto —, apresento-te o general Sahib, Mister Iqbal Taheri. Foi general condecorado em Cabul. Trabalhava no Ministério da Defesa.

Taheri. Onde é que eu já tinha ouvido aquele nome?

O general riu-se como um homem habituado a festas formais em que tinha de rir de piadas sem graça ditas por pessoas importantes. Tinha o cabelo grisalho penteado para trás, deixando à vista a testa bronzeada e sem rugas, e tufos de pelos brancos nas sobrancelhas fartas. Cheirava a água-de-colónia e usava um fato completo cinzento-escuro, lustroso de tanto ter sido passado a ferro; a corrente de ouro de um relógio pendia do bolso do colete.

— Mas que apresentação mais cerimoniosa — disse, num tom baixo e educado. — *Salaam, bachem*. Muito prazer, meu filho.

— *Salaam*, general Sahib — respondi, apertando-lhe a mão. As mãos dele eram magras mas firmes, como se por baixo da pele hidratada houvesse aço.

— Amir vai ser um grande escritor — disse Baba. Registei a frase duas vezes. — Terminou o primeiro ano na faculdade e teve vinte em todos os cursos.

— Disciplinas — corrigi.

— *Mashallah* — disse o general Taheri. — Tencionas escrever sobre a História do nosso país? A economia?

— Prefiro ficção — expliquei, a pensar na dúzia de contos que já escrevera no caderno de capa de couro que Rahim Khan me oferecera e sem saber por que razão me sentia tão comprometido na presença daquele homem.

— Ah, um contador de histórias — comentou o general. — Bem, as pessoas precisam de histórias para se distraírem em tempos difíceis como este. — Pousou uma mão no ombro de Baba e virou-se para mim. — Por falar em histórias, o teu pai e eu caçámos faisões juntos em Jalalabad, no verão. Foi maravilhoso. Se bem me lembro, o teu pai mostrou ter tanta pontaria na caça como nos negócios.

Com a biqueira da bota, Baba ajeitou uma raqueta de madeira disposta em cima do nosso oleado.

— Para alguns negócios — disse Baba.

O general Taheri fez um sorriso simultaneamente triste e diplomático, suspirou e deu uma palmadinha amigável nas costas de Baba.

— *Zendagi migzara* — disse. A vida continua. Olhou para mim. — Nós, afegãos, somos muito dados ao exagero, *bachem*, e já ouvi chamar notáveis a muitos idiotas. Mas o teu pai pertence à minoria que realmente merece esse rótulo — este pequeno discurso pareceu-me igual ao seu fato: gasto e com um brilho falso.

— Lisonjeia-me — disse Baba.

— Nem pensar — retorquiu o general, inclinando a cabeça para o lado e encostando a mão ao peito, numa expressão de humildade. — Os filhos e as filhas têm de conhecer a herança dos pais — virou-se para mim. — Sabes dar valor ao pai que tens, *bachem*? Sabes mesmo?

— *Balay*, general Sahib, sei — respondi, morto para que ele deixasse de me tratar por «meu filho».

— Então parabéns, isso é meio caminho andado para seres um grande homem — disse, sem qualquer humor, nem ironia, o cumprimento do arrogante descontraído.

— Padar Jan, esqueceste o chá — a voz de uma jovem. Estava atrás de nós, uma beldade de ancas estreitas e cabelo aveludado da cor do carvão, com um termo aberto e um copo de plástico nas mãos. Pestanejei e o meu coração acelerou. Ela tinha sobrancelhas castanhas e espessas que se encontravam a meio, como as asas curvas de um pássaro em pleno voo, e o nariz graciosamente arqueado das antigas princesas persas — talvez como o de Tahmineh, esposa de Rostam e mãe de Sohrab, do *Shahnamah*. Os seus olhos, cor de avelã e com longas pestanas, cruzaram-se com os meus. Assim ficaram um instante. Fugiram.

— Que amabilidade, minha querida — disse o general Taheri. Aceitou o copo. Antes de ela se afastar, vi que tinha um sinal castanho em forma de meia-lua na pele macia, logo acima da linha do maxilar esquerdo. Dirigiu-se a uma carrinha cinzenta que estava a duas ruas dali e arrumou o termo lá dentro. O cabelo deslizou todo para o mesmo lado quando ela se ajoelhou entre as caixas de livros e de discos velhos.

— A minha filha, Soraya Jan — apresentou o general Taheri. Respirou fundo, como um homem desejoso de mudar de assunto, e consultou o relógio de bolso, de ouro. — Bem. Está na hora — beijou a face de Baba e com as duas mãos apertou uma das minhas.

— Mil felicidades para a tua escrita — disse, olhando-me de frente. Os seus olhos azul-claros nada revelavam do que existia por detrás deles.

Passei o resto do dia a esforçar-me para não olhar para a carrinha cinzenta.

A caminho de casa lembrei-me. Taheri. Eu sabia que já tinha ouvido aquele nome.

— Não correram por aí uns rumores acerca da filha do Taheri? — perguntei a Baba, tentando parecer desinteressado.

— Sabes como eu sou — respondeu Baba, avançando um centímetro na fila de veículos que deixavam a feira de velharias. — Quando a conversa passa para os mexericos, vou-me embora.

— Mas correram, não foi?

— Porque perguntas? — lançou-me um olhar reservado.

Encolhi os ombros e tentei não sorrir.

— Simples curiosidade, Baba.

— Tens a certeza? Só isso? — perguntou, com um olhar matreiro, prolongando-o. — Gostaste dela, foi?

Pus os olhos em alvo.

— Por favor, Baba.

Baba sorriu e finalmente lá saímos da feira de velharias. Tomámos a Autoestrada 680. Seguimos calados durante algum tempo.

— A única coisa que ouvi dizer foi que houve um homem em tempos mas as coisas... não correram bem — falou num tom grave, como se estivesse a revelar-me que ela sofria de cancro da mama.

— Ah.

— Dizem que é uma excelente rapariga, trabalhadora, simpática. Mas desde então nunca mais um *khastegar*, um pretendente, bateu à porta do general — Baba suspirou. — Pode ser injusto, mas muitas vezes basta um só dia para mudar toda uma vida, Amir.

Nessa noite, deitado na cama sem conseguir dormir, lembrei-me do sinal em forma de meia-lua de Soraya Taheri, da curva suave do seu nariz e do modo como os seus olhos luminosos tinham fixado os meus. O meu coração acelerou quando pensei nela. Soraya Taheri. A minha princesa em segunda mão.

1 Serviço de Imigração e Naturalização. (*NT*)

DOZE

No Afeganistão, a *yelda* é a primeira noite do mês de Jadi, a primeira noite de inverno e a mais longa do ano. Respeitando a tradição, Hassan e eu ficávamos acordados até tarde, com os pés enfiados por baixo do *kursi*, enquanto Ali atirava cascas de maçã para o fogão e nos contava histórias antigas de sultões e gatunos para ajudar a passar essa noite tão comprida. Foi Ali quem me ensinou que na *yelda* as traças, atordoadas, se lançam para cima das chamas das velas e os lobos sobem as montanhas em busca do Sol. Ali jurava que se comêssemos melancia na noite da *yelda* não teríamos sede no verão seguinte.

Já mais crescido, aprendi nos meus livros de poesia que *yelda* era a noite sem estrelas em que os amantes atormentados não dormiam, suportavam a infindável escuridão à espera que o Sol nascesse e trouxesse com ele o objeto das suas paixões. Depois de conhecer Soraya Taheri, todas as noites da semana passaram para mim a ser noites de *yelda*. E, quando a manhã de domingo chegava, levantava-me da cama já com os olhos castanhos e o rosto de Soraya na minha cabeça. Na carrinha de Baba contava os quilómetros que faltavam para vê-la descalça, a dispor caixas de cartão cheias de enciclopédias amarelecidas, os calcanhares brancos em cima da negrura do asfalto, as pulseiras de prata a cantar em volta dos pulsos estreitos. Pensava na sombra que o cabelo dela projetava no chão quando lhe deslizava das costas e pendia como uma cortina de veludo. Soraya. Princesa em segunda mão. O sol da manhã da minha *yelda*.

Inventava pretextos para descer a rua, aos quais Baba dava o seu aval com um sorriso manhoso, e passar pela venda dos Taheri. Acenava ao general, perpetuamente vestido com o seu fato cinzento lustroso do ferro, e ele retribuía-me o cumprimento. Às vezes, levantava-se da sua cadeira de realizador e conversávamos sobre a minha escrita, a guerra, as pechinchas do dia. E eu tinha que obrigar os meus olhos a obedecerem-me, a não fugirem para Soraya, sentada a ler um livro. O general e eu despedíamo-nos e eu tentava não cambalear no regresso.

Às vezes ela estava lá sozinha, o general ausentara-se para falar com alguém ao fundo da fila e eu passava, a fingir que não a conhecia mas a roer-me por dentro. De vez em quando fazia-lhe companhia uma mulher gorda de meia-idade, de pele clara e cabelo pintado de vermelho. Prometia a mim próprio que falaria com ela antes do fim do verão, mas as escolas reabriam, as folhas ficavam castanhas, amarelas, caíam, as chuvas do inverno chegavam e atacavam as articulações de Baba, folhas jovens começavam a rebentar e eu sem ter coragem, sem ter *dil*, nem para olhá-la de frente.

O trimestre da primavera terminou em finais de maio de 1985. Passei com distinção a todas as disciplinas, um verdadeiro milagre, tendo em conta que eu passava as aulas a pensar na curva graciosa do nariz de Soraya.

Num domingo sufocante desse verão, Baba e eu encontrávamo-nos na feira de velharias, sentados na nossa barraca, a abanar-nos com jornais. Apesar de o sol queimar como um ferro em brasa, a feira estava apinhada de gente, nesse dia as vendas tinham corrido bem — era só meio-dia e meia mas já tínhamos feito cento e sessenta dólares. Levantei-me, espreguicei-me e perguntei a Baba se queria uma *Coca-Cola*. Respondeu que adoraria.

— Cuidado, Amir — disse, mal eu me pus a caminho.

— Com quê?

— Não sou um *ahmaq*, por isso não brinques comigo.

— Não sei do que estás a falar.

— Não te esqueças de uma coisa — disse Baba, apontando-me o indicador —, o homem é pastó da cabeça aos pés. Todo ele é *nang* e *namoos*.

Nang. *Namoos*. Honra e orgulho. Os princípios sagrados dos homens pastós. Em especial no que toca à castidade das esposas. Ou das filhas.

— Só vou buscar bebidas para nós.

— Não me envergonhes, é a única coisa que te peço.

— Está descansado, Baba, por favor.

Baba acendeu um cigarro e recomeçou a abanar-se.

Caminhei na direção da barraca das bebidas, mas depois virei à esquerda na barraca das *T-shirts*, onde, por cinco dólares,

podíamos ter o rosto de Jesus, Elvis ou Jim Morrison, ou os três ao mesmo tempo, imprimido numa *T-shirt* branca de náilon. Ouvia-se música *mariachi* aos berros e cheirava a picles e a carne grelhada.

Vi a carrinha cinzenta dos Taheri a duas filas da nossa, junto a um quiosque que vendia espetadas de manga. Ela estava sozinha, a ler. Vestido de verão branco pelo tornozelo, hoje. Sandálias abertas. Cabelo puxado para trás e apanhado numa espécie de túlipa. Decidi passar mais uma vez sem lhe dirigir a palavra e pensava que era isso que tinha feito quando dei por mim à beira da grande toalha de mesa branca dos Taheri a ver Soraya arrumar ferros de frisar e gravatas antigas. Ela olhou para mim.

— *Salaam* — cumprimentei. — Desculpa lá ser *mozahem*, não queria aborrecer-te.

— *Salaam*.

— O general Sahib não está cá hoje? — perguntei. Senti as orelhas a arder. Não conseguia olhá-la nos olhos.

— Foi por ali — respondeu. Apontou para a direita. A pulseira escorregou-lhe até ao cotovelo, prata e azeitona.

— Dizes-lhe que passei por aqui para cumprimentá-lo?

— Digo, sim.

— Obrigado — agradeci. — Já agora, o meu nome é Amir. Se calhar ainda não sabias. Para lhe dizeres. Que passei por aqui. Para... cumprimentá-lo.

— Sim.

Não conseguia arredar pé. Aclarei a garganta.

— Bem, vou-me embora. Desculpa o incómodo.

— *Nay*, não incomodaste nada.

— Oh. Ótimo. — Inclinei a cabeça e dirigi-lhe um meio sorriso. — Vou-me embora. — Não tinha já dito aquilo? — *Khoda hafez*.

— *Khoda hafez*.

Comecei a andar. Parei, voltei-me para trás. A pergunta saiu-me da boca sem eu dar por isso:

— Posso saber o que estás a ler?

Ela piscou os olhos.

Sustive a respiração. De repente, senti o olhar coletivo da feira de velharias em cima de nós. Imaginei um burburinho geral. As bocas a

fecharem-se a meio das palavras. As cabeças a voltarem-se. Os olhos semicerrados de interesse.

Que era aquilo?

Até àquele instante, o nosso encontro podia ser interpretado como uma indagação normal, um homem a querer saber o paradeiro de outro homem. Mas se ele fizesse uma pergunta e ela respondesse... bem, isso já era uma conversa. Entre mim, um *mojarad*, ou jovem solteiro, e ela, uma rapariga casadoira. Com um antecedente, no mínimo. Isso habilitava-se perigosamente a ser assunto de mexericos, e do melhor que há. As línguas viperinas não iriam ter descanso. E era sobre ela que todo o veneno iria recair, não sobre mim — eu sabia que os dois pesos e as duas medidas dos afegãos me favoreceriam. Não seria: «Viste-o a conversar com ela?» Mas sim: «Uh! Viste que ela não o largava? Mas que *lochak*!»

Pelos padrões afegãos, a minha pergunta fora indiscreta. Com ela tinha-me exposto e deixado poucas dúvidas quanto ao meu interesse nela: só que eu era homem e o mais que arriscava era um ego ferido. Todas as feridas acabavam por sarar. Mas as reputações não. Iria ela aceitar o meu desafio?

Virou o livro de modo que a capa ficasse voltada para mim. *O Monte dos Vendavais*.

— Já leste? — perguntou.

Fiz que sim com a cabeça. Sentia o meu coração bater atrás dos meus olhos.

— É uma história triste.

— As histórias tristes dão bons livros — respondeu ela.

— É verdade.

— Ouvi dizer que escrevias.

Como teria ela sabido? Perguntei-me se teria sido o pai a contar-lhe, ou talvez ela a perguntar. No mesmo instante considerei ambas as hipóteses absurdas. Pais e filhos podiam falar sobre mulheres. Mas nenhuma rapariga afegã — pelo menos nenhuma rapariga afegã decente e *mohtaram* — fazia perguntas ao pai sobre um rapaz. E nenhum pai, mais a mais um pastó com *nang* e *namoos*, conversava sobre o *mojarad* com a filha, a não ser que o tipo em questão fosse um *khastegar*, um pretendente, que tivesse cumprido o seu dever, mandando o seu próprio pai bater à porta dela.

Por incrível que pareça, ouvi-me perguntar:

— Gostavas de ler uma das minhas histórias?

— Gostava — respondeu. Com aquilo tinha-a posto pouco à vontade, percebi pelos olhos dela, que começaram a olhar de um lado para o outro. Talvez à procura do general. Que diria ele se me visse falar tanto tempo com a sua filha.

— Qualquer dia trago-te uma — disse-lhe. E ia dizer mais coisas quando vi a mulher que às vezes estava ao lado de Soraya subir na nossa direção. Trazia um saco de plástico cheio de fruta. Quando nos viu, os olhos dela fixaram-se em Soraya, depois em mim, depois nela. Sorriu.

— Amir Jan, é um prazer ver-te — disse, despejando o saco em cima da toalha. A testa dela brilhava de suor. O cabelo vermelho, com um penteado que o fazia parecer um capacete, cintilava ao sol, via-se o couro cabeludo nas zonas em que o cabelo era mais ralo. Tinha olhos verdes num rosto redondo que nem um repolho, coroas nos dentes e dedos pequeninos que pareciam salsichas. Um Alá de ouro repousava sobre o peito dela, a corrente escondida entre os refegos e as pregas da pele do pescoço. — Sou Jamila, a mãe de Soraya Jan.

— *Salaam*, Khala Jan — disse, envergonhado, como muitas vezes me acontecia quando estava entre afegãos, por ela me conhecer e eu não fazer ideia de quem ela era.

— Como está o teu pai?

— Está bem, obrigado.

— Sabes, o teu avô, Ghazi Sahib, o juiz? Bem, o tio dele e o meu avô eram primos. Portanto, vês, ainda somos parentes — fez um sorriso largo que lhe mostrou os dentes todos e reparei que ela tinha o lado direito da boca ligeiramente descaído. Os seus olhos voltaram a ir de Soraya para mim.

Eu tinha perguntado a Baba por que razão a filha do general Taheri não se tinha casado ainda. «Não tem pretendentes», foi a resposta de Baba. «Pretendentes que sirvam», emendou. Mas não disse mais nada, Baba sabia que as conversas podiam aniquilar as perspetivas de uma rapariga fazer um bom casamento. Os homens afegãos, em especial os de boas famílias, eram criaturas influenciáveis. Um sussurro aqui, uma insinuação ali, e fugiam que

nem pássaros assustados. Assim, os casamentos sucediam-se mas ninguém cantara ainda *ahesta boro* para Soraya, ninguém lhe tinha pintado a palma das mãos com hena, ninguém erguera um Alcorão por cima da sua cabeça e em todas as festas de casamento tinha sido sempre o general Taheri a dançar com ela.

E agora aquela mulher, aquela mãe, comoventemente ansiosa, com o seu sorriso de esguelha e os olhos cheios de esperança mal disfarçada. Assustei-me um pouco com o poder que me era oferecido, tudo porque saíra vencedor da lotaria genética que determinara o meu sexo.

Nunca fora capaz de ler o que diziam os olhos do general, mas da sua mulher já sabia o seguinte: se eu ia ter de enfrentar um adversário naquele caso, o que quer que fosse esse caso, esse adversário não era ela.

— Senta-te, Amir Jan — disse. — Soraya, vai buscar-lhe, uma cadeira, *bachem*. E lava-lhe um pêssego. São doces e refrescam.

— *Nay*, obrigado. Tenho de me ir embora. Tenho o meu pai à espera.

— Sim? — disse Khanum Taheri, claramente bem impressionada por eu ter reagido como devia, declinando o convite. — Então, pelo menos, leva isto — deitou um punhado de quivis e alguns pêssegos num saco de papel e insistiu para que eu os levasse. — O meu *salaam* ao teu pai. E volta em breve.

— Voltarei. Obrigado, Khala Jan — agradeci. E pelo canto do olho vi Soraya voltar a cara.

* * *

— Pensava que tinhas ido buscar *Coca-Colas* — disse Baba, tirando-me das mãos o saco de pêssegos. Olhava-me com uma expressão simultaneamente séria e divertida. Comecei a inventar uma história, mas ele trincou um pêssego e mandou-me calar com um gesto. — Deixa estar, Amir. Não te esqueças é do que eu te disse.

Nessa noite, na cama, pensei no modo como o sol, filtrado pelas árvores, dançava nos olhos de Soraya e nos ossos delicados abaixo do seu pescoço. Recordei a nossa conversa vezes sem fim. Ela tinha dito: «Ouvi dizer que escrevias» ou «Ouvi dizer que eras

escritor»? Qual das duas? Dei voltas na cama e fitei o teto, exasperado com a ideia de que só ao fim de seis difíceis e intermináveis noites voltaria a vê-la.

Foi assim semanas a fio. Esperava que o general fosse dar a sua volta e depois inventava um pretexto para passar pela banca dos Taheri. Quando Khanum Taheri estava lá, oferecia-me chá e *kolcha*, e falávamos de Cabul nos bons velhos tempos, das pessoas que conhecíamos, da artrite dela. Claro que ela já tinha reparado que as minhas visitas coincidiam sempre com as ausências do marido, mas fingia sempre que não.

— Que pena, o teu *kaka* saiu agora mesmo — dizia ela. Eu gostava que Khanum lá estivesse, e não era por causa das gentilezas dela: é que Soraya ficava mais descontraída, mais faladora, quando tinha a mãe por perto. Como se a sua presença legitimasse o que quer que estivesse a acontecer entre nós, embora, obviamente, não tanto como a do general. A companhia de Khanum Taheri tornava os nossos encontros, se não imunes aos mexericos, pelo menos merecedores de mexericos, muito embora a maneira como ela me bajulava desagradasse claramente a Soraya.

Um dia Soraya e eu demos por nós sozinhos na banca deles a conversar. Estava a falar-me da escola, a contar que também ela estava na faculdade, no Ohlone Junior College em Fremont.

— Queres formar-te em quê?

— Quero ser professora.

— A sério? Porquê?

— Sempre quis. Quando morávamos na Virgínia, tirei o diploma de Inglês para Estrangeiros e agora dou aulas na biblioteca pública uma noite por semana. A minha mãe também era professora, dava aulas de Parse e de História no liceu feminino de Zarghoona, em Cabul.

Um homem barrigudo de chapéu à caçador ofereceu três dólares por uns castiçais de cinco dólares e Soraya aceitou a oferta. Atirou o dinheiro para uma caixa de bombons que tinha aos pés. Olhou-me timidamente.

— Queria contar-te uma história — disse —, mas tenho vergonha.

— Conta lá.

— É um bocado parva.

— Conta, por favor.

Desatou a rir-se.

— Bem, quando eu estava na quarta classe, em Cabul, o meu pai contratou uma mulher chamada Ziba para ajudar na lida da casa. Tinha uma irmã no Irão, em Mashad, e, como era analfabeta, de vez em quando pedia-me para escrever as cartas que queria enviar à irmã. Um dia perguntei-lhe se ela não gostaria de saber ler e escrever. Ela fez um sorriso enorme, até aos olhos, e respondeu que adoraria. Portanto, depois de eu terminar os meus trabalhos de casa que trazia da escola, sentávamo-nos à mesa da cozinha e eu ensinava-lhe o alfabeto. Lembro-me de às vezes, a meio dos trabalhos de casa, levantar os olhos e ver Ziba na cozinha a pôr a carne a estufar na panela de pressão e depois a pegar no lápis para fazer os trabalhos que eu própria lhe passara na noite anterior.

»Bem, ao fim de um ano, Ziba já conseguia ler livros infantis. Sentávamo-nos no quintal e ela lia-me as histórias de Dara e Sara, devagar mas corretamente. Começou a tratar-me por Moalem Soraya, professora Soraya — voltou a rir-se. — Sei que parece uma criancice, mas a primeira vez que vi Ziba escrever a sua primeira carta soube que queria ser professora. Fiquei muito orgulhosa e senti que tinha feito qualquer coisa realmente importante, percebes?

— Sim — menti. Lembrei-me de que eu usava a minha literacia para fazer troça de Hassan. Que o gozava usando palavras difíceis que ele não conhecia.

— O meu pai quer que eu vá para Direito e a minha mãe está sempre a falar em Medicina, mas eu hei de ser professora. Não dá muito dinheiro aqui, mas é o que eu quero.

— A minha mãe também era professora.

— Eu sei — disse logo Soraya. — A minha mãe já me tinha contado — depois ficou vermelha quando percebeu o que tinha deixado escapar, o que a resposta dela implicava, que «Conversas sobre Amir» era um tema habitual entre elas na minha ausência. Precisei de fazer um esforço enorme para não sorrir.

— Trouxe-te uma coisa — tirei o rolo de páginas agrafadas do bolso de trás das calças —, como prometi — e entreguei-lhe um dos meus contos.

— Oh, lembraste-te — disse, sinceramente entusiasmada. — Obrigada! — quase nem tive tempo para reparar que era a primeira vez que ela não me tratava pelo formal *shoma*, porque de repente o sorriso dela desapareceu. O seu rosto perdeu a cor e o olhar fixou-se em qualquer coisa atrás de mim. Virei-me. Dei de caras com o general Taheri.

— Amir Jan. O nosso aspirante a contador de histórias. Que prazer — disse. Com um sorriso forçado.

— *Salaam*, general Sahib — cumprimentei, com um peso nos lábios.

Passou por mim e dirigiu-se à banca.

— Está um lindo dia, *nay*? — perguntou, o polegar enfiado no bolso do colete, a outra mão estendida para Soraya. Ela entregou-lhe as páginas. — Dizem que esta semana ainda vai chover. Mas custa a acreditar, não é? — Deitou as páginas enroladas para a lata do lixo. Aproximou-se de mim e pôs devagar uma mão no meu ombro. Demos uns passos juntos. — Sabes, *bachem*, gosto muito de ti. És um rapaz decente, digo-o com sinceridade, mas... — suspirou e fez um gesto com a mão — ... até os rapazes decentes precisam que os aconselhem. Assim, é meu dever informar-te de que há mais como tu nesta feira de velharias — parou. Os olhos inexpressivos dele fitaram os meus. — Bem vês, aqui todos são contadores de histórias — sorriu, mostrando uns dentes perfeitos. — Dá cumprimentos meus ao teu pai, Amir Jan.

Retirou a mão. Voltou a sorrir.

— Que se passa? — perguntou Baba. Estava a aceitar o dinheiro de uma velhota que tinha comprado um cavalo de balouço.

— Nada — respondi. Sentei-me em cima de um velho televisor. Mas acabei por lhe contar tudo.

— *Akh*, Amir — suspirou.

Mas acabei por não pensar muito no que tinha acontecido.

Porque no fim dessa semana Baba apanhou uma constipação.

Começou com uma tosse acompanhada de expetoração e espirros. Os espirros passaram, mas a tosse persistiu. Cuspia para o lenço de assoar e escondia-o no bolso. Eu estava sempre a dizer-lhe que tinha de mandar analisar a expetoração, mas ele mandava-

me calar. Odiava médicos e hospitais. Que eu soubesse, a única vez que Baba tinha ido ao médico foi quando apanhou malária na Índia.

Depois, ao fim de duas semanas, apanhei-o a cuspir sangue para a sanita.

— Há quanto tempo é que isso se passa? — perguntei.

— O que é o jantar? — perguntou ele.

— Vou levar-te ao médico.

Apesar de Baba ser gerente na estação de serviço, o proprietário não lhe oferecera nenhum seguro de saúde, e Baba, pacífico como era, não insistira: de modo que o levei ao hospital distrital de San Jose. O médico amarelento, de olhos inchados, que nos atendeu apresentou-se como estagiário residente.

— Parece mais novo que tu e mais doente que eu — resmungou Baba. O residente mandou-nos descer para tirar uma radiografia ao tórax. Quando a enfermeira nos voltou a chamar, o residente estava a preencher um impresso.

— Mostre isto na receção — disse, escrevinhando a toda a velocidade.

— E o que é isso? — perguntei.

— Uma credencial — e não parava de escrevinhar.

— Para quê?

— Consulta de pneumologia.

— O que é isso?

Deitou-me um olhar rápido. Ajustou os óculos. E recomeçou a escrevinhar.

— Tem uma mancha no pulmão direito. Quero a opinião deles.

— Uma mancha? — perguntei. Sentindo de repente que a sala era pequena de mais.

— Cancro? — acrescentou Baba, com o ar mais natural do mundo.

— É possível. É uma mancha suspeita, disso não há dúvida — murmurou o médico.

— Não pode dizer mais nada? — perguntei.

— Não posso mesmo. Primeiro tem de fazer uma TAC, depois ir ao especialista de pulmões — entregou-me a credencial. — Disse que o seu pai fuma, não é verdade?

— Sim.

Abanou a cabeça. Olhou para mim, depois para Baba, depois para mim outra vez.

— Vão telefonar-lhe dentro de umas duas semanas.

Quis perguntar-lhe como queria que eu fosse capaz de viver com aquela palavra, «suspeita», durante mais duas semanas. Como queria que eu conseguisse comer, trabalhar, estudar? Como é que ele podia mandar-me embora com aquela palavra?

Peguei no impresso e entreguei-o no lugar devido. Nessa noite, esperei que Baba adormecesse e depois dobrei um cobertor no chão. Usei-o como tapete de oração. De cabeça inclinada até ao chão, recitei versos meio esquecidos do Alcorão, versos que o mulá nos obrigara a decorar em Cabul, e pedi misericórdia a um Deus que eu nem tinha a certeza de que existia. Senti inveja do mulá, da sua fé, da sua certeza.

Passaram duas semanas e ninguém telefonou. E, quando eu liguei para lá, disseram-me que tinham perdido a credencial. De certeza que a tinha entregado? Telefonariam daí a três semanas. Armei um escândalo e consegui reduzir as três semanas para uma até à TAC, duas até à consulta.

A consulta com o pneumologista, Dr. Schneider, estava a correr bem até Baba se lembrar de lhe perguntar de onde é que ele era. O Dr. Schneider disse que era russo. Baba perdeu a cabeça.

— Desculpe, doutor — apressei-me a dizer, empurrando Baba para o lado. O Dr. Schneider sorriu e recuou, ainda de estetoscópio em punho. — Baba, li a biografia do doutor Schneider na sala de espera. Ele nasceu no Michigan. Michigan! Ele é americano, muito mais americano do que eu ou tu jamais seremos!

— Quero lá saber onde é que ele nasceu, é *roussi* e basta — disse Baba. Fazendo uma careta como se tivesse pronunciado um palavrão. — Os pais dele eram *roussi*, os avós eram *roussi*. Juro pela alma da tua mãe que lhe parto um braço se ele se atrever a tocar-me.

— Os pais do doutor Schneider fugiram dos *shorawi*, não percebes? Fugiram!

Mas Baba não quis saber. Às vezes penso que a única coisa que ele amou tanto como a falecida mulher foi o Afeganistão, o seu

falecido país. Apeteceu-me gritar de frustração. Mas em vez disso suspirei e disse ao Dr. Schneider:

— Peço desculpa, doutor. Não vale a pena insistir.

O segundo pneumologista, o doutor Amani, era iraniano e Baba aprovou-o. O Dr. Amani, um homem de falas mansas com um bigode torto e uma juba de cabelo grisalho, disse-nos que tinha lido o relatório da TAC e que teria de proceder a uma broncoscopia e extrair um pouco de tecido pulmonar para ser analisado. Marcou-a para a semana seguinte. Agradeci e conduzi Baba para fora do gabinete, a pensar que agora ia ter de viver uma semana com aquela palavra nova, «tecido pulmonar», uma palavra ainda mais agoirenta que «suspeita». Desejei que Soraya estivesse ao pé de mim.

Acontece que, tal como Satanás, o cancro tem muitos nomes. O de Baba chamava-se «carcinoma das células cilíndricas». Em estado avançado. Não operável. Baba pediu ao Dr. Amani um prognóstico. O Dr. Amani mordeu o lábio e empregou o termo «grave».

— Há a quimioterapia, claro — disse. — Mas seria apenas paliativa.

— O que é que isso quer dizer? — perguntou Baba.

O Dr. Amani suspirou.

— Quer dizer que não vai modificar o desfecho, apenas atrasá-lo um pouco.

— Ora isso é que é falar sem papas na língua, doutor Amani. Agradeço-lhe muito — disse Baba. — Mas quimioterapia não, obrigado — estava com o mesmo ar decidido com que tinha colocado as cadernetas de senhas na secretária de Mrs. Dobbins.

— Mas Baba...

— Não me contradigas em público, Amir. Nunca. Quem julgas tu que és?

A chuva de que o general Taheri tinha falado na feira de velharias chegou um pouco atrasada, mas quando saímos do consultório do Dr. Amani os carros que passavam já atiravam água cinzenta para cima dos passeios. Baba acendeu um cigarro. Foi sempre a fumar até ao carro e sempre a fumar até casa.

Enquanto ele introduzia a chave na porta do prédio, disse-lhe:

— Não perdes nada em fazer a quimioterapia, Baba.

Baba arrumou as chaves no bolso, puxou-me para baixo do toldo às riscas do prédio, para sair da chuva. Fingiu dar-me um soco no peito com a mão que segurava o cigarro.

— *Bas!* Já tomei a minha decisão.

— E eu, Baba? O que é que eu faço agora? — perguntei, com os olhos cheios de lágrimas.

Uma expressão de repugnância atravessou-lhe o rosto molhado pela chuva. Era a mesma expressão com que me olhava quando eu, em miúdo, caía, esfolava o joelho e chorava. Era o meu choro que a provocava nessa altura, o meu choro que a provocava agora.

— Tu tens vinte e dois anos, Amir! És um adulto! Tu... — abriu a boca, fechou-a, voltou a abri-la, reconsiderou. Por cima de nós, o martelar da chuva na lona do toldo. — O que é que vais fazer agora, perguntas tu? Pois o que eu tentei ensinar-te estes anos todos foi exatamente a nunca fazeres essa pergunta.

Abriu a porta. Voltou-se para mim.

— E outra coisa. Que ninguém saiba disto, ouviste? Ninguém. Não quero que tenham pena de mim — em seguida desapareceu no átrio às escuras. Passou o resto do dia a fumar cigarros uns atrás dos outros, sentado em frente da televisão. Eu não sabia o quê ou quem estava ele a desafiar. Eu? O Dr. Amani? Talvez o Deus em que nunca tinha acreditado.

Durante algum tempo, nem o cancro conseguiu mantê-lo afastado da feira de velharias. Fazíamos a nossa ronda pelos fornecedores aos sábados e dispúnhamos os nossos artigos aos domingos. Candeeiros de bronze. Luvas de basebol. Blusões de esqui com os fechos estragados. Baba trocava dois dedos de conversa com os conhecidos do antigo país e eu regateava com os clientes um ou dois dólares. Como se o dia em que eu me tornaria órfão não estivesse cada vez mais perto sempre que fechávamos a loja.

De vez em quando, o general Taheri passava por nós com a mulher. O general, eternamente diplomata, cumprimentava-me com um sorriso e o seu típico aperto de duas mãos. Mas havia uma nova reticência na atitude de Khanum Taheri. Uma reticência apenas quebrada pelos sorrisos misteriosos, tristes, dela, e pelos olhares

furtivos e apologéticos que me dirigia quando a atenção do general se concentrava noutra coisa qualquer.

Recordo esse período como uma época de muitas «primeiras vezes». A primeira vez que ouvi Baba gemer na casa de banho. A primeira vez que encontrei sangue no travesseiro dele. Em mais de três anos à frente da estação de serviço, Baba nunca tinha metido baixa. Outra primeira vez.

Nesse ano, por altura do Halloween, Baba ficava sempre tão cansado a meio da tarde de sábado que me esperava ao volante enquanto eu saía e regateava as bugigangas. No Dia de Ação de Graças, sentiu-se arrasado ainda nem meio-dia era. Quando os trenós começaram a encher os relvados e a neve cobriu os abetos, Baba foi para casa e eu subi e desci a península sozinho ao volante da carrinha *VW*.

Às vezes, na feira de velharias, amigos afegãos comentavam que Baba estava mais magro. De início, faziam-no como um elogio. Chegavam a perguntar-lhe que dieta secreta tinha ele adotado. Mas as perguntas e as felicitações cessaram quando a perda de peso se tornou exagerada. Quando os quilos começaram a ser poucos. Cada vez menos. Quando as faces dele ficaram encovadas. As têmporas cavadas. E os olhos sumidos no fundo das órbitas.

Num domingo frio, pouco depois do Ano Novo, enquanto Baba vendia um abajur a um filipino atarracado, fui à carrinha buscar uma manta para lhe cobrir as pernas.

— Ei! Este homem não está bem! — exclamou o filipino, assustado. Virei-me e dei com Baba estendido no chão. Os braços e as pernas agitavam-se em movimentos convulsivos.

— *Komak!* — gritei. — Socorro! — corri para Baba. Deitava espuma pela boca, a saliva a ensopar-lhe a barba. Nos olhos revirados só se via a parte branca.

Toda a gente veio ter connosco. Ouvi alguém falar em epilepsia. Alguém gritar: «Chamem o 112!» Passos apressados na nossa direção. O céu escureceu quando a multidão se aglomerou à nossa volta.

O cuspo de Baba tornou-se vermelho. Havia mordido a língua. Ajoelhei-me ao lado dele, agarrei-o pelos braços e disse: «Estou aqui Baba, estou aqui, já passou, estou aqui.» Como se eu pudesse

com aquilo pôr fim às convulsões. Convenci-os a deixarem o meu Baba em paz. Senti que tinha os joelhos molhados. Vi que a bexiga de Baba estava descontrolada. «*Shhh*, Baba Jan, estou aqui. O teu filho está mesmo aqui ao pé de ti.»

O médico, de barba branca e completamente careca, levou-me para fora do quarto.

— Quero que veja a TAC do seu pai comigo — disse. Colocou o exame numa caixa iluminada na parede do corredor e apontou com a borracha do seu lápis para as imagens do cancro de Baba, como um polícia a mostrar os buracos dos tiros à família da vítima. Nessas imagens, o cérebro de Baba parecia o corte transversal de uma grande noz, crivada de coisas cinzentas em forma de bola de ténis.

— Como pode ver, o cancro espalhou-se — disse. — Ele vai ter de tomar esteroides para reduzir o tumor no cérebro e ser medicado contra os ataques epiléticos. E eu recomendaria radiação paliativa. Sabe o que isso significa.

Respondi que sim. Tinha-me tornado um especialista em terminologia do cancro.

— Muito bem, então — disse. Consultou o *beeper*. — Tenho de ir, mas mande-me um *beep* se precisar de alguma coisa.

— Obrigado.

Passei a noite sentado numa cadeira ao lado da cama de Baba.

Na manhã seguinte, a sala de espera ao fundo do corredor estava atulhada de afegãos. O talhante de Newark. Um engenheiro que trabalhara com Baba no orfanato. Fizeram fila e foram um a um cumprimentar Baba em voz baixa. Desejar-lhe rápidas melhoras. Baba estava acordado, confuso e ensonado, mas acordado.

A meio da manhã, vieram o general Taheri e a mulher, seguidos por Soraya. Olhámos um para o outro e desviámos o olhar ao mesmo tempo.

— Como te sentes, meu amigo? — perguntou o general Taheri, segurando-lhe a mão.

Baba indicou o tubo que pendia do seu braço. Esboçou um sorriso. O general fez o mesmo.

— Não se deviam ter incomodado. Nenhum de vocês — conseguiu Baba dizer.

— Não foi incómodo — respondeu Khanum Taheri.

— Incómodo nenhum. Diz lá, precisas de alguma coisa? — perguntou o general Taheri. — Seja o que for? Pede-me o que for preciso, como se estivesses a falar com um irmão.

Lembrei-me de uma coisa que Baba me tinha um dia contado acerca dos pastós. «Podemos ser teimosos, e sei que somos orgulhosos de mais, mas nas horas de aflição, acredita, não há ninguém melhor para teres ao teu lado que um pastó.»

Baba abanou a cabeça pousada no travesseiro.

— A vossa visita já foi uma alegria.

O general sorriu e apertou a mão de Baba.

— Como estás, Amir Jan? Precisas de alguma coisa?

O modo como me olhou, a sinceridade nos seus olhos...

— *Nay*, general Sahib. Eu... — senti um nó na garganta e os meus olhos encheram-se de lágrimas. Saí do quarto.

Chorei no corredor, junto à caixa iluminada, onde, na noite anterior, tinha visto a imagem do assassino.

A porta do quarto de Baba abriu-se e Soraya saiu. Ficou a meu lado. Estava de *sweatshirt* cinzenta e calças de ganga. Tinha o cabelo caído. Eu só queria consolar-me nos braços dela.

— Lamento muito, Amir — disse-me. — Todos percebemos que ele tinha alguma coisa, mas não fazíamos ideia de que era isto.

Enxuguei os olhos com a manga.

— Ele não queria que ninguém soubesse.

— E tu, precisas de alguma coisa?

— Não — tentei sorrir. Ela pegou na minha mão. O nosso primeiro contacto físico. Agarrei na dela. Encostei-a ao meu rosto. Aos meus olhos. Larguei-a. — É melhor ires lá para dentro. Ou o teu pai ainda vem à minha procura.

Ela sorriu e concordou.

— É melhor — e voltou-se.

— Soraya?

— Sim?

— Fiquei contente por teres vindo. Foi... muito importante para mim.

Deram alta a Baba dois dias depois. Mandaram vir um especialista em oncologia e radiologia para convencer Baba a fazer um tratamento de radiações. Baba recusou-se. Tentaram convencer-me a convencê-lo. Mas eu tinha visto a expressão de Baba. Agradeci-lhes, assinei o que era preciso e levei Baba para casa no meu *Ford Torino*.

Nessa noite, Baba deitou-se no sofá com uma manta a cobri-lo. Levei-lhe chá quente e amêndoas torradas. Pus os braços em volta dele e ajudei-o a sentar-se com demasiada facilidade. A asa de pássaro que os meus dedos tocaram era a omoplata dele. Puxei a manta até ao peito, onde as costelas estavam tapadas por uma pele fina e branca.

— Queres que eu faça alguma coisa, Baba?

— *Nay, bachem*. Obrigado.

Sentei-me ao lado dele.

— Então vou eu pedir-te que me faças um favor. Se não estiveres demasiado cansado.

— O quê?

— Queria que tu *khastegari*. Queria que pedisses ao general Taheri a mão da filha dele.

Os lábios secos de Baba desenharam um sorriso. Uma mancha verde numa folha murcha.

— Tens a certeza?

— Nunca tive tanta certeza na minha vida.

— Pensaste bem?

— *Balay*, Baba.

— Então passa-me o telefone. E a minha agenda.

Escancarei os olhos.

— Já?

— Porque não?

Sorri.

— Está bem — passei-lhe o telefone e a agenda preta onde Baba tomava nota dos números de telefone dos seus amigos afegãos. Procurou o dos Taheri. Marcou-o. Encostou o auscultador ao ouvido. O meu coração fazia piruetas dentro do meu peito.

— Jamila Jan? *Salaam alaykum* — disse. Apresentou-se. Fez uma pausa. — Bastante melhor, obrigado. Foram tão amáveis em

visitar-me — escutou algum tempo. Fez que sim com a cabeça. — Eu não me esqueço, obrigado. O general Sahib está? — pausa. — Obrigado.

Os olhos dele fitaram-me. Senti vontade de rir. Ou gritar. Encostei a mão fechada à boca e mordi-a. Baba riu-se baixinho, pelo nariz.

— General Sahib, *Salaam alaykum*... Sim, muito melhor... *Balay*... É muito amável. General Sahib, estou a falar para saber se posso fazer uma visita, a si e a Khanum Taheri, amanhã de manhã. É um assunto importante... Sim... Onze horas está ótimo. Até amanhã então. *Khoda hafez*.

Desligou. Olhámos um para o outro. Desatei a rir-me. Baba fez-me companhia.

Baba molhou o cabelo e penteou-o para trás. Ajudei-o a vestir uma camisa branca lavada e dei-lhe o nó da gravata, reparando nos centímetros de espaço vazio entre o botão do colarinho e o pescoço de Baba. Pensei em todos os espaços que Baba iria deixar vazios quando partisse e obriguei-me a pensar noutra coisa. Ele não tinha partido. Ainda não. E aquele era um dia para pensar em coisas boas. O casaco do fato castanho, o que ele tinha vestido na minha festa de fim de curso, nadava em cima dele — Baba diminuíra de volume e já não conseguia enchê-lo. Tive de fazer uma dobra nas mangas. Baixei-me para lhe atar os sapatos.

Os Taheri viviam numa casa baixa, de um só piso, numa das zonas residenciais de Fremont conhecida por abrigar muitos afegãos. Tinha janelas oitavadas, telhado de duas águas e um alpendre à entrada onde vi vasos com gerânios. A carrinha cinzenta do general estava estacionada à porta.

Ajudei Baba a sair do *Ford* e voltei a sentar-me ao volante. Ele debruçou-se à janela do condutor.

— Vai para casa. Telefono daqui a uma hora.

— Está bem, Baba. Boa sorte.

Baba sorriu. Fui-me embora. No espelho retrovisor, vi Baba dirigir-se à porta dos Taheri para cumprir um último dever de pai.

Pus-me a andar de um lado para o outro na sala do nosso apartamento, à espera do telefonema de Baba. Quinze passos de comprimento. Dez e meio de largura. E se o general dissesse que

não? E se ele me odiasse? De cinco em cinco minutos ia à cozinha ver as horas no relógio do fogão.

O telefone tocou pouco antes do meio-dia. Era Baba.

— Então?

— O general aceitou.

Respirei fundo. Sentei-me. As mãos tremiam-me.

— Aceitou?

— Sim, mas Soraya Jan está no quarto. Quer falar contigo primeiro.

— Está bem.

Baba disse qualquer coisa a alguém, ouvi dois estalidos e ele pousou o auscultador.

— Amir? — a voz de Soraya.

— *Salaam*.

— O meu pai disse que sim.

— Eu sei — respondi. Passei o auscultador para a outra mão. — Estou tão feliz que nem sei que dizer.

— Eu também estou feliz, Amir. Eu... nem acredito que seja verdade.

— Sei o que isso é — disse a rir.

— Ouve — continuou ela. — Preciso de te contar uma coisa. Uma coisa que tens que saber antes de...

— Não é preciso contares nada.

— Mas tens de saber. Não quero segredos entre nós. E é melhor que seja eu a contar-te.

— Se isso te faz sentir melhor, diz. Mas não irá alterar nada.

Houve uma longa pausa do outro lado da linha.

— Quando vivíamos na Virgínia, fugi de casa com um homem afegão. Eu tinha dezoito anos nessa altura, era rebelde, estúpida, e ele... ele tomava drogas... Vivemos juntos quase um mês. Entre os afegãos da Virgínia não se falava noutra coisa.

»*Padar* acabou por nos encontrar. Apareceu à nossa porta e... obrigou-me a voltar para casa. Fiquei histérica. Aos berros. Aos gritos. A dizer que o odiava...

»Bem, mas acabei por voltar para casa e... — Agora ela estava a chorar. — Com licença. — Ouvi-a pousar o auscultador. Assoar-se. — Desculpa. — Continuou a falar, um pouco rouca. — Quando

cheguei a casa soube que a minha mãe tinha sofrido uma trombose, o lado direito da cara dela estava paralisado e... senti-me tão culpada. Ela não o merecia.

»*Padar* decidiu vir para a Califórnia pouco depois. — Seguiu-se um silêncio.

— Como estão as coisas entre ti e o teu pai, agora? — perguntei.

— Sempre tivemos as nossas desavenças, e continuamos a tê-las, mas sinto-me grata por me ter ido buscar naquele dia. Acho que ele me salvou. — Fez uma pausa. — Então, o que acabei de contar não te incomoda?

— Um pouco — respondi. Com aquilo ficava a dever-lhe a verdade. Não podia mentir-lhe e dizer que o meu orgulho, o meu *iftikhar*, não fora atingido por ela já ter tido um homem, enquanto eu nunca tinha ido para a cama com uma mulher. Incomodava-me um pouco, mas pensara muito antes de pedir a Baba que fosse *khastegari*. E chegava sempre à mesma conclusão: quem era eu para não perdoar fosse a quem fosse o seu passado?

— Incomoda-te a ponto de te fazer mudar de ideias?

— Não, Soraya. Nem pensar nisso. Nada que me contes poderá fazer-me mudar de ideias. Quero casar contigo.

Ela rompeu em lágrimas.

Invejei-a. O seu segredo estava revelado. Dito. Resolvido. Abri a boca para lhe contar que tinha traído Hassan e destruído uma amizade de quarenta anos entre Baba e Ali. Mas não o fiz. Já desconfiava que Soraya Taheri era mil vezes melhor que eu em muitos aspetos. A coragem era apenas um deles.

TREZE

Quando chegámos a casa dos Taheri na noite seguinte — para a *lafz*, a cerimónia do compromisso —, tive de estacionar o *Ford* do outro lado da rua. No quintal deles não cabia mais nenhum carro. Vesti um fato azul-escuro que comprara na véspera depois de ir buscar Baba ao *khastegari*. Ajeitei a minha gravata no espelho retrovisor.

— Estas *khoshteep* — disse Baba. Bonito.

— Obrigado, Baba. Sentes-te bem? Achas que vais aguentar isto?

— Aguentar? É o dia mais feliz da minha vida, Amir — disse, com um sorriso cansado.

Do outro lado da porta ouvia-se o barulho de pessoas a falar, gargalhadas, música afegã a tocar baixinho — pareceu-me um *ghazal* clássico interpretado por Ustad Sarahang. Toquei à campainha. Uma cara espreitou pelo cortinado do *hall* e desapareceu.

— São eles! — ouvi uma mulher dizer. As vozes calaram-se. Alguém desligou a música.

Khanum Taheri abriu a porta.

— *Salaam alaykum* — disse, radiante. Tinha feito uma permanente, reparei, e vestia um elegante vestido preto comprido. Quando entrei no *hall*, ela tinha os olhos molhados.

— Ainda mal entraste em casa e eu já estou a chorar, Amir Jan — disse ela. Beijei-lhe a mão, tal como Baba me ensinara na noite anterior.

Conduziu-nos por um corredor bem iluminado até à sala. Pregados nos painéis de madeira que revestiam as paredes, vi retratos das pessoas que iriam ser a minha nova família: uma jovem Khanum Taheri de cabelo ripado com o general — as cataratas do Niágara ao fundo; Khanum Taheri num vestido a direito, o general num casaco de lapelas estreitas como a gravata, farta cabeleira preta; Soraya, prestes a entrar para uma montanha-russa de madeira, a acenar e a sorrir, o sol refletido no aparelho prateado dos dentes. Uma fotografia do general, imponente na sua farda de

militar, a apertar a mão ao rei Hussein da Jordânia. Uma fotografia de Zahir Shah.

Na sala cheia de gente, cerca de duas dúzias de convidados sentavam-se em cadeiras encostadas às paredes. Quando Baba entrou, todos se levantaram. Demos a volta à sala, Baba à frente devagar, eu atrás dele, apertando a mão aos convidados, cumprimentando-os. O general, no seu fato cinzento, e Baba abraçaram-se, dando palmadinhas nas costas um do outro. Disseram os seus *salaams* num tom de respeito, em voz baixa.

O general esticou-me os braços e sorriu sugestivamente, como se estivesse a dizer: «Vamos fazer isto como deve ser, à maneira afegã, *bachem*», e beijámo-nos três vezes na face.

Sentámo-nos na sala apinhada de gente, Baba e eu ao lado um do outro, em frente do general e da sua mulher. A respiração de Baba tornara-se um pouco rápida e ele não parava de limpar a testa e a cabeça suadas com o lenço. Viu que eu estava a olhar para ele e fez um sorriso forçado.

— Estou ótimo — segredou.

Como manda a tradição, Soraya não estava presente.

Seguiram-se uns momentos de conversa de salão e de conversa de chacha até que o general aclarou a garganta. Fez-se silêncio e todos baixaram os olhos em sinal de respeito. O general dirigiu uma pequena vénia a Baba.

Foi a vez de Baba aclarar a garganta. Não conseguia pronunciar frases completas, tinha de parar a meio para respirar.

— General Sahib, Khanum Jamila Jan... é com grande humildade que o meu filho e eu... viemos a vossa casa hoje. São... pessoas honradas... de famílias distintas e notáveis e... de boa linhagem. Não trago senão o maior *ihtiram*... e a maior das considerações por vós, pelos vossos nomes de família e pela memória... dos vossos antepassados — parou. Recuperou o fôlego. Enxugou a testa. — Amir Jan é o meu único rapaz... o meu único filho, e tem sido um bom filho para mim. Espero que ele se mostre... digno da vossa bondade. Peço-lhe que conceda a Amir Jan e a mim... a honra de aceitar o meu filho na vossa família.

O general baixou a cabeça, uma forma de boa educação.

— É para nós uma honra receber na nossa família o filho de um homem como o senhor — respondeu. — A sua reputação fala por si. Fui um seu humilde admirador em Cabul e hoje continuo a sê-lo. É uma felicidade ver as nossas famílias unirem-se.

»Quanto a ti, Amir Jan, recebo-te em minha casa como a um filho, como o marido da minha filha, que é a *noor* dos meus olhos. A tua dor será a nossa dor, a tua alegria a nossa alegria. Espero que vejas na tua Khala Jamila e em mim uns segundos pais e o que mais desejo é que tu e a nossa querida Soraya sejam felizes. Têm ambos a nossa bênção.

Todos aplaudiram, o que constituiu uma espécie de sinal para que os olhares se voltassem para o corredor. O momento por que eu ansiava.

Finalmente Soraya apareceu. Vestida com um deslumbrante fato tradicional afegão cor de vinho, com mangas compridas debruadas a dourado. Baba pegou na minha mão e apertou-a. Khanum Taheri rompeu em lágrimas. Soraya caminhou pausadamente na nossa direção, seguida por um cortejo de raparigas da família.

Beijou as mãos do meu pai. Por fim sentou-se a meu lado, de olhos baixos.

Os aplausos subiram de tom.

Segundo a tradição, a família de Soraya deveria dar uma festa de noivado, o *shirini-khori*, ou cerimónia dos doces. Seguir-se-ia o período do noivado, que se prolongaria por alguns meses. E depois o casamento, pago por Baba.

Todos aprovaram que Soraya e eu dispensássemos o *shirini-khori*. Todos compreendiam o motivo, por isso não foi preciso mencioná-lo: Baba não tinha muitos meses de vida.

Soraya e eu nunca saímos juntos enquanto os preparativos para o casamento decorriam — como ainda não éramos casados, e nem sequer tínhamos celebrado o *shirini-khori*, não seria bem visto. Assim, tive de me contentar em ir jantar a casa dos Taheri com Baba. Sentar-me à mesa em frente de Soraya. Imaginar o que seria ter a cabeça dela encostada ao meu peito, sentir o cheiro do cabelo dela. Beijá-la. Fazer amor com ela.

Baba gastou trinta e cinco mil dólares, quase todas as suas poupanças, na festa de casamento, o *awroussi*. Alugou um grande

salão de festas afegão em Fremont — o proprietário conhecia-o de Cabul e fez-lhe um desconto substancial. Baba pagou as *chilas*, as nossas alianças de casamento, e o anel de diamantes que eu próprio escolhi. Comprou-me o *smoking* e o tradicional fato verde para a *nika* — a cerimónia do juramento.

Apesar dos frenéticos preparativos que duraram até à noite do casamento — a maioria, felizmente, entregue nas mãos de Khanum Taheri e das suas amigas —, lembro-me apenas de alguns momentos.

Lembro-me da nossa *nika*. Estávamos sentados a uma mesa redonda, Soraya e eu vestidos de verde — a cor do islão, mas também da primavera e da esperança. Eu, de fato, e Soraya (a única mulher presente), de vestido de mangas compridas e véu. Baba, o general Taheri (desta vez de *smoking*) e vários tios de Soraya sentaram-se também à mesa. Soraya e eu baixámos a cabeça, em sinal de respeito pela solenidade, olhando-nos apenas de soslaio. O mulá interrogou as testemunhas e leu passagens do Alcorão. Fizemos os nossos votos. Assinámos as certidões. Um tio de Soraya, que veio da Virgínia, Sharif Jan, irmão de Khanum Taheri, levantou-se e tossiu. Soraya tinha-me contado que ele vivia nos Estados Unidos já lá iam vinte anos. Trabalhava no INS e tinha uma esposa americana. Era também poeta. Um homem baixo com cara de pássaro e muito cabelo leu um longo poema dedicado a Soraya, escrito em papel timbrado do hotel onde estava hospedado.

— *Wah wah*, Sharif Jan! — exclamaram todos quando ele terminou.

Lembro-me de caminhar para o estrado, agora de *smoking*, Soraya de *pari* branco e véu, os dois de mãos dadas. Baba seguia a meu lado, o general e a mulher ao lado da filha. Um desfile de tios, tias e primos acompanhou-nos e lá atravessámos o *hall*, abrindo caminho entre um mar de convidados que aplaudiam, piscando os olhos sempre que a câmara disparava. O filho de Sharif Jan segurou um Alcorão por cima das nossas cabeças enquanto avançávamos lentamente. A canção do casamento, *ahesta boro*, irrompeu pelos altifalantes, a mesma canção que o soldado russo no posto de controlo de Mahipar cantara na noite em que Baba e eu deixámos Cabul:

Transforma a manhã numa chave e deita-a a um poço,
Devagar, minha bela lua, devagar,
Que o sol da manhã se esqueça de nascer a oriente,
Devagar, minha bela lua, devagar.

Lembro-me de estar sentado no sofá. Colocado em cima do estrado, como se fosse um trono. De mãos dadas com Soraya, umas trezentas caras a olhar para nós. Fizemos *ayena masshaf*, em que nos foi entregue um espelho, ao mesmo tempo que um véu era posto por cima de ambos, para que pudéssemos olhar o reflexo um do outro em privado. Ao ver o rosto sorridente de Soraya no espelho, na intimidade momentânea do véu, disse-lhe pela primeira vez que a amava. Um rubor, vermelho como hena, corou-lhe as faces.

Recordo coloridas travessas com *chopan kabob*, *sholeh-goshti* e arroz de laranja-silvestre. Baba sentado entre nós os dois, a sorrir. Homens encharcados em suor a dançar em círculo o tradicional *attan*, pulando, girando cada vez mais rapidamente ao ritmo febril da *tabla*, até quase todos saírem da roda, exaustos. Lembro-me de desejar que Rahim Khan estivesse ali comigo.

E lembro-me de perguntar a mim próprio se Hassan se teria também casado. E, em caso afirmativo, que rosto teria ele visto no espelho por baixo do véu? A quem pertenceriam as mãos pintadas com hena que ele apertou?

Por volta das duas da manhã, a festa mudou-se do salão alugado para o apartamento de Baba. O chá voltou a correr e a música ouviu-se até os vizinhos chamarem a polícia. Mais tarde, pouco mais de uma hora do nascer do Sol, quando os convidados finalmente partiram, Soraya e eu deitámo-nos juntos pela primeira vez. Toda a minha vida fora passada na companhia de homens. Nessa noite descobri a doçura da mulher.

Foi Soraya que sugeriu vir morar comigo e com Baba.

— Pensava que querias uma casa só nossa — observei.

— Com Kaka Jan tão doente? — replicou. Os olhos dela diziam-me que não era boa ideia começar assim um casamento. Beijei-a.

— Obrigado.

Soraya dedicou-se a cuidar do meu pai. Fazia-lhe torradas e chá de manhã, ajudava-o a sair da cama, a deitar-se novamente. Dava-

lhe os analgésicos, lavava-lhe a roupa, lia-lhe a secção internacional do jornal todas as tardes. Cozinhava-lhe o prato preferido dele, *shorwa* de batata, embora ele comesse apenas umas garfadas, e levava-o todos os dias a dar uma volta pelo quarteirão. E, quando ele ficou acamado, mudava-o de posição de hora a hora, para não ficar com escaras.

Uma vez cheguei a casa com os comprimidos de morfina que tinha ido comprar à farmácia. Enquanto fechava a porta, percebi que Soraya escondia apressadamente qualquer coisa debaixo do cobertor de Baba.

— Ei! Vi tudo! Que estavam vocês a fazer? — perguntei.

— Nada — respondeu Soraya.

— Mentirosa — levantei o cobertor de Baba. — Que se passa? — perguntei, apesar de ter percebido tudo assim que vi o caderno com capa de couro. Passei os dedos pelos adornos dourados das bordas. Lembrei-me do fogo de artifício da noite em que Rahim Khan mo oferecera, a noite dos meus treze anos, dos foguetes a rebentar em ramos de luzes vermelhas, verdes e amarelas.

— Não acredito que escrevas tão bem — disse Soraya.

Baba arrastou a cabeça no travesseiro e disse:

— A ideia foi minha. Espero que não te importes.

Devolvi o caderno a Soraya e saí. Baba detestava ver-me chorar.

Um mês depois do casamento, os Taheri, Sharif, a mulher Suzy e várias tias de Soraya vieram jantar a nossa casa. Soraya fez *sabzi challow* — arroz branco com espinafres e borrego. Depois do jantar, bebemos chá verde e jogámos às cartas em grupos de quatro. Soraya e eu jogámos com Sharif e Suzy na mesa baixa, junto ao divã onde Baba estava deitado, com um cobertor de lã por cima. Viu-me jogar com Sharif, viu Soraya e eu darmos as mãos, viu-me ajeitar um caracol do cabelo dela. Percebi que sorria por dentro, um sorriso tão grande como o céu de Cabul nas noites em que os choupos tremiam e o canto dos grilos enchia os jardins.

Pouco antes da meia-noite, Baba pediu-nos que o levássemos para a cama. Soraya e eu colocámos os braços dele em volta dos nossos pescoços e juntámos as mãos nas costas dele. Quando o baixámos, mandou Soraya apagar o candeeiro da mesa de

cabeceira. Pediu-nos que nos baixássemos, deu um beijo a cada um.

— Já venho trazer a morfina e um copo de água, Kaka Jan — disse Soraya.

— Hoje não é preciso — respondeu ele. — Hoje não tenho dores.

— Está bem — disse ela. Tapou-o com o cobertor. Fechámos a porta.

Baba nunca chegou a acordar.

Esgotaram-se os lugares de estacionamento da mesquita de Hayward. No campo atrás do edifício, carros e carrinhas formavam filas improvisadas. Só a três ou quatro quarteirões dali se encontrava um espaço para deixar o carro.

A secção masculina da mesquita era uma enorme sala quadrada, coberta com tapetes afegãos e colchões delgados dispostos em filas paralelas. Os homens invadiram a sala, depois de deixar os sapatos à entrada, e sentaram-se de pernas cruzadas em cima dos colchões. Um mulá entoava suras do Alcorão diante de um microfone. Sentei-me junto à porta, o lugar habitualmente reservado à família do morto. O general Taheri sentou-se a meu lado.

Pela porta aberta, vi filas de carros a passar, o sol refletido no para-brisas. Paravam para deixar sair os passageiros, os homens de fatos escuros, as mulheres de vestidos pretos e os tradicionais *hijabs* brancos na cabeça.

Enquanto as palavras do Alcorão reverberavam pela sala, pensei na velha história de Baba a lutar com um urso-negro no Balochistão. Baba tinha lutado com ursos toda a vida. Perdido a sua jovem esposa. Educado um filho sozinho. Deixado o seu querido país, o seu *watan*. A pobreza. A indignidade. No fim, deparou com um urso que não conseguiu derrotar. Mas, mesmo assim, tinha sido ele a impor as regras.

No fim de cada série de orações, grupos de pessoas de luto vinham cumprimentar-me e saíam ordeiramente. Como era meu dever, apertava-lhes as mãos. Muitas delas eu mal conhecia. Sorria, agradecia-lhes por terem comparecido, ouvia o que todos tinham a contar sobre Baba...

— Ajudou-me a construir uma casa em Taimani...

— Bendito seja...

— Não tinha a quem recorrer e ele emprestou-me...

— Arranjou-me emprego... mal me conhecia...

— Era como um irmão para mim...

Ao ouvir o que me contavam, percebi o quanto de quem ele era, o que ele era, fora definido por Baba e pelas marcas que deixara na vida das pessoas. Toda a vida eu tinha sido o «filho de Baba». Agora ele já cá não estava. Baba já não podia mostrar-me o caminho; teria de encontrá-lo sozinho.

A ideia apavorou-me.

Horas antes, na pequena secção muçulmana do cemitério, vira baixar Baba na cova. O mulá e outro homem puseram-se a discutir qual seria o *ayat* do Alcorão mais adequado para ler junto à sepultura. A coisa podia ter acabado mal se o general Taheri não tivesse intervindo. O mulá recitou o *ayat* por ele escolhido, deitando olhares antipáticos ao outro homem. Vi-os deitar a primeira pazada de terra para cima da sepultura. Depois fui-me embora. Atravessei o cemitério. Sentei-me à sombra de um ácer-vermelho.

Já todos tinham partido e a mesquita estava vazia, à exceção do mulá que tirava o microfone da tomada e embrulhava o Alcorão num pano verde. O general e eu saímos para o sol do fim da tarde. Descemos os degraus, onde havia homens a fumar em grupos. Ouvi fragmentos das conversas deles, um jogo de futebol em Union City na semana seguinte, um novo restaurante afegão em Santa Clara. A vida já prosseguia, deixando Baba para trás.

— Como te sentes, *bachem*? — perguntou o general Taheri.

Cerrei os dentes. Afugentei as lágrimas que todo o dia tinham ameaçado romper.

— Vou procurar Soraya.

— Ótimo.

Dirigi-me ao lado da mesquita destinado às mulheres. Lá estava Soraya nas escadas, com a mãe e outras senhoras que me recordava vagamente de ter visto no casamento. Fiz-lhe sinal. Ela disse qualquer coisa à mãe e veio ter comigo.

— Podemos dar uma volta?

— Claro — respondeu ela, dando-me a mão.

Caminhámos em silêncio por um carreiro sinuoso de gravilha ladeado por sebes baixas. Sentámo-nos num banco e vimos um

casal de idosos ajoelhar-se diante de uma campa a umas filas de distância e colocar um ramo de malmequeres junto à lápide.

— Soraya?

— Sim?

— Vou sentir a falta dele.

Soraya pôs a mão no meu colo. A *chila* comprada por Baba brilhava-lhe no anelar. Atrás dela, as pessoas que tinham acompanhado Baba seguiam de automóvel pela Rua Mission. Em breve também nós partiríamos e Baba ficaria sozinho.

Soraya puxou-me para ela e finalmente chorei.

Como Soraya e eu não tínhamos feito noivado, muito do que soube acerca dos Taheri soube-o depois de casar. Por exemplo, soube que, uma vez por mês, o general tinha enxaquecas terríveis que duravam quase uma semana. Quando a dor de cabeça aparecia, o general ia para o quarto, despia-se, apagava a luz e só saía quando a dor diminuía. Ninguém tinha autorização para entrar, ninguém tinha autorização para bater à porta. Por fim lá aparecia ele, mais uma vez de fato cinzento, a cheirar a sono e a lençóis, os olhos inchados e vermelhos. Soraya contou-me que ele e Khanum Taheri dormiam em quartos separados desde que se lembrava. Soube que por vezes ele era exigente, como quando provava a *qurma* que a mulher lhe preparara, e não lhe agradando suspirava e empurrava o prato para o lado. «Vou fazer-te outra coisa», dizia Khanum Taheri, mas ele ignorava-a, amuava e comia pão com cebola. Soraya ficava indignada e a mãe dela chorava. Soraya contou-me que ele tomava antidepressivos. Soube que ele inscrevera a família nos serviços sociais e não parava num emprego desde que chegara aos EUA, preferindo viver à custa do Estado a diminuir-se realizando trabalhos que não eram para um homem da sua estatura — a feira de velharias era para ele um passatempo, um pretexto para conviver com outros afegãos. O general acreditava que, mais cedo ou mais tarde, o Afeganistão seria libertado, a monarquia restaurada e os seus serviços voltariam a ser requeridos. Assim, todos os dias vestia o fato cinzento, dava corda ao relógio de bolso e esperava.

Soube que Khanum Taheri — que eu agora tratava por Khala Jamila — fora em tempos famosa em Cabul pela sua encantadora

voz. Embora nunca tivesse sido cantora profissional, talento não lhe faltava — soube que interpretava canções populares, *ghazals* e até *raga*, que regra geral era território masculino. Mas, embora o general gostasse muito de ouvir música — era, de facto, considerável a sua coleção de cassetes de *ghazal* clássico por cantores afegãos e indianos —, considerava que a sua interpretação deveria ser deixada para os de reputação inferior. Que ela nunca atuasse em público foi uma das condições que impôs quando se casaram. Soraya contou-me que a mãe quis cantar no nosso casamento, mas o assunto ficou encerrado com um dos olhares implacáveis do general. Khala Jamila ia ao bingo uma vez por semana e via o programa de Johnny Carson todas as noites. Passava os dias no jardim, a tratar das rosas, dos gerânios, das batatas-doces, das orquídeas.

Quando casei com Soraya, as flores e Johnny Carson passaram para segundo plano. Eu era a nova paixão na vida de Khala Jamila. Ao contrário dos modos reservados e diplomáticos do general — nunca me corrigiu quando viu que eu continuava a tratá-lo por «general Sahib» —, Khala Jamila não escondia que me adorava. Para começar, eu escutava a sua impressionante lista de maleitas, algo a que o general há muito fazia orelhas moucas. Soraya disse-me que, desde que a mãe tivera a trombose, qualquer estremecimento no peito era um ataque cardíaco, qualquer articulação dorida, o prenúncio de artrite reumatoide e cada tremor no olho, uma nova trombose. Lembro-me da primeira vez que Khala Jamila me falou num alto que tinha no pescoço.

— Amanhã falto à escola e levo-a ao médico — disse, ao que o general respondeu, com um sorriso:

— Então o melhor é desistires do curso, *bachem*. As fichas médicas da tua *khala* são como as obras de Rumi: enchem muitos volumes.

Mas não era só por ter encontrado público para os seus monólogos sobre doenças que ela gostava de mim. Tenho a certeza absoluta de que, se eu pegasse numa espingarda e embarcasse numa vida de assassino, continuaria a beneficiar do seu amor incondicional. Pois eu tinha curado o coração dela do pior dos males. Tinha-a libertado do maior pavor de qualquer mãe afegã: que

nenhum *khagaster* honrado pedisse a mão da sua filha. Que a filha envelhecesse sozinha, sem marido, sem filhos. Qualquer mulher precisa de um marido. Mesmo que esse marido proíba a mulher de cantar.

E foi através de Soraya que soube pormenores do que se tinha passado na Virgínia.

Foi numa festa de casamento. O tio de Soraya, Sharif, aquele que trabalhou para o INS, ia casar o filho com uma rapariga afegã de Newark. A cerimónia era no mesmo salão onde, seis meses antes, Soraya e eu tínhamos tido o nosso *awroussi*. Estávamos no meio de um grupo de convidados, a ver a noiva aceitar as alianças oferecidas pela família do noivo, quando ouvimos uma conversa entre duas mulheres de idade que estavam de costas para nós.

— Que linda noiva — disse uma delas. — Olha só para ela. Tão *maghbool*, como a Lua.

— Sim — concordou a outra. — E pura. Virtuosa. Nada de namorados.

— Bem sei. Digo-te, o rapaz fez bem em não casar com a prima.

Soraya teve um ataque de choro quando voltávamos para casa. Encostei o *Ford* ao passeio e estacionei junto a um candeeiro de Fremont Boulevard.

— Não faz mal — disse, afastando-lhe o cabelo do rosto. — Não lhes ligues.

— É tão injusto!

— Não penses mais nisso.

— Os filhos deles vão para os clubes à procura de sexo e engravidam as namoradas, têm filhos fora do casamento e ninguém diz nada. Oh, são homens, têm de divertir-se! E eu cometo um erro e de repente só se fala de *nang* e *namoos*, fico marcada para o resto da vida.

Limpei uma lágrima na linha do maxilar dela, logo acima do sinal, com o polegar.

— Não te contei — disse Soraya, esfregando os olhos —, mas o meu pai apareceu naquela noite de espingarda na mão... Disse... que tinha duas balas na câmara, uma para ele e outra para si próprio se eu não voltasse para casa. Gritei, chamei todos os nomes ao meu pai, que não podia manter-me presa em casa para sempre,

que lhe desejava a morte. — Lágrimas novas surgiram sob as suas pálpebras. — Disse-lhe isso mesmo, que queria que ele morresse.

»Quando me levou para casa, a minha mãe correu a abraçar-me, também a chorar. Não percebi nada do que dizia, tanto ela soluçava. O meu pai levou-me para o meu quarto e sentou-me diante do espelho do toucador. Entregou-me uma tesoura e calmamente mandou-me cortar o cabelo. Ficou a ver.

»Não pus um pé fora de casa durante várias semanas. E, quando comecei a sair, ouvia murmúrios ou imaginava-os onde quer que fosse. Foi há quatro anos e a quilómetros de distância, mas é como se ainda os estivesse a ouvir.

— Que se lixem!

Soraya emitiu um som, que era meio soluço meio sorriso.

— Quando te contei tudo ao telefone, na noite do *khastegari*, tinha a certeza de que ias mudar de ideias.

— Nem pensar nisso, Soraya.

Sorriu e pegou na minha mão.

— Tive tanta sorte em encontrar-te. És tão diferente de todos os afegãos que conheço.

— Não se toca mais no assunto, está bem?

— Está bem.

Dei-lhe um beijo na cara e arranquei. Enquanto conduzia o carro, perguntei-me porque seria eu diferente. Talvez por ter sido criado por homens; não tinha crescido com mulheres à minha volta e nunca fora exposto aos dois pesos e duas medidas com que a sociedade afegã as trata. Talvez por Baba ser um pai afegão tão fora do comum, um liberal que vivia segundo as suas próprias regras, um dissidente que ignorara ou defendera durante a vida apenas os ideais em que acreditava.

Mas creio que a razão pela qual o passado de Soraya me era indiferente tinha que ver em grande parte com o facto de eu também ter um. Conhecia o remorso bem de mais.

Pouco depois da morte de Baba, Soraya e eu mudámo-nos para um apartamento de duas assoalhadas em Fremont, a poucos quarteirões da casa do general e de Khala Jamila. Os pais de Soraya compraram-nos um sofá de couro castanho e um serviço de pratos *Mikasa* como boas-vindas. O general ainda me ofereceu mais

outro presente, uma máquina de escrever *IBM* novinha em folha. Na embalagem, enfiou um bilhete escrito em parse:

> «Amir Jan,
> Espero que encontres muitas histórias neste teclado.
>
> General Iqbal Taheri»

Vendi a carrinha *VW* de Baba e, até hoje, nunca mais pus os pés na feira de velharias. Todas as sextas-feiras visitava a campa dele, e às vezes encontrava lá um ramo de frésias, o que significava que Soraya já por lá tinha passado.

Soraya e eu travámos conhecimento com as rotinas — e as pequenas delícias — da vida de casado. Partilhávamos escovas de dentes e peúgas, passávamos um ao outro o jornal da manhã. Ela dormia no lado direito da cama, eu preferia o esquerdo. Ela gostava de travesseiros fofos, eu preferia os duros. Ela comia os cereais secos, como se fossem aperitivos, eu mergulhava os meus em leite.

Fui aceite em San Jose State nesse verão, com o Inglês como disciplina nuclear. Arranjei emprego como segurança, no horário noturno, num armazém de Sunnyvale. O trabalho era terrivelmente monótono, mas tinha vantagens: quando toda a gente ia para casa às seis da tarde e as sombras começavam a surgir entre as filas de sofás embrulhados em plástico, empilhados até ao teto, eu pegava nos meus livros e estudava. Foi no escritório desse armazém de mobiliário, com o seu perfume a pinho, que comecei a escrever o meu primeiro romance.

Soraya fez-me companhia na San Jose State no ano seguinte e inscreveu-se, para desgosto do pai, na via de ensino.

— Não vejo porque hás de desperdiçar os teus talentos dessa maneira — declarou o general certa noite, ao jantar. — Sabias, Amir Jan, que ela no secundário só teve cincos? — Virou-se para a filha: — Uma rapariga tão inteligente como tu podia ir para direito, ciências políticas. E *inshallah*, quando o Afeganistão for libertado, ajudar a redigir a nova Constituição. Vão ser precisas jovens afegãs talentosas como tu. E, quem sabe, talvez até te oferecessem um ministério, tendo o apelido que tens.

Percebi que Soraya se continha, o rosto tenso.

— Não sou uma rapariga, *padar*. Sou uma mulher casada. E também vão precisar de professoras.

— Ensinar qualquer um sabe.

— Há mais arroz, *madar*? — perguntou Soraya.

Depois de o general pedir licença para sair, pois tinha de ir ter com uns amigos a Hayward, Khala Jamila procurou confortar Soraya.

— Ele não falou por mal — disse. — Só quer ver-te bem.

— E gabar-se de que tem uma filha advogada junto dos amigos. Mais uma medalha para o general.

— Que disparate!

— Ver-me bem — sussurrou Soraya. — Pelo menos não fico, como ele, sentada enquanto os outros lutam contra os *shorawi*, à espera que a poeira assente e ele possa voltar e reclamar um lugar no governo. O ensino pode não dar muito dinheiro, mas é o que eu quero fazer! É disso que eu gosto, e sempre é melhor que viver da assistência, diga-se de passagem.

Khala Jamila mordeu a língua.

— Se alguma vez ele te ouve dizer isso, deixa de falar contigo.

— Não te preocupes — respondeu Soraya, atirando o guardanapo para cima do prato. — Eu seria incapaz de ferir o seu precioso ego.

No verão de 1988, cerca de seis meses antes de os soviéticos se retirarem do Afeganistão, terminei o meu primeiro romance, a história de um pai e um filho passada em Cabul e escrita quase toda na máquina que o general me oferecera. Enviei cartas de apresentação a uma dúzia de agências e foi com espanto que, num dia de agosto, abri a nossa caixa de correio e tirei de lá a resposta de uma agência de Nova Iorque a pedir que eu lhes enviasse o manuscrito completo. Mandei-o pelo correio no dia seguinte. Soraya beijou o manuscrito cuidadosamente embrulhado e Khala Jamila insistiu em passá-lo por baixo do Alcorão. Disse-me que ia fazer *nazr* por mim, a promessa de matar um cordeiro e distribuir a carne pelos pobres se o meu livro fosse aceite.

— Por favor, nada de *nazr*, Khala Jan — pedi, dando-lhe um beijo. — Só *zakat*, dar dinheiro aos necessitados, está bem? Nada de matar ovelhas.

Seis semanas depois, um homem chamado Martin Greenwalt telefonou-me de Nova Iorque a oferecer-se para me representar. Só contei a Soraya.

— Mas lá por eu ter um agente não quer dizer que os meus livros vão ser publicados. Se Martin vender o romance, então está bem, festejaremos.

Ao fim de um mês, Martin telefonou a informar-me de que o meu romance ia ser publicado. Quando contei a Soraya, ela desatou aos gritos.

Nessa noite, festejámos com um jantar, para o qual convidámos os pais de Soraya. Khala Jamila fez *kofta* — almôndegas com arroz branco — e *ferni* branco. O general, de olhos húmidos, disse que se sentia muito orgulhoso. Depois de o general Taheri e a mulher saírem, Soraya e eu abrimos uma garrafa de *Merlot* caríssima que eu tinha comprado antes de vir para casa — o general não achava bem que as mulheres bebessem álcool, portanto Soraya não o fazia na presença dele.

— Estou tão orgulhosa — disse, tocando no meu copo com o dela. — *Kaka* também havia de estar orgulhoso.

— Eu sei — respondi, a pensar em Baba, lamentando que ele não pudesse estar ali.

Nessa noite, depois de Soraya adormecer — o vinho punha-a sempre sonolenta —, fui para a varanda respirar o ar fresco do verão. Lembrei-me de Rahim Khan e das palavras de estímulo que me escrevera depois de ler a minha primeira história. E lembrei-me de Hassan. «Um dia, *inshallah*, hás de ser um grande escritor», tinha ele dito, «e toda a gente há de ler as tuas histórias.» Tantas coisas boas estavam a acontecer na minha vida. Tanta felicidade. Eu não merecia tudo aquilo.

O romance foi lançado no verão do ano seguinte, 1989, e a editora levou-me numa viagem promocional a cinco cidades. Foi no ano em que os *shorawi* terminaram a sua retirada do Afeganistão. Devia ter sido um tempo de glória para os afegãos. Mas em vez disso a guerra estalou, desta vez entre afegãos, mujaedines, contra o governo fantoche soviético de Najibullah, e o Paquistão encheu-se de refugiados afegãos. Nesse ano a Guerra Fria acabou, o Muro de Berlim foi derrubado. Foi no ano da Praça de Tiananmen. No meio de tanta coisa, o Afeganistão ficou esquecido. E o general Taheri, cujas esperanças tinham sido avivadas pela partida dos soviéticos, voltou a dar corda ao seu relógio de bolso.

Foi também nesse ano que Soraya e eu decidimos ter um filho.

A ideia da paternidade fez uma onda de emoções rodopiar dentro de mim. Achei assustador, estimulante, terrível e divertido, tudo ao mesmo tempo. Que tipo de pai seria eu, perguntei-me. Queria ser exatamente como Baba e completamente diferente.

Mas passou um ano e nada aconteceu. A cada ciclo menstrual Soraya ficava mais frustrada, mais impaciente, mais irritável. Por essa altura, já as indiretas de Khala Jamila se tinham transformado em diretas, como: «*Kho dega*?» Então? «Quando irei cantar *alahoo* para o meu pequeno *nawasa*?» O general, o eterno pastó, nunca fazia perguntas — fazê-las seria aludir a um ato sexual entre a filha e um homem, ainda que o homem em questão estivesse casado com ela fazia já quatro anos. Mas a expressão dele alterava-se quando Khala Jamila nos falava do bebé.

— Às vezes demora um pouco — expliquei uma noite a Soraya.

— Um ano não é um pouco, Amir — respondeu, numa voz tensa, tão diferente da habitual. — Há um problema qualquer. Eu sei.

— Então vamos ao médico.

* * *

O Dr. Rosen, um homem barrigudo de rosto redondo e dentes pequenos, regulares, falava com um leve sotaque do Leste europeu, vagamente eslavo. Tinha uma paixão por comboios — o consultório estava cheio de livros sobre a história dos caminhos de ferro, miniaturas de locomotivas, quadros onde comboios corriam sobre carris que atravessavam colinas verdes e pontes. Um letreiro por cima da secretária dizia: «A vida é um comboio. Não o perca!»

Descreveu-nos o seu plano. Eu seria examinado primeiro.

— Os homens são fáceis — disse, tamborilando com os dedos no tampo da secretária de mogno. — A canalização de um homem é como a sua cabeça: simples, poucas surpresas. As senhoras, por outro lado... bem, Deus fartou-se de pensar quando as fez — perguntei-me se ele diria aquela frase da canalização a todos os casais que o procuravam.

— Sorte nossa — comentou Soraya.

O Dr. Rosen soltou uma gargalhada. Quase genuína. Deu-me o impresso de um laboratório e um frasco de plástico, entregou a

Soraya uma credencial para algumas análises ao sangue. Apertámos as mãos.

— Boa viagem — disse, enquanto nos conduzia à saída.

Passei com distinção.

Nos meses que se seguiram, Soraya fez uma caterva de exames: temperatura do corpo, hemogramas, contagem de todas as hormonas concebíveis, análises à urina, citologias, ecografias e mais análises à urina. Soraya foi submetida a um procedimento conhecido por histeroscopia — o Dr. Rosen analisou-lhe o útero. Não encontrou nada.

— A canalização está boa — anunciou, despindo as luvas de borracha com um estalido. Só queria que ele deixasse de falar daquela maneira, não éramos propriamente casas de banho. Quando os exames terminaram, disse que não sabia explicar por que razão não conseguíamos ter filhos. Mas que o caso não era raro. Chamava-se «infertilidade inexplicável».

A seguir veio a fase do tratamento. Experimentámos uma substância chamada clomifeno e HMG[2], uma série de injeções que Soraya deu a si mesma. Como tudo falhasse, o Dr. Rosen aconselhou-nos a tentar a fertilização *in vitro*. Recebemos uma carta simpática dos serviços de saúde a dizer que nos desejavam boa sorte mas infelizmente não comparticipariam nas despesas.

Pagámo-la com o adiantamento que eu tinha recebido pelo meu romance. A FIV foi demorada, meticulosa, frustrante e, por fim, inútil. Depois de meses em salas de espera a ler revistas como a *Good Housekeeping* ou as *Seleções do Reader's Digest*, de intermináveis batas de papel e salas de observação esterilizadas, frias, iluminadas com lâmpadas fluorescentes, da constante humilhação de termos de discutir todos os pormenores da nossa vida sexual com um estranho, de injeções, sondas e colheitas, voltámos ao Dr. Rosen e aos seus comboios.

Sentado à nossa frente, bateu com a mão no tampo da secretária e pronunciou a palavra «adoção» pela primeira vez. Soraya foi todo o caminho para casa a chorar.

Soraya deu a notícia aos pais no fim de semana a seguir à nossa última consulta com o Dr. Rosen. Estávamos sentados em cadeiras dobráveis no quintal das traseiras dos Taheri, a assar trutas e a

beber *dogh* de iogurte. Foi num fim de tarde de março de 1991. Khala Jamila acabara de regar as roseiras e as madressilvas, cujo perfume se misturava com o do peixe grelhado. Já tinha estendido a mão para acariciar o cabelo de Soraya por duas vezes, dizendo:

— Deus sabe o que faz, *bachem*. O que tem que ser tem muita força.

Soraya continuava de cabeça baixa. Sentia-se cansada, eu sabia, farta daquilo tudo.

— O médico sugeriu a adoção — murmurou.

A cabeça do general Taheri deu meia-volta. Fechou a tampa do grelhador.

— Sugeriu?

— Disse que era uma possibilidade — explicou Soraya.

Em casa tínhamos discutido a adoção. Soraya mostrou-se, no mínimo, ambivalente.

— Sei que é disparate e talvez vaidade — disse-me a caminho da casa dos pais dela —, mas é mais forte do que eu. Sempre sonhei ter um bebé ao colo, sabendo que o meu sangue o alimentara durante nove meses, que um dia ia olhar para ele e ficar admirada ao ver-te a ti ou a mim, que o bebé ia crescer e ter o teu sorriso ou o meu. De outra maneira... achas errado?

— Não — respondi.

— Estou a ser egoísta?

— Não, Soraya.

— Porque, se é isso mesmo que queres, eu...

— Não — respondi. — Para o fazermos, era preciso não termos dúvida nenhuma e estarmos ambos de acordo. De outra maneira, não seria justo para o bebé.

Soraya encostou a cabeça à janela e não disse mais nada em todo o caminho.

Agora, o general estava sentado ao lado dela.

— *Bachem*, essa coisa da... adoção, não sei se acho bem, sendo nós afegãos. — Soraya olhou-me com um sorriso fatigado e respirou fundo. — Para já, eles crescem e querem conhecer os pais biológicos — disse. — E não se lhes pode levar a mal. Muitas vezes, deixam a casa onde uma pessoa trabalhou anos a fio para

que nada lhes faltasse e vão à procura dos que lhes deram vida. O sangue tem muita força, *bachem*, nunca te esqueças disso.

— Não quero falar mais do assunto — disse Soraya.

— Vou dizer só uma coisa — prosseguiu ele. Vi que estava a subir de tom; íamos ter sermão à general. — Por exemplo, aqui o Amir Jan. Conhecemos o pai dele, eu sei quem o avô dele era em Cabul e até o bisavô, podia ficar aqui a falar de gerações e gerações de antepassados dele, se tu quiseres. Por isso é que quando o pai dele, que Deus o tenha, veio *khastegari*, nem hesitei. E, acredita, o pai dele não teria concordado em vir pedir a tua mão se não soubesse de quem tu descendes. O sangue tem muita força, *bachem*, e na adoção não sabes que sangue estás a trazer para dentro de tua casa.

»Ora, se tu fosses americana, não tinha importância nenhuma. Aqui as pessoas casam por amor, apelido e ascendência são questões que não se põem. É também assim que pensam quando adotam, desde que a criança seja saudável, não há problema nenhum. Mas nós somos afegãos, *bachem*.

— O peixe já está pronto? — perguntou Soraya. Os olhos do general Taheri não a largavam. Deu palmadinhas no joelho da filha. — Já é uma sorte teres um marido saudável e bom.

— E tu que pensas, Amir Jan? — perguntou Khala Jamila.

Pousei o meu copo no parapeito onde a água pingava de uma fila de vasos com gerânios.

— Acho que concordo com o general Taheri.

Tranquilizado, o general fez que sim com a cabeça e voltou para junto do grelhador.

Cada um de nós tinha as suas razões para não adotar. Soraya tinha as dela, o general as dele, e a minha era esta: talvez alguma coisa, alguém algures, tivesse decidido negar-me a paternidade por causa do mal que eu tinha feito. Talvez fosse um castigo e nesse caso era justo. O que tem que ser tem muita força, dissera Khala Jamila. Ou se calhar o que não tem que ser.

Meses depois, com o adiantamento do meu segundo romance, demos a entrada para a compra de uma linda casa vitoriana de três assoalhadas em Bernal Heights, São Francisco. Tinha um telhado de duas águas, soalho em madeira e, nas traseiras, um minúsculo

quintal onde cabia um solário e um telheiro para a lenha. O general ajudou-me a terminar o solário e a pintar as paredes. Khala Jamila refilou por irmos morar a quase uma hora de distância, em especial porque achava que Soraya precisava do máximo de carinho e de apoio — sem saber que era precisamente da sua bem-intencionada e excessiva solidariedade que Soraya se queria afastar.

Por vezes, enquanto Soraya dormia a meu lado, eu ficava acordado a ouvir a porta do guarda-vento balouçar ao sabor da brisa, os grilos a cantar no quintal. E quase conseguia sentir o vazio no útero de Soraya como uma coisa com vida, com respiração. E a meio da noite, na escuridão do nosso quarto, sentia-a sair de Soraya e anichar-se entre nós. Dormir entre nós. Como uma criança recém-nascida.

2 *Human menopausal gonadotrapin*, em português menotropina, substância usada para o tratamento de problemas de fertilidade. (*NT*)

CATORZE

Junho de 2001

Pousei o auscultador no descanso e durante algum tempo não consegui tirar os olhos dele. Só quando o latido de *Aflatoon* me trouxe de volta à realidade é que eu reparei que a sala estava silenciosa. Soraya tinha tirado o som à televisão.

— Estás branco, Amir — disse do sofá, o mesmo que os pais dela nos deram para o nosso primeiro apartamento. Estava estendida em cima dele, com a cabeça de *Aflatoon* anichada no seu colo e as pernas tapadas com as almofadas coçadas. Ao mesmo tempo que via um programa sobre os lobos do Minnesota, corrigia os testes do curso de verão — dava aulas naquela escola já lá iam seis anos. Sentou-se e *Aflatoon* saltou para o chão. O general é que tinha batizado o nosso *cocker spaniel* com o termo parse para Platão, porque, dizia ele, se olhássemos com atenção e durante algum tempo para os olhos negros do cão, veríamos que os pensamentos dele eram sábios.

Havia agora uma fina camada de gordura, quase impercetível, sob o queixo de Soraya. Os últimos dez anos tinham-lhe arredondado a curva das ancas, só um pouco, e misturado aos seus cabelos negros como o carvão um ou outro fio cor de cinza. Mas o rosto ainda era de princesa, as sobrancelhas e o nariz ainda lembravam uma ave em pleno voo, elegantemente recurvados como as letras floreadas dos antigos textos árabes.

— Estás branco — repetiu Soraya, pousando a pilha de testes sobre a mesa.

— Preciso de ir ao Paquistão.

Ela imobilizou-se.

— Ao Paquistão?

— Rahim Khan está muito doente — senti um punho apertar-se dentro de mim ao dizer aquelas palavras.

— O antigo colega de negócios de *kaka*? — Nunca conhecera Rahim Khan, mas eu já lhe tinha falado nele. Fiz que sim com a cabeça.

» Oh! Tenho tanta pena, Amir.

— Fomos sempre tão chegados. Quando eu era miúdo, ele foi o primeiro adulto que considerei um amigo — imaginei-o a beber chá com Baba no escritório, depois a fumar junto à janela, uma brisa com aroma a roseiras a chegar do jardim e a dissipar as duas colunas de fumo.

— Lembro-me de me teres falado nisso — disse Soraya. Fez uma pausa. — Ficas lá quanto tempo?

— Não sei. Ele quer ver-me.

— É...

— É seguro, sim. Vai correr tudo bem, Soraya — era isso que ela queria saber. Ao fim de quinze anos de casamento, adivinhávamos os pensamentos um do outro. — Vou dar uma volta.

— Queres que eu vá contigo?

— *Nay*, prefiro ir sozinho.

Fui de carro até ao Golden Gate Park e caminhei ao longo do lago Spreckels, no extremo norte do parque. Estava uma tarde de domingo maravilhosa: o sol projetava-se na água onde navegavam barcos em miniatura, impelidos por uma daquelas brisas frescas típicas de São Francisco. Sentei-me num banco, a ver um homem jogar à bola com o filho, a dizer-lhe para não a lançar com o braço dobrado, para a atirar por cima do ombro. Olhei para cima e vi dois papagaios de papel vermelhos com longas caudas azuis. Esvoaçavam muito acima das árvores, no lado ocidental do parque, sobre os moinhos de vento.

Recordei o que Rahim Khan dissera pouco antes de desligar. Fizera-o de propósito, quase como uma ordem. Fechei os olhos e vi-o, no outro extremo da irregular linha internacional, vi-o com os lábios ligeiramente entreabertos, a cabeça inclinada para um lado. E mais uma vez alguma coisa nos seus olhos pretos sem fundo sugeriu que tínhamos um segredo só nosso. Só que agora eu sabia que ele sabia. As minhas suspeitas tinham estado certas todos aqueles anos. Ele sabia do Assef, do papagaio, do dinheiro, do relógio com ponteiros em forma de relâmpagos. Sempre soubera.

«Vem. Nunca é tarde para acertar as contas», dissera Rahim Khan ao telefone pouco antes de desligar. Dissera-o de propósito, como quem dá uma ordem.

Nunca é tarde para acertar contas.

Quando regressei a casa, Soraya estava ao telefone com a mãe.

— É pouco tempo, *madar jan*. Uma semana, talvez duas... Sim, tu e o *padar* podem ficar aqui comigo...

Dois anos antes, o general fraturara a anca esquerda. Sofrera uma das suas enxaquecas e quando saiu do quarto, com a visão perturbada e meio zonzo, tropeçou na borda do tapete. O grito dele fez Khala Jamila sair a correr da cozinha.

— Parecia um *jaroo*, um pau de vassoura a partir-se ao meio — gostava de contar, embora o médico achasse pouco provável ela ter ouvido algo que se lhe comparasse. A anca lascada do general, e todas as complicações subsequentes, a pneumonia, a septicemia e o internamento à força na casa de saúde, puseram fim aos longos solilóquios de Khala Jamila sobre a sua própria saúde. E deram início a novos, sobre a saúde do general. Contava a quem quisesse ouvir que os médicos tinham dito que os rins dele quase não funcionavam. «Mas eles também não sabiam o que é um rim afegão, não é verdade»?, acrescentava, orgulhosa. Aquilo que melhor recordo da permanência do general no hospital é Khala Jamila à espera que ele adormecesse e depois a cantar-lhe canções que eu tinha aprendido em Cabul, no velho rádio roufenho de Baba.

A debilidade do general — e o tempo — tinha também melhorado as coisas entre ele e Soraya. Davam passeios juntos, almoçavam fora aos sábados e, às vezes, o general assistia às aulas dela. Sentava-se na última fila, vestindo o seu fato cinzento velho e lustroso, de bengala ao colo, a sorrir. De vez em quando até tirava apontamentos.

* * *

Nessa noite, Soraya e eu estávamos deitados na cama, as suas costas encostadas ao meu peito, o meu rosto escondido no cabelo dela. Lembrei-me de quando nos deitávamos virados um para o outro, trocando beijos, na felicidade do ato consumado, e falando em voz baixa, falando em voz baixa até os nossos olhos se fecharem de cansaço, de dedos minúsculos e rechonchudos, primeiros sorrisos, primeiras palavras, primeiros passos. Ainda o fazíamos às vezes, mas a conversa era sobre a escola, o meu último livro ou uma piada acerca do vestido ridículo de alguém numa

festa. Ainda gostávamos de fazer amor, por vezes era mais do que gostar, mas havia noites em que para mim era um alívio chegar ao fim, poder virar-me para o outro lado e esquecer, pelo menos durante algum tempo, a inutilidade do que acabávamos de fazer. Soraya sentia o mesmo. Nessas noites, ia cada um para o seu lado da cama e deixávamos o nosso salvador levar-nos dali para fora. O de Soraya era o sono. O meu era, como sempre fora, um livro.

Fiquei acordado na noite a seguir ao telefonema de Rahim Khan, e segui com os olhos as linhas paralelas prateadas que o luar, ao atravessar os estores, projetava nas paredes. A dada altura, talvez quase ao nascer do Sol, adormeci. E sonhei com Hassan a correr na neve, com a bainha do *chapan* verde a arrastar pelo chão, a neve a ceder às suas botas pretas de borracha. Gritava, voltado para trás: «Por ti, tudo!»

Uma semana depois tomei o meu lugar num assento ao pé da janela de um avião da Pakistani International Airlines, a ver dois funcionários com a farda da companhia aérea a retirar os calços das rodas. O avião deixou o terminal deslizando pela pista e instantes depois voávamos por entre as nuvens. Encostei a cabeça à janela. Esperei, em vão, que o sono chegasse.

QUINZE

Três horas depois de o meu avião aterrar em Peshawar, eu estava sentado no estofo rasgado do banco traseiro de um táxi cheio de fumo. O meu condutor, um homem baixo e suado que fumava cigarros uns atrás dos outros e se apresentou como Gholam, guiava descontraída e implacavelmente, evitando choques por margens milimétricas, tudo isso sem fazer uma pausa sequer no interminável fluxo de palavras que lhe jorrava da boca.

— ... terrível, o que se passa no nosso país, *yar*. Os afegãos e os paquistaneses são como irmãos, pode crer. Os muçulmanos têm de se ajudar uns aos outros, portanto...

Decidi ignorá-lo e adotei o simples método de ir fazendo que sim com a cabeça. Lembrava-me perfeitamente de Peshawar, dos poucos meses que Baba e eu lá tínhamos vivido em 1981. Agora íamos para ocidente, pela Rua Jamrud, passando pelo Cantonment, com as suas casas luxuosas, rodeadas por muros altos. O bulício da cidade pareceu-me uma versão mais agitada, mais movimentada da Cabul que eu conhecera, em especial do Kocheh-Morgha, ou Bazar dos Frangos, onde Hassan e eu costumávamos comprar batatas em *chutney* e água de cerejas. As ruas estavam apinhadas de ciclistas que circulavam por um labirinto de ruelas e becos estreitos. Comerciantes barbudos envoltos em mantas finas vendiam abajures de pele, tapetes, xailes bordados e artigos em cobre, em filas de bancas pequenas, completamente encostadas umas às outras. O barulho dominava a cidade; os pregões dos vendedores ecoavam nos meus ouvidos juntamente com o trovejar da música indiana, o chocalhar dos riquexós e os sininhos das carroças puxadas por cavalos. Perfumes fortes, uns agradáveis outros não, entravam pela janela do táxi, o aroma picante da *pakora* e do *nihari* de que Baba tanto gostava misturado com o cheiro a gasóleo dos tubos de escape, o fedor a podre, lixo e fezes.

Pouco depois dos edifícios em tijolo vermelho da Universidade de Peshawar, entrámos numa zona que o meu loquaz condutor designou de «cidade afegã». Vi confeitarias e vendedores de tapetes, bancas de *kabob*, miúdos com as mãos sujas de terra a

vender cigarros, restaurantes minúsculos, com mapas do Afeganistão pintados nas janelas, e, no meio, agências de organizações de auxílio internacional.

— Há muitos irmãos seus nesta área, *yar*. Dedicam-se ao negócio, mas na maioria são muito pobres — estalou a língua e suspirou. — Bem, mas estamos quase a chegar.

Lembrei-me da última vez que tinha visto Rahim Khan, em 1981. Viera despedir-se, na noite antes de Baba e eu deixarmos Cabul. Lembro-me de Baba e ele abraçados no átrio, a chorar baixinho. Quando Baba e eu chegámos aos EUA, ele e Rahim Khan mantiveram-se em contacto. Telefonavam-se quatro ou cinco vezes por ano e, às vezes, Baba passava-me o auscultador. Tinha falado com Rahim Khan pela última vez pouco depois da morte de Baba. A notícia chegara a Cabul. Conversámos apenas uns minutos, depois caiu a ligação.

O condutor parou junto a um edifício estreito numa esquina cheia de movimento, no cruzamento de duas ruas sinuosas. Paguei, peguei na minha única mala e dirigi-me à porta em madeira trabalhada. O edifício tinha varandas de madeira com persianas, em muitas delas havia roupa pendurada a secar ao sol. Subi as escadas desconjuntadas até ao segundo andar e meti por um corredor escuro até chegar à segunda porta da direita. Verifiquei a morada na folha de papel de carta que tinha na mão. Bati.

Então, uma coisa feita de pele e ossos que se fazia passar por Rahim Khan abriu a porta.

Um professor de Escrita Criativa em San Jose costumava dizer, acerca dos clichés: «Fujam deles como da peste.» Depois desatava a rir-se do seu próprio lugar-comum. A aula ria com ele, mas eu sempre achei que os clichés eram maltratados. Porque muitas vezes acertam em cheio. Só que a justeza do que diz o cliché é muitas vezes ofuscada pela sua natureza. Por exemplo, a expressão: «Um elefante numa loja de porcelana.» Nada descreve melhor os momentos iniciais do meu encontro com Rahim Khan.

Sentámo-nos num colchão esfarrapado colocado junto à parede diante da janela que dava para a rua barulhenta. O sol entrava a rodos e projetava um triângulo de luz sobre o tapete afegão. Havia

duas cadeiras dobráveis encostadas a uma parede e um pequeno samovar de cobre no canto oposto do quarto. Servi o chá.

— Como me encontraste? — perguntei.

— Não é difícil encontrar pessoas na América. Comprei um mapa dos Estados Unidos e pedi informações nas cidades do Norte da Califórnia — explicou. — É estranho e maravilhoso ver-te um homem.

Sorri e deitei três cubos de açúcar no meu chá. Ele gostava dele forte e sem açúcar, se bem me recordava.

— Baba não teve oportunidade de to comunicar, mas eu casei-me há quinze anos. — A verdade é que o cancro no cérebro de Baba o tornara esquecido, negligente.

— Casaste? Com quem?

— Chama-se Soraya Taheri. — Imaginei-a em casa, preocupada comigo. Fiquei contente por ela estar acompanhada.

— Taheri... É filha de quem?

Contei-lhe. Os olhos dele brilharam.

— Sim, sim, já me lembro. O general Taheri não é casado com a irmã de Sharif Jan? Qual era o nome dela...

— Jamila Jan.

— *Balay!* — exclamou, sorrindo. — Conheci Sharif Jan em Cabul, há muitos anos, antes de ele ir para a América.

— Trabalha no INS há anos, trata de muitos casos afegãos.

— *Haiiii* — suspirou. — Tu e Soraya Jan têm filhos?

— *Nay*.

— Oh — engoliu o chá e não perguntou mais nada; Rahim Khan era das pessoas mais discretas que eu conhecia.

Falei-lhe muito de Baba, do emprego dele, da feira de velharias e de como, no fim, ele morrera feliz. Falei-lhe dos meus estudos, dos meus livros — já tinha quatro romances publicados. Ele sorriu, disse que nunca duvidara. Contei-lhe que tinha escrito contos no caderno com capa de couro que ele me dera, mas ele não se lembrava disso.

A conversa passou inevitavelmente para os talibãs.

— É tão mau como dizem?

— *Nay*, é pior. Não nos deixam ser humanos. — Apontou para uma cicatriz que ziguezagueava por cima do olho direito até à

sobrancelha. — Fui ver um jogo de futebol no Estádio Ghazi em 1998. Cabul contra Mazar-i-Sharif, creio eu, e não deixaram os jogadores usar calções. Traje indecente, penso eu. — Fez um sorriso cansado. — Seja como for, Cabul marcou um golo e o homem que estava a meu lado aplaudiu entusiasticamente. De repente, um jovem barbudo que patrulhava as coxias, dezoito anos no máximo pelo aspeto dele, veio ter comigo e bateu-me na testa com o canhão da sua *Kalachnikov*. «Voltas a fazer isso e eu corto-te a língua, asno velho!», disse-me. — Rahim Khan passou um dedo ossudo pela cicatriz. — Eu tinha idade para ser avô do tipo e fiquei ali sentado, o sangue a escorrer-me pela cara, a pedir desculpa àquele filho da mãe.

Servi-lhe mais chá. Rahim Khan contou mais histórias. Muitas eu já conhecia, outras não. Contou-me que, conforme combinara com Baba, tinha ido viver para casa dele em 1981 — isso eu já sabia. Baba «vendera» a casa a Rahim Khan pouco antes de ele e eu deixarmos Cabul. Nessa altura Baba achava que as aventuras no Afeganistão eram apenas uma interrupção temporária no nosso modo de vida — o tempo das festas na casa Wazir Akbar Khan e dos piqueniques em Paghman iria decerto voltar. De modo que entregou a casa a Rahim Khan, para que ele tomasse conta dela até chegar esse dia.

Rahim Khan contou-me que, enquanto a Aliança do Norte dominou Cabul, entre 1992 e 1996, as diferentes fações reclamaram para si diferentes partes de Cabul.

— Quem quisesse ir de Shar-e-Nau a Kerteh-Parwan comprar um tapete, arriscava-se a levar um tiro de um atirador furtivo ou ser morto por um *rocket*. e passando pelos postos de controlo, claro. Praticamente era preciso um visto para ir de um bairro a outro. Por isso, as pessoas ficavam em casa, a rezar para que o próximo *rocket* não atingisse a casa delas. Contou-me que as pessoas abriam buracos nas paredes de casa para evitarem passar pelas ruas mais perigosas e avançavam de buraco em buraco. Noutras zonas, construíam túneis subterrâneos.

— Porque não te foste embora?

— Cabul era a minha casa. Ainda é. Reprimiu uma gargalhada. — Lembras-te da rua que ia de vossa casa ao Qishla, o

aquartelamento militar perto da Escola Istiqlal?

— Claro. Era o atalho para a escola. Lembrei-me do dia em que Hassan e eu o atravessámos e os soldados se meteram com Hassan por causa da mãe dele. Hassan depois desatou a chorar no cinema e eu pus o braço em volta dele.

— Quando os talibãs avançaram e expulsaram a Aliança de Cabul, eu posso dizer que dancei nessa rua — continuou Rahim Khan. — E, acredita, não estava sozinho. Toda a gente festejou no Chaman, no Deh-Mazang, saudavam os talibãs pelas ruas, trepavam aos tanques e tiravam fotografias com eles. Todos estavam tão fartos de combates, foguetes, explosões, fartos de ver Gulbuddin e os seus capangas a disparar sobre tudo o que se mexesse. A Aliança trouxe mais danos a Cabul que os *shorawi*. Destruíram o orfanato do teu pai, sabias?

— Porquê? — perguntei. — Para quê destruir um orfanato? Lembrei-me de estar sentado atrás de Baba no dia da inauguração do orfanato. O vento fez cair o chapéu de astracã e todos se riram, depois puseram-se de pé e aplaudiram o discurso dele. E agora era apenas mais um monte de destroços. Tanto dinheiro que Baba gastara, tantas noites debruçado sobre as plantas, tantas visitas à obra para se certificar de que cada tijolo, cada viga, cada madeiro ficava onde devia...

— Danos colaterais — disse Rahim Khan. — Nem queiras saber, Amir Jan, o que foi percorrer as ruínas do orfanato. Havia partes de corpos de crianças...

— Portanto, quando os talibãs chegaram...

— Eram uns heróis.

— Finalmente, a paz.

— Sim, a esperança é uma coisa estranha. Finalmente a paz. Mas a que preço? — Um violento acesso de tosse atacou Rahim Khan e sacudiu o seu corpo esquelético para trás e para diante. Quando cuspiu para o lenço, este imediatamente se tingiu de vermelho. Pensei que estava na altura de abordar o assunto que destilava connosco no minúsculo quarto.

— Como estás? Quero dizer, como estás mesmo?

— A morrer, para ser franco — balbuciou. Mais um ataque de tosse. Mais sangue para o lenço. Limpou a boca, enxugou a testa

suada com a manga e fitou-me brevemente. Quando fez que não com a cabeça, percebi que tinha lido a pergunta estampada no meu rosto. — Pouco tempo.

— Quanto?

Encolheu os ombros. Voltou a tossir.

— Não devo chegar ao fim do verão.

— Vem comigo para minha casa. Posso arranjar-te um bom médico. Estão sempre a aparecer tratamentos novos. Há medicamentos modernos e programas experimentais, podíamos inscrever-te num... — Eu estava a divagar e sabia-o. Mas sempre era melhor que chorar, o que de qualquer maneira eu ia com certeza acabar por fazer.

Soltou algumas gargalhadas, revelando a falta dos incisivos inferiores. Eu nunca tinha visto um riso tão cansado.

— Vejo que a América já infundiu em ti o otimismo que a fez tão grandiosa. Isso é ótimo. Somos um povo melancólico, os afegãos, não é verdade? Perdemos muito tempo com *ghamkhori* e autopiedade. Ficamos prostrados diante da perda, do sofrimento, aceitamo-los como parte da vida, achamo-los necessários até. *Zendagi migzara*, costumamos dizer, a vida continua. Não julgues que me rendi ao destino, estou apenas a ser pragmático. Já fui a vários médicos bons aqui e todos disseram o mesmo. Confio e creio neles. Há uma coisa chamada vontade de Deus.

— Só existe aquilo que fazemos e aquilo que não fazemos.

Rahim Khan voltou a rir-se.

— Parecias o teu pai. Sinto tanto a falta dele. Mas é a vontade de Deus, Amir. É mesmo. — Fez uma pausa. — Bem, pedi-te para vires cá por outra razão ainda. Queria ver-te antes de partir, sim, mas há outra coisa.

— Pede o que quiseres.

— Sabes que vivi alguns anos em casa do teu pai depois da vossa partida?

— Sim.

— Não estive sozinho o tempo todo. Hassan viveu lá comigo.

— Hassan — repeti em voz alta. Quando tinha eu pronunciado o nome dele pela última vez? Os minúsculos espinhos da culpa enterraram-se em mim mais um pouco, como se dizer o nome dele

tivesse quebrado um feitiço, os tivesse ativado para que pudessem voltar a atormentar-me. De repente, o ambiente naquele pequeno quarto ficou pesado, quente, demasiado repleto do cheiro das ruas.

— Pensei escrever-te a contar, mas depois achei que te era indiferente. Tive razão?

A resposta verdadeira era não. A falsa era sim. Optei por uma solução intermédia.

— Não sei.

Tossiu mais um bocado de sangue para o lenço. Quando inclinou a cabeça para tossir, vi feridas com crostas cor de mel na cabeça dele.

— Pedi-te que viesses porque quero pedir-te uma coisa. Quero pedir-te que faças uma coisa por mim. Mas primeiro quero falar-te de Hassan. Compreendes?

— Compreendo — murmurei.

— Quero falar-te dele. Contar-te tudo. Vais ouvir-me?

Fiz que sim com a cabeça.

Depois Rahim Khan bebeu mais um pouco de chá. Encostou a cabeça à parede. E falou.

DEZASSEIS

Foram muitas as razões que me levaram a procurar Hassan em Hazarajat em 1986. A mais importante, Alá me perdoe, era sentir-me tão sozinho. Nessa altura, a maioria dos meus familiares e amigos tinha ou sido morta ou fugido para o Paquistão ou para a Índia. Já quase não conhecia ninguém em Cabul, a cidade onde passara toda a minha vida. Todos tinham partido. Ia dar uma volta a Karteh-Parwan, onde os vendedores de melões costumavam parar nos bons velhos tempos, lembras-te, e não reconhecia ninguém. Ninguém para cumprimentar, para partilhar um *chai*, para trocar histórias, só soldados *roussi* a patrulhar as ruas. Por isso, deixei de ir à cidade. Passava os dias na casa do teu pai, lá em cima no escritório, a ler os livros da tua mãe, a ouvir as notícias, a ver a propaganda comunista na televisão. Depois rezava o namaz, cozinhava qualquer coisa, comia, lia mais um pouco, voltava a rezar e deitava-me. Acordava de manhã, rezava e fazia sempre as mesmas coisas.

Por causa da minha artrite, cada vez me era mais difícil cuidar da casa. Tinha sempre dores nos joelhos e nas costas. De manhã, quando acordava, levava pelo menos uma hora a vencer a rigidez das articulações, sobretudo no inverno. Não queria que a casa do teu pai apodrecesse; fomos todos tão felizes lá, tantas recordações, Amir Jan. Não estava certo, o teu pai é que tinha desenhado aquela casa; era tão importante para ele e, além disso, eu prometera-lhe que olharia por ela quando vocês foram para o Paquistão. Só lá vivia eu, não dava muito trabalho e... fiz o meu melhor. Regava as árvores de tantos em tantos dias, cortava a relva, cuidava das flores, arranjava o que estava estragado, mas nessa altura eu já não era nenhuma criança.

Mesmo assim, talvez tivesse conseguido aguentar-me sozinho. Pelo menos mais algum tempo. Mas quando a notícia da morte do teu pai chegou aos meus ouvidos... Senti pela primeira vez uma terrível solidão dentro daquela casa. Um vazio insuportável.

Por isso, um dia atestei o *Buick* e fui até Hazarajat. Lembrei-me de, depois de Ali se ter despedido, o teu pai me ter contado que ele

e Hassan tinham ido para uma aldeola mesmo à saída de Bamiyan. Ali tinha lá um primo. Não fazia ideia se ele ainda lá estava, se alguém me saberia dar notícias dele ou do seu paradeiro. Afinal, já lá iam dez anos desde que Ali e Hassan tinham deixado a casa do teu pai. O Hassan já seria um adulto em 1986, vinte e dois, vinte e três anos. Se ainda estivesse vivo, claro — os *shorawi*, que ardam para sempre no Inferno pelo que fizeram ao nosso *watan*, mataram tantos jovens. Mas isso já tu sabes.

No entanto, com a graça de Deus encontrei-o. Não foi preciso procurar muito, bastou-me fazer algumas perguntas em Bamiyan e as pessoas indicaram-me a aldeia dele. Não me lembro como ela se chamava, nem se chegava a ter um nome. Mas lembro-me de que era um dia tórrido de verão, e eu meti por uma estrada de terra batida, ladeada apenas por arbustos ressequidos, troncos nodosos de árvores espinhosas e erva seca que parecia palha. Passei por um burro morto que apodrecia à beira da estrada. Depois dobrei uma esquina e, no meio daquela terra árida, vi um aglomerado de casas de lama rodeado apenas pelo vasto céu e por montanhas escarpadas.

Em Bamiyan tinham-me dito que o encontraria com facilidade, ele vivia na única habitação murada da aldeia. O muro de lama, baixo e esburacado, cercava a casa minúscula, que na verdade não era mais que uma barraca. Crianças descalças brincavam pela rua, a bater com paus numa bola de ténis rasgada, e ficaram especadas a olhar para mim quando parei e desliguei o motor. Bati à porta de madeira e atravessei um quintal onde cabia apenas um talhão com morangueiros e um limoeiro seco. Havia um *tandoor* num canto, à sombra de uma acácia, e ao pé dele vi um homem de cócoras. Estava a pôr massa de pão numa grande espátula de madeira e a batê-la contra as paredes do *tandoor*. Deixou cair a massa quando me viu. Tive de obrigá-lo a parar de me beijar as mãos.

«Deixa-me olhar bem para ti», disse-lhe. Recuou um passo. Estava tão alto. Mesmo em bicos de pés, eu só chegava ao queixo dele. O sol de Bamiyan endurecera-lhe a pele, escurecera-a, e faltavam-lhe alguns dentes da frente. Tinha uma barba rala no queixo. Para além disso, os mesmos olhos verdes e rasgados, a

cicatriz no lábio superior, o rosto redondo, o sorriso afável. Tu tê-lo-ias reconhecido de imediato, Amir Jan. Tenho a certeza.

Fomos para dentro de casa. Uma jovem hazara de pele clara cosia a um canto da sala. Estava visivelmente grávida. «Apresento-te a minha mulher, Rahim Khan», disse com orgulho. «Chama-se Farzana Jan.» Era uma mulher tímida, tão acanhada que segredou em vez de falar e nem ergueu os bonitos olhos cor de avelã na minha direção. Mas olhava para Hassan como se ele estivesse sentado num trono da *Arg*.

«É para quando o bebé?», perguntei, depois de estarmos todos instalados na sala. A sala não tinha nada, a não ser um tapete esfarrapado, pratos, dois colchões e uma lanterna.

«*Inshallah*, no inverno», respondeu Hassan. «Gostava que fosse rapaz para lhe dar o nome do meu pai.»

«A propósito, onde está Ali?»

Hassan baixou os olhos. Contou-me que Ali e o primo, o proprietário daquela casa, tinham sido mortos por uma mina antipessoal dois anos antes, junto a Bamiyan. Haverá morte mais afegã, Amir Jan? E, não sei porquê, convenci-me de que fora a perna direita de Ali, a perna deformada pela poliomielite, que finalmente o havia traído e feito tropeçar naquela mina. Senti uma tristeza profunda quando soube da morte de Ali. O teu pai e eu crescemos juntos, como sabes, e Ali vivia com ele desde que me recordo. Lembro-me de, éramos todos pequenos, Ali contrair poliomielite e quase morrer. O teu pai passava os dias a chorar pela casa.

Farzana fez-nos *shorwa* com feijão, nabos e batatas. Lavámos as mãos e mergulhámos o *naan* fresco do *tandoor* na *shorwa* — há meses que eu não comia uma refeição tão boa. Foi então que pedi a Hassan para ir viver comigo em Cabul. Falei-lhe na casa, expliquei que já não conseguia tratar dela sozinho. Disse-lhe que lhe pagaria bem, que ele e a sua *khanum* ficariam confortáveis. Olharam um para o outro e não me responderam. Mais tarde, depois de lavarmos as mãos e de Farzana nos servir uvas, Hassan disse que aquela aldeia era agora a sua casa; que ele e Farzana tinham a sua vida ali organizada.

«E Bamiyan fica tão perto. Temos lá amigos. Desculpa, Rahim Khan. Peço-te que compreendas.»

«Claro. Não tens nada que pedir desculpa. Compreendo.»

Foi entre a *shorwa* e o chá tomado a seguir que Hassan perguntou por ti. Disse-lhe que estavas na América, mas que não sabia muito mais. Hassan fez tantas perguntas. Se tinhas casado. Se tinhas filhos. Se eras alto. Se ainda lançavas papagaios e ias ao cinema. Se eras feliz. Disse que era amigo de um ex-professor de Parse de Bamiyan que o ensinara a ler e a escrever. Se te escrevesse uma carta, eu poderia fazê-la chegar às tuas mãos? E tu responder-lhe-ias? Contei-lhe o que sabia a teu respeito das conversas telefónicas com o teu pai, mas raramente tinha resposta para as perguntas dele. Foi então que me perguntou pelo teu pai. Quando soube, tapou o rosto com as mãos e rompeu em lágrimas. Chorou como uma criança o resto da noite.

Insistiram para que eu passasse lá a noite. Farzana improvisou-me uma cama e deixou a meu lado um copo de água, não fosse eu ter sede. Ouvi-a conversar baixinho com Hassan toda a noite e Hassan a soluçar.

De manhã, Hassan disse que ele e Farzana tinham decidido ir viver comigo para Cabul.

«Eu não devia ter vindo», respondi-lhe. «Tens razão, Hassan Jan, tens aqui uma *zendagi*, uma vida organizada. Foi um atrevimento da minha parte vir aqui pedir-te que abandonasses tudo. Peço que me perdoes.»

«Não vamos abandonar muita coisa, Rahim Khan», disse Hassan. Ainda tinha os olhos inchados e vermelhos. «Vamos contigo. vamos ajudar-te a tomar conta da casa.»

«Tens a certeza de que é isso que queres fazer?»

Sacudiu a cabeça e depois baixou-a.

«Agha Sahib era como o meu segundo pai... Deus o tenha em paz.» Empilharam os seus pertences no meio de um pano e ataram as quatro pontas com um nó. Levámos a trouxa para o *Buick*. Hassan ergueu o Alcorão à soleira da porta e todos o beijámos e passámos por baixo dele. Depois seguimos para Cabul. Lembro-me de, enquanto o carro se afastava, ver Hassan dar uma última olhadela à casa.

Quando chegámos a Cabul, descobri que Hassan não tencionava viver na casa.

«Mas os quartos estão todos vagos, Hassan Jan. Ninguém lá vive.»

Não houve nada a fazer. Disse que era uma questão de *ihtiram*, de respeito. Levaram as coisas deles para a cabana das traseiras, onde ele nascera. Implorei que se instalassem num dos quartos de hóspedes, mas Hassan não se convenceu. «Que havia Amir Agha de pensar?», respondeu. «Que diria ele se voltasse para Cabul depois da guerra e visse que eu tinha tomado o lugar dele dentro de casa?» Além disso, em sinal de luto pelo teu pai, Hassan usou roupas pretas durante quarenta dias.

Contra minha vontade, os dois é que cozinhavam, limpavam a casa. Hassan cuidou das flores do jardim, encharcou as raízes, cortou as folhas amarelecidas, plantou roseiras. Pintou as paredes. Dentro de casa, varreu os quartos onde ninguém dormia havia tanto tempo, limpou as casas de banho que ninguém usava. Como se estivesse a preparar a casa para a chegada de alguém. Lembras-te do muro atrás do milheiral que o teu pai plantou, Amir Jan? Aquele que tu e o Hassan chamavam o «Muro do Milho Doente»? Um *rocket* tinha destruído a maior parte desse muro a meio da noite no início do outono. Pois Hassan reconstruiu-o, tijolo a tijolo, até ele estar todo inteiro outra vez. Não sei como seria se ele não tivesse ido para lá.

No fim desse outono, Farzana deu à luz um nado-morto, uma menina. Hassan beijou o rosto sem vida do bebé e enterrámo-la no quintal das traseiras, perto das roseiras. Cobrimos a terra com folhas de choupo. Eu recitei uma oração. Farzana ficou todo o dia na cabana a chorar, é um som que parte o coração, Amir Jan, o choro de uma mãe. Peço a Alá que nunca mais me obrigue a ouvi-lo.

Por detrás dos muros daquela casa, a guerra prosseguia. Mas nós os três criámos um pequeno porto seguro na casa do teu pai. A minha vista começou a falhar em finais da década de 1980, por isso era Hassan que me lia os livros da tua mãe. Sentávamo-nos no *hall*, ao pé do fogão, e Hassan lia-me Masnawi ou Khayyám enquanto

Farzana cozinhava. E todas as manhãs Hassan colocava uma flor em cima do pequeno montículo de terra junto às roseiras.

No princípio de 1990, Farzana engravidou outra vez. Foi nesse ano que, a meio do verão, uma mulher com uma burca azul-celeste bateu ao portão da frente certa manhã. Perguntei-lhe o que desejava, mas ela não respondeu.

«Quem é a senhora?», perguntei. Ela desmaiou e caiu, ali mesmo, à entrada. Gritei por Hassan, e ele ajudou-me a levá-la para casa, para a sala. Deitámo-la no sofá e tirámos-lhe a burca. À nossa frente surgiu uma mulher desdentada com o cabelo ralo e grisalho e os braços cobertos de feridas. Tinha ar de quem não comia há muitos dias. Mas o pior era de longe o rosto dela. Alguém pegara numa faca e... Amir Jan, retalhara-o todo. Um dos cortes ia do maxilar ao cabelo e não poupara o olho esquerdo pelo caminho. Um espetáculo grotesco. Passei-lhe um pano molhado em água fria pela testa e ela abriu os olhos.

«Onde está Hassan?», segredou.

«Estou aqui», respondeu Hassan. Pegou-lhe na mão e apertou-a.

Com o olho intacto, a mulher fitou-o.

«Vim de muito longe só para ver se és tão bonito como apareces nos meus sonhos. E és. Ainda mais.» Pegou na mão dele e encostou-a ao seu rosto, repleto de cicatrizes. «Sorri para mim. Por favor.»

Hassan assim fez, e a velha chorou.

«Vinhas a sorrir quando saíste do meu ventre, não te contaram? E eu nem quis pegar-te ao colo. Que Alá me perdoe, nem quis pegar-te ao colo.»

Ninguém voltou a ver Sanaubar desde que ela fugira com um grupo de cantores e bailarinos em 1964, logo depois do nascimento de Hassan. Tu nunca a viste, Amir, mas na sua juventude ela era uma beleza. Tinha um sorriso e um andar que deixavam os homens doidos. Quem passasse por ela na rua, homem ou mulher, não ficava indiferente. E agora...

Hassan largou a mão dela e saiu de casa a correr. Fui atrás dele, mas ele era mais rápido. Vi-o subir a colina onde tu e ele costumavam brincar, os pés a levantar nuvens de poeira. Deixei-o sozinho. Fiquei junto de Sanaubar todo o dia, vendo o céu passar de

azul a roxo. Quando a noite caiu e o luar iluminou as nuvens, ele ainda não tinha regressado. Sanaubar disse que voltar tinha sido um erro, talvez pior que partir. Mas eu obriguei-a a ficar. Hassan voltaria, eu tinha a certeza.

Apareceu na manhã seguinte, cansado, esgotado, vendo-se que tinha passado a noite em branco. Segurou a mão de Sanaubar nas suas e disse-lhe que podia chorar se quisesse, mas que não era preciso, agora estava em casa, ao pé da sua família. Acariciou as cicatrizes do rosto dela e passou-lhe a mão pelo cabelo.

Hassan e Farzana cuidaram dela e Sanaubar curou-se. Alimentaram-na, lavaram-lhe a roupa. Instalei-a num dos quartos de hóspedes. Às vezes, olhava pela janela e via Hassan e a mãe ajoelhados a apanhar tomates ou a aparar um arbusto, enquanto conversavam. A recuperar o tempo perdido. Tanto quanto sei, ele nunca lhe perguntou por onde tinha andado e ela nunca lho contou. Creio que há histórias que não são para contar.

Foi Sanaubar quem assistiu ao parto do filho de Hassan, no final do ano. Ainda não tinha começado a nevar, mas os ventos já varriam os quintais, vergando as flores dos canteiros e fazendo rumorejar as folhas. Lembro-me de ver Sanaubar sair da cabana com o neto nos braços, embrulhado numa manta de lã. Estava radiante, sob o céu cinzento-escuro, com as lágrimas a correrem-lhe pelo rosto, o vento gelado a despenteá-la, agarrando o bebé como se não o quisesse perder. Outra vez, não. Entregou-o a Hassan, que mo entregou a mim e eu cantei o *Ayat-ul-kursi* ao ouvido daquele menino.

Deram-lhe o nome de Sohrab, o herói do *Shahnamah* que Hassan preferia, como sabes, Amir Jan. Era um rapazinho lindo, doce como o mel, com o temperamento do pai: devias ter visto Sanaubar, Amir Jan. Não largava o bebé, passou a ser o centro da existência dela. Fazia-lhe roupas e brinquedos com restos de madeira, trapos, ervas secas. Quando ele apanhou a febre, ficou acordada toda a noite e jejuou durante três dias. Queimou *isfand* num púcaro de cobre para afastar o *nazar*, o mau-olhado. Aos dois anos, Sohrab já lhe chamava Sasa. Eram inseparáveis.

Ainda o viu fazer quatro anos, até que uma manhã simplesmente não acordou. Parecia calma, em paz, como se agora já não se

importasse de morrer. Sepultámo-la no cemitério da colina, aquele ao pé da romãzeira, e rezei também por ela. A perda foi dura para Hassan, é pior ter e perder que não chegar a ter. Mas ainda o foi mais para o pequeno Sohrab. Andava pela casa à procura da Sasa, mas sabes como são as crianças, esquecem depressa.

Nessa altura, deve ter sido em 1995, já os *shorawi* tinham sido derrotados e afastados, e Cabul pertencia a Massoud, Rabbani e aos mujaedines. A luta entre as fações intensificava-se cada vez mais e ninguém sabia se iria alguma vez ter fim. Os nossos ouvidos habituaram-se ao assobio das bombas a cair, ao trovejar das metralhadoras, os nossos olhos a ver retirar corpos dos escombros. Nesse tempo Cabul era, Amir Jan, aquilo a que se costuma chamar um inferno na Terra. Mas Alá foi bom para nós. A zona de Wazir Akbar Khan não era muito atacada, portanto não sofremos tanto como os nossos vizinhos.

Quando o fogo dos *rockets* diminuía e os disparos eram menos frequentes, Hassan levava Sohrab ao jardim zoológico ver o leão *Marjan* ou ao cinema. Hassan ensinou-o a usar a fisga e, mais tarde, com cerca de oito anos, Sohrab era já um ás. Do terraço, conseguia acertar numa pinha equilibrada num balde colocado no meio do pátio. Hassan ensinou-o a ler e a escrever, o filho não ia crescer analfabeto como ele. Afeiçoei-me muito ao rapaz, vi-o dar os primeiros passos, ouvi-o dizer as primeiras palavras. Comprava-lhe livros infantis na livraria ao lado do Cinema Park, também já foi destruído, e Sohrab devorava-os assim que os recebia. Adorava ler, como tu quando eras pequeno, Amir Jan. Às vezes eu lia-lhe à noite, jogávamos às charadas, ensinava-lhe truques com cartas. Tenho tantas saudades dele.

No inverno, Hassan levou o filho a uma corrida de papagaios. Nessa época já não se faziam tantos torneios como antigamente, ninguém se sentia seguro ao ar livre durante muito tempo — mas ainda havia um ou outro. Hassan levava Sohrab às cavalitas e lá iam os dois pelas ruas, a correr atrás de papagaios, a trepar às árvores onde os papagaios caíam. Lembras-te, Amir Jan, como Hassan era bom a perseguir papagaios? Pois continuava a ser. No fim do inverno, Hassan e Sohrab penduravam os papagaios que

tinham encontrado nas paredes da entrada. Penduravam-nos como se fossem quadros.

Contei-te que em 1996 todos celebrámos a chegada dos talibãs e o fim dos permanentes combates. Lembro-me de voltar para casa essa noite e dar com Hassan na cozinha, a ouvir rádio. Tinha uma expressão grave. Perguntei-lhe o que se passava e ele limitou-se a sacudir a cabeça.

«Deus tenha piedade dos hazaras agora, Rahim Khan», respondeu.

«A guerra terminou, Hassan», disse eu. «Vai haver paz, *inshallah*, felicidade, calma. Acabaram-se os *rockets*, as mortes, os funerais!», mas ele desligou o rádio, perguntou-me se eu precisava de alguma coisa e foi deitar-se.

Semanas depois, os talibãs proibiram os torneios de papagaios. Dois anos mais tarde, em 1998, massacraram os hazaras em Mazar-i-Sharif.

DEZASSETE

Rahim Khan descruzou as pernas devagar e encostou-se à parede nua da forma cautelosa, estudada, usada por alguém cujo menor movimento desencadeava pontadas de dor. Lá fora, um burro zurrou e alguém gritou qualquer coisa em urdu. O Sol começava a pôr-se, ardente, vermelho, nos intervalos entre os edifícios em ruínas.

Voltei a pensar na enormidade do que eu fizera naquele inverno e no verão que se seguiu. Os nomes ecoaram na minha cabeça: Hassan, Sohrab, Ali, Farzana e Sanaubar. Ouvir Rahim Khan pronunciar o nome de Ali foi como encontrar uma caixa de música velha e ferrugenta que ninguém abria há anos; e a melodia ouviu-se imediatamente: «Quem comeste hoje, *babalu*? Quem comeste, *babalu* zarolho?» Tentei imaginar o rosto imobilizado de Ali, ver realmente os seus olhos serenos, mas o tempo é ganancioso, por vezes guarda para si todos os detalhes.

— Hassan ainda vive na mesma casa? — perguntei.

Rahim Khan levou a chávena aos lábios ressequidos e bebeu um gole. Depois tirou um envelope do bolso interior do casaco e entregou-mo.

— É para ti.

Rasguei o envelope fechado. Lá dentro encontrei uma fotografia e uma carta dobrada. Fiquei um minuto a olhar a fotografia.

Nela via-se um homem de turbante branco e *chapan* às riscas verdes com um rapazinho diante de uns portões de ferro forjado. A luz vinha da esquerda, oblíqua, projetando sombra em metade do rosto redondo. De olhos semicerrados, sorria à câmara, mostrando a falta de dois dentes da frente. Mesmo naquela fotografia tremida, o homem de *chapan* transmitia confiança, segurança. Era por causa da posição dele, os pés ligeiramente afastados, os braços cruzados diante do peito, a cabeça levemente inclinada para o sol. Mas sobretudo por causa do seu sorriso. Quem visse aquela foto diria que ali estava um homem para quem o mundo tinha sido bom. Rahim Khan tinha razão: tê-lo-ia reconhecido se me cruzasse com ele no meio da rua. O rapazinho estava descalço, com um braço em

volta da coxa do homem, a cabeça rapada encostada à anca do pai. Também ele sorria e semicerrava os olhos.

Desdobrei a carta. Estava escrita em parse. Nenhum ponto omitido, nenhuma cruz esquecida, nenhum erro de ortografia, a caligrafia era quase infantil de tão cuidada. Comecei a ler.

«Em nome de Alá, o mais benévolo, o mais misericordioso,

Amir Agha, com os meus mais profundos respeitos,

Farzana Jan, Sohrab e eu desejamos que esta carta te encontre de perfeita saúde e sob as boas graças de Alá. Por favor transmite os meus mais calorosos agradecimentos a Rahim Khan por te entregar esta carta por mim. Espero um dia poder ter nas minhas mãos uma carta tua e ler notícias da tua vida na América. Talvez até uma fotografia tua, para encher de alegria os meus olhos. Falei muito em ti a Farzana Jan e a Sohrab, sobre o tempo em que éramos pequenos e brincávamos, corríamos pelas ruas. Eles riram das diabruras que tu e eu fazíamos!

Amir Agha,

Infelizmente o Afeganistão da nossa juventude já não existe. A bondade desapareceu desta terra e a guerra tem poupado poucos. Guerra de manhã à noite. Em Cabul, o medo está em toda a parte, nas ruas, no estádio, nos mercados, faz parte da nossa vida, Amir Agha. Os selvagens que dirigem o nosso *watan* não querem saber de decência. No outro dia, acompanhei Farzana Jan ao bazar, para comprar batatas e *naan*. Ela perguntou ao vendedor quanto custavam as batatas, mas ele não a ouviu, creio que está surdo. Por isso ela falou mais alto e de repente um jovem talibã avançou e bateu-lhe nas coxas com a bengala. A força foi tanta que ela caiu ao chão. O homem desatou a gritar e a praguejar, a dizer que o ministro do Vício e da Virtude não consente que as mulheres falem em voz alta. Farzana ficou com uma grande nódoa negra durante dias, mas que podia eu fazer senão calar-me e ver a minha mulher ser maltratada? Se eu fizesse alguma coisa, o cão enfiava-me uma bala no corpo, e com gosto! E depois o que seria do meu Sohrab? As ruas já têm muitos órfãos esfomeados e todos os dias agradeço a Alá por estar vivo, não por temer a morte, mas porque assim a minha mulher tem um marido e o meu filho um pai.

Gostava que conhecesses Sohrab. É um bom rapazinho. Rahim Khan Sahib e eu ensinámo-lo a ler e a escrever, para ele não crescer burro como o pai. E que jeito que ele tem para a fisga! Às vezes vou com Sohrab a Cabul e compro-lhe guloseimas. Ainda há um homem com um macaco em Shar-e-Nau e quando o encontramos dou-lhe uma moeda e o macaco dança para Sohrab. Devias ver o que ele ri! Vamos muitas vezes os dois ao cemitério da colina. Lembras-te de quando nos sentávamos à sombra da romãzeira a ler o *Shahnamah*? As secas deixaram a colina ressequida e a árvore não dá fruto há anos, mas Sohrab e eu ainda nos sentamos debaixo dela e eu leio-lhe passagens do *Shahnamah*. Nem é preciso dizer-te que a parte que ele prefere é a que tem o nome dele. Rostam e Sohrab. Em breve poderá lê-la sozinho. Sou um pai muito orgulhoso e cheio de sorte.

Amir Agha,

Rahim Khan Sahib está muito doente. Tosse o dia todo e vejo sangue na manga dele quando limpa a boca. Emagreceu muito e mal toca na *shorwa* e no arroz que Farzana Jan e eu lhe servimos. Uma ou duas colheradas, e mesmo isso é só para fazer a vontade a Farzana Jan. Estou tão preocupado com este homem que tanto estimo que todos os dias rezo por ele. Vai para o Paquistão daqui a alguns dias, para ser visto por uns médicos de lá, e *inshallah* regresse trazendo boas notícias. Mas o meu coração teme por ele. Farzana e eu dissemos ao pequeno Sohrab que Rahim Khan Sahib vai ficar bom. Que havíamos de fazer? Ele tem só dez anos e adora-o. São tão chegados. Rahim Khan Sahib costumava ir com ele ao bazar e comprava-lhe balões e bolachas, mas agora já não pode.

Tenho sonhado muito ultimamente, Amir Agha. Por vezes tenho pesadelos, cadáveres enforcados a apodrecer em campos de futebol com a relva manchada de sangue. Acordo ofegante, a suar em bica. Mas o mais habitual é ter sonhos bons, o que muito agradeço a Alá. Sonho que Rahim Khan Sahib fica curado. Sonho que o meu filho cresce e se torna uma pessoa boa, livre, importante. Sonho que há de novo flores de *lawla* nas ruas de Cabul, música *ruhah* nas casas de chá e papagaios de papel a flutuar no céu. E sonho que voltas a Cabul, para rever a terra da nossa infância. Se o fizeres, encontrarás um velho amigo à tua espera.

Que Alá te proteja sempre.
Hassan»

Li a carta duas vezes. Dobrei-a e fitei a fotografia mais um minuto. Arrumei uma e outra no bolso.

— Como está ele? — perguntei.

— Essa carta foi escrita há seis meses, uns dias antes de eu ir para Peshawar — respondeu Rahim Khan. — Tirei a fotografia na véspera da minha partida. Um mês depois de chegar a Peshawar, recebi um telefonema de um dos meus vizinhos em Cabul. Contou-me o seguinte: pouco depois de eu os deixar, correu o boato de que uma família hazara vivia sozinha na casa grande de Wazir Akbar Khan, como os talibãs lhe chamam. Dois agentes talibãs foram lá investigar e interrogaram Hassan. Acusaram-no de mentir quando Hassan disse que vivia comigo, apesar de muitos vizinhos, incluindo o que me telefonou, corroborarem a história de Hassan. Os talibãs disseram que ele era um mentiroso e um ladrão, como todos os hazaras, e mandaram-no sair com a família antes do pôr do Sol. Hassan protestou. Mas o vizinho disse que eles estavam a olhar para a casa como, quais foram as palavras dele?, ah, sim, «como uma matilha de lobos a olhar para um rebanho de ovelhas». Disseram a Hassan que iam ocupá-la para ela estar em segurança até eu voltar. Hassan voltou a protestar. Então eles levaram-no para a rua...

— Não — balbuciei.

— ... mandaram-no ajoelhar-se...

— Não, meu Deus, não.

— ... e desferiram-lhe um tiro na nuca.

— Não.

— Farzana apareceu aos gritos e atirou-se a eles...

— Não.

— ... também a mataram. Autodefesa, alegaram mais tarde.

Mas eu só conseguia murmurar «Não, não, não» vezes sem fim.

Não conseguia deixar de pensar naquele dia de 1974, no hospital, depois da operação ao lábio leporino de Hassan. Baba, Rahim Khan, Ali e eu em volta da cama de Hassan, a vê-lo examinar o

lábio novo num espelho de mão. Agora todas essas pessoas estavam mortas ou quase mortas. Exceto eu.

Depois vi mais qualquer coisa: um homem com um casaco de *tweed* a encostar a boca da sua *Kalachnikov* à nuca de Hassan. O eco dos disparos na rua da casa do meu pai. Hassan a tombar no asfalto, a sua vida de lealdade não correspondida a escapar-lhe, como os papagaios que ele costumava perseguir.

— Os talibãs instalaram-se na casa — continuou Rahim Khan. — O pretexto foi despejar um invasor. Os assassinos de Hassan e de Farzana foram ilibados, considerou-se que agiram em autodefesa. Ninguém reclamou. Em grande parte por medo dos talibãs, suponho. Mas ninguém ia arriscar-se por um casal de criados hazaras.

— O que é feito de Sohrab? — perguntei. Sentia-me cansado, esgotado. Um ataque de tosse ocupou Rahim Khan durante algum tempo. Quando finalmente levantou a cabeça, tinha o rosto vermelho e os olhos raiados de sangue.

— Ouvi dizer que estava num orfanato algures em Karteh-Seh. Amir Jan... — e voltou a tossir. Quando parou, parecia mais velho, como se envelhecesse a cada ataque de tosse. — Amir Jan, pedi-te para vires porque queria ver-te antes de morrer, mas não foi só por isso.

Fiquei calado. Já calculava o que ele ia dizer.

— Quero que vás a Cabul. Que tragas Sohrab para aqui.

Foi uma luta encontrar as palavras certas. Ainda não tinha tido tempo para digerir a morte de Hassan.

— Ouve-me, por favor. Conheço uns americanos aqui em Peshawar, marido e mulher, chamam-se Thomas e Betty Caldwell. São cristãos e dirigem uma pequena organização humanitária financiada por donativos de particulares. Acolhem e alimentam crianças que perderam os pais. Já os visitei. É uma casa limpa e segura, as crianças são bem tratadas e eles são boas pessoas. Disseram-me que teriam muito gosto em receber Sohrab na casa deles e...

— Rahim Khan, não deves estar a falar a sério.

— As crianças são frágeis, Amir Jan. Cabul já está cheia de crianças traumatizadas e não quero que Sohrab venha a ser mais

uma.

— Rahim Khan, não quero ir a Cabul. Não posso!

— Sohrab é um menino muito talentoso. Aqui pode ter uma vida nova, uma esperança nova, pessoas que o amem. Thomas Agha é um bom homem e Betty Khanum é tão dedicada, havias de ver como ela trata aqueles órfãos.

— Porquê eu? Não podes pedir a alguém daqui para lá ir? Eu pago, se o problema é o dinheiro.

— O problema não é o dinheiro, Amir! — vociferou Rahim Khan. — Estou a morrer, mas não admito que me insultem! Eu nunca quis saber de dinheiro, como tu sabes. Porquê tu? Acho que ambos sabemos por que razão tens de ser tu.

Não queria perceber aquele argumento, mas percebia-o e bem de mais.

— Tenho uma mulher na América, uma casa, uma carreira e uma família. Cabul é uma cidade perigosa, como sabes, e queres que eu arrisque tudo por...

— Sabes — interrompeu Rahim Khan —, um dia, quando tu não estavas connosco, o teu pai e eu tivemos uma conversa. Sabes como ele se preocupava contigo nesse tempo. Lembro-me de que ele me disse: «Rahim, um rapaz que não sabe defender-se torna-se num homem que não sabe lutar por nada.» Agora pergunto-me, será que ele tinha razão? — Baixei os olhos. — O que te estou a pedir é que concedas a um moribundo o seu último desejo — disse com gravidade.

Tinha apostado naquela frase. Jogado o seu trunfo. Pelo menos foi o que pensei. As palavras dele pairavam num limbo entre nós, mas ao menos ele soubera o que dizer. Eu continuava sem palavras, e dos dois eu é que era o escritor. Por fim, optei pelo seguinte:

— Talvez Baba tivesse razão.

— Lamento que penses assim, Amir.

Eu não conseguia olhá-lo de frente.

— Tu não pensas?

— Se pensasse, não te teria pedido que viesses.

Brinquei com a minha aliança de casamento.

— Sempre tiveste uma opinião demasiado boa a meu respeito, Rahim Khan.

— E tu sempre foste demasiado duro contigo próprio — respondeu. Hesitou. — Mas há outra coisa. Uma coisa que tu não sabes.

— Por favor, Rahim Khan...

— Sanaubar não foi a primeira mulher de Ali.

Levantei a cabeça.

— Tinha sido casado antes, com uma mulher hazara de Jaghori. Muito antes de tu nasceres. Foram casados três anos.

— O que é que isso tem a ver?

— Deixou-o sem filhos ao fim de três anos de casamento e casou com um homem de Khost. Deu-lhe três filhas. Não sei se percebes.

Comecei a perceber. Mas não quis ouvir o resto. Tinha uma boa vida na Califórnia, uma linda casa vitoriana com telhado de duas águas, um ótimo casamento, uma promissora carreira de escritor, uns sogros que me adoravam. Não precisava daquela merda.

— Ali era estéril — disse Rahim Khan.

— Claro que não era. Ele e Sanaubar tiveram Hassan, não foi? Tiveram Hassan...

— Não, não tiveram.

— Claro que tiveram!

— Não, Amir.

— Então quem...

— Julgo que sabes.

Senti que estava a cair por uma encosta muito íngreme, tentando em vão agarrar-me aos arbustos, às silvas. O quarto balouçava, subia e descia.

— Hassan sabia? — perguntei, parecendo que era outra pessoa a fazê-lo.

Rahim Khan fechou os olhos. Abanou a cabeça.

— Sacanas! — gritei. — Vocês todos, uma cambada de sacanas!

— Por favor, senta-te — disse Rahim Khan.

— Como puderam esconder-me isso? Esconder-lhe isso?

— Por favor, raciocina, Amir Jan. Era uma situação delicada. As pessoas iam falar. Nessa altura, um homem só tinha a sua honra, o seu bom-nome e se as pessoas começassem a falar... Não

podíamos contar a ninguém, decerto compreendes — estendeu-me a mão, mas eu repeli-a. Avancei para a porta.

— Amir Jan, por favor, não te vás embora.

Abri a porta e voltei-me para ele.

— Porquê? Quem és tu para me pregares sermões? Tenho trinta e oito anos e descobri agora que toda a minha vida foi uma merda duma mentira! Que podes tu dizer para melhorar as coisas? Nada. Nadinha.

E com tais palavras saí, furioso.

DEZOITO

O Sol estava quase a pôr-se, deixando o céu banhado de manchas roxas e vermelhas. Desci a rua estreita e movimentada onde ficava o prédio de Rahim Khan. Era uma avenida barulhenta no meio de um labirinto de ruelas atafulhadas de peões, bicicletas e riquexós. Havia cartazes pendurados nas esquinas a anunciar *Coca-Cola* e cigarros: cartazes de cinema de Lollywood[3], mostrando atrizes insinuantes a dançar com galãs morenos em campos de maravilhas.

Entrei numa pequena casa de chá e mandei vir uma chávena. Reclinei-me até ficar equilibrado nas pernas de trás da cadeira dobrável e esfreguei os olhos. A impressão de escorregar pela encosta estava a passar. Mas no seu lugar senti-me um homem que acorda na sua própria casa e vê toda a mobília disposta de maneira diferente, tornando todos os cantos e recantos irreconhecíveis. Desorientado, o homem tem de reavaliar o que o cerca, reorientar-se.

Como pude ser tão cego? Os sinais tinham estado sempre todos lá; agora vinham ter comigo de novo: Baba a combinar com o Dr. Kumar a operação ao lábio de Hassan. Baba a lembrar-se sempre do aniversário de Hassan. Lembro-me do dia em que estávamos a plantar túlipas e eu perguntei a Baba se ele nunca tinha pensado em arranjar criados novos. «Hassan não vai para lado nenhum», trovejou ele. «Fica aqui connosco, que é o lugar dele. Esta é a casa dele e nós somos a família dele.» Baba chorou, chorou, quando Ali anunciou que ele e Hassan nos iam deixar.

O empregado colocou uma chávena de chá na mesa à minha frente. No ponto em que as pernas da mesa se cruzavam, formando um X, havia um anel de bolas de latão do tamanho de nozes. Uma delas estava desaparafusada. Baixei-me a apertei-a. Quem me dera consertar a minha vida com a mesma facilidade. Bebi um gole do chá mais preto que bebi na vida e pensei em Soraya, no general, em Khala Jamila, no romance que precisava de terminar. Tentei concentrar-me no tráfego engarrafado na rua, nas pessoas que entravam e saíam das pequenas lojas de doces. Tentei escutar a

música *qawali* que tocava no transístor da mesa ao lado. Qualquer coisa. Mas não consegui deixar de ver Baba na noite da minha formatura, sentado no *Ford* que acabara de me comprar, a cheirar a cerveja e a dizer: «Gostava que o Hassan estivesse aqui connosco.»

Como foi capaz de me mentir durante tantos anos? E a Hassan? Quando eu era pequenino, sentou-me no colo, olhou-me de frente e disse: «Só há um pecado. O roubo... Quando dizes uma mentira, estás a roubar a alguém o direito de saber a verdade.» Não foi o que ele me disse? E agora, quinze anos depois de o ter enterrado, sabia que Baba tinha sido um ladrão. E um ladrão da pior espécie, porque as coisas que ele roubou eram sagradas: a mim, o direito de saber que tinha um irmão, a Hassan, a sua identidade e, a Ali, a sua honra. *Nang*. *Namoos*.

As perguntas não paravam de me invadir. Como é que Baba tinha conseguido encarar Hassan? Como é que Ali tinha conseguido viver naquela casa, dia após dia, sabendo que fora desgraçado pelo patrão da pior maneira que há para um afegão? E como ia eu conciliar esta nova imagem de Baba com a que estava gravada na minha memória desde sempre, com o seu velho fato castanho, a subir a rua dos Taheri para pedir a mão de Soraya?

Aqui está outro cliché ao qual o meu professor de Escrita Criativa teria torcido o nariz: tal pai, tal filho. Mas era verdade, ou não? Pelos vistos, Baba e eu éramos mais parecidos do que eu pensava. Ambos traímos as pessoas que tinham dado a vida por nós. E com isso veio a seguinte constatação: Rahim Khan chamou-me ali para eu expiar, não apenas os meus pecados, mas também os de Baba.

Rahim Khan disse que eu sempre fora duro de mais comigo próprio. Fiquei a pensar. Na verdade, eu não tinha obrigado Ali a pisar a mina nem mandado os talibãs lá a casa matar Hassan. Mas obrigara Ali e Hassan a sair de casa. Seria muito rebuscado pensar que tudo poderia ter sido diferente se eles não se tivessem ido embora? Talvez Baba os tivesse levado para a América. Talvez por esta altura Hassan tivesse a sua casa, um emprego, uma família, uma vida num país onde a maioria das pessoas nem sequer sabia o que era um hazara. Ou talvez não.

«Não posso ir a Cabul», foi a resposta que dei a Rahim Khan. «Tenho uma mulher na América, uma casa, uma carreira e uma família.» Mas como é que eu podia fazer as malas e partir quando os meus atos tinham custado a Hassan a possibilidade de ter exatamente essas coisas?

Oxalá Rahim Khan nunca me tivesse telefonado. Tivesse deixado que eu continuasse a viver na ignorância. Mas ele telefonou-me. E o que me contou mudou tudo. Fez-me ver que a minha vida tinha sido, desde muito antes do inverno de 1975, desde quando aquela cantora hazara me amamentava, sempre um ciclo de mentiras, traições e segredos.

«Nunca é tarde para acertar as contas», tinha ele dito.

Uma forma de romper o ciclo.

Incluía um rapazinho. Um órfão. O filho de Hassan. Algures em Cabul.

No riquexó que me levou de volta ao apartamento de Rahim Khan, lembrei-me de que Baba me disse um dia que o meu problema era ter tido sempre alguém que fizesse as coisas por mim. Eu estava com trinta e oito anos. O meu cabelo começava a escassear e a tornar-se grisalho e há pouco tempo detetara pés de galinha nos cantos dos meus olhos. Estava mais velho, mas talvez não velho de mais para começar a fazer as coisas por mim. Baba mentira acerca de muita coisa, pelos vistos, mas não acerca disso.

Voltei a olhar para o rosto redondo da fotografia, para a maneira como o sol incidia nele. A cara do meu irmão. Hassan amara-me, amara-me como ninguém nunca tinha amado nem nunca viria a amar. Agora já cá não estava, mas deixara uma parte dele, pequenina. Em Cabul.

À espera.

Encontrei Rahim Khan a rezar namaz num canto da sala. Era apenas uma silhueta escura dobrada, virada para leste, para um céu vermelho como o sangue. Esperei que ele terminasse.

Depois disse-lhe que iria a Cabul. Que telefonasse aos Caldwell de manhã.

— Rezarei por ti, Amir Jan — respondeu.

3 Indústria cinematográfica no Paquistão.(*NT*)

DEZANOVE

Lá voltei a enjoar. Quando passámos pela tabuleta cravejada de balas onde se lia BEM-VINDO AO KHYBER PASS, comecei a salivar. Sentia um ardor no estômago, um nó. Farid, o condutor, olhou-me friamente. Não tinha um olhar simpático.

— Não se pode abrir a janela? — perguntei.

Acendeu um cigarro e arrumou-o entre os dois únicos dedos da mão esquerda, a que estava em cima do volante. Sem tirar os olhos pretos da estrada, inclinou-se para a frente, apanhou a chave de parafusos que tinha aos pés e entregou-ma. Enfiei-a no pequeno buraco da porta onde devia estar o puxador e rodei-a, abrindo a minha janela.

Farid voltou a deitar-me um olhar antipático, desta vez com um travo de animosidade, e voltou ao seu cigarro. Não pronunciara mais que umas doze palavras desde a partida de Jamrud Fort.

— *Tashakor* — murmurei. Debrucei-me na janela e deixei o ar fresco do fim da tarde bater-me no rosto. O caminho pelas terras tribais de Khyber Pass, que seguia às curvas entre penhascos de argila xistosa e calcário, estava tal e qual como eu o recordava: Baba e eu atravessámo-lo em 1974. As montanhas áridas, imponentes, erguiam-se de gargantas profundas terminando em picos escarpados. Velhas fortalezas, com paredes de adobe a desmoronarem-se, equilibravam-se nos afloramentos. Tentei fixar os olhos no Hindocuche coberto de neve, que ficava a norte, mas, de cada vez que o meu estômago normalizava, a carrinha guinava novamente e nova náusea voltava a invadi-lo.

— Experimenta um limão.

— O quê?

— Limão. Bom para o enjoo — disse Farid. — Trago sempre um quando venho por este caminho.

— *Nay*, obrigado — respondi. Só de pensar em mais acidez no meu estômago, lá vinham as náuseas.

Farid reprimiu um riso.

— Não é um remédio complicado, como os que há lá na América, é só uma mezinha que a minha mãe me ensinou.

Não quis desperdiçar a oportunidade de lhe cair nas boas graças.

— Nesse caso, dá-me lá um bocado.

Agarrou num saco de papel que estava no assento traseiro e tirou de lá meio limão. Chupei-o e aguardei uns minutos.

— Tinhas razão. Sinto-me muito melhor — menti. Eu era afegão, sabia que é preferível ser-se mentiroso que malcriado. Forcei um sorriso.

— Um velho segredo *watani*, não são cá precisos remédios complicados — disse. O tom de voz dele era o de um homem mal-humorado. Sacudiu a cinza da ponta do cigarro e olhou-se satisfeito no espelho retrovisor. Era um tajique, um homem escuro e esguio com o rosto tisnado do sol, ombros estreitos e um longo pescoço onde se destacava uma protuberante maçã de Adão, que a barba só deixava ver quando ele virava a cabeça. Estava vestido mais ou menos como eu, ou se calhar eu é que estava vestido como ele: uma manta de lã de fabrico grosseiro embrulhada em volta de um *pirhan-tumbam* e um casaco. Na cabeça usava um *pakol* castanho, ligeiramente inclinado para o lado, como o herói tajique Ahmad Shah Massoud — conhecido entre os tajiques por «Leão de Panjsher».

Foi Rahim Khan que me apresentou a Farid em Peshawar. Disse-me que Farid tinha vinte e nove anos, embora possuísse o rosto cansado e enrugado de um homem vinte anos mais velho. Nascido em Mazar-i-Sharif, aí viveu até o pai se mudar com a família para Jalalabad, tinha Farid dez anos. Aos catorze, ele e o pai participaram na guerra santa contra os *shorawi*. Lutaram no vale Panjsher durante dois anos, até o helicóptero de combate desfazer o velho. Farid tinha duas esposas e cinco filhos. «Já teve sete», disse Rahim Khan com um ar pesaroso, mas perdera as duas filhas mais novas anos antes na explosão de uma mina mesmo às portas de Jalalabad, a mesma explosão que lhe roubou alguns dedos dos pés e três da mão direita. Depois disso, foi com as mulheres e os filhos para Peshawar.

— Posto de controlo — resmungou Farid. Agitei-me um pouco no meu lugar e cruzei os braços, esquecendo as náuseas por instantes. Dois paquistaneses das milícias aproximaram-se do nosso

miserável *Land Cruiser*, olharam de relance o seu interior e fizeram sinal para que seguíssemos.

Farid estava em primeiro lugar na lista de preparativos que Rahim Khan e eu tínhamos elaborado, lista que incluía trocar dólares por notas de Kaldar e do Afeganistão, a minha indumentária, um *pakol* — ironicamente, nunca usara nada disso quando vivia no Afeganistão —, a fotografia de Hassan e Sohrab e, por fim, talvez o mais importante: uma barba postiça, preta e até ao peito, tipo *shari'a*, ou pelo menos a versão talibã da *shari'a*. Rahim Khan conhecia um sujeito em Peshawar que se especializara em fabricá-las, muitas vezes para jornalistas ocidentais que iam fazer a cobertura da guerra.

Rahim Khan queria que eu ficasse com ele mais alguns dias, para planear tudo com maior minúcia. Mas eu sabia que tinha de partir o mais depressa possível. Estava com medo de mudar de ideias. Estava com medo de pensar, ruminar, agonizar, racionalizar e convencer-me a não ir. Estava com medo de que a minha vida na América me levasse a desistir. A mergulhar naquele grande rio e esquecer tudo, deixar as novidades irem ao fundo. Estava com medo de deixar que as águas me afastassem do que tinha de fazer. De Hassan. Do passado que viera visitar-me. Por isso parti antes que houvesse hipótese de algo parecido acontecer. Quanto a Soraya, nem pensar em dizer-lhe que ia voltar ao Afeganistão. Se o fizesse, ela metia-se logo no primeiro voo para o Paquistão.

Atravessámos a fronteira, e por toda a parte se viam sinais de pobreza. De um e de outro lado da estrada, vi séries de aldeolas espalhadas por aqui e ali, como brinquedos abandonados entre as rochas, casas e cabanas de lama construídas com pouco mais que quatro postes e um pano velho a fazer de teto. Vi crianças esfarrapadas a jogarem à bola à porta das cabanas. Uns quilómetros mais adiante, um grupo de homens, como uma fila de corvos, sentados de cócoras sobre a carcaça de um tanque soviético queimado, e o vento a levantar as mantas que os cobriam. Ao lado deles, uma mulher de burca castanha, com uma grande bilha de barro ao ombro, descia um carreiro em direção a um aglomerado de casas de lama.

— Estranho — comentei.

— O quê?

— Sinto-me um turista no meu próprio país — disse, observando um pastor que conduzia meia dúzia de cabras esqueléticas à beira da estrada. Farid soltou uma gargalhada. Deitou fora o cigarro.

— Ainda consideras isto a tua terra?

— Parte de mim há de sempre considerar — respondi, mais na defensiva do que gostaria.

— Depois de vinte anos na América — comentou, guinando o veículo para evitar um buraco do tamanho de uma bola de praia.

Fiz que sim com a cabeça.

— Cresci no Afeganistão.

Farid voltou a rir-se.

— Porque estás a rir-te?

Farid riu-se ainda mais.

— Esquece — murmurou.

— Não, quero saber. Porque te riste?

Pelo espelho retrovisor vi os olhos dele faiscar.

— Queres saber? Deixa-me cá pensar, Agha Sahib. Provavelmente vivias numa grande casa de dois ou três andares, com um belo quintal nas traseiras que o jardineiro enchia de flores e árvores de fruto. Todo murado, claro. O teu pai guiava um carro americano. Tinham criados, provavelmente hazaras. Os teus pais contratavam trabalhadores para enfeitar a casa para as *mehmanis* de arromba que davam e os amigos vinham beber uns copos e contar as viagens que faziam à Europa e à América. E era capaz de jurar, pela saúde dos meus filhos, que esta é a primeira vez que vestiste um *pakol* — olhou-me com um sorriso, mostrando uma série de dentes prematuramente estragados.

— Porque é que estás a dizer essas coisas?

— Porque perguntaste — respondeu. Apontou para um velho andrajosamente vestido que descia um carreiro de terra batida com uma grande saca de serapilheira cheia de ervas rasteiras às costas. — Este é o Afeganistão real, Agha Sahib. O Afeganistão que eu conheço. Tu? Tu aqui foste sempre um turista, só que não sabias.

Rahim Khan avisara-me de que não esperasse um acolhimento caloroso no Afeganistão por parte daqueles que tinham ficado a fazer a guerra.

— Lamento o que aconteceu ao teu pai — disse-lhe. — Lamento o que aconteceu às tuas filhas e aos teus dedos.

— Isso para mim não é nada — respondeu. Sacudiu a cabeça. — O que é que vieste cá fazer, afinal de contas? Vender as terras do teu Baba e voltar a correr para ao pé da mamã, na América?

— A minha mãe morreu quando eu nasci.

Suspirou e acendeu outro cigarro.

— Encosta aí.

— O quê?

— Encosta aí, porra! Vou vomitar — saí do jipe antes de ele parar na gravilha da beira da estrada.

Ao fim da tarde, a paisagem mudou, e em vez de picos e escarpas batidos pelo sol tudo se tornou mais verde, mais rural. O trajeto principal descia de Landi Kotal e atravessava o território Shinwari até Landi Khan. Tínhamos entrado no Afeganistão em Torkham. Pinheiros ladeavam a estrada, menos do que eu pensava e muitos deles secos, mas foi bom voltar a ver árvores depois do árido Khyber Pass. Estávamos a aproximar-nos de Jalalabad, onde Farid tinha um irmão que nos ia dar guarida essa noite.

O Sol ainda não se tinha posto quando chegámos a Jalalabad, capital do estado de Nangarhar, cidade em tempos famosa pela sua fruta e pelo seu clima ameno. O veículo de Farid passou pelos edifícios e casas de pedra do principal bairro da cidade. Já não havia tantas palmeiras como dantes e algumas habitações estavam reduzidas a paredes sem telhado e pilhas de barro retorcido.

Farid meteu por uma rua estreita não pavimentada e estacionou o *Land Cruiser* numa vala seca. Saí, espreguicei-me e respirei fundo. Outrora, os ventos varriam as planícies irrigadas em volta de Jalalabad, onde se cultivava a cana-de-açúcar, enchendo a cidade de um perfume adocicado. Fechei os olhos, à procura do cheiro doce. Não o encontrei.

— Vamos — disse Farid, impaciente. Subimos a estrada de terra onde alguns choupos sem folhas acompanhavam uma fila de paredes de lama. Farid conduziu-me a uma casa térrea em péssimo estado e bateu à porta, feita com uma tábua de madeira.

Uma jovem de olhos verdes, da cor do mar, com o rosto escondido num lenço branco enrolado à volta da cabeça, espreitou.

Viu-me, hesitou, mas quando avistou Farid os olhos dela iluminaram-se.

— *Salaam alaykum*, Kaka Farid!

— *Salaam*, Maryam Jan — respondeu Farid, oferecendo-lhe algo que me recusara todo o dia: um sorriso franco. Beijou-lhe a cabeça. A jovem desviou-se, olhou-me com alguma apreensão e entrei atrás de Farid.

O teto de adobe era baixo, as paredes de lama estavam totalmente nuas e a única luz vinha de duas lanternas a um canto. Descalçámo-nos e caminhámos em cima do tapete de palha que cobria o chão. Encostados a uma das paredes estavam três rapazes, sentados, de pernas cruzadas, num colchão tapado com uma manta de margens desfiadas. Um homem alto de barba e ombros largos veio cumprimentar-nos. Farid e ele trocaram abraços e beijos. Farid apresentou-me a Wahid, o irmão mais velho.

— Ele veio da América — explicou a Wahid, indicando-me com o polegar. Deixou-nos sozinhos e foi cumprimentar os rapazes.

Wahid e eu sentámo-nos junto à parede em frente dos rapazes, que tinham tomado Farid de assalto, pulado para as cavalitas dele. Apesar dos meus protestos, Wahid mandou um dos miúdos trazer outra manta para eu ficar mais confortável e pediu a Maryam que me trouxesse chá. Perguntou como tinha sido a viagem desde Peshawar, a travessia de Khyber Pass.

— Espero que não se tenham cruzado com nenhum *dozd* — disse. O Khyber Pass era famoso pelo seu piso mas também pelos bandidos que aí assaltavam os viajantes. Antes que eu tivesse tempo para responder, acrescentou em voz alta: — Mas claro que nenhum *dozd* ia perder tempo com um carro tão feio como o do meu irmão.

Farid tentava pôr o rapaz mais pequeno no chão e fazia-lhe cócegas nas costas com a mão sã. O miúdo ria e esperneava.

— Mas ao menos tenho automóvel — respondeu, ofegante. — Como tem passado o teu burro?

— Sempre é mais confortável que o teu carro.

— *Khar khara mishnassah* — ripostou Farid. Os burros lá se entendem. Desataram todos a rir e eu fiz-lhes companhia. Ouvi vozes femininas no quarto ao lado. De onde estava, via parte dele.

Maryam e uma mulher mais velha de *hijab* castanho, provavelmente a mãe dela, falavam em voz baixa e deitavam chá de uma chaleira para um bule.

— Então diz lá o que fazes na América, Amir Agha? — perguntou Wahid.

— Sou escritor — disse, e ouvi Farid reprimir um riso.

— Escritor? — repetiu Wahid, nitidamente impressionado. — Escreves sobre o Afeganistão?

— Bem, já tenho escrito. Mas não atualmente — respondi. O meu último romance, *A Estação das Cinzas*, era sobre um professor universitário que vai viver com um grupo de ciganos depois de encontrar a mulher na cama com um dos seus alunos. Não era mau. Alguns críticos acharam-no bom e um até usou o termo «absorvente». Mas de repente senti-me envergonhado. Só pedia que Farid não me fizesse contar a história.

— Se calhar devias escrever sobre o Afeganistão quando voltares — disse Wahid. — Contar ao mundo o que os talibãs estão a fazer ao nosso país.

— Bem, eu não... não sou exatamente esse tipo de escritor.

— Oh — disse Wahid, sacudindo a cabeça, um pouco corado. — Tu é que sabes, claro. Não me cabe a mim sugerir...

Nesse instante, Maryam e a outra mulher entraram com duas chávenas e um bule num tabuleiro. Levantei-me, em sinal de respeito, encostei a mão ao peito e baixei a cabeça:

— *Salaam alaykum* — cumprimentei.

A mulher, agora com o *hijab* enrolado em volta do rosto, baixou também a cabeça.

— *Salaam* — respondeu, numa voz quase impercetível. Nunca nos olhámos de frente. Serviu o chá comigo ainda de pé.

A mulher colocou a chávena de chá fumegante à minha frente e saiu sem fazer barulho, pois estava descalça. Sentei-me e bebi o chá forte e preto. Wahid quebrou finalmente o silêncio.

— Então o que te traz ao Afeganistão?

— O que os traz ao Afeganistão, querido mano — emendou Farid, olhando-me com uma expressão de desprezo.

— *Bas!* — ralhou Wahid.

— É sempre a mesma coisa — disse Farid. — Vender esta propriedade, aquela casa, receber o dinheiro e voltar a correr como um rato. Voltar para a América, gastar o dinheiro numas férias para a família toda no México.

— Farid! — rugiu Wahid. Os filhos dele, e mesmo Farid, sobressaltaram-se. — Esqueceste as boas maneiras? Esta casa é minha! Amir Agha é meu hóspede esta noite e não vou deixar que me envergonhes!

Farid abriu a boca para falar, mas reconsiderou e fechou-a. Encostou-se à parede, murmurando qualquer coisa entredentes, e cruzou os pés, deixando o mutilado por cima.

— Perdoa-nos, Amir Agha — disse Wahid. — Desde criança que o meu irmão fala sem pensar.

— A culpa é minha, na verdade — respondi, tentando sorrir sob o olhar intenso de Farid. — Não estou ofendido. Ele não sabe o que vim fazer ao Afeganistão. Não vim vender terras. Vou a Cabul procurar um rapaz.

— Um rapaz — repetiu Wahid.

— Sim — tirei a fotografia do bolso da camisa. Voltar a ver Hassan fez-me sentir de novo a dor da morte dele. Tive de desviar os olhos. Entreguei-a a Wahid. Ele examinou a foto. Olhou para mim, para a foto e outra vez para mim.

— Este rapaz?

Fiz que sim com a cabeça.

— Este rapaz hazara?

— Sim.

— O que é que ele te é?

— O pai dele era muito importante para mim. É o homem que está com ele aí na foto. Já morreu.

Wahid pestanejou.

— Era teu amigo?

A minha vontade foi dizer sim, como se, lá no fundo, eu também quisesse proteger o segredo de Baba. Mas já bastava de mentira.

— Era meu meio-irmão — engoli em seco. Acrescentei: — Meu meio-irmão ilegítimo — girei a chávena. Brinquei com a pega.

— Não queria ser indiscreto.

— Não foste indiscreto — respondi.

— E que vais fazer com ele?

— Vou levá-lo para Peshawar. Há lá umas pessoas que vão tomar conta dele.

Wahid devolveu-me a fotografia e pousou uma mão pesada no meu ombro.

— És um homem digno, Amir Agha. Um verdadeiro afegão. — Eu estava todo torcido por dentro. — É uma honra receber-te em minha casa — continuou Wahid. Agradeci-lhe e olhei Farid de relance. Estava de olhos no chão, a mexer nas bordas desfiadas do tapete.

Um pouco depois, Maryam e a mãe trouxeram duas tigelas fumegantes de *shorwa* de legumes e dois pães.

— Desculpa não termos carne para te oferecer — disse Wahid. — Hoje em dia só os talibãs é que se podem dar a esse luxo.

— Isto tem um aspeto delicioso — respondi. E era. Ofereci-lhe um pouco, e aos miúdos, mas Wahid disse que a família tinha comido antes da nossa chegada. Farid e eu arregaçámos as mangas, molhámos o pão na *shorwa* e comemos com as mãos.

Enquanto comia, reparei que os filhos de Wahid, os três magros, com a cara coberta de poeira e o cabelo castanho cortado à escovinha sob os chapéus, deitavam olhares furtivos ao meu relógio de pulso digital. O mais pequeno segredou qualquer coisa ao ouvido do irmão. O irmão concordou com a cabeça, sem tirar os olhos do meu relógio. A seguir ao jantar, depois de ter lavado as mãos com a água que Maryam foi buscar a uma bilha de barro, pedi autorização a Wahid para oferecer aos filhos dele um *hadia*, um presente. Começou por dizer que não, mas eu insisti e acabou, relutantemente, por concordar. Tirei o relógio do pulso e dei-o ao mais pequeno. Murmurou um *tashakor* apressado.

— Diz as horas em todas as cidades do mundo — expliquei. Os rapazes abanaram a cabeça e passaram o relógio de mão em mão, experimentando-o à vez. Mas depois desinteressaram-se e deixaram o relógio abandonado em cima do tapete de palha.

— Podias ter-me contado — disse Farid, mais tarde. Estávamos os dois deitados lado a lado em esteiras de palha que a mulher de Wahid nos tinha preparado.

— Contado o quê?

— O que vieste fazer ao Afeganistão — a voz perdera o tom duro que eu tinha ouvido desde o primeiro minuto em que o vi.

— Não perguntaste.

— Devias ter-me contado.

— Não perguntaste.

Virou-se para olhar para mim. Apoiou a cabeça no braço dobrado.

— Talvez até te vá ajudar a encontrar esse rapaz.

— Obrigado, Farid.

— Julguei-te mal.

Respirei fundo.

— Não te rales. E olha que não julgaste tão mal como pensas.

Tem as mãos nas costas, atadas com uma corda fina que lhe corta a carne dos pulsos. Os olhos vendados com um pano preto. Está de joelhos na rua, à beira de uma sarjeta cheia de água parada, de cabeça baixa. Os joelhos assentam no chão duro e o sangue pinga-lhe das calças enquanto ele balouça, em oração. A tarde está no fim e a sua longa sombra oscila também para trás e para diante sobre a gravilha. Murmura qualquer coisa entredentes. Aproximo-me. «Tudo», *sussurra. «Por ti, tudo.*» *Balouça para a frente e para trás. Levanta a cabeça. Vejo uma leve cicatriz por cima do seu lábio superior.*

Não estamos sozinhos.

Primeiro vejo o cano da espingarda. Depois o homem atrás dele. É alto, está de casaco de tweed *e turbante preto. Olha para baixo, para o homem de olhos vendados com uma expressão que revela apenas um vazio enorme, cavernoso. Recua um passo e levanta o cano. Encosta-o à nuca do homem ajoelhado. Por instantes, a luz do crepúsculo projeta-se no metal, que faísca.*

A arma dispara com um ruído ensurdecedor.

Sigo com os olhos o comprimento do cano. Vejo quem está atrás da pluma de fumo. Eu sou o homem de casaco de tweed*.*

Acordei com um grito encravado na garganta.

Saí. À luz prateada do quarto crescente, vi um céu cheio de estrelas. Os grilos cantavam na escuridão e o vento sacudia as árvores. O chão estava frio sob os meus pés descalços, e de repente, pela primeira vez desde a travessia da fronteira, senti que

estava de volta. Depois de tantos anos estava novamente em casa, pisando a terra dos meus antepassados. Aquela era a terra onde o meu bisavô casara com a sua terceira mulher antes de morrer, atingido pela epidemia de cólera que assolou Cabul em 1915. Ela deu-lhe o que as duas primeiras mulheres não tinham conseguido dar-lhe, um filho, finalmente. Foi aqui que o meu avô participou numa expedição com o rei Nadir Shah e caçou um veado. A minha mãe morreu aqui. E foi aqui que lutei pelo amor do meu pai.

Sentei-me encostado a uma das paredes de barro da casa. Senti uma afinidade com aquela terra... que me surpreendeu. Tinha partido há tanto tempo que já tinha havido tempo para esquecer e ser esquecido. A minha casa ficava noutra galáxia, em relação às pessoas que dormiam do outro lado da parede à qual eu estava encostado. Julgava que tinha esquecido aquela terra. Mas não tinha. E, sob o brilho frio do quarto crescente, senti o Afeganistão cantarolar sob os meus pés. Talvez o Afeganistão também não me tivesse esquecido, afinal.

Olhei para ocidente e pensei, com espanto, que algures atrás daquelas montanhas Cabul ainda existia. Existia mesmo, não era apenas uma recordação, ou uma palavra num título da primeira página do *San Francisco Chronicle*. Algures, atrás daquelas montanhas a ocidente, a cidade onde eu e o meu irmão com lábio leporino lançávamos papagaios dormia. Algures para aqueles lados o homem de olhos vendados do meu sonho teve uma morte evitável. Um dia, para lá daquelas montanhas, eu fiz uma opção. E agora, um quarto de século depois, essa opção fizera-me regressar a este solo.

Preparava-me para entrar quando ouvi vozes dentro de casa. Reconheci a de Wahid.

— ... nada para as crianças.

— Temos fome mas não somos selvagens! Ele é nosso hóspede! Que querias que eu fizesse? — dizia ele numa voz aflita.

— ... arranjar qualquer coisa amanhã — ela estava quase a chorar. — Que lhes vou dar para comer...

Saí dali em bicos de pés. Percebi agora porque é que os rapazes não tinham ficado nada entusiasmados com o relógio. Não era para o meu relógio que eles olhavam. Era para o meu jantar.

Despedimo-nos no dia seguinte de manhã cedo. Antes de subir para o *Land Cruiser*, agradeci a Wahid a sua hospitalidade. Ele apontou para a barraca atrás de si.

— Esta casa é tua — disse. Os três filhos observavam-nos da soleira da porta. O mais pequeno usava o relógio, ficava a dançar no seu pulso magrinho.

Olhei pelo retrovisor lateral enquanto nos afastávamos. Wahid via-nos partir rodeado pelos filhos, por detrás da nuvem de poeira levantada pelo jipe. Pensei que, num mundo onde a fome não lhes tirasse as forças, aqueles miúdos viriam a correr atrás do carro.

Antes de sair de casa, depois de me certificar de que ninguém estava a ver, fiz uma coisa que já havia feito vinte e seis anos atrás: escondi um punhado de notas amarrotadas debaixo de um colchão.

VINTE

Farid tinha-me prevenido. Pois tinha. Mas pelos vistos perdera o seu tempo.

Seguíamos pela estrada esburacada que serpenteia entre Jalalabad e Cabul. A última vez que eu tinha percorrido aquela estrada ia numa camioneta com cobertura de lona que seguia no sentido oposto. Baba quase levou um tiro de um agente *roussi* pedrado, a cantar — Baba nessa noite tinha-me irritado, assustado e, por fim, envaidecido. A estrada de Cabul para Jalalabad, uma viagem de quebrar os ossos, por uma passagem íngreme que ziguezagueia por entre os rochedos, era agora um vestígio, um vestígio de duas guerras. Vinte anos antes, assistira ao início da primeira com os meus próprios olhos. A estrada estava semeada dos seus restos lúgubres: carcaças ardidas de velhos tanques soviéticos, camiões militares tombados e enferrujados, um jipe russo todo partido, que caíra montanha abaixo. A segunda vira-a começar no meu ecrã de televisão. E agora conhecia-a através dos olhos de Farid.

Farid estava no seu elemento, contornando habilmente os buracos da estrada. Tornara-se mais conversador desde a nossa noite em casa de Wahid. Mandou-me sentar no lugar da frente e olhava para mim quando falava. Chegou a sorrir uma ou duas vezes. Manobrando o volante com a mão mutilada, ia apontando para as aldeias de adobe onde dantes tinha amigos. A maioria deles, disse, ou estava morta ou em campos de refugiados no Paquistão.

— E às vezes estar morto é preferível.

Indicou-me as ruínas de uma aldeola queimada, um monte de paredes chamuscadas, sem telhado. Vi um cão a dormir encostado a uma das paredes.

— Um amigo meu morava aqui. Era um excelente mecânico de bicicletas. Também tocava *tabla*. Os talibãs mataram-no a ele e à sua família, depois deitaram fogo à aldeia.

Atravessámos a aldeia ardida e o cão nem se mexeu.

Antigamente, a viagem de Jalalabad a Cabul levava duas horas, talvez um pouco mais. Farid e eu demorámos mais de quatro horas a chegar a Cabul. E, quando chegámos... Farid preveniu-me logo a seguir à barragem de Mahipar.

— Cabul mudou muito — disse.

— Já sei.

O olhar que Farid me deitou dizia que ouvir não é o mesmo que ver. E ele tinha razão. Porque quando Cabul finalmente surgiu à nossa frente, convenci-me, mas convenci-me completamente, de que ele se tinha enganado no caminho. Farid deve ter reparado na minha expressão estupefacta; sempre a levar pessoas de e para Cabul, já a devia ter visto várias vezes nos rostos dos que tinham estado muito tempo fora da cidade.

Deu-me uma palmadinha no ombro.

— Bem-vindo — disse, taciturno.

Escombros e mendigos. Para onde quer que eu olhasse era só isso que via. Lembrava-me de que também havia pedintes nos bons velhos tempos — Baba levava sempre no bolso umas notas para eles; nunca o tinha visto recusar esmola a um pobre. Mas agora surgiam em todas as esquinas, vestidos com andrajos feitos de serapilheira, as mãos sujas de terra estendidas à espera de uma moeda. E agora eram na maioria crianças, magras, de rosto sombrio, algumas com pouco mais de cinco, seis anos. Ao colo de mães envoltas em burcas, ao longo das esquinas mais movimentadas, entoavam: «*Bakhshesh, bakhshesh!*» E havia outra coisa, uma coisa em que não reparei logo: eram raras as crianças acompanhadas de afegãos do sexo masculino — as guerras tinham feito dos pais um bem raro no Afeganistão.

Seguimos para oeste, rumo ao Bairro de Karteh-Seh, por aquilo que me lembrava de ter sido uma importante avenida na década de 1970: Jadeh Maywand. A norte ficava o rio Cabul, completamente seco. Nas colinas a sul, a antiga muralha da cidade, hoje em ruínas. Mesmo a leste erguia-se o Forte Bala Hissar — a antiga cidadela que os senhores da guerra Dostum ocuparam em 1992 — na cordilheira de Shirdarwaza, as montanhas de onde os mujaedines lançaram *rockets* sobre Cabul entre 1992 e 1996, causando grande parte dos danos agora visíveis. A cordilheira de Shirdarwaza

estendia-se para oeste. Lembrava-me de que era aí que disparava o *topeh chasht*, o canhão do meio-dia. Disparava todos os dias para anunciar o meio-dia, e também a hora em que terminava o jejum diurno durante o mês do Ramadão. Nessa época, ouvia-se o trovejar desse canhão em toda a cidade.

— Vinha muitas vezes aqui, a Jadeh Maywand, quando era miúdo — murmurei. — Havia lojas, hotéis. Luzes de néon e restaurantes. Costumava comprar papagaios de papel a um homem chamado Saifo. Tinha uma pequena loja ao pé da esquadra da polícia.

— A esquadra da polícia ainda existe — disse Farid. — Polícias não faltam nesta cidade. Mas não há papagaios de papel nem lojas de papagaios em Jadeh Maywand nem em qualquer outra zona de Cabul. Isso já lá vai.

Jadeh Maywand tinha-se transformado num castelo de areia gigante. Os edifícios que não tinham desabado completamente, mal se tinham de pé, com os telhados metidos para dentro e as paredes cheias de buracos de obus. Quarteirões inteiros estavam reduzidos a escombros. Vi uma tabuleta toda furada de balas meio enterrada num monte de escombros. Dizia «Beba Coca Co-». Crianças brincavam nas ruínas de um edifício sem janelas, entre montes de tijolo e pedra. Ciclistas e carroças puxadas por mulas avançavam por entre crianças, cães vadios e escombros. Uma nuvem de poeira pairava sobre a cidade e, por cima do rio, uma única espiral de fumo subia em direção ao céu.

— Onde estão as árvores? — perguntei.

— As pessoas cortam-nas para terem lenha no inverno. Os *shorawi* também abateram muitas.

— Porquê?

— Serviam de esconderijo aos caçadores furtivos.

Senti uma tristeza enorme. Regressar a Cabul era como reencontrar um velho amigo esquecido para quem a vida fora ingrata, fazendo dele um sem-abrigo, um pobre.

— O meu pai construiu um orfanato em Shar-e-Kohna, a cidade velha, mais a sul.

— Lembro-me perfeitamente — disse Farid. — Foi destruído há uns anos.

— Importas-te de parar? Gostava de dar uma volta por aqui.

Farid estacionou junto ao passeio numa pequena rua lateral, perto de um edifício desfeito e abandonado, sem portas.

— Isto era uma farmácia — disse Farid, enquanto saíamos do jipe. Regressámos a pé a Jaden Maywand e virámos à direita, rumo a oeste.

— Que cheiro é este? — perguntei. Qualquer coisa estava a fazer os meus olhos chorar.

— Diesel — respondeu Farid. — Os geradores da cidade estão sempre a avariar-se portanto as pessoas não se podem fiar na eletricidade e usam diesel.

— Diesel. Lembras-te a que cheirava esta rua antigamente?

Farid sorriu:

— *Kabob*.

— *Kabob* de carneiro — recordei.

— Carneiro — disse Farid, saboreando a palavra. — Agora as únicas pessoas que comem carneiro em Cabul são os talibãs — puxou-me pela manga. — Por falar em talibãs...

Vinha um veículo na nossa direção.

— A patrulha das barbas — murmurou Farid.

Foi a primeira vez que vi talibãs. Tinha-os visto na televisão, na Internet, em capas de revistas, nos jornais. Mas ali estava eu, a menos de dois metros deles, a tentar convencer-me de que o gosto que sentia na boca não era a medo. A tentar convencer-me de que a minha carne não se tinha subitamente colado aos ossos, nem o meu coração acelerado. Ali estavam eles. Com toda a glória.

Uma carrinha *Toyota* vermelha passou lentamente por nós. Vários jovens de rosto duro iam sentados de cócoras na caixa, de *Kalachnikov* a tiracolo. Todos usavam barba e turbante preto. Um deles, um homem de pele escura com vinte e tal anos e sobrancelhas espessas, levava um chicote na mão, com o qual batia ritmadamente num dos lados da carrinha. Os olhos dele fixaram-me. Fitaram-me. Nunca me senti tão nu em toda a vida. Depois o talibã cuspiu uma saliva castanha do tabaco e virou a cara. Voltei a respirar. A carrinha desceu Jadeh Maywand, deixando atrás de si uma nuvem de poeira.

— Que ideia foi essa? — perguntou Farid.

— Qual?

— Nunca se fica especado a olhar para eles! Ouviste? Nunca!

— Foi sem querer — respondi.

— O teu amigo tem razão, *agha*. É o mesmo que provocar um cão raivoso com um pau — disse alguém. Esta nova voz era de um velho mendigo sentado, descalço, nos degraus de um edifício cravejado de balas. Usava um *chapan* tão gasto que começava a desfazer-se e um turbante preto de sujidade. A pálpebra esquerda estava fechada sobre uma órbita vazia. Com a mão artrítica, apontou na direção que a carrinha tomara. — Andam por aí à procura. À procura e à espera de alguém que os provoque. Mais cedo ou mais tarde, encontram alguém. Depois os cães banqueteiam-se, o tédio do dia é interrompido e todos dizem: «*Alah-u-akbar!*» E nos dias em que ninguém prevarica, podem sempre recorrer à violência aleatória, não é?

— Baixa sempre os olhos quando os talibãs estiverem por perto — advertiu Farid.

— Segue o conselho do teu amigo — disse o pedinte. — Perdoa-me, mas não tens uns afeganes que me dês?

— *Bas*. Vamos embora — disse Farid, puxando-me pelo braço.

Dei ao homem mil afeganes, o equivalente a três dólares. Quando se inclinou para receber o dinheiro, cheirava tão mal — a leite azedo e a pés que não eram lavados há séculos — que senti uma náusea. Enfiou depressa o dinheiro no cós, mexendo o olho válido.

— Mil obrigados pela tua benevolência, Agha Sahib.

— Sabes onde fica o orfanato de Karteh-Seh? — perguntei-lhe.

— É fácil de encontrar, fica a oeste da Avenida Darulaman — respondeu. — Levaram as crianças daqui para Karteh-Seh quando os *rockets* atingiram o antigo orfanato. Que é como tirar alguém da jaula do leão para metê-la na do tigre.

— Obrigado, *agha* — disse e dei meia-volta.

— Foi a primeira vez, *nay*?

— Como?

— A primeira vez que viste um talibã.

Não respondi. O velho sacudiu a cabeça e sorriu, mostrando alguns dentes estragados e amarelos.

— Ainda me lembro da primeira vez que os vi entrar em Cabul. Foi um dia de festa! O fim do morticínio! *Wah wah!* Mas, como diz o

poeta: «O amor parecia infinito até chegar o ódio!»

Um sorriso abriu-se no meu rosto.

— Conheço esse *ghazal*. É Hãfez.

— Claro que é. Sem dúvida — respondeu o velho. — Conheço-o bem. Ensinava-o na universidade.

— Ensinava?

O velho tossiu.

— De 1958 a 1996. Dei Hãfez, Khayyám, Rumi, Beydel, Jami, Saadi. Cheguei mesmo a ser convidado para ir a Teerão como conferencista, em 1971. Dei uma conferência sobre o místico Beydel. Lembro-me de que fui aplaudido de pé. Ha! — Abanou a cabeça. — Mas viste aqueles jovens que iam na carrinha. Querem lá saber do sufismo!

— A minha mãe também dava aulas na universidade.

— Como é que ela se chamava?

— Sofia Akrami.

O olho dele conseguiu brilhar através do véu de cataratas.

— «A erva daninha persiste no deserto, mas as flores da primavera crescem e morrem.» Que elegância, que dignidade, que tragédia.

— Conheceste-a? — perguntei, ajoelhando-me diante do homem.

— Claro — respondeu o mendigo. — Costumávamos ter grandes conversas depois das aulas. A última foi num dia de chuva, antes dos exames finais, quando comemos um delicioso bolo de amêndoa. Bolo de amêndoa com chá e mel. Notava-se que ela estava grávida, o que a tornava ainda mais bela. Nunca esquecerei o que ela me disse nesse dia.

— Que foi? Por favor, conte-me. — Baba sempre me descrevera a minha mãe em pinceladas vagas, tipo: «Era uma grande mulher.» Mas eu sempre ansiara por detalhes: se o cabelo dela brilhava ao sol, qual era o seu gelado preferido, que canções cantava, se roía as unhas. Baba levou a memória dela para a cova. Talvez pronunciar o nome dela lhe recordasse a sua culpa, o que fizera logo depois de ela morrer. Ou se calhar a perda tinha sido tão grande, a dor tão profunda, que era incapaz de falar dela. Ou as duas coisas.

— Disse: «Tenho tanto medo.» E eu perguntei: «Porquê?» Respondeu: «Porque sou tão profundamente feliz, doutor Rasul. Uma felicidade assim é assustadora.» Perguntei porquê, e ela explicou: «Só nos deixam ser assim tão felizes quando querem tirar-nos alguma coisa.» E eu disse: «Caluda, basta de disparates.»

Farid pegou no meu braço.

— Temos que ir, Amir Agha — disse em voz baixa. Soltei o braço.

— E mais? Que mais disse ela?

As feições do homem pareciam mais suaves.

— Quem me dera poder dizer-te. Mas não me lembro. A tua mãe morreu há muito tempo e a minha memória está tão abalada como estes edifícios. Lamento.

— Mesmo uma coisa pequena. Qualquer coisa.

O velho sorriu.

— Vou tentar lembrar-me, é uma promessa. Procura-me.

— Obrigado — disse-lhe. — Estou muito agradecido — e estava mesmo. Agora sabia que a minha mãe gostava de bolo de amêndoa com chá e mel, que uma vez usou a palavra «profundamente», que a sua felicidade a deixava inquieta. Aquele velho dera-me mais informações sobre a minha mãe que Baba.

De regresso ao jipe, nenhum de nós falou acerca daquilo que a maioria dos não-afegãos consideraria uma coisa extraordinária, o facto de eu ter encontrado na rua um mendigo que tinha conhecido a minha mãe. Porque ambos sabíamos que no Afeganistão, especialmente em Cabul, esses absurdos eram vulgares. Baba dizia sempre: «Se fecharmos num quarto dois afegãos que nunca se viram na vida, ao fim de dez minutos já descobriram entre eles laços de parentesco.»

Deixámos o velho nos degraus do edifício. Decidi que faria o combinado, voltaria a procurá-lo, para saber se tinha mais histórias da minha mãe para me contar. Mas nunca mais o vi.

Encontrámos o novo orfanato na parte norte de Karteh-Seh, nas margens do agora seco rio Cabul. Era um edifício quadrado, estilo quartel, com paredes em pedra e janelas entaipadas. Farid tinha-me contado pelo caminho que Karteh-Seh fora um dos bairros mais atingidos pela guerra em Cabul, e, quando saímos da carrinha, isso tornou-se evidente. Nas ruas pejadas de crateras, os edifícios que

se viam ou estavam em ruínas ou abandonados. Passámos pelo esqueleto enferrujado de um automóvel capotado, um aparelho de televisão sem ecrã meio enterrado entre os destroços, uma parede com as palavras «*Zanda bad taliba!*» («Viva os talibãs!») escritas a *spray* preto.

Um homem baixo, magro e quase careca, de barba rala e grisalha, abriu a porta. Estava de casaco de *tweed* roto, solidéu e óculos com uma lente rachada apoiados no nariz. Atrás das lentes, uns olhos pequenos como ervilhas iam de mim para Farid.

— *Salaam alaykum* — disse.

— *Salaam alaykum* — respondi. Mostrei-lhe a fotografia. — Procuramos este rapaz.

Olhou a foto de relance.

— Lamento. Nunca o vi na vida.

— Mal olhou para a foto, amigo — disse Farid. — Veja bem.

— *Lotfan* — acrescentei. Por favor.

O homem que abriu a porta pegou na fotografia. Examinou-a. Devolveu-ma.

— *Nay*, lamento. Conheço todas as crianças desta instituição e essa não me diz nada. Se me dão licença, tenho muito que fazer — fechou a porta. Trancou-a.

Dei um soco na porta.

— *Agha! Agha*, por favor abra a porta. Não queremos fazer-lhe mal.

— Já lhe disse. Não está aqui — ouviu-se do outro lado. — Vão-se embora, por favor.

Farid encostou a testa à porta.

— Amigo, não somos talibãs — disse num tom baixo, cauteloso. — O homem que veio comigo quer levar o rapaz para um lugar melhor.

— Vim de Peshawar — expliquei. — Um grande amigo meu conhece um casal americano que tem um lar para crianças — senti a presença do homem do outro lado. Sentia-o ali de pé, a escutar, a hesitar, entre a desconfiança e a esperança. — Ouça, eu conheci o pai de Sohrab. Chamava-se Hassan. O nome da mãe dele, Farzana. Sohrab chamava à avó Sasa. Sabe ler e escrever. E é ótimo com a

fisga. Há esperança para este rapaz, uma saída. Por favor, abra a porta.

Do outro lado, apenas silêncio.

— Sou tio dele — acrescentei.

Passaram-se uns segundos. Depois, uma chave chocalhou na fechadura. O rosto magro do homem apareceu na frincha da porta. Olhou para mim, para Farid, outra vez para mim.

— Enganou-se numa coisa — disse-me.

— O quê?

— Ele é brilhante com a fisga. — Sorri. — Não larga essa coisa. Anda sempre com ela enfiada no cós das calças.

O homem que nos deixou entrar apresentou-se como sendo Zaman, o diretor do orfanato.

— Venham ao meu gabinete — disse-nos.

Seguimos atrás dele pelos corredores escuros e sujos por onde se passeavam crianças vestidas com camisolas esburacadas. Passámos por quartos cujo chão tinha por único revestimento uma esteira de palha e janelas com plásticos a fazer de vidros. Camas metálicas, na maioria sem colchões, enchiam os quartos.

— Quantos órfãos vivem aqui? — perguntou Farid.

— Mais do que deviam. Uns duzentos e cinquenta — respondeu Zaman, voltando-se para trás. — Mas não são todos *yateem*. Muitos perderam o pai na guerra e as mães não podem alimentá-los porque os talibãs não as deixam trabalhar. Por isso trazem os filhos para aqui — fez um gesto amplo com a mão, e acrescentou, pesaroso: — Isto é melhor que a rua, mas não muito. Este edifício não tem condições de habitação, era um armazém de um fabricante de tapetes. Não há esquentador e deixaram secar o poço — baixou de tom. — Pedi aos talibãs dinheiro para fazer um poço novo sei lá quantas vezes, mas eles pegam no seu rosário e respondem que não há dinheiro. Não há dinheiro — reprimiu um riso.

Apontou para uma fila de camas encostadas à parede.

— Não temos camas em número suficiente, nem colchões para todas as que existem. Pior, não temos cobertores — apontou para uma menina que saltava à corda com três amigas. — Veem aquela miúda? No inverno passado, as crianças tiveram de partilhar os cobertores. O irmão dela morreu de frio — continuou a caminhar. —

A última vez que fui ver, só havia na despensa arroz para menos de um mês, e, quando esse se acabar, as crianças terão de comer pão e chá ao pequeno-almoço e ao jantar — reparei que ele nem falou no almoço.

O homem parou e virou-se para mim.

— Aqui não há condições, quase não temos comida, não há roupas nem água potável. O que aqui há em quantidade são crianças que perderam a infância. Mas a tragédia é que essas são as mais felizes. Estamos cheios até ao teto, e todos os dias há mães a pedir para deixarem cá os filhos. — Deu um passo na minha direção. — Diz que há esperança para Sohrab? Espero que não esteja a mentir, *agha*. Mas... talvez tenha chegado tarde de mais.

— Que quer dizer com isso?

— Venha comigo.

O chamado gabinete do diretor tinha quatro paredes nuas e rachadas, um tapete a fazer de chão, uma mesa e duas cadeiras dobráveis. Enquanto Zaman e eu nos sentávamos, vi uma ratazana espreitar por um buraco na parede e correr pela sala. Arrepiei-me quando ela me cheirou os sapatos, depois os de Zaman, acabando por desaparecer pela porta aberta.

— O que quis dizer com tarde de mais?

— Quer *chai*? Posso preparar um.

— *Nay*, obrigado. Prefiro conversar.

Zaman recostou-se na cadeira e cruzou os braços.

— O que tenho para lhe contar é desagradável. Para não dizer perigoso.

— Perigoso para quem?

— Para si. E para mim. E, claro, para Sohrab, se realmente não for tarde de mais.

— Preciso de saber — insisti.

Pensei nas lutas que fazíamos na rua quando éramos pequenos, Hassan sempre a lutar por mim, dois contra um, por vezes três contra um. Eu tremia e observava, tentado a colaborar, mas deixando sempre de o fazer, sempre retido por alguma coisa.

Olhei para o corredor, vi um grupo de miúdos a fazer uma roda. Uma menina, com a perna esquerda amputada logo abaixo do joelho, observava-os sentada num tapete miserável, a sorrir e a

bater palmas como as outras crianças. Vi que Farid também estava a olhar para as crianças, com a mão aleijada caída. Lembrei-me dos filhos de Wahid e... decidi uma coisa: não sairia do Afeganistão sem levar Sohrab.

— Diga-me onde é que ele está.

O olhar de Zaman fixou-se em mim. Depois abanou a cabeça, pegou num lápis e rodou-o entre os dedos.

— O meu nome não é para aqui chamado.

— Está prometido.

Bateu com o lápis no tampo da mesa.

— Apesar da sua promessa, acho que me vou arrepender disto até ao fim da vida, mas paciência. De qualquer maneira, a minha vida já está condenada. Mas, se for possível fazer alguma coisa por Sohrab... Vou falar porque acredito em si. Tem a expressão de um homem desesperado. — Ficou calado durante muito tempo. — Há um oficial talibã — murmurou. — Vem cá mais ou menos uma vez por mês. Traz dinheiro, não muito, mas é melhor que nada. — Os seus olhos fugidios fixaram-me. — Geralmente leva uma rapariga. Mas nem sempre.

— E o senhor permite-o? — disse Farid, atrás de mim. Andava em volta da mesa, cercando Zaman.

— Que posso eu fazer? — ripostou Zaman. Afastou-se da secretária.

— É o diretor disto — disse Farid. — Tem o dever de olhar por estas crianças.

— Não posso impedi-lo.

— Isso é vender crianças! — rugiu Farid.

— Farid, senta-te! Deixa-o falar! — gritei-lhe. Porque Farid já tinha saltado para cima da mesa. A cadeira de Zaman voou quando Farid caiu em cima dele e o deitou ao chão. O diretor esbracejava debaixo de Farid e emitia sons impercetíveis. As suas pernas embateram contra uma gaveta, abrindo-a e deixando o chão semeado de folhas de papel. Contornei a secretária a correr e percebi porque estava Zaman a espernear e a falar com uma voz abafada: Farid tinha as mãos em volta do seu pescoço. Agarrei Farid pelos ombros e puxei-o com toda a força. Ele soltou-se.

— Chega! — berrei. Mas o rosto de Farid estava vermelho, os lábios contorcidos num esgar de raiva.

— Eu mato-o! Não és tu quem me vai impedir, eu mato-o!

— Larga-o!

— Vou matá-lo! — Qualquer coisa na voz dele dizia que se eu não fizesse nada depressa iria assistir a um crime pela primeira vez na vida.

— As crianças estão a olhar, Farid, estão a ver — disse-lhe. Os músculos dos seus ombros comprimiram-se sob as minhas mãos e, por instantes, julguei que ele tinha deixado de apertar o pescoço de Zaman. Depois Farid voltou-se e viu as crianças. Estavam de pé à porta, em silêncio, de mãos dadas, algumas a chorar. Senti os músculos dele afrouxarem. Baixou as mãos, pôs-se de pé. Olhou para Zaman e cuspiu-lhe na cara. Depois dirigiu-se à porta e fechou-a.

Zaman levantou-se com dificuldade, limpou o sangue dos lábios à manga, enxugou o queixo. A tossir, ofegante, voltou a pôr o solidéu, os óculos, viu que ambas as lentes estavam partidas, tirou-os. Escondeu o rosto nas mãos. Nenhum de nós falou durante bastante tempo.

— Levou Sohrab há um mês — gemeu finalmente Zaman, ainda com a cara nas mãos.

— E dizes que és diretor? — perguntou Farid.

Zaman destapou o rosto.

— Que acontece às crianças que ele leva daqui?

Zaman esfregou os olhos com o polegar e o indicador.

— Às vezes voltam.

— Quem é o homem? Onde é que podemos encontrá-lo?

— Vá ao Estádio Ghazi amanhã. Vê-lo-á no intervalo. Estará de óculos de sol pretos — pegou nos óculos partidos e rodou-os nas mãos. — Agora desapareçam. As crianças estão assustadas.

Conduziu-nos à porta.

Enquanto o jipe arrancava, vi Zaman, pelo espelho lateral, de pé à soleira da porta. Um grupo de crianças cercou-o, puxando-lhe pela fralda da camisa. Reparei que estava de óculos, mesmo partidos.

VINTE E UM

Atravessámos o rio e a apinhada Praça Pashtunistan em direção ao norte. Baba costumava levar-me lá, ao Restaurante Khyber, comer *kabob*. O edifício ainda estava de pé, mas tinha as portas fechadas a cadeado, as montras partidas e menos um «K» e um «R» no nome.

Um cadáver jazia perto do restaurante. Tinha ocorrido um enforcamento. Um jovem pendia da corda atada a uma viga, o rosto inchado e azul, as roupas que usara no último dia da sua vida rasgadas, sujas de sangue. Ninguém parecia reparar nele.

Seguimos pela praça calados até ao desvio para Wazir Akbar Khan. Para onde quer que eu olhasse, uma névoa de poeira cobria a cidade e os seus edifícios de tijolos secos ao sol. Uns quarteirões mais a norte, Farid apontou para dois homens que conversavam animadamente a uma esquina. Um deles equilibrava-se numa só perna, tendo a outra sido amputada do joelho para baixo. Tinha uma perna artificial nas mãos.

— Sabes o que eles estão a fazer? A discutir o preço da perna.

— O homem vai vender a perna?

Farid fez que sim com a cabeça.

— Pode render-lhe bastante dinheiro no mercado negro. Alimenta os filhos dele durante umas semanas.

Para minha surpresa, a maioria das casas do Bairro Wazir Akbar Khan ainda tinha os telhados e as paredes de pé. As árvores ainda se erguiam acima das paredes e as ruas não estavam tão atravancadas de escombros como as de Karteh-Seh. Tabuletas pouco legíveis, algumas tortas e furadas por balas, ainda indicavam direções.

— Isto não está tão mau.

— Não admira. Aqui quase só moram pessoas importantes.

— Talibãs?

— Também — respondeu Farid.

— Então quem são os outros?

Meteu por uma rua larga com passeios relativamente limpos e casas muradas de ambos os lados.

— As pessoas por detrás dos talibãs. Os verdadeiros cérebros deste governo, se assim lhe podemos chamar: árabes, chechenos, paquistaneses — respondeu Farid. Apontou para noroeste. — A Rua Quinze, para aqueles lados, chama-se Sarak-e-Mehmana, a Rua dos Convidados. É assim que é conhecida. Penso que alguns desses convidados estão a fazer uma triste figura.

— Lá está! — exclamei. — Ali! — apontei para o marco pelo qual me orientava quando era pequeno. «Se alguma vez te perderes», dizia Baba, «lembra-te de que a nossa rua é a que tem a casa cor-de-rosa à esquina.» A casa cor-de-rosa com o telhado inclinado era a única casa da vizinhança naquele tempo. E continuava a ser.

Farid meteu por essa rua. Vi logo a casa de Baba.

A pequena tartaruga estava entre o emaranhado de ramos das roseiras, no quintal. Não sabemos como foi ela ali parar e sentimo-nos demasiado excitados para pensar nisso. Pintamos-lhe a carapaça de vermelho-vivo, ideia do Hassan, é uma boa ideia: assim nunca mais a perdemos de vista. Fingimos que somos dois destemidos exploradores que acabaram de descobrir um monstro gigante pré-histórico numa selva remota e vamos mostrá-lo ao mundo. Colocamo-la no vagão de madeira que Ali fez para dar a Hassan no inverno, pelo seu aniversário, a fingir que ele é uma enorme jaula de aço. Vejam o monstro lançador de fogo! Caminhamos pela relva e puxamos pelo vagão, contornamos macieiras e cerejeiras, promovidas a arranha-céus que chegam às nuvens, há cabeças a espreitar de milhares de janelas para ver passar o cortejo. Atravessamos a pequena ponte em meia-lua que Baba construiu junto às figueiras; é agora uma grande ponte suspensa entre cidades e o lago por baixo dela é o mar revolto. O fogo de artifício ribomba acima dos pilares maciços da ponte e soldados armados saúdam-nos de ambos os lados, onde cabos de aço gigantescos se prendem ao céu. Com a pequena tartaruga a rebolar na caixa, arrastamos o vagão pelo semicírculo em laje vermelha à saída dos portões de ferro forjado e retribuímos os cumprimentos dos líderes mundiais que nos aplaudem de pé. Somos Hassan e Amir, os famosos aventureiros e os últimos grandes exploradores mundiais, prestes a receber uma medalha pelos nossos feitos gloriosos...

Hesitando, subi o carreiro onde agora tufos de ervas daninhas cresciam entre as lajes desbotadas pelo sol. Parei ao portão da casa do meu pai, sentindo-me um estranho. Pus as mãos no ferro ferrugento, recordando todas as vezes que atravessara aqueles portões em criança, por razões que agora não interessavam mas na altura pareciam tão importantes. Espreitei lá para dentro.

A rua que ia do portão ao pátio, onde Hassan e eu caímos à vez no verão em que aprendemos a andar de bicicleta, não parecia nem tão larga nem tão comprida como eu me lembrava. As rachas no asfalto tinham a forma de relâmpagos e novos tufos de erva cresciam através das aberturas. Na sua maioria, os choupos já não existiam — as árvores às quais Hassan e eu trepávamos para fazer os nossos espelhos refletir a luz para cima das casas dos vizinhos. Os que ainda estavam de pé não tinham folhas. O «Muro do Milho Doente» ainda lá estava, mas sem milho, doente ou não. A tinta começara a pelar e em certos sítios simplesmente não existia. O relvado tinha o mesmo tom castanho da poeira suspensa sobre a cidade, semeado de retalhos de terra onde nada crescia.

Havia um jipe estacionado na rua, e tudo me pareceu errado: o que devia ali estar era o *Mustang* de Baba. Durante anos, os oito cilindros do *Mustang* rugiram todas as manhãs, despertando-me do meu sono. Vi óleo derramado por baixo do jipe, a manchar o piso como um grande borrão de tinta. A seguir ao jipe, um carro de mão vazio. Das roseiras que Baba e Ali tinham plantado à esquerda da rua nem sinal, só terra que se prolongava por cima do asfalto. E ervas daninhas.

Farid buzinou duas vezes.

— Temos de nos ir embora, *agha*. Vamos chamar a atenção.

— Dá-me só mais um minuto — respondi.

A casa nada tinha que ver com a ampla mansão branca que recordava da minha infância. Parecia mais pequena. O telhado abatera e o estuque estava rachado. As janelas da sala, do átrio e da casa de banho lá de cima, dos hóspedes, estavam partidas, remendadas aqui e ali com plástico transparente ou tábuas pregadas ao caixilho. A tinta, outrora imaculadamente branca, passara a um cinzento fantasmagórico e desaparecera em certos sítios, deixando à vista camadas de tijolos. Os degraus da frente

tinham-se desmoronado. Como tanta coisa em Cabul, a casa do meu pai era o retrato da decadência do esplendor.

Encontrei a janela do que fora o meu quarto, no segundo andar, a terceira janela a sul da entrada da casa. Pus-me em bicos de pés, espreitei pelas janelas, mas só vi sombras. Há vinte e cinco anos, atrás daquela mesma janela, com a chuva a bater pesadamente nas vidraças e a minha respiração a embaciá-las, vi Hassan e Ali levarem as coisas deles para a bagageira do carro do meu pai.

— Amir Agha — voltou Farid a chamar.

— Vou já!

Senti um desejo louco de entrar. Subir os degraus da frente onde Ali costumava obrigar Hassan e eu a descalçarmos as botas sujas de neve. Queria pisar o átrio, sentir o cheiro da casca de laranja que Ali deitava para o fogão, onde ardia juntamente com a serradura. Sentar-me à mesa da cozinha, tomar chá com uma fatia de *naan*, ouvir Hassan cantar velhas canções hazaras.

Nova buzinadela. Regressei ao *Land Cruiser* estacionado junto ao passeio. Farid estava sentado ao volante, a fumar.

— Preciso de ver só mais uma coisa — disse-lhe.

— Despacha-te!

— Só mais dez minutos.

— Vai lá, então — e quando eu me preparava para continuar: — Esquece tudo. Facilita.

— Facilita o quê?

— A vida — respondeu Farid. Deitou o cigarro pela janela. — Que mais precisas tu de ver? Deixa-me poupar-te o trabalho: nada do que recordas existe. O melhor é esquecer.

— Nunca mais quero esquecer — respondi. — Dá-me dez minutos.

Nunca nos cansávamos, Hassan e eu, quando subíamos a colina a norte da casa de Baba. Corríamos por ela acima atrás um do outro ou sentávamo-nos num afloramento com vista para o aeroporto, ao longe. Ficávamos a ver os aviões aterrar e levantar voo. Depois voltávamos a correr.

Agora, quando cheguei ao topo da colina escarpada, cada inspiração ardia como fogo. O suor escorria-me pela cara. Fiquei de pé, a recuperar o fôlego, levemente dobrado. Depois fui à procura

do cemitério abandonado. Não demorei a encontrá-lo. Ainda lá estava, tal como a romãzeira.

Encostei-me à entrada de pedra cinzenta do cemitério onde Hassan sepultara a mãe. Os velhos portões de ferro que balouçavam nas dobradiças tinham desaparecido e as lápides mal se viam debaixo das moitas de ervas daninhas que haviam tomado posse do lugar. Dois corvos empoleiravam-se no muro baixo que rodeava o cemitério.

Hassan contara na sua carta que a romãzeira deixara de dar frutos. Olhando para a árvore murcha, sem folhas, duvidei que alguma vez voltasse a dar. Coloquei-me debaixo dela, a recordar a quantidade de vezes que tínhamos trepado àquela romãzeira, montado os seus ramos, de pernas a abanar, com o sol filtrado pela folhagem a projetar um mosaico de luz e sombras nas nossas caras. Senti na boca um gosto forte a romã.

Dobrei-me e passei as mãos pelo tronco. Encontrei o que procurava. As letras esculpidas viam-se mal, mas ainda lá estavam: «Amir e Hassan. Sultões de Cabul.» Segui com os dedos a curva de cada letra. Arranquei pedaços de casca dos minúsculos entalhes.

Sentei-me de pernas cruzadas junto à base da árvore e olhei para sul, para a cidade da minha infância. Nesse tempo, havia copas de árvores a espreitar por detrás de cada casa. O céu era imenso e azul e a roupa pendurada nos estendais cintilava ao sol. Se nos concentrássemos, até conseguíamos ouvir o pregão do vendedor de fruta que percorria Wazir Akbar Khan com o seu burro: «Cerejas! Damascos! Uvas!» De manhã cedo, podia-se mesmo ouvir o *azan*, o convite do *mueszzin* à oração, na mesquita de Shar-e-Nau.

Ouvi uma buzina e vi Farid acenar-me. Estava na hora de partir.

Voltámos a rumar a sul, atravessando outra vez a Praça Pashtunistan. Passámos por mais algumas carrinhas vermelhas com jovens barbudos e armados apinhados na caixa aberta. Farid praguejava entredentes de cada vez que passávamos por uma.

Aluguei um quarto num pequeno hotel junto à Praça Pashtunistan. Havia três raparigas com vestidos pretos idênticos e lenços brancos ao lado do homem magro de óculos que estava atrás do balcão. Cobrou-me setenta e cinco dólares, um preço exorbitante, dado o aspeto decrépito do lugar, mas não me importei. Explorar para

comprar uma casa de férias no Havai era uma coisa. Fazê-lo para dar de comer aos filhos era outra.

A torneira não deitava água quente e o autoclismo não funcionava. Havia apenas uma cama individual metálica com um colchão muito usado, um cobertor rasgado e uma cadeira a um canto. A janela que dava para a praça estava partida e não fora substituída. Quando pousei a mala, reparei que havia uma mancha de sangue atrás da cama.

Dei dinheiro a Farid para ir comprar comida. Voltou com quatro espetadas fumegantes, *naan* fresco e uma tigela com arroz branco. Sentámo-nos na cama e devorámos a comida. Afinal, uma coisa não tinha mudado em Cabul. O *kabob* era tão suculento e delicioso como antes.

Nessa noite, dormi na cama e Farid no chão, embrulhado num cobertor adicional pelo qual o proprietário me cobrou mais uns dólares. O quarto era iluminado apenas pelos raios de luar que entravam pela janela partida. Farid contou-me que o proprietário lhe tinha dito que Cabul estava sem eletricidade havia já dois dias e o gerador do hotel precisava de ser arranjado. Conversámos um bocado. Falou-me da sua infância em Mazar-i-Sharif, em Jalalabad. Contou-me que pouco depois o pai e ele juntaram-se à guerra santa para lutar contra os *shorawi* no vale Panjsher. A comida acabou-se e comeram gafanhotos para sobreviver. Descreveu-me o dia em que um helicóptero de combate matou o pai e o dia em que uma mina lhe levou as filhas. Pediu-me para falar da América. Contei-lhe que na América se pode ir a uma mercearia e comprar quinze ou vinte tipos diferentes de cereais para o pequeno-almoço. Que lá o carneiro é sempre fresco, a fruta abundante e a água potável. Que todos os lares dispõem de televisão, as televisões têm controlo remoto e que quem quiser pode instalar uma parabólica. E receber mais de quinhentos canais.

— Quinhentos? — perguntou Farid, incrédulo.

— Quinhentos.

Ficámos algum tempo calados. Convenci-me de que ele tinha adormecido, quando o ouvi rir-se.

— *Agha*, sabes o que o mulá Nasruddin fez quando a filha dele se queixou de que o marido lhe tinha batido? — senti-o sorrir na

escuridão e eu próprio fiz o mesmo. Não havia um afegão que não gostasse de anedotas sobre a estupidez dos mulás.

— Não, que foi?

— Deu-lhe uma sova e mandou-a dizer ao marido que o mulá não admitia aquilo: se o sacana voltasse bater na sua filha, ele em troca dava outra sova à esposa dele.

Ri-me. Em parte por causa da anedota, em parte por verificar que o humor afegão era o mesmo. O mundo tinha feito guerras, inventado a Internet, posto um robô a passear pela superfície de Marte, mas no Afeganistão ainda se contavam anedotas de mulás.

— Sabes aquela do mulá que pôs uma mala pesada às costas e depois montou o burro?

— Não.

— Passou alguém por ele na estrada e perguntou-lhe porque é que ele não punha a mala em cima do burro. E ele respondeu: «Seria uma crueldade, já basta ter de carregar com o meu peso, pobre animal.»

Trocámos anedotas de mulás até as esgotarmos e nos calarmos novamente.

— Amir Agha? — perguntou Farid, quando eu estava quase a adormecer.

— Sim?

— Que vieste aqui fazer? Quero dizer, qual a verdadeira razão?

— Já te disse.

— Pelo miúdo?

— Pelo miúdo.

Farid mudou de posição.

— Custa a acreditar.

— Até a mim me custa a acreditar que estou aqui.

— Não... O que eu queria dizer era porquê aquele rapaz? Vieste da América por causa dele?

Aquilo tirou-me toda a vontade de rir. E o sono.

— Estou cansado — disse. — Vamos dormir.

Daí a nada os roncos de Farid ecoavam pelo quarto. Fiquei acordado, as mãos cruzadas no peito, a fitar a noite estrelada através da janela partida e a pensar que provavelmente o que se

dizia do Afeganistão era verdade. Talvez não houvesse mesmo esperança para o Afeganistão.

Uma multidão agitada enchia o Estádio Ghazi. Enquanto percorríamos os túneis de acesso, vimos milhares de pessoas a andar de um lado para o outro nas bancadas a rebentar pelas costuras. Havia crianças a brincar nas coxias, a correr umas atrás das outras enquanto subiam e desciam os degraus. Um aroma a feijão com molho picante pairava no ar, à mistura com o cheiro a excrementos e suor. Farid e eu abrimos caminho por entre os vendedores de cigarros, pinhas e biscoitos. Um rapaz magricela com um casaco de *tweed* puxou-me pelo cotovelo e falou-me ao ouvido. Perguntou se eu queria comprar fotografias *sexy*.

— Muito *sexy*, *agha* — disse, os olhos vivos a virarem-se para um lado e para o outro, fazendo-me lembrar uma rapariga que, anos antes, tinha tentado vender-me *crack* em São Francisco. O rapaz entreabriu o casaco, oferecendo-me uma amostra das suas fotografias *sexy*: postais de filmes indianos com atrizes de olhar provocante, completamente vestidas, nos braços dos seus galãs. — Mesmo *sexy* — repetiu.

— *Nay*, obrigado — respondi, empurrando-o para o lado.

— Se o apanham, leva uma tareia tal que o pai dele é capaz de ouvir do túmulo — murmurou Farid.

Os lugares não eram marcados, claro. Não havia ninguém para nos indicar amavelmente o setor, a coxia, a fila, o lugar. Nunca tinha havido, nem no tempo da monarquia. Encontrámos um lugar mais ou menos bom mesmo à esquerda do meio campo, embora Farid tivesse precisado de dar meia dúzia de encontrões e cotoveladas.

Lembro-me da cor verde do relvado na década de 1970, quando Baba me levava ao futebol. Agora o campo estava uma miséria. Covas e crateras por toda a parte, nomeadamente dois buracos fundos atrás dos postes da baliza do extremo sul. E da relva nem sombra, apenas terra. Quando as duas equipas finalmente entraram no campo, de calças compridas apesar do calor, e o jogo começou, foi difícil seguir a bola entre as nuvens de poeira levantadas pelos pontapés dos jogadores. Jovens talibãs de chicote na mão rondavam as coxias, batendo em quem aplaudisse de forma demasiado entusiástica.

Apareceram logo após o apito do intervalo. Duas carrinhas vermelhas e enferrujadas, iguais às que eu me fartara de ver desde que chegara, entraram no estádio pelos portões. A multidão pôs-se de pé. Uma mulher de burca verde ia na caixa de uma delas, na outra um homem de olhos vendados. As carrinhas começaram a dar voltas ao campo devagar, para que a multidão pudesse observá-las devidamente. Produziu-se o efeito desejado: as pessoas esticaram o pescoço, apontaram, puseram-se em bicos de pés. A meu lado, a maçã de Adão de Farid subia e descia enquanto ele rezava, sustendo a respiração.

As carrinhas vermelhas entraram no campo, atravessaram-no de uma ponta à outra, deixando atrás de si duas colunas de fumo, o sol refletia-se nos tejadilhos das cabinas. Uma terceira aguardava-as no fim do campo. Não se via bem o que estava na caixa desta, e de repente percebi a função dos dois buracos fundos atrás dos postes da baliza. Descarregaram a terceira carrinha. Um burburinho percorreu a multidão.

— Queres ficar? — perguntou Farid.

— Não — respondi. Nunca na vida tinha desejado tanto sair de um lugar como naquele instante. — Mas tenho de ficar.

Dois talibãs de *Kalachnikov* ao ombro ajudaram o homem de olhos vendados a sair da primeira carrinha e dois outros a mulher de burca. A mulher tinha os joelhos tão trémulos que acabou por cair. Os soldados puxaram-na para cima, mas ela voltou a tombar. Quando tentaram novamente erguê-la, ela desatou aos gritos e aos pontapés. Nunca mais, enquanto viver, esquecerei aquele som. Era o grito de um animal selvagem a tentar libertar-se da armadilha em que caíra. Dois outros talibãs vieram ajudar os colegas a obrigá-la a entrar num dos buracos. O homem de olhos vendados, por sua vez, deixou ser enfiado no buraco que lhe era destinado. Agora viam-se apenas os torsos dos condenados, enterrados até à cintura.

Um clérigo gordo, de barba branca e vestes cinzentas, que estava de pé junto às covas, tossiu para o microfone que tinha na mão. Recitou uma longa passagem do Alcorão, a sua voz nasalada ondulando por cima do murmúrio do estádio. Lembrei-me do que Baba me tinha dito anos atrás: «Mija nas barbas de todos aqueles macacos arrogantes. Não fazem mais nada a não ser desfiar as

contas do rosário e recitar um livro escrito numa língua que eles nem entendem. Deus nos ajude se alguma vez o Afeganistão cair nas mãos deles.»

Terminada a oração, o clérigo aclarou a garganta.

— Irmãos e irmãs — disse, em parse, numa voz que ecoou pelo estádio. — Estamos hoje aqui por causa da *shari'a*. Estamos hoje aqui para fazer justiça. Estamos hoje aqui porque a vontade de Alá e a palavra do profeta Maomé, que a sua alma repouse em paz, estão vivas no Afeganistão, a nossa amada pátria. Escutamos as recomendações de Deus e obedecemos-Lhe porque somos apenas criaturas humildes e sem poder diante da grandeza de Deus. E que nos diz Deus? Pergunto-vos! Que nos diz Deus? Deus diz que todos os pecadores têm de ser castigados de acordo com a sua falta. Essas palavras não são minhas, nem dos meus irmãos. São as palavras de Deus! — com a mão livre apontou para o céu. A minha cabeça latejava e o sol escaldava.

» Todos os pecadores têm de ser castigados de acordo com a sua falta! — repetiu o clérigo para o microfone, baixando a voz, pronunciando cada palavra devagar, dramaticamente. — E qual é o castigo, irmãos e irmãs, para o adúltero? Como devemos castigar os que violam a santidade do matrimónio? Como devemos castigar os que cospem no rosto de Deus? Como devemos responder aos que atiram pedras às janelas da casa de Deus? Atirando pedras também a eles! — desligou o microfone. Um sussurro percorreu a multidão.

A meu lado, Farid abanou a cabeça.

— E ainda dizem que são muçulmanos — segredou-me.

Então, um homem alto, de ombros largos, saiu da carrinha. Assim que o viram, alguns espectadores começaram a aplaudir. Desta vez ninguém foi chicoteado por aplaudir demasiado. O fato branco do homem brilhava à luz do sol da tarde. Tinha a fralda da camisa a flutuar ao vento, os braços abertos como Jesus na cruz. Cumprimentou a multidão girando lentamente. Quando olhou para o nosso setor, vi que estava de óculos escuros, iguais aos que John Lennon costumava usar.

— Deve ser este o nosso homem — disse Farid.

O talibã alto de óculos de sol dirigiu-se à pilha de pedras descarregadas da terceira camioneta. Pegou numa e mostrou-a à

multidão. Fez-se silêncio e o barulho foi substituído por um zunzum que percorreu o estádio. Olhei em volta e vi que ninguém protestava. O talibã, com o aspeto absurdo de um lançador de basebol no seu posto, atirou a pedra ao homem de olhos vendados meio enfiado no buraco. Acertou-lhe na cabeça. A mulher voltou a gritar. A multidão soltou um «Oh!» em uníssono. Eu fechei os olhos e tapei o rosto com as mãos. Um «Oh» dos espectadores acompanhou cada lançamento de pedra, o que durou algum tempo. Quando pararam, perguntei a Farid se já tinha terminado. Respondeu que não. Calculei então que as pessoas estivessem cansadas de gritar. Não sei quanto tempo permaneci de olhos fechados. Sei que os abri quando ouvi à minha volta pessoas a perguntar: «*Mord? Mord?* Está morto?»

O homem do buraco era agora uma massa de sangue e andrajos. Tinha a cabeça inclinada para a frente, o queixo encostado ao peito. O talibã de óculos à John Lennon olhava para outro homem, de cócoras ao pé do buraco, enquanto rolava uma pedra na mão. Tinha um estetoscópio enfiado nas orelhas e encostou a outra extremidades ao peito do homem enterrado. Retirou o estetoscópio dos ouvidos e fez que não com a cabeça, dirigindo-se ao dos óculos escuros. A multidão gemeu.

John Lennon regressou ao seu posto.

Depois de tudo terminado, depois de os cadáveres cobertos de sangue serem atirados brutalmente para a caixa da carrinha, cada um na sua, uns homens munidos de pás encheram rapidamente as covas. Um deles tentou disfarçar as manchas de sangue tapando-as com terra. Minutos depois, as equipas entraram em campo. Ia iniciar-se a segunda parte.

O nosso encontro ficou marcado para as três horas dessa tarde. A facilidade com que tudo foi feito surpreendeu-me. Eu esperava alguns atrasos, pelo menos uma série de perguntas, talvez uma vista de olhos pelos nossos documentos. Mas depois lembrei-me de que até os assuntos oficiais eram não-oficiais no Afeganistão: Farid só precisou de dizer a um dos homens de chicote que queria falar com o homem de branco em privado. Os dois trocaram algumas palavras. O tipo do chicote concordou então com a cabeça e gritou qualquer coisa em pastó a um jovem que desatou a correr até à

baliza do lado sul, onde o talibã de óculos de sol conversava com o clérigo gordo que proferira o sermão. Falaram os três. Vi o tipo de óculos escuros olhar na minha direção. Fazer que sim com a cabeça. Disse qualquer coisa ao ouvido do mensageiro. O jovem fez-nos chegar a mensagem.

E ficou combinado. Três da tarde.

VINTE E DOIS

Farid conduziu o *Land Cruiser* por uma rua que ia dar a uma casa grande em Wazir Akbar Khan. Estacionou à sombra dos salgueiros que se debruçavam sobre os muros da propriedade, situada na Rua 15, Sarak-e-Mehmana, a Rua dos Convidados. Desligou o motor e aguardámos um minuto, ouvindo os estalidos do motor a arrefecer, ambos calados. Farid ajeitou-se no lugar e brincou com as chaves ainda enfiadas na ignição. Percebi que se preparava para me dizer qualquer coisa.

— Acho que fico no carro à espera — disse por fim, num tom algo apologético. Sem olhar para mim. — Isto agora não me diz respeito e...

Dei-lhe uma palmada no braço.

— Já fizeste mais que a tua obrigação. Não contava que viesses comigo — mas a verdade é que não me apetecia ir sozinho. Apesar de tudo, quem me dera que Baba estivesse ali comigo. Estava a vê-lo entrar de rompante por aquelas portas e exigir que o levassem ao responsável, marimbando-se para quem encontrasse pelo caminho. Mas Baba estava morto, enterrado na secção afegã de um pequeno cemitério de Hayward. Ainda no mês anterior, Soraya e eu tínhamos deixado um ramo de margaridas e frésias frescas junto à sua lápide. Eu estava por minha conta.

Saí do carro e dirigi-me aos grandes portões de madeira da casa. Toquei à campainha, mas não a ouvi tocar — ainda não havia eletricidade —, e acabei por bater à porta com as mãos. Instantes depois, ouvi vozes do outro lado e dois homens empunhando as suas *Kalachnikovs* vieram abrir.

Olhei para Farid, sentado ao volante, e murmurei: «Volto já», sem saber de todo quando isso aconteceria.

Os homens armados revistaram-me dos pés à cabeça, apalparam-me as pernas, as virilhas. Entrámos. Os dois guardas conduziram-me por um relvado bem cuidado, passámos por um canteiro de gerânios e arbustos baixos encostados à parede. Ao fundo do quintal via-se um velho poço com uma bomba manual. Lembrei-me de que em casa de Kaka Homayoun, em Jalalabad,

havia um poço assim — as gémeas Fazila e Karima e eu costumávamos atirar seixos lá para dentro e ficar a ouvi-los cair.

Subimos uns degraus e entrámos numa casa grande, parcamente mobilada. Atravessámos o átrio — uma grande bandeira afegã estava içada numa das paredes — e os homens levaram-me para o andar de cima, para uma sala com dois sofás verde-hortelã e um enorme aparelho de televisão ao canto. Um tapete de oração com uma Meca ligeiramente oblonga estava pendurado numa das paredes. O mais velho dos dois homens indicou o sofá com o cano da arma. Sentei-me. Eles saíram.

Cruzei as pernas. Descruzei-as. Pousei as mãos suadas nos joelhos. A posição dar-me-ia um ar nervoso? Juntei-as. O sangue latejava-me nas têmporas. Senti-me terrivelmente só. A minha cabeça não parava de pensar, mas eu não queria pensar, porque parte de mim sabia que o que eu estava a fazer era uma loucura. A milhares de quilómetros da minha mulher, numa sala que mais parecia uma cela de prisão, ia encontrar-me com um homem que eu vira matar duas pessoas nesse mesmo dia. Era uma loucura. Pior, uma irresponsabilidade. Havia fortes probabilidades de transformar Soraya numa *biwa*, viúva, aos trinta e seis anos. «Este não és tu, Amir», dizia-me parte de mim. «Tu não és corajoso. Nunca foste. O que vale é que nunca mentiste a ti próprio acerca disso. Acerca disso não. Não faz mal nenhum uma pessoa ser cobarde se for também prudente. Mas quando um cobarde começa a esquecer quem é... Deus tenha piedade dele.»

Havia uma mesa baixa junto ao sofá. A base era em forma de X, com um anel de bolas de latão à volta do ponto onde as pernas metálicas se cruzavam. Eu já tinha visto uma mesa assim antes. Onde? Então lembrei-me: naquela casa de chá superlotada em Peshawar, na noite em que fui dar uma volta. Em cima da mesa havia uma taça com uvas vermelhas. Arranquei uma e meti-a na boca. Tinha de me entreter com qualquer coisa, fosse o que fosse, para silenciar a voz na minha cabeça. A uva era doce. Comi outra, sem me passar pela cabeça que só daí a muito tempo voltaria a comer como deve ser.

A porta abriu-se e os dois homens armados regressaram, trazendo entre eles o talibã branco, ainda de óculos à John Lennon,

com o aspeto de um guru místico e espadaúdo.

Sentou-se à minha frente e pousou as mãos nos braços do sofá. Ficou algum tempo calado. Ali sentado, a olhar para mim, uma mão a tamborilar no estofo, a outra com um rosário de contas azul-turquesa na mão. Agora tinha um casaco preto por cima da camisa branca e um relógio de pulso de ouro. Uma nódoa de sangue na manga da camisa. Achei mórbido o facto de ele não ter mudado de roupa após as execuções dessa manhã.

Periodicamente, a mão livre erguia-se e os dedos grossos batiam em qualquer coisa suspensa no ar. Faziam movimentos lentos, para cima e para baixo, para um lado e para o outro, como se o homem estivesse a acariciar um animal de estimação invisível. Uma das mangas ficou presa e vi que o homem tinha marcas no braço, semelhantes às dos sem-abrigo que viviam nos becos escuros de São Francisco.

A pele dele era muito mais clara que a dos outros dois homens, um tom quase doentio, e um aglomerado de gotas de suor cintilava-lhe na testa, logo abaixo do turbante preto. A barba, até meio do peito como a dos outros, era também de uma cor mais clara.

— *Salaam alaykum* — cumprimentou.

— *Salaam*.

— Já não precisa disso agora, sabe.

— Perdão?

Voltou a mão para um dos homens e fez um gesto. *Rrrriiip*. De repente senti o meu rosto arder e o guarda arrancar-me a barba postiça, a rir. O talibã sorriu.

— Das mais perfeitas que tenho visto. Mas realmente fica muito melhor assim, penso eu. Não concorda? — Esticou os dedos, estalou-os, abriu-os, fechou-os. — Ora, *inshallah*, gostou do espetáculo de hoje?

— Ah, era um espetáculo? — perguntei, passando a mão pelo rosto, esperando que a minha voz não denunciasse o terror que sentia.

— A justiça pública é o maior espetáculo do mundo, irmão. Drama. Suspense. E, o melhor de tudo, educação das massas. — Estalou os dedos. O guarda mais jovem acendeu-lhe um cigarro. O talibã riu-se. Falou entredentes. Tinha as mãos a tremer tanto que ia

deixando cair o cigarro. — Mas, se gosta de espetáculos a sério, devia ter ido comigo a Mazar. Em agosto de 1988.

— Como?

— Demo-los aos cães, sabe.

Percebi o que ele estava a dizer.

Levantou-se, deu várias voltas ao sofá. Sentou-se outra vez. Falou rapidamente.

— De porta em porta. Fomos de porta em porta perguntar pelos homens e rapazes. Demos-lhes um tiro mesmo ali, em frente das famílias. Para que elas vissem. Se lembrassem de quem são, de onde vivem. — Estava quase ofegante, agora. — Por vezes, arrombávamos as portas e entrávamos nas casas. E... eu... fazia o cano da minha metralhadora descrever um círculo e disparava, disparava, até não se ver nada por causa do fumo. — Debruçou-se na minha direção, como se fosse contar-me um segredo. — Ninguém sabe o que «libertar» significa antes de fazer isso, de estar num quarto cheio de alvos, de deixar as balas voar, livre de culpa e remorso, com a certeza de que se é virtuoso, bom, decente. De que se está a cumprir a palavra de Deus. É de cortar a respiração. — Beijou as contas do rosário, inclinou a cabeça. — Lembras-te, Javid?

— Claro, Agha Sahib — respondeu o guarda mais novo. — Como poderia esquecer?

Tinha lido sobre o massacre dos hazaras em Mazar-i-Sharif no jornal. Ocorrera logo depois de os talibãs tomarem Mazar, uma das últimas cidades a renderem-se. Lembro-me de Soraya me mostrar o artigo ao pequeno-almoço, sem pinga de sangue.

— De porta em porta. Só parávamos para comer e rezar — continuou o talibã. Falava com gosto, como um homem a descrever uma festa onde tinha estado. — Deixámos os corpos pelas ruas, e, se as famílias tentassem arrastá-los para casa, levavam um tiro também. Deixámo-los na rua dias a fio. Carne para os cães — apagou o cigarro. Esfregou os olhos com as mãos trémulas. — Veio da América?

— Vim.

— Como tem passado essa puta?

Senti uma vontade súbita de urinar. Pedi aos céus que passasse.

— Procuro um rapaz.

— Não é o que todos procuramos? — respondeu. Os homens de *Kalachnikovs* sorriam. Tinham os dentes verdes de *naswar*.

— Pelo que sei, está aqui consigo — continuei. — O nome dele é Sohrab.

— Vou fazer-lhe uma pergunta. O que anda a fazer naquela puta? Porque não está aqui com os seus irmãos muçulmanos, a servir o seu país?

— Deixei isto há muito tempo — foi só o que me ocorreu dizer. Sentia a cabeça a ferver. Juntei os joelhos, controlei a bexiga. O talibã voltou-se para os dois homens que estavam à porta.

— Isto é resposta que se dê? — perguntou-lhes.

— *Nay*, Agha Sahib — responderam em uníssono.

Virou-se para mim. Encolheu os ombros.

— Não é resposta que se dê, dizem eles. — Puxou uma fumaça do cigarro. — Há quem pense que abandonar o *watan* quando ele mais precisa de nós é traição. Podia mandá-lo prender por traição, podia até mandá-lo matar. Não está com medo?

— Só vim aqui buscar o rapaz.

— Não está com medo?

— Estou.

— E com razão — respondeu. Reclinou-se no sofá. Apagou o cigarro.

Pensei em Soraya, o que me acalmou. Pensei no sinal em forma de foice, na curva elegante do seu pescoço, em como ficava corada quando eu lhe dizia ao ouvido que a amava. Lembrei-me de quando dançámos os dois uma velha canção afegã, a rodopiar, a rodopiar, toda a gente a ver e a bater palmas, o mundo uma combinação indistinta de flores, vestidos, *smokings* e rostos sorridentes.

O talibã estava a dizer qualquer coisa.

— Perdão?

— Perguntei se queria vê-lo. Se gostava de ver o meu rapaz? — o lábio superior retorceu-se num esgar ao pronunciar as duas últimas palavras.

— Sim.

O guarda saiu da sala. Ouvi o rangido de uma porta a abrir-se. Ouvi o guarda dizer qualquer coisa em pastó, num tom ríspido. A

seguir, passos acompanhados pelo tocar de um sino. Lembrei-me do homem do macaco que Hassan e eu perseguíamos pelas ruas de Shar-e-Nau. Dávamos-lhe uma rupia da nossa mesada para uma dança. O sino que o macaco usava ao pescoço tinha o mesmo som.

A porta abriu-se e o guarda entrou. Trazia uma aparelhagem, um «tijolo», ao ombro. Atrás dele vinha um rapaz de *pirhan-tumban* largo cor de safira.

A semelhança era extraordinária. Impressionante. A fotografia de Rahim Khan não lhe fora fiel.

O rapaz tinha a cara de lua cheia do pai, o mesmo queixo pontiagudo, as mesmas orelhas que pareciam conchas, a mesma estatura delgada. Era o boneco chinês da minha infância, o rosto que espreitava por cima das cartas de jogar nos dias de inverno, o rosto atrás do mosquiteiro quando dormíamos no telhado da casa do meu pai no verão. Tinha a cabeça rapada, rímel nas pestanas e nas faces um rubor que não parecia natural. Quando parou a meio da sala, os sinos das pulseiras que trazia nos tornozelos deixaram de tocar.

Os olhos dele fitaram-me. Demoradamente. Depois desviou o olhar. Baixou a cabeça.

Um dos guardas carregou num botão e música pastó invadiu a sala. *Tabla*, harmónio, o gemido de um *dil-roba*. Calculei que a música não fosse pecado quando ouvida por talibãs. Os três homens bateram palmas.

— *Wah wah! Mashallah!* — aplaudiram.

Sohrab levantou os braços e girou devagar. Em bicos de pés, rodopiou com graciosidade, dobrou os joelhos, endireitou-se e voltou a rodar. Abanava as pequenas mãos, estalava os dedos, virava a cabeça para um lado e para o outro como um pêndulo. Batia com os pés no chão, as campainhas a tocar perfeitamente dentro do ritmo da *tabla*. Tudo sem abrir os olhos.

— *Mashallah!* — gritavam eles. — *Shahbas!* Bravo! — Os dois guardas assobiavam e riam. O talibã de branco mexia a cabeça ao som da música, a boca semiaberta, o olhar enviesado.

Sohrab dançou em círculo, de olhos fechados, até a música acabar. Os sinos tocaram pela última vez quando bateu os pés a acompanhar a última nota. Parou.

— *Bia, bia*, rapaz — disse o talibã, chamando Sohrab para junto de si. Sohrab aproximou-se, de cabeça baixa, e deteve-se entre as coxas dele. O talibã colocou os braços em volta dele. — Que talentoso que é o meu hazara! — exclamou. As suas mãos deslizaram pelas costas do rapaz abaixo, depois acima, depois apalparam-lhe as axilas. Um dos guardas deu uma cotovelada ao outro e sorriu. O talibã ordenou-lhes que nos deixassem a sós.

— Sim, Agha Sahib — responderam, e saíram.

O talibã mandou o rapaz dar meia-volta de modo a ficar virado para mim. Cruzou as mãos em frente à barriga de Sohrab, encostou o queixo ao ombro do rapaz. Sohrab baixou a cabeça e continuou a lançar-me olhares tímidos, furtivos. A mão do homem subia e descia pela barriga do rapaz. Para cima e para baixo, suavemente.

— Há uma coisa que eu gostava de saber — disse o talibã, a espreitar para mim por cima do ombro de Sohrab de olhos avermelhados. — Afinal o que é feito do velho *babalu*?

A pergunta atingiu-me como uma martelada na testa. Senti-me empalidecer. As minhas pernas ficaram geladas. Dormentes.

O homem riu-se.

— Pensavas o quê? Que punhas uma barba postiça e eu não te reconhecia? Vou dizer-te uma coisa que talvez não soubesses: nunca esqueço um rosto. Nunca — passou os lábios pela orelha de Sohrab, sem tirar os olhos de cima de mim. — Disseram-me que o teu pai morreu. Uma pena. Sempre quis apanhá-lo. Parece que vou ter que me contentar com o mariquinhas do filho — tirou os óculos escuros e fixou os olhos vermelhos nos meus.

Tentei respirar fundo mas não fui capaz. Quis pestanejar e não consegui. O momento pareceu-me surreal, não, surreal não, absurdo, pois impedia-me de respirar, tinha feito parar o mundo. O meu rosto ardia. Como é aquele ditado? Qualquer coisa como a erva má nunca para de crescer. Era assim o meu passado, não me deixava. O nome dele ergueu-se das profundezas e eu não queria pronunciá-lo, como se dizê-lo o fizesse aparecer. Mas ele já ali estava, em carne e osso. A poucos metros de mim, ao fim de tantos anos. O nome saiu-me da boca:

— Assef.

— Amir Jan.

— Que estás aqui a fazer? — perguntei, sabendo que se tratava de uma pergunta idiota, no entanto incapaz de formular outra.

— Eu? — Assef ergueu o sobrolho. — Eu estou no meu território. Tu é que não sei. O que estás aqui a fazer?

— Já disse — respondi. A minha voz tremia. Desejei que ela não tremesse, que a minha carne não se colasse aos meus ossos.

— O rapaz?

— Sim.

— Porquê?

— Posso pagar-te. É só pedir que me mandem dinheiro.

— Dinheiro? — perguntou Assef. Reprimiu uma gargalhada. — Nunca ouviste falar em Rockingham? Na Austrália Ocidental, um pedaço de paraíso. Devias ver, quilómetros e quilómetros de praia. Água verde, céu azul. Os meus pais vivem lá, numa vivenda com vista para o mar. Há um campo de golfe e um lago atrás da vivenda. O pai joga golfe todas as manhãs. A mãe, essa, prefere o ténis, o pai diz que ela é diabólica a bolar. Têm um restaurante afegão e duas ourivesarias; os dois negócios correm às mil maravilhas — arrancou uma uva vermelha. Colocou-a, carinhosamente, na boca de Sohrab. — Portanto, se eu precisar de dinheiro, é só pedir e eles mandam-mo — beijou o pescoço de Sohrab. O rapaz estremeceu, voltou a fechar os olhos. — Além disso, não lutei contra os *shorawi* por dinheiro. E também não estou com os talibãs por dinheiro. Queres saber a razão?

Eu tinha os lábios secos. Passei a língua por eles, mas ela também estava seca.

— Tens sede? — perguntou Assef, com um sorriso trocista.

— Não.

— Mas eu acho que estás com sede.

— Estou ótimo — respondi. Na verdade, de repente senti o quarto demasiado abafado, suava por todos os poros, tinha a pele a arder. Aquilo era mesmo verdade? Eu estava mesmo sentado à frente de Assef?

— Tu lá sabes — disse ele. — Onde é que eu ia? Ah, sim, porque me juntei aos talibãs. Bem, como deves estar recordado, eu não era lá muito religioso. Mas um dia tive uma revelação. Na cadeia. Queres que eu te conte?

Não respondi.

— Está bem, eu conto. Estive preso algum tempo, em Poleh-Charkhi, depois da tomada de poder de Babrak Karmal em 1980. Fui lá parar uma noite, quando soldados *parchami* entraram em nossa casa, apontaram armas a mim e ao meu pai e mandaram-nos segui-los. Os sacanas não explicaram porquê nem responderam às perguntas da minha mãe. Não que fosse surpresa: toda a gente sabia que os comunistas não tinham classe. Vinham de famílias modestas, sem nome. Os mesmos cães que antes dos *shorawi* nem dignos de me lamber os pés eram vinham agora dar-me ordens de espingarda em punho, e bandeirinha *parchami* na lapela, com a sua conversa sobre o fim da burguesia, como se fossem eles os que tinham classe. Era assim por toda a parte: perseguiam os ricos, metiam-nos na cadeia, davam o exemplo aos camaradas.

»Seja como for, enfiaram-nos aos seis em celas minúsculas, do tamanho de frigoríficos. Todas as noites o comandante, uma coisa meio hazara meio usbeque que cheirava a burro podre, arrastava um prisioneiro para fora da cela e espancava-o até ele ter a cara gorda a suar. Depois acendia um cigarro, estalava as articulações e ia-se embora. Na noite seguinte escolhia outro. Um dia calhou-me a sorte a mim. Não podia ter sido em pior altura. Eu andava a mijar sangue há três dias. Pedras nos rins. Se nunca tiveste uma, acredita que não há dor mais terrível. A minha mãe tinha muitas e lembro-me de ela um dia me dizer que eram piores que as dores do parto. Bem, mas que podia eu fazer? Lá me arrastaram e encheram de pontapés. Todas as noites ele punha as suas botas altas com biqueiras de aço de propósito para aquele joguinho. Eu gritava, gritava, e ele batia-me, batia-me, e de repente deu-me um pontapé no rim esquerdo e a pedra saiu. Assim, sem mais nem menos! Bem, não calculas o alívio! — Assef desatou a rir-se. — Eu gritei «*Allah-u-akbar*», ele desatou aos pontapés cada vez com mais força e comecei a rir-me. Ficou furioso e começou a bater ainda com mais força. Mas quanto mais força ele fazia, mais eu ria. Voltaram a atirar-me para dentro da cela e eu sempre a rir. Eu não parava de rir porque de repente percebi que aquilo tinha sido um aviso de Deus. A dizer que estava do meu lado. Que queria que eu vivesse por alguma razão.

»Sabes, encontrei esse comandante no campo de batalha uns anos mais tarde; curiosos, os desígnios de Deus. Encontrei-o numa trincheira mesmo à saída de Meymanah, a sangrar de uma ligadura que tinha no peito. Ainda usava as mesmas botas. Perguntei-lhe se sabia quem eu era. Respondeu o mesmo que eu te disse há pouco, que nunca esquecia um rosto. E dei-lhe um tiro nos tomates. Nesse instante começou a minha missão.

— Que missão? — ouvi-me perguntar. — Apedrejar adúlteros? Violar crianças? Chicotear mulheres que usam saltos altos? Massacrar hazaras? Tudo em nome do islão? — As palavras saíram de rajada, descontroladamente, sem me darem tempo para pensar. Quem me dera poder retirá-las. Engoli-las. Mas já estavam cá fora. Tinha pisado o risco, e as esperanças de que eu pudesse sair dali vivo desapareceram com aquelas palavras.

Uma expressão de surpresa cruzou o rosto de Assef, num ápice, e desapareceu.

— Estou a ver que isto afinal pode ser divertido — comentou, com um sorriso sarcástico. — Mas há coisas que os traidores como tu não compreendem.

— Como por exemplo?

Assef franziu o sobrolho.

— Como ter orgulho no nosso povo, nas tradições, na língua. O Afeganistão é uma bela mansão cheia de lixo e alguém tem de recolhê-lo.

— Foi isso que andaste a fazer em Mazar, de porta em porta? A recolher lixo?

— Precisamente.

— No Ocidente há um nome para isso. Chamam-lhe limpeza étnica.

— Ah, sim? — O rosto de Assef iluminou-se. — «Limpeza étnica.» Gosto. Soa bem.

— Eu só quero o rapaz.

— Limpeza étnica — repetiu Assef, saboreando as palavras.

— Quero o rapaz — disse outra vez. Os olhos de Sohrab fitaram-me. Eram iguais aos dos carneiros no matadouro. Até tinham o contorno negro. Lembrei-me de que no nosso pátio das traseiras, no dia do Eid de *qorban*, o mulá costumava pintar de preto os olhos do

carneiro e dar-lhe a comer um cubo de açúcar, antes de lhe cortar a garganta. Vi a súplica nos olhos de Sohrab.

— Explica lá porquê — disse Assef. Começou a morder o lobo da orelha de Sohrab. Parou. Tinha gotas de suor na testa.

— Isso é comigo.

— Que vais fazer com ele? — perguntou. Depois, com um sorriso malicioso: — Ou fazer-lhe?

— Enojas-me — disse.

— Como sabes? Já provaste?

— Quero levá-lo para um lugar melhor.

— Diz-me porquê.

— Isso é comigo — respondi. Não sei o que me estava a tornar tão lacónico, talvez a certeza de que não ia sair dali vivo.

— Porque será? — perguntou Assef. — Porque será que vieste de tão longe, Amir, buscar um hazara? Que vieste cá fazer? Que vieste mesmo cá fazer?

— Tenho as minhas razões.

— Muito bem, então — disse Assef, num tom sarcástico. Deu uma pancada nas costas de Sohrab que o fez esbarrar na mesa. As ancas de Sohrab bateram no tampo, fazendo-a tombar e deitando as uvas ao chão. O rapaz foi cair em cima delas, de cara para baixo, sujando a camisa lilás de sumo de uva. As pernas da mesa, sempre unidas pelo anel de bolas de latão, apontavam agora para o céu.

— Leva-o — disse Assef. Ajudei Sohrab a pôr-se de pé, sacudi os pedaços de uva esmagada que se tinham colado às calças dele como lapas a uma rocha.

» Vá, leva-o — insistiu Assef, indicando a porta.

Dei a mão a Sohrab. Era pequena, com a pele seca e calejada. Os dedos dele mexeram-se, entrelaçaram-se nos meus. Voltei a ver Sohrab naquela fotografia, a abraçar a perna de Hassan, a cabeça apoiada na anca do pai. Estavam ambos a sorrir. Os sinos tocaram enquanto atravessámos a sala.

Chegámos à porta.

— Claro — disse Assef, nas nossas costas —, não disse que podias levá-lo à borla.

Voltei-me.

— O que é que queres?

— Tens de ganhá-lo.

— Quanto queres?

— Temos contas a ajustar, tu e eu — disse Assef. — Estás recordado, não?

Não valia a pena preocupar-se. Nunca esqueceria o dia em que Daoud Khan derrotou o rei. Durante toda a minha vida adulta, sempre que ouvia o nome de Daoud Khan, o que eu via era Hassan com a fisga apontada ao rosto de Assef, Hassan a dizer que iam passar a chamar-lhe Assef, *o Zarolho*, em vez de Assef «Goshkhor». Lembro-me da inveja que senti da valentia de Hassan. Assef tinha cedido, mas jurara que havia de se vingar. Cumprira a promessa em relação a Hassan. Agora era a minha vez.

— Está bem — respondi, sem saber que outra coisa dizer. Não ia suplicar: isso tornaria o momento ainda mais saboroso para ele.

Assef chamou os guardas.

— Ouçam com atenção — disse-lhes. — Daqui a instantes vou fechar a porta. Depois ele e eu vamos resolver umas questões antigas. Ouçam o que ouvirem, não entrem! Ouviram? Ninguém entra!

Os guardas concordaram com a cabeça. Olhavam, ora para Assef ora para mim.

— Sim, Agha Sahib.

— No fim, só um de nós sairá vivo desta sala — continuou Assef. — Se for ele, terá ganho a sua liberdade, e vocês deixam-no passar, entendido?

O guarda mais velho mexeu os pés.

— Mas, Agha Sahib...

— Se for ele, deixam-no passar! — gritou Assef. Os dois homens estremeceram e voltaram a baixar a cabeça. Dirigiram-se à porta. Um deles esticou o braço a Sohrab.

— Deixem-no ficar — disse Assef. Sorriu. — Deixem-no ver. Estas lições só fazem bem aos rapazes.

Os guardas saíram. Assef pousou o rosário. Procurou qualquer coisa no bolso interior do casaco. O que de lá tirou não me surpreendeu: soqueiras em aço inoxidável.

Tem brilhantina no cabelo e um bigodinho à Clark Gable por cima dos lábios grossos. A brilhantina ensopou o chapéu de papel verde

à cirurgião, deixou nele uma marca escura com a forma de África. Lembro-me bem disso. Disso e do fio de ouro com Alá em volta do pescoço escuro. Olha para mim, falando rapidamente numa língua que não entendo. Urdu, creio eu: os meus olhos estavam cravados na maçã de Adão dele, que subia e descia, subia e descia, e eu queria perguntar-lhe que idade tinha afinal — parece muito novo, como os atores das telenovelas estrangeiras —, mas só consigo balbuciar: «Acho que lhe dei luta. Acho que lhe dei luta.»

Não sei se dei luta a Assef. Não acho que tenha dado. Era impossível. Foi a primeira vez na vida que lutei. Nunca tinha dado um soco em toda a minha vida.

A minha recordação da luta com Assef é espantosamente rica em pormenores: lembro-me de que Assef pôs a música a tocar antes de enfiar as soqueiras. O tapete das orações, aquele com o desenho oblongo de Meca, a dada altura soltou-se da parede e veio parar em cima da minha cabeça; o pó que continha fez-me espirrar. Lembro-me de Assef a atirar-me uvas à cara, mostrando os dentes num esgar, de olhos raiados de sangue. Às tantas também o turbante caiu, juntamente com anéis do cabelo louro até aos ombros.

E do fim, claro. Isso ainda vejo com toda a clareza. Verei sempre.

Mas, sobretudo, recordo-me perfeitamente do seguinte: das soqueiras de metal a refletir o sol da tarde; de elas caírem ao primeiro golpe e o meu sangue aquecê-las num instante. De ser lançado contra a parede e ficar com um prego, com certeza de um quadro que ali estivera pendurado, espetado nas costas. De Sohrab a chorar. *Tabla*, harmónio, *dil-roba*. De ser atirado contra a parede. Do punho a atingir os meus maxilares. De me engasgar com os meus próprios dentes, de engoli-los a pensar nas horas desperdiçadas a lavá-los e a passar o fio dental. De ser atirado contra a parede. De estar deitado no chão, o sangue do meu lábio superior aberto a manchar o tapete malva, da dor a apertar-me a barriga e de pensar se alguma vez voltaria a respirar. O som das minhas costelas a racharem-se como os ramos de árvores que Hassan e eu usávamos a fazer de espadas quando brincávamos ao Sindbad, dos velhos filmes que víamos. De Sohrab a gritar. Da minha cara a bater na esquina da mesa onde estava a televisão. Daquele som cortante de novo, desta vez mesmo por baixo do meu

olho esquerdo. Da música, de Sohrab a gritar. Da mão a puxar-me os cabelos, a puxar a minha cabeça para trás, do tilintar do aço inoxidável. Lá vêm elas. Aquele ruído cortante outra vez, agora o meu nariz. De me torcer com dores, a sentir que os meus dentes já não se alinhavam como dantes. De levar pontapés. De Sohrab a gritar.

Não me lembro em que altura parei de rir, mas parei. Rir doía, magoava os maxilares, as costelas, a garganta. Mas eu ria e ria. E quanto mais ria, mais pontapés ele me dava, socos, arranhões.

— Qual é a graça? — perguntava Assef a cada investida. O sangue dele tapou-me um olho. Sohrab gritou. — Qual é a graça? — continuava Assef. Outra costela a estalar, desta vez a inferior esquerda. A graça era que, pela primeira vez desde o inverno de 1975, eu me sentia em paz. Eu ria porque percebi que, num recanto esquecido da minha memória, eu esperava ansiosamente por aquilo. Lembrei-me daquele dia na colina em que eu me fartei de atirar romãs a Hassan, para provocá-lo. Ele ficou ali parado, sem fazer nada, o suco vermelho a ensopar-lhe a camisa, como se fosse sangue. Depois tirou-me a romã da mão e esmagou-a contra a testa. «Estás satisfeito agora?», perguntou-me. «Sentes-te melhor?» Eu não estava satisfeito nem me sentia melhor, nem por sombras. Mas agora sim. Tinha o corpo todo partido — só mais tarde vim a saber até que ponto — mas sentia-me curado. Curado, por fim, Desatei a rir.

Depois, o fim. Isso hei de levar comigo para a cova.

Eu estava deitado no chão a rir-me às gargalhadas. Assef em cima do meu peito, o rosto uma máscara de loucura, emoldurado pelos anéis do cabelo que quase me tocavam o rosto. Com a mão livre apertava-me o pescoço. A outra, a que tinha a soqueira de aço, erguera-a à altura do ombro. Levantou o punho bem alto, preparando-o para mais um soco. E então:

— *Bas* — num fio de voz.

Olhámos os dois.

— Por favor, parem.

Lembrei-me do que o diretor do orfanato tinha dito quando abriu a porta a mim e a Farid. Como era o nome dele? Zaman? «Não larga essa coisa. Anda sempre com ela enfiada no cós das calças.»

— Mais, não. — Dois traços gémeos de rímel preto, misturado com lágrimas, rolavam-lhe pelas faces, borrando o *rouge*. O lábio inferior tremia. O nariz estava cheio de ranho.

» *Bas* — gemeu.

Tinha a mão em concha acima dos ombros, a segurar a parte grossa da fisga à qual se prendiam os elásticos, esticados ao máximo. Havia qualquer coisa na fisga, uma coisa brilhante e amarela. Limpei o sangue dos olhos e vi que era uma das bolas metálicas da mesa baixa. Sohrab tinha a fisga apontada ao rosto de Assef.

— Mais não, *agha*. Por favor — implorou, com a voz rouca e trémula. — Pare de lhe fazer mal.

A boca de Assef mexeu-se mas não pronunciou qualquer palavra. Ia dizer qualquer coisa, calou-se.

— Que pensas tu que estás a fazer? — perguntou, finalmente.

— Parem, por favor. — Lágrimas novas encheram aqueles olhos verdes, misturadas com rímel.

— Larga isso, hazara — ordenou Assef. — Larga isso ou o que eu lhe fiz não é nada comparado com o que te vou fazer a ti.

As lágrimas correram. Sohrab abanou a cabeça.

— Por favor, *agha* — pediu. — Pare!

— Larga isso.

— Não lhe bata mais.

— Larga isso.

— Por favor.

— Larga isso!

— *Bas.*

— Larga isso! — Assef soltou-me a garganta. Avançou para Sohrab.

A fisga fez um som arrepiante quando Sohrab a largou. Depois Assef desatou aos gritos. Levou a mão ao sítio onde um segundo atrás havia um olho esquerdo. Os dedos ficaram cobertos de sangue. Sangue e outra coisa qualquer, branca, gelatinosa. «Isso é o corpo vítreo», concluí. «Li isso em qualquer sítio. Corpo vítreo.»

Assef rebolou pelo tapete, de lado, aos guinchos, ainda com a mão a tapar a órbita ensanguentada.

— Vamos! — disse Sohrab. Pegou na minha mão. Ajudou-me a levantar. Doía-me cada centímetro do meu corpo espancado. Atrás de nós, Assef continuava a guinchar.

— Tirem! Tirem-me isto! — gritava.

A cambalear, abri a porta. Os guardas ficaram especados a olhar para mim e perguntei-me qual seria o meu aspeto. O meu estômago doía de cada vez que respirava. Um dos guardas disse qualquer coisa em pastó e depois dispararam para o quarto onde Assef continuava a gritar.

— Tirem!

— *Bia* — disse Sohrab, puxando pela minha mão. — Vamos!

Desci o corredor aos tropeções, com a pequena mão de Sohrab na minha. Ainda olhei para trás uma última vez. Os guardas inclinavam-se para Assef, debruçados sobre a cara dele. Então percebi. A bola de metal ainda estava enfiada na órbita.

O mundo inteiro girava, balouçava, mas consegui descer os degraus, apoiado em Sohrab. Lá em cima, os berros de Assef continuavam, os gritos de um animal ferido. Quando chegámos à rua, à luz do dia, eu com o braço em volta dos ombros de Sohrab, Farid correu ao nosso encontro.

— *Bismillah! Bismillah!* — disse, de olhos esbugalhados, quando me viu. Pôs o meu braço em volta dos ombros dele e levantou-me. Levou-me ao colo até ao jipe, a correr. Acho que gritei. Vi as sandálias dele pisar o pavimento, os seus calcanhares negros, calejados. Custava-me a respirar. Daí a nada tinha à frente dos meus olhos o teto do *Land Cruiser*, estava deitado no banco traseiro, sobre o estofo bege canelado, a ouvir o toque correspondente à abertura de uma porta. Passos a correr em volta do veículo. Farid e Sohrab a falar depressa. As portas a fecharem-se com um estrondo, o motor a pegar. Senti o carro avançar aos solavancos e uma mão minúscula na minha testa. Havia vozes, algumas a gritar, as árvores passavam a uma velocidade vertiginosa pela janela. Sohrab soluçava. Farid continuava a dizer: «*Bismillah! Bismillah!*»

Foi mais ou menos nessa altura que desmaiei.

VINTE E TRÊS

Rostos atravessam a névoa, ficam suspensos no ar, desaparecem. Olham para mim, fazem-me perguntas. Se sei quem sou? Se me dói alguma coisa? Sei quem sou e dói-me tudo. Quero responder-lhes, mas falar custa. Sei porque há muito tempo, há cerca de um ano, talvez dois, ou mesmo dez, tentei falar com uma criança que tinha *rouge* na cara e os olhos borrados de preto. O miúdo. Sim, vejo-o agora. Estamos numa espécie de carro, ele e eu, e com certeza é outra pessoa que vai ao volante, porque Soraya não costuma conduzir tão depressa. Quero dizer qualquer coisa a este miúdo — parece importante que o faça. Mas não me lembro do que é ou por que razão é importante. Se calhar quero dizer-lhe que não chore mais, que tudo se vai resolver agora. Ou não. Quero agradecer ao rapaz, só não sei o quê.

Rostos. Todos de toucas verdes. Entram e saem de campo. Falam depressa, usam palavras que não conheço. Ouço outras vozes, outros barulhos, apitos e toques. E sempre mais rostos. A espreitar. Não me lembro de nenhum deles, a não ser daquele com brilhantina e um bigode à Clark Gable, o que tem uma mancha da forma da África no boné. O senhor estrela de telenovela. Apetece-me rir. Mas rir também faz doer.

Perco os sentidos.

Ela diz que se chama Aisha, como a mulher do profeta. O cabelo grisalho tem uma risca ao meio e está preso atrás num rabo de cavalo, no nariz há um *piercing* em forma de sol. Usa lentes bifocais que lhe tornam os olhos protuberantes. Também está de verde e tem mãos macias, vê que estou a olhar para ela e sorri. Diz qualquer coisa em inglês. Qualquer coisa está a incomodar-me num dos lados do peito.

Perco os sentidos.

Está um homem de pé à minha cabeceira. Conheço-o. É escuro e magro, tem uma barba comprida. Está de chapéu — como é que se chamam aqueles chapéus? *Pakols*? Usa-o de banda, como uma pessoa famosa cujo nome não me ocorre agora. Mas conheço este

homem. Fui no carro dele a um sítio qualquer há uns anos. Conheço-o. Passa-se qualquer coisa na minha boca. Sinto-a borbulhar.

Perco os sentidos.

Tenho o braço direito a arder. A mulher de óculos bifocais e *piercing* em forma de sol debruça-se sobre o meu braço, liga-o a um tubo de plástico transparente. Diz que é «o potássio». «Parece uma ferroada de abelha, não é?», pergunta. E parece. Como é o nome dela? Qualquer coisa relacionada com um profeta. Também a conheço há alguns anos. Costumava usar rabo de cavalo. Agora tem o cabelo preso num carrapito. Soraya usava esse penteado a primeira vez que falámos. Quando é que isso foi? A semana passada?

Aisha! É isso!

Passa-se qualquer coisa com a minha boca. E depois aquela impressão no peito.

Perco os sentidos.

Estamos nos montes Sulaiman, no Balochistão, e Baba luta com o urso-negro. É o Baba da minha infância, Toophan Agha, o grande representante do poder pastó, não o homem mirrado dentro dos lençóis, de faces encovadas e olhos transparentes. Rolam por cima de um retalho de relva verde. O homem e a fera, o cabelo castanho e ondulado de Baba a esvoaçar. O urso ruge, ou se calhar é Baba quem o está a fazer. Sangue e saliva por todos os lados, garras e mãos imparáveis. Caem ambos ao chão com um grande estrondo e Baba fica sentado no peito do urso, enfiando-lhe os dedos no focinho. Olha para mim e então vejo. Ele sou eu. Eu estou a lutar com o urso.

Acordo. O homem escuro e magro está outra vez à minha cabeceira. Chama-se Farid, lembrei-me agora. E ao pé dele está a criança do carro. Associo o rosto dele ao tilintar de sinos. Tenho sede.

Perco os sentidos.

Desmaio e acordo, desmaio e acordo.

O homem de bigode à Clark Gable afinal chama-se Dr. Faruqi. Não é nenhuma estrela de telenovela, mas um médico da cabeça

aos pés, embora eu não consiga deixar de pensar num tal Armand de uma série passada numa ilha tropical.

«Onde estou?», quero perguntar. Mas a minha boca não se abre. Franzo o sobrolho. Resmungo. Armand sorri: tem uns dentes imaculadamente brancos.

— Ainda não, Amir — diz ele —, mas está quase. Quando tirarmos os arames. — Falava inglês com um forte sotaque urdu.

«Arames?»

Armand cruzou os braços; eram peludos e havia uma aliança numa mão.

— Não deve saber onde está, e o que aconteceu. É perfeitamente normal, depois de uma cirurgia o doente fica sempre confuso. Por isso vou eu dizer-lhe o que sei.

Queria perguntar-lhe de que arames estava a falar. Cirurgia? Onde estava Aisha? Queria que ela me sorrisse, que as suas mãos macias pegassem nas minhas.

Armand franziu a testa e ergueu uma sobrancelha, num gesto de concentração.

— Está num hospital em Peshawar. Há dois dias. Tem lesões muito graves, Amir, devo dizer-lhe. Pode mesmo considerar que é uma sorte estar vivo, amigo. — Apontou o indicador para cima e para baixo, como um pêndulo. — Tem uma rotura no baço, provavelmente, e felizmente, uma rotura prévia, porque havia sintomas de hemorragia prévia na cavidade abdominal. Os meus colegas de medicina geral tiveram de o operar ao baço de urgência. Se a rotura se tivesse dado mais cedo, teria morrido de hemorragia. — Deu-me uma palmadinha no braço, o que tinha o soro, e sorriu. — Tem ainda sete costelas partidas. Uma delas provocou um pneumotórax.

Franzi o sobrolho. Tentei abrir a boca. Lembrei-me dos arames.

— Significa perfuração de um pulmão — explicou Armand. Puxou por um tubo de plástico transparente à minha esquerda. Senti o puxão no peito. — Selámos a perfuração com este tubo. — Segui o percurso do tubo, passando por ligaduras até um recipiente meio cheio de colunas de água. Era daí que vinha o borbulhar.

— Sofreu também várias lacerações, ou seja, cortes.

Queria dizer que sabia o que a palavra queria dizer: eu era escritor. Quase abri a boca. Voltei a esquecer-me dos arames.

— A laceração mais grave foi no lábio superior — disse Armand. — O impacto cortou-lhe o lábio mesmo ao meio. Mas não se preocupe, os colegas da cirurgia plástica já o coseram e dizem que correu muito bem, só que vai ficar com uma cicatriz nesse sítio. Isso é inevitável.

»Havia ainda uma fratura orbital no lado esquerdo, ou seja, no osso que acomoda o olho, e vamos ter também que tratar disso. Os arames do rosto tiram-se daqui a umas seis semanas — continuou Armand. — Até lá tem de se alimentar à base de líquidos e batidos. Vai perder peso e ficar algum tempo a falar como o Al Pacino n'*O Padrinho* — soltou uma risada. — Mas para hoje já tem programa. Sabe qual é?

Fiz que não com a cabeça.

— Hoje tem que expelir gases. Despachado esse assunto, podemos começar a alimentá-lo com líquidos. Sem traques, não há comida — e voltou a rir-se.

Mais tarde, depois de Aisha mudar o soro e elevar a cabeceira da cama, a meu pedido, pensei no que me tinha acontecido. Rotura no baço. Dentes partidos. Pulmão perfurado. Órbita rebentada. Mas, quando vi um pombo debicar umas migalhas de pão no parapeito, lembrei-me de outra coisa que Armand/Dr. Faruqi tinha dito: «O impacto cortou-lhe o lábio mesmo ao meio.» Mesmo ao meio. Como um lábio leporino.

* * *

Farid e Sohrab foram visitar-me no dia seguinte.

— Hoje sabes quem somos? Lembras-te? — perguntou Farid, meio a brincar. Fiz que sim com a cabeça.

— *Al hamdullellah!* — exclamou, radiante. — Acabaram-se os disparates.

— Obrigado, Farid — consegui dizer, apesar de ter as maxilas presas com arames. Armand tinha razão, a minha voz estava mesmo igual à do Al Pacino n'*O Padrinho*. Assustava-me sempre que a minha língua embatia num dos espaços deixados vazios pelos dentes que eu engolira. — Obrigado, mesmo. Por tudo.

Farid acenou, corou um pouco.

— *Bas*, não tens nada que agradecer — disse. Voltei-me para Sohrab. Tinha roupas novas, um *pirhan-tumban* castanho-claro que lhe ficava um pouco grande e um solidéu preto. Estava de cabeça baixa, a mexer no tubo do soro que formava uma espiral em cima da cama.

— Nunca fomos apresentados como deve ser — disse, estendendo-lhe a mão. — Sou o Amir.

Ele olhou para a minha mão e depois para mim.

— És o Amir Agha de quem o meu pai falava?

— Sim, — Lembrei-me da carta de Hassan. «Falei muito em ti a Farzana e a Sohrab, contei que crescemos juntos, que brincávamos e corríamos pelas ruas. Riram-se das diabruras que tu e eu fazíamos!» — Tenho de te agradecer, Sohrab Jan. Salvaste-me a vida.

O rapaz não disse nada. Não me apertou a mão.

— Gosto dessas roupas novas — murmurei.

— São do meu filho — explicou Farid. — Já não lhe servem. Mas ficam mesmo bem a Sohrab. — Sohrab podia ficar com ele, disse, até lhe encontrarmos casa. — O espaço não é muito, mas não posso deixá-lo na rua. Além disso, os meus filhos gostaram muito dele. *Ha*, Sohrab? — Mas o rapaz não tirava os olhos do chão, a mexer nervosamente no fio com um dedo.

— Queria perguntar-te uma coisa — disse Farid, hesitante. — O que aconteceu naquela casa? O que se passou entre ti e o talibã?

— Digamos que ambos tivemos o que merecíamos — respondi.

Farid não insistiu. Reparei então que, entre a nossa partida de Peshawar para o Afeganistão e aquele instante, nos tínhamos tornado amigos.

— Eu também queria perguntar-te uma coisa.

— O quê?

Custava-me muito. Receava a resposta.

— Rahim Khan.

— Partiu.

O meu coração deu um pulo.

— Ele...?

— Não, não, desapareceu mesmo... — entregou-me uma folha de papel e uma chave pequena. — O senhorio entregou-me isto quando fui procurá-lo. Disse que Rahim Khan partiu no mesmo dia que nós.

— Para onde é que ele foi?

Farid encolheu os ombros.

— O senhorio não sabe. Disse que Rahim Khan deixou esta carta e esta chave para ti e despediu-se — consultou o relógio de pulso. — Tenho que ir andando. *Bia*, Sohrab.

— Não podes deixá-lo aqui? Vires buscá-lo mais tarde? — Virei-me para Sohrab: — Queres ficar comigo só um instante?

O rapaz encolheu os ombros e não respondeu.

— Claro — concordou Farid. — Venho buscá-lo antes do namaz.

Estavam mais três doentes na enfermaria. Dois homens mais velhos, um com a perna engessada, o outro a arfar, cheio de asma, e um rapaz de quinze ou dezasseis anos, a recuperar de uma operação ao apêndice. O velhote do gesso fitava-nos sem pestanejar, olhando, ora para mim ora para o miúdo hazara sentado num banco. As famílias dos meus colegas de quarto — velhas de *shalwar-kameezes* claros, crianças, homens de solidéu — entravam e saíam ruidosamente. Traziam com eles *pakoras*, *naan*, chamuças, *biryani*. Por vezes limitavam-se a vaguear pela enfermaria, como aquele homem alto, de barba, que acabara de chegar quando Farid entrou com Sohrab. Estava embrulhado numa manta castanha. Aisha perguntou-lhe qualquer coisa em urdu. O homem não lhe ligou nenhuma e perscrutou a sala com os olhos. Achei que me fitou mais tempo que o normal. Quando a enfermeira voltou a dirigir-lhe a palavra, o desconhecido deu meia-volta e saiu.

— Como estás? — perguntei a Sohrab. O miúdo encolheu os ombros, a olhar para as mãos.

»Tens fome? Aquela senhora deu-me um prato de *biryani*, mas não consigo comê-lo — continuei. Não sabia que mais havia de dizer-lhe. — Queres?

O rapaz abanou a cabeça.

— Queres conversar?

Abanou a cabeça outra vez.

Ficámos assim algum tempo, calados, eu sentado na cama, apoiado em dois travesseiros, Sohrab no banco de três pés junto à cabeceira. Acabei por adormecer e quando acordei já estava escuro, as sombras eram mais compridas e Sohrab continuava sentado ao pé de mim. Sempre a olhar para as mãos.

Nessa noite, depois de Farid ir buscar Sohrab, li a carta de Rahim Khan. Tinha-o protelado tanto quanto possível.

«Amir Jan,

Inshallah recebas esta carta em segurança. Desejo não te ter colocado no caminho do perigo e que o Afeganistão não tenha sido muito duro para contigo. Rezo por ti desde o dia em que partiste.

Tinhas razão em desconfiar de que eu sabia tudo estes anos todos. Hassan contou-me o que se passou pouco depois. Procedeste mal, Amir Jan, mas não esqueças de que eras um miúdo quando tudo aconteceu. E um miúdo amargurado. Nessa altura foste demasiado duro contigo próprio e hoje continuas a sê-lo — vi-o nos teus olhos em Peshawar. Mas espero que não te esqueças disto: um homem sem consciência, sem bondade, não sofre. E espero que o teu sofrimento chegue ao fim com esta viagem ao Afeganistão.

Amir Jan, envergonho-me de te termos mentido estes anos todos. Tiveste razão quando ficaste furioso em Peshawar. Tinhas o direito de saber. Hassan também. Sei que não há desculpa, mas naquele tempo Cabul era um mundo estranho, um mundo em que havia coisas mais importantes que a verdade.

Amir Jan, sei como o teu pai foi exigente contigo quando eras pequeno. Vi, de coração partido, como sofreste e ansiaste pelo afeto dele. Mas o teu pai era um homem dividido, Amir Jan: entre ti e Hassan. Amava os dois, mas não podia amar Hassan como desejaria, às claras, como um pai. E quem pagou foste tu — Amir, a metade legítima, a metade que representava as riquezas que ele herdara, os privilégios da impunidade que as acompanhava. Quando te via, via-se a si próprio. E à sua culpa. Ainda estás revoltado, e creio que é cedo de mais para aceitares tudo, mas talvez um dia compreendas que quando o teu pai era duro contigo

estava a ser duro consigo mesmo. O teu pai, como tu, era um homem torturado, Amir Jan.

Não há palavras que descrevam a profundidade, a extensão do desgosto que tive quando soube do seu falecimento. Gostava dele porque era meu amigo, mas também porque era um homem bom, talvez mesmo um grande homem. E é isso que eu quero que compreendas, que a bondade, a bondade verdadeira, acompanhou o remorso do teu pai. Às vezes eu achava que tudo o que ele fazia, dar esmolas, construir o orfanato, ajudar financeiramente os amigos aflitos, era uma forma de se redimir. E isso, creio eu, é a verdadeira redenção, Amir Jan, a culpa canalizada para o bem.

Sei que Deus há de perdoar. Há de perdoar ao teu pai, a mim, a ti. Espero que possas fazer o mesmo. Perdoa o teu pai, se puderes. Perdoa-me a mim, se quiseres. Mas sobretudo perdoa-te a ti próprio.

Deixo-te algum dinheiro, que é afinal tudo o que tenho. Deves ter algumas despesas quando aqui voltares e penso que as irá cobrir. Há um banco em Peshawar: Farid sabe onde fica. O dinheiro está num cofre. A chave já te dei.

Quanto a mim, chegou a minha hora. Resta-me pouco tempo e quero passá-lo sozinho. Por favor, não me procures. É o último pedido que te faço.

Entrego-te nas mãos de Deus.

Teu sempre amigo,
Rahim»

* * *

Limpei os olhos com a manga da bata do hospital. Dobrei a carta e guardei-a debaixo do colchão.

«Amir, a metade legítima, a metade que representava as riquezas que ele herdara, os privilégios da impunidade que as acompanhavam.» Talvez por isso Baba e eu nos tínhamos dado bem melhor nos Estados Unidos. A vender velharias por uma tuta-e-meia, com os nossos empregos modestos, o nosso humilde apartamento — a versão americana de uma cabana. Se calhar na América, quando Baba olhava para mim, via um pedaço de Hassan.

«O teu pai, como tu, era um homem torturado», escrevera Rahim Khan. Talvez fosse. Ambos tínhamos pecado e traído. Mas Baba encontrara uma maneira de canalizar o seu remorso para o bem. Que fizera eu, a não ser atirar com a minha culpa para cima exatamente das próprias pessoas que traíra e depois esquecer que o tinha feito? Que fizera eu, a não ser ganhar insónias?

Que fizera eu para compensar?

Quando a enfermeira — não Aisha, mas uma mulher ruiva cujo nome me escapa — entrou de seringa na mão e me perguntou se eu precisava de uma injeção de morfina, disse logo que sim.

Retiraram o tubo do peito no dia seguinte de manhã cedo, e Armand deu ordens ao pessoal para que me deixassem beber sumo de maçã por uma palhinha. Pedi a Aisha um espelho quando ela colocou o copo de sumo na cómoda ao lado da minha cama. Aisha empurrou os óculos para o topo de cabeça, correu as cortinas e deixou o sol inundar o quarto.

— Não se esqueça — disse, voltando-se para mim —, vai ficar melhor daqui a uns dias. O meu genro teve um acidente de moto o ano passado. O rosto bonito dele foi arrastado pelo asfalto e ficou roxo que nem uma beringela. Agora está outra vez lindo, parece um artista de Lollywood.

Apesar das suas palavras tranquilizadoras, quando olhei para o espelho e vi aquilo que em princípio era a minha cara, fiquei sem respiração. Parecia que alguém tinha colocado um pipo por baixo da minha pele e deixado o ar sair. Tinha os olhos inchados e roxos. Mas o pior era a boca, uma bolha grotesca, roxa e vermelha, um monte de nódoas negras e pontos. Tentei sorrir e uma pontada percorreu-me os lábios. Aí estava uma coisa que eu não ia conseguir fazer durante algum tempo. Tinha pontos na face esquerda, por baixo do queixo, na testa, logo abaixo da raiz do cabelo.

O velhote da perna engessada disse qualquer coisa em urdu. Encolhi os ombros e abanei a cabeça. Apontou para a própria cara, deu-lhe uma palmadinha e fez um sorriso largo e desdentado:

— Muito bom — disse em inglês. — *Inshallah*.

— Obrigado — murmurei.

Farid e Sohrab entraram assim que pousei o espelho. Sohrab ocupou o seu lugar no banco e encostou a cabeça às grades da cama.

— Sabes, quanto mais depressa saíres daqui, melhor — disse Farid.

— O doutor Faruqi diz...

— Não é do hospital. De Peshawar.

— Porquê?

— Acho que não ficas seguro aqui muito mais tempo — respondeu Farid, e baixou de tom: — Os talibãs têm amigos aqui. Vão procurar-te.

— Creio que já começaram — segredei. Lembrei-me do homem de barba que tinha andado a passear pela enfermaria e a olhar para mim.

Farid inclinou-se para mim.

— Assim que fores capaz de andar, levo-te para Islamabad. Também não é completamente seguro, nenhum local no Afeganistão o é, mas sempre é melhor que aqui. Pelo menos, ganha-se tempo.

— Farid Jan, também nada disto é seguro para ti. Talvez fosse melhor não seres visto comigo. Tens uma família a cargo.

Farid fez um gesto com a mão.

— Os meus filhos são novos, mas muito despachados. Sabem cuidar da mãe e das irmãs — sorriu. — Além disso, não estou a fazer o serviço à borla.

— Nem eu o permitiria — respondi. Sorri, esquecido de que não o podia fazer. Um fio de sangue escorreu-me pelo queixo. — Posso pedir-te só mais um favor?

— Por ti, tudo — respondeu Farid.

E sem mais nem menos desatei a chorar. Solucei, as lágrimas correram-me pelas faces, fazendo-me arder os lábios em carne viva.

— Que foi? — perguntou Farid, assustado.

Escondi o rosto com uma mão e levantei a outra. Sabia que a enfermaria inteira estava a olhar para mim. Depois senti-me cansado, vazio.

— Desculpem — disse. Sohrab olhava-me de testa franzida.

Assim que consegui falar, expliquei a Farid o que queria.

— Rahim Khan disse que eles viviam aqui, em Peshawar.

— É melhor escreveres os nomes — aconselhou Farid, olhando-me com uma expressão intrigada, como que a perguntar o que aconteceria a seguir. Escrevi os nomes num pedaço de toalha de papel: John e Betty Caldwell.

Farid guardou o papel no bolso.

— Vou procurá-los assim que puder — prometeu, e virou-se para Sohrab: — Venho buscar-te ao fim do dia. Não canses o Amir Agha.

Mas Sohrab foi para junto da janela, onde meia dúzia de pombos se passeava no parapeito, bicando a madeira e velhas migalhas de pão.

Na gaveta do meio da cómoda ao lado da minha cama havia um número antigo da *National Geographic*, um lápis todo mordido, um pente sem alguns dentes e aquilo que eu agora procurava, a suar em bica do esforço: um baralho de cartas. Tinha-as contado e, por estranho que pareça, o baralho estava completo. Perguntei a Sohrab se queria jogar. Não esperava que ele fosse responder, quanto mais jogar. Não abria a boca desde que saímos de Cabul. Mas afastou-se da janela e declarou:

— Só sei jogar *panjpar*.

— Já estou com pena de ti, porque sou o campeão do *panjpar*. Internacionalmente famoso.

Sentou-se no banco ao pé de mim. Dei-lhe as primeiras cinco cartas.

— Quando o teu pai e eu éramos da tua idade, jogávamos a este jogo. Sobretudo no inverno, quando nevava e não podíamos ir brincar para a rua. Jogávamos até o Sol se pôr.

Ele jogou uma carta e eu bisquei uma do monte. Olhei-o enquanto arrumava as cartas. Era igual ao pai em tanta coisa: segurava as cartas em leque com as duas mãos, estudava-as de cabeça inclinada, raramente olhava uma pessoa de frente.

Jogámos calados. Ganhei o primeiro jogo, deixei-o ganhar o seguinte e perdi pura e simplesmente os outros cinco.

— Tens tanto jeito como o teu pai, talvez mesmo mais — disse, após a minha última derrota. — Às vezes eu vencia-o, mas penso que era ele que me deixava ganhar. — Fiz uma pausa e depois disse: — O teu pai e eu fomos amamentados pela mesma mulher.

— Eu sei.

— O quê, ele falou-te nisso?

— Dizia que eras o melhor amigo que teve na vida.

Rodei o valete de ouros entre os meus dedos.

— Não fui um amigo muito bom, infelizmente — respondi. — Mas gostava de ser teu amigo. Acho que posso ser para ti um bom amigo. Deixas? Gostavas? — Pus a mão no braço dele, com cuidado, mas ele assustou-se. Deixou cair as cartas e afastou o banco. Voltou para a janela. Faixas vermelhas e roxas pintavam o céu, pois o Sol estava a pôr-se em Peshawar. Da estrada em baixo veio uma sucessão de buzinadelas, o zurrar de um burro, o assobio de um polícia. Sohrab estava de pé contra aquela luz escarlate, a testa encostada ao vidro, as mãos enfiadas debaixo dos braços.

Aisha pediu a um enfermeiro auxiliar que me ajudasse a dar os primeiros passos. Só dei uma volta ao quarto, com uma mão a puxar o aparelho do soro, que tinha rodas, e a outra a agarrar o braço do auxiliar. Levei dez minutos a voltar à cama e quando lá cheguei o meu estômago latejava e eu estava encharcado em suor. Deitei-me, a recuperar o fôlego, cheio de palpitações e de saudades da minha mulher.

Sohrab e eu passámos o dia seguinte quase todo a jogar *panjpar*, mais uma vez calados. E no dia seguinte a mesma coisa. Quase nunca falávamos, só jogávamos, eu sentado na cama e ele no banco, a nossa rotina interrompida apenas quando eu dava uma volta pelo quarto ou ia à casa de banho, que ficava ao fundo do corredor. Nessa noite tive um sonho. Sonhei que Assef estava à porta da enfermaria, ainda com a esfera metálica na órbita.

— Somos idênticos, tu e eu — dizia ele. — Tu foste amamentado com ele, mas és meu gémeo.

No dia seguinte declarei a Armand que me ia embora.

— Ainda é cedo para ter alta — protestou Armand. Não vestira a bata de cirurgião nesse dia, mas sim um fato azul-escuro e uma gravata amarela. A brilhantina lá estava. — Ainda está a tomar antibióticos por via intravenosa e...

— Tenho de partir. Agradeço muito o que fizeram por mim, o que todos fizeram.

— Mas vai para onde?

— Prefiro não dizer.

— Mal consegue andar.

— Consigo ir até ao fundo do corredor e voltar — respondi. — Não há problema. — O plano era o seguinte: sair do hospital, ir buscar o dinheiro ao cofre, pagar a conta do hospital. Ir ao orfanato, entregar Sohrab a John e Betty Caldwell. Arranjar boleia para Islamabad, trocar o bilhete. Esperar alguns dias, até melhorar um pouco. Apanhar o avião para casa.

Esse era de facto o plano. Até Farid e Sohrab chegarem nessa manhã.

— Os teus amigos, os tais John e Betty Caldwell, não estão em Peshawar — disse Farid.

Demorara dez minutos a enfiar o meu *pirhan-tumban*. O meu peito, no ponto em que tinham feito o golpe para inserir o tubo, doía quando eu levantava o braço, e o meu estômago latejava sempre que me inclinava. Fiquei estafado, só de meter os meus poucos pertences no saco de papel castanho. Mas consegui preparar tudo e estava sentado aos pés da cama quando Farid me deu a notícia. Sohrab sentou-se a meu lado.

— Para onde foram?

Farid abanou a cabeça.

— Não percebes...

— É que o Rahim Khan disse...

— Fui ao consulado dos Estados Unidos — contou Farid, enquanto me pegava no saco. — Nunca houve um John nem uma Betty Caldwell em Peshawar. De acordo com o consulado, nunca existiram. Pelo menos aqui em Peshawar.

Ao meu lado, Sohrab folheava a velha *National Geographic*.

Fomos buscar o dinheiro ao banco. O gerente, um homem pançudo com manchas de suor debaixo dos braços, não parava de sorrir e de dizer que ninguém tinha tocado no dinheiro.

— Absolutamente ninguém — insistiu, sério, agitando o indicador como Armand tinha feito.

A ideia de atravessar Peshawar com tanto dinheiro num saco de papel era ligeiramente assustadora. Além disso, eu achava que qualquer homem de barba que olhasse para mim era um assassino talibã a soldo de Assef. Dois factos contribuíam para os meus

temores. Há muitos barbudos em Peshawar e toda a gente olha para quem passa.

— Que fazemos com o miúdo? — perguntou Farid, conduzindo-me devagar da secretaria do hospital para o carro. Sohrab, sentado no banco traseiro do *Land Cruiser*, observava o trânsito debruçado na janela aberta, o queixo apoiado nas mãos.

— Ele não pode ficar em Peshawar.

— *Nay*, Amir Agha, isso não — disse Farid. Interpretara as minhas palavras como sendo uma pergunta. — Lamento. Se eu pudesse...

— Não faz mal, Farid — interrompi. Consegui sorrir levemente. — Tens muitas bocas para alimentar — um cão estava agora ao lado do jipe, a dar ao rabo. Sohrab fazia-lhe festas. — Acho que para já ele vem para Islamabad.

Dormi durante quase toda a viagem de quatro horas até Islamabad. Sonhei muito, mas só recordo uma amálgama de imagens, fragmentos de memória visual a passar pela minha cabeça como cartões num *Rolodex*: Baba a marinar o carneiro para a festa dos meus treze anos. Soraya e eu a fazermos amor pela primeira vez, o Sol a nascer a oriente, nos nossos ouvidos ainda a música do casamento, as mãos dela, pintadas com hena, enlaçadas nas minhas. O dia em que Baba me levou a mim e a Hassan a uma plantação de morangos em Jalalabad — como o proprietário disse para comermos quantos quiséssemos, apanhámos pelo menos quatro quilos — e ficámos os dois mal da barriga. Que escuro, quase preto, me parecera o sangue de Hassan em cima da neve, a pingar-lhe das calças. «O sangue fala mais alto, *bachem*.» Khala Jamila passando a mão pelo joelho de Soraya e dizer: «Deus sabe o que faz, o que tem que ser tem muita força.» Dormir no telhado da casa do meu pai. Baba a dizer que só havia um pecado, o roubo. «Quando dizemos uma mentira, roubamos a alguém o direito à verdade.» Rahim Khan ao telefone, a dizer-me que é sempre possível acertar contas. «É sempre possível acertar contas...»

VINTE E QUATRO

Se Peshawar era a cidade que me recordava a antiga Cabul, Islamabad era a cidade em que Cabul poderia transformar-se. As ruas eram mais largas que as de Peshawar, mais limpas, ladeadas de hibiscos e acácias-vermelhas. Os bazares eram mais organizados e não tão atafulhados de riquexós e peões. Também a arquitetura era mais elegante e moderna, vi parques cheios de roseiras e jasmineiros e carregados de flores sob a sombra das árvores.

Farid encontrou um pequeno hotel numa rua lateral paralela ao sopé dos montes Margalla. Passámos pela famosa Mesquita Shah Faisal, segundo dizem a maior do mundo, com as suas traves de cimento e altíssimos minaretes. Sohrab empertigou-se para ver a mesquita, debruçou-se da janela e ficou a olhar até Farid dobrar a esquina.

O quarto do hotel era um luxo comparado com o de Cabul, onde Farid e eu tínhamos ficado. A cama estava feita com lençóis lavados, a alcatifa aspirada, a casa de banho impecável. Havia champô, sabonete, lâminas de barbear, uma banheira e toalhas a cheirar a limão. E nenhuma mancha de sangue nas paredes. Outra coisa: em cima da cómoda, diante das duas camas, um aparelho de televisão.

— Olha! — disse eu a Sohrab. Liguei-a, não havia controlo remoto, e rodei o botão. Apareceu um programa infantil com dois bonecos felpudos a cantar em urdu. Sohrab sentou-se numa das camas e apoiou a cabeça nos joelhos. As imagens da televisão refletiam-se nos seus olhos verdes enquanto ele observava, imóvel, balouçando-se para a frente e para trás. Lembrei-me do dia em que prometi a Hassan que, quando fôssemos grandes, havia de comprar uma televisão a cores para a família dele.

— Vou andando, Amir Agha — disse Farid.

— Passa cá a noite. Tens um longo caminho pela frente. Vai antes amanhã.

— *Tashakor* — respondeu. — Mas quero regressar esta noite. Tenho saudades dos meus filhos. — Quando chegou à porta, parou.

— Adeus, Sohrab Jan — disse. Ficou à espera de resposta, mas Sohrab não lhe prestou qualquer atenção. Continuava a balouçar-se para trás e para diante, o rosto iluminado pelo clarão prateado das imagens que passavam pelo ecrã.

Lá fora, entreguei-lhe um envelope. Quando o abriu, ficou boquiaberto.

— Não sabia como havia de te agradecer. Fizeste tanto por mim.

— Quanto dinheiro está aqui dentro?

— Um pouco mais de dois mil dólares.

— Dois mi... — começou. O lábio inferior tremia-lhe. Mais tarde, quando pôs o veículo a andar, buzinou duas vezes e acenou. Acenei-lhe também. Nunca mais voltei a vê-lo.

Regressei ao quarto do hotel e encontrei Sohrab deitado na cama, com o corpo enrolado em forma de C. Estava de olhos fechados, mas não percebi se dormia. Tinha desligado a televisão. Sentei-me na cama e fiz uma careta de dor, limpei o suor da testa. Perguntei-me quanto tempo mais ia custar tanto levantar-me, sentar-me, mudar de posição na cama. Quando poderia voltar a comer alimentos sólidos. Que havia de fazer com o rapazinho ferido que estava deitado na cama, embora em parte já conhecesse a resposta.

Havia uma garrafa com água em cima da cómoda. Enchi um copo e tomei dois dos comprimidos de Armand. A água estava quente e amargava. Corri as cortinas, sentei-me devagar na cama e recostei-me. Julguei que o meu peito fosse rasgar-se. Quando a dor abrandou um pouco e consegui respirar novamente, tapei-me com o cobertor e esperei que os comprimidos fizessem efeito.

* * *

Quando acordei, o quarto estava mais escuro. A nesga de céu que se via entre as cortinas era roxa, a cor que antecedia a noite. Os lençóis estavam ensopados, a minha cabeça latejava. Voltara a sonhar, mas desta vez não me lembrava de nada.

O meu coração ia parando quando olhei para a cama de Sohrab e vi que estava vazia. Gritei por ele. O som da minha voz assustou-me. Era desconcertante estar sentado no quarto escuro de um hotel, a milhares de quilómetros de casa, todo partido, a chamar por um

rapaz que conhecera dias antes. Voltei a gritar o nome dele e nada. Saí da cama, procurei-o na casa de banho, procurei-o no estreito corredor para onde dava o quarto. O miúdo tinha desaparecido.

Fechei a porta do quarto à chave e arrastei-me até ao gabinete do gerente, na entrada, apoiando-me no cordão que acompanhava o corredor. Havia uma palmeira falsa, cheia de pó, num canto do átrio e flamingos cor-de-rosa a voar no papel de parede. Dei com o gerente sentado a ler o jornal por detrás do balcão da receção. Fiz-lhe uma descrição de Sohrab e perguntei se o tinha visto. O homem pousou o jornal e tirou os óculos. Tinha o cabelo oleoso e um bigodinho quadrado e grisalho. Cheirava vagamente a um fruto tropical que não identifiquei.

— Os miúdos são danados — comentou, com um suspiro. — Tenho três lá em casa. Levam o dia de um lado para o outro, a moer a cabeça à mãe — abanou-se com o jornal, de olhos fixos nos meus maxilares.

— Não creio que ele ande de um lado para o outro — comentei. — E não somos de cá. Receio que se tenha perdido.

Inclinou a cabeça para um lado e para o outro.

— Então o senhor devia tê-lo vigiado.

— Tem razão. Mas adormeci e quando acordei ele tinha desaparecido.

— É preciso tomar conta deles, sabe.

— Eu sei — o meu coração batia cada vez mais depressa. Como podia a minha apreensão ser-lhe tão indiferente? Mudou o jornal para a outra mão e recomeçou a abanar-se.

— Agora só pensam em bicicletas.

— Quem?

— Os meus filhos — respondeu o homem. — «Papá, papá, compra bicicletas para nós e nunca mais te aborrecemos. Por favor, papá!» — Soltou uma gargalhada. — Bicicletas! A mãe deles matava-me, juro.

Imaginei Sohrab caído numa sarjeta. Ou enfiado na bagageira de um automóvel, preso e amordaçado. Não queria o sangue dele nas minhas mãos. Nem nas dele.

— Por favor... — disse. Entortei os olhos. Li o nome dele na lapela da camisa de algodão de mangas curtas. — Senhor Fayyaz, viu-o?

— O rapaz?

Respirei fundo.

— Sim, o rapaz! O rapaz que veio comigo. Viu-o ou não, por amor de Deus!

Parou de se abanar. Semicerrou os olhos.

— Não se arme em esperto comigo, ouviu? Não fui eu que o perdi.

O facto de o homem ter uma certa razão, não impediu que o sangue me subisse à cabeça.

— Tem razão. Fiz mal. A culpa é minha. Mas diga-me, viu-o?

— Lamento — respondeu, lacónico. Voltou a pôr os óculos. Abriu o jornal, num gesto seco. — Não sei nada desse miúdo.

Fiquei mais um minuto encostado ao balcão, esforçando-me por não gritar. Quando me preparava para sair dali, ele perguntou:

— Faz alguma ideia para onde ele poderá ter ido?

— Não — eu estava cansado. Cansado e assustado.

— Quais são os interesses dele? — perguntou. Reparei que voltara a dobrar o jornal. — Os meus rapazes, por exemplo, são capazes de tudo por um filme de ação, sobretudo os daquele Arnold Cházenega, ou lá como é o nome dele...

— A mesquita! — exclamei. — A mesquita grande. — Lembrei-me de que a mesquita suscitara o interesse de Sohrab, de que ele se debruçara na janela para vê-la melhor.

— Shah Faisal?

— Isso mesmo! Pode levar-me lá?

— Sabia que é a maior mesquita do mundo? — perguntou.

— Não, mas...

— Só no pátio cabem umas quarenta mil pessoas.

— Pode levar-me lá?

— Fica só a um quilómetro daqui — respondeu. Mas já tinha dado quase a volta ao balcão.

— Eu pago-lhe a corrida — preveni.

O homem suspirou e abanou a cabeça.

— Espere aqui. — Desapareceu no quarto do fundo, de onde regressou com um outro par de óculos, umas chaves na mão e arrastando atrás de si uma mulher rechonchuda de sari cor de

laranja. Sentou-se ao volante. — Não quero o seu dinheiro — respondeu. — Vou levá-lo lá porque sou um pai como o senhor.

Estava à espera de ficar às voltas pela cidade até ao cair da noite. Dei por mim a falar com um polícia, a descrever-lhes Sohrab sob o olhar reprovador de Fayyaz. Ouvi o agente, numa voz cansada, indiferente, fazer as perguntas da praxe. E subjacente a essa pergunta uma outra, particular. Quem é que se interessava por um puto afegão?

Mas fomos encontrá-lo a uns cem metros da mesquita, sentado no parque de estacionamento meio vazio, numa ilhota de relva. Fayyaz estacionou e deixou-me sair.

— Tenho de regressar — disse.

— Não faz mal, senhor Fayyaz. Voltamos a pé — respondi. — Muito obrigado, senhor Fayyaz. Sinceramente.

Inclinou-se para fora quando eu saí.

— Posso dizer uma coisa?

— Claro.

À luz do entardecer, a cara dele era apenas um par de óculos refletindo a pouca claridade.

— O problema dos afegãos é... Bem, vocês são um pouco irresponsáveis.

Sentia-me esgotado, cheio de dores. Os meus maxilares latejavam. E as malditas feridas do meu peito e do meu estômago pareciam arame farpado debaixo da minha pele. Mas mesmo assim desatei a rir.

— Mas o que é que eu... — ia Fayyaz a perguntar, mas nessa altura já eu me ria à gargalhada.

»São todos doidos — comentou homem. Os pneus guincharam quando deu meia-volta e partiu, com os faróis traseiros a brilhar na escuridão cada vez mais profunda.

— Pregaste-me cá um susto — disse. Sentei-me ao lado dele, torcendo-me com dores.

Sohrab tinha os olhos pregados na mesquita. A Mesquita Shah Faisal era do feitio de uma tenda gigante. Viam-se carros a entrar e a sair; fiéis vestidos de branco de um lado para o outro. Ficámos calados, eu encostado a uma árvore, Sohrab a meu lado, a cabeça

apoiada nos joelhos. Ouvimos chamar para a oração, vimos as centenas de luzes do edifício acenderem-se quando a noite caiu. A mesquita brilhava como um diamante no escuro. Iluminava o céu, o rosto de Sohrab.

— Alguma vez foste a Mazar-i-Sharif? — perguntou Sohrab, o queixo sobre os joelhos.

— Há muito tempo. Não me lembro bem.

— O pai levou-me lá quando eu era pequeno. A mãe e Sasa também vieram. O pai comprou-me um macaco no bazar. Não um macaco verdadeiro, daqueles insufláveis. Castanho com um lacinho ao pescoço.

— Também devo ter tido um assim quando era pequeno.

— O pai levou-me à Mesquita Azul — continuou Sohrab. — Lembro-me de que havia muitos pombos fora da *masjid* e que eles não tinham medo das pessoas. Vinham ter connosco. Sasa deu-me migalhas de *naan* para eu dar aos pombos. Fiquei cercado de pombos. Foi giro.

— Deves ter muitas saudades dos teus pais — disse, perguntando-me se ele teria visto os talibãs arrastá-los para a rua. Esperava que não.

— Tens saudades dos teus? — perguntou-me ele, encostando uma bochecha nos joelhos, a olhar para mim.

— Se tenho saudades dos meus pais? Bem, a minha mãe nunca a conheci. O meu pai morreu há uns anos, e sim, tenho saudades dele. Às vezes muitas.

— Lembras-te de como ele era?

Lembrei-me do pescoço forte de Baba, do cabelo castanho despenteado. Estar sentado ao colo dele era como estar sentado num ramo grosso de árvore.

— Lembro-me de como ele era — respondi. — E de como ele cheirava.

— Eu começo a não me lembrar das caras deles. Isso é mau?

— Não — respondi. — É o tempo a passar — tive uma ideia. Procurei no bolso do casaco. Encontrei a fotografia de Hassan e Sohrab. — Toma.

Aproximou a foto dos olhos, voltou-a para que a luz da mesquita a iluminasse. Ficou a olhá-la muito tempo. Ainda pensei que fosse

chorar, mas não. Apenas segurou o retrato nas mãos, passou o polegar pela sua superfície. Recordei uma frase que lera algures, ou que ouvira alguém dizer: no Afeganistão há muitas crianças, mas pouca infância. Estendeu a mão para ma devolver.

— Fica com ela. É tua.

— Obrigado. — Voltou a olhar para a fotografia e guardou-a no bolso do blusão. Um cavalo a puxar uma carroça passou pelo parque de estacionamento. O cavalo tinha sininhos pendurados ao pescoço que tocavam a cada passada.

— Tenho pensado muito em mesquitas — disse Sohrab.

— Tens? E então?

Encolheu os ombros.

— Nada, só pensei. — Levantou a cabeça, olhou-me de frente. Agora estava a chorar devagar, baixinho. — Posso perguntar-te uma coisa, Amir Agha?

— Claro.

— Achas que Deus... — Começou, com dificuldade. — Será que Deus me vai mandar para o inferno por causa do que eu fiz àquele homem?

Estendi-lhe um braço, mas Sohrab encolheu-se. Desisti.

— *Nay*. Claro que não — respondi. Queria abraçá-lo, apertá-lo, dizer-lhe que o mundo é que tinha sido cruel para com ele e não o contrário.

O seu rosto contorceu-se, esforçando-se por se recompor.

— O pai dizia que não se deve fazer mal nem às pessoas más. Porque elas são mesmo assim, não têm culpa, e às vezes mudam.

— Nem sempre, Sohrab.

Olhou-me, curioso.

— Eu conheço há muito tempo o homem que te fez mal — expliquei. — Ele tentou fazer-me mal um dia, quando eu era da tua idade, mas o teu pai salvou-me. O teu pai era muito corajoso e estava sempre a defender-me, a lutar por mim. Por isso um dia esse homem fez mal ao teu pai em vez de fazer a mim. Foi mesmo muito cruel para ele, e eu não o salvei como ele costumava fazer-me.

— Porque é que essa pessoa não gostava do meu pai? Ele não fazia mal a ninguém.

— Tens razão. O teu pai era um homem bom. Mas é isso que estou a tentar dizer-te, Sohrab Jan. Que há pessoas mesmo más neste mundo e a maior parte das vezes elas não mudam. Às vezes é preciso lutar com elas. O que fizeste àquele homem era o que eu lhe devia ter feito nessa altura. Deste-lhe o que ele merecia, se bem que ele merecesse ainda pior.

— Achas que o pai está desiludido comigo?

— Sei que ele não está. Salvaste a minha vida em Cabul. Sei que ele está muito orgulhoso por isso.

Enxugou o rosto com a manga da camisa. Uma bolha de saliva que se formara nos lábios dele rebentou. Sohrab escondeu o rosto nas mãos e desatou a chorar. Só daí a muito tempo voltou a falar.

— Tenho saudades do pai e da mãe também — choramingou. — E de Sasa e de Rahim Khan Sahib. Mas às vezes fico contente por eles já não... já não estarem cá.

— Porquê? — Pus a mão no ombro dele. Sohrab repeliu-a.

— Porque... — respondeu entre soluços —, porque não quero que eles me vejam... tão sujo. — Inspirou profundamente e soltou um longo suspiro. — Tão sujo e cheio de pecados.

— Não estás sujo, Sohrab.

— Aqueles homens...

— Não estás sujo.

— ... fizeram coisas... o homem mau e os outros dois... fizeram coisas... fizeram coisas comigo.

— Não estás sujo nem cheio de pecados. — Voltei a tocar-lhe no braço e ele voltou a desviar-se. Estendi a mão mais uma vez e puxei-o devagar para junto de mim. — Não vou fazer-te mal — segredei. — Prometo. — Ele ofereceu menos resistência. Descontraiu-se um pouco. Deixou-me abraçá-lo e encostou a cabeça ao meu peito. O seu pequeno corpo estremecia a cada soluço.

Existe uma afinidade entre pessoas amamentadas pelo mesmo peito. Naquele instante, enquanto a dor do rapaz encharcava a minha camisa, percebi que também entre nós se estabelecera uma afinidade. O que se tinha passado naquela sala com Assef unira-nos irremediavelmente.

Eu estava à espera da altura certa, do momento certo, para lhe fazer a pergunta que não me saía da cabeça, que me impedia de dormir. Decidi que aquele era o momento e aquele o local, com a luz da casa de Deus a iluminar-nos.

— Queres vir para a América viver comigo e com a minha mulher?

Sohrab não respondeu. Continuou a ensopar-me a camisa e eu deixei.

Durante uma semana, nenhum de nós tocou no assunto, como se a pergunta nunca tivesse sido feita. Até que um dia Sohrab e eu fomos de táxi ao Miradouro de Daman-e-Koh, ou o sopé da montanha. Empoleirado a meio dos montes Margalla, tem uma vista magnífica sobre Islamabad, as filas de avenidas limpas, ladeadas de árvores e casas brancas. O condutor disse que podíamos ver o palácio presidencial lá de cima.

— Depois das chuvas, quando o ar fica limpo, vê-se para lá de Rawalpindi — explicou. Pelo espelho retrovisor vi os olhos dele a saltar de Sohrab para mim, de um lado para o outro, de um lado para o outro. Vi também o meu próprio rosto. Já estava menos inchado, as várias nódoas tinham desaparecido, deixando-o com um tom amarelado.

Sentámo-nos num banco na zona reservada a piqueniques, à sombra de uma árvore-da-borracha. O dia estava quente, o Sol brilhava no céu azul-topázio. Nos bancos perto de nós, famílias comiam chamuças e *pakoras*. Algures, um rádio tocou uma canção indiana que eu recordava de um filme antigo, talvez *Pakeeza*. Miúdos, muitos deles da idade de Sohrab, davam toques na bola, riam, gritavam. Lembrei-me do orfanato de Karteh-Seh, da ratazana que passara a correr entre os meus pés no escritório de Zaman. Senti um nó na garganta e uma súbita indignação pela forma como os meus conterrâneos estavam a destruir a sua própria terra.

— O que tens? — perguntou Sohrab. Forcei um sorriso e respondi que não era nada.

Colocámos uma das toalhas do hotel em cima da mesa de piquenique e jogámos *panjpar* em cima dela. Era bom estar ali, com o filho do meu meio-irmão, a jogar às cartas, o calor do Sol a afagar-

me a nuca. A canção terminou, mas começou logo outra, uma que eu não reconheci.

— Olha — disse Sohrab. Estava a apontar para cima com as cartas. Olhei para o céu, vi um falcão rodopiar no céu distante e imenso.

— Não sabia que havia falcões em Islamabad — observei.

— Nem eu — disse Sohrab, seguindo com o olhar a trajetória da ave. — E lá onde vives?

— Em São Francisco? Creio que sim. Embora não possa dizer que tenha visto muitos.

— Oh — respondeu. Tive esperança de que ele me fizesse mais perguntas, mas voltou a dar as cartas e perguntou se podíamos comer. Passei-lhe a sanduíche de almôndegas. O meu almoço consistia em mais um batido de banana e laranja. Alugara ao senhor Fayyaz um liquidificador por uma semana. Bebi-o pela palhinha e a minha boca encheu-se do sabor doce da mistura de fruta. Deixei escorregar um pouco pelos cantos da boca. Sohrab estendeu-me um guardanapo e ficou a ver-me limpar os lábios. Sorri e ele também.

— O teu pai e eu éramos irmãos — disse. Saiu-me de repente, sem mais nem menos. Quis contar-lhe na noite da nossa conversa junto à mesquita, mas não o fiz. No entanto, ele tinha o direito de saber; eu não queria esconder mais nada. — Meios-irmãos, para dizer a verdade. Tínhamos o mesmo pai.

Sohrab parou de mastigar. Pousou a sanduíche.

— O pai nunca me disse que tinha um irmão.

— Ele não sabia.

— Não sabia como?

— Ninguém lhe disse. A mim também não. Só soube há pouco tempo.

Sohrab pestanejou. Como se estivesse a ver-me, a ver-me mesmo, pela primeira vez.

— Mas porque é que esconderam isso do pai e de ti?

— Sabes, ainda ontem fiz essa pergunta a mim próprio. E há uma razão, embora não seja uma boa razão. Digamos que era esquisito o teu pai e eu sermos irmãos.

— Por ele ser um hazara?

Esforcei-me por não desviar os olhos dele.

— Sim.

— O teu pai — começou ele, mirando a sanduíche —, o teu pai gostava tanto de ti como do meu pai?

Lembrei-me de um dia longínquo, no lago Ghargha, em que Baba se permitira dar uma palmadinha nas costas de Hassan quando a pedra dele deu mais saltos que a minha. Imaginei Baba na enfermaria do hospital, radiante quando tiraram o penso da boca de Hassan.

— Acho que gostava tanto de um como de outro, mas de maneiras diferentes.

— Tinha vergonha do meu pai?

— Não — respondi. — Acho que tinha vergonha de si mesmo.

Pegou na sanduíche e começou a mordiscá-la.

O passeio acabou tarde e chegámos cansados do calor, mas era um cansaço bom. Durante todo o caminho de volta senti os olhos de Sohrab em cima de mim. Pedi ao condutor para parar junto a uma loja que vendia cartões credifone. Dei-lhe o dinheiro e uma gorjeta para ele me comprar um.

Nessa noite, deitámo-nos nas nossas camas a ver um programa de televisão. Dois clérigos de longas barbas cinzentas e turbantes brancos aceitavam chamadas de fiéis de todo o mundo. Um espectador da Finlândia, um tipo chamado Ayub, perguntou se o seu filho adolescente iria para o inferno por usar calças largas e de cintura tão descaída que deixava à vista o cós das cuecas.

— Uma vez vi uma fotografia de São Francisco — disse Sohrab.

— A sério?

— Tinha uma ponte vermelha e uma construção em bico.

— Havias de ver as ruas.

— O que é que têm as ruas? — Agora olhava para mim. No ecrã da televisão, dois mulás analisavam o problema.

— São tão íngremes que quando vamos a subir só vemos o capô do carro e o céu.

— Deve meter medo — respondeu. Deitou-se de lado, virado para mim, de costas para a televisão.

— Só ao princípio. Mas depois habituamo-nos.

— Lá há neve?

— Não, mas há muito nevoeiro. Estás a ver a tal ponte vermelha?

— Estou.

— Há dias em que o nevoeiro é tão denso que só se veem os picos das duas torres.

— Oh — disse, com um sorriso, maravilhado.

— Sohrab?

— Sim?

— Já pensaste na proposta que te fiz?

Deixou de sorrir. Cruzou as mãos atrás da cabeça. Os mulás concluíram que o filho de Ayub iria realmente para o inferno por usar aquele modelo de calças. Disseram que vinha nos *haddith*.

— Pensei — respondeu Sohrab.

— E então?

— Tenho medo.

— Compreendo que te assustes — disse, agarrando um último fio de esperança. — Mas vais aprender inglês num instante e depois...

— Não era isso que eu queria dizer. Isso também me assusta, mas...

— Mas o quê?

Voltou a virar-se na minha direção. Dobrou os joelhos.

— E se te fartas de mim? Se a tua mulher não gosta de mim?

Saí da cama e percorri o espaço que nos separava. Sentei-me na cama dele.

— Nunca me vou fartar de ti, Sohrab. Nunca. É uma promessa. És meu sobrinho, não te esqueças. E Soraya Jan é muito simpática. Acredita, vai gostar muito de ti. Também é uma promessa. — Resolvi arriscar. Peguei na mão dele. Ele sobressaltou-se um pouco mas deixou-me segurá-la.

— Não quero ir para outro orfanato — disse.

— Nunca deixarei que isso aconteça. Prometo-te. — Apertei a mão dele nas minhas. — Vem comigo.

As lágrimas de Sohrab encharcaram o travesseiro. Durante algum tempo não falou. Depois a mão dele apertou a minha. E a cabeça dele disse que sim. Que sim.

Era a quarta vez que eu tentava a ligação. O telefone tocou três vezes e lá atenderam.

— Está lá? — Eram sete e meia da tarde em Islamabad e mais ou menos sete e meia da manhã na Califórnia. O que queria dizer que Soraya estava acordada havia uma hora, a preparar-se para ir para a escola.

— Sou eu — disse, sentado na cama, a ver Sohrab dormir.

— Amir! — Ela quase gritou. — Estás bem? Onde estás?

— No Paquistão.

— Porque não me telefonaste mais cedo? Tenho andado doida de *tashweesh*! A minha mãe reza e faz *nazr* todos os dias.

— Desculpa não ter falado. Estou ótimo, agora — dissera-lhe que demoraria uma semana, duas no máximo, e já lá ia quase um mês. Sorri: — E diz a Khala Jamila que não mate mais carneiros.

— «Ótimo, agora»? E que voz é essa?

— Não te preocupes, estou bem. A sério. Soraya, tenho uma história para te contar, uma história que já te devia ter contado há muito tempo, mas primeiro tenho de te dizer uma coisa.

— O quê? — perguntou, agora num tom mais baixo, mais cauteloso.

— Não vou para casa sozinho. Levo um rapazinho comigo. — Fiz uma pausa. — Quero adotá-lo.

— O quê?

Olhei para o relógio.

— Só tenho mais cinquenta e sete minutos neste estúpido cartão e preciso de te contar tanta coisa. Senta-te. — Ouvi-a arrastar uma cadeira pelo chão de madeira.

— Despacha-te — disse ela.

Depois fiz o que nunca tinha feito em quinze anos de casamento: contei tudo à minha mulher. Tudo. Tinha imaginado aquele momento tantas vezes, apavorado, mas, à medida que ia falando, sentia-me cada vez mais leve. Calculei que Soraya tivesse sentido algo muito semelhante na noite do nosso *khastegari*, quando me falou do seu passado.

Quando a minha narrativa chegou ao fim, ela estava a chorar.

— Que me dizes? — perguntei.

— Não sei que pensar, Amir. Contaste tantas coisas ao mesmo tempo.

— Eu sei.

Ela assoou-se.

— Mas duma coisa tenho a certeza. Tens que o trazer para cá. Quero que o faças.

— Tens a certeza? — perguntei, de olhos fechados, a sorrir.

— Se tenho a certeza? Amir, é o teu *qaom*, é da tua família, por isso também é meu *qaom*. Claro que tenho a certeza. Não podes deixá-lo ao deus-dará. — Fez uma curta pausa. — Como é que ele é?

Olhei para Sohrab, que dormia na cama ao lado.

— Tem um ar doce, mas solene.

— Não podia ser doutra maneira. Quero vê-lo, Amir. Quero mesmo.

— Soraya?

— Sim.

— *Dostet darum* — amo-te.

— Eu também te amo — respondeu. Percebi que estava a sorrir. — E tem cuidado.

— Terei. Só mais uma coisa. Não digas aos teus pais quem ele é. Quem tem de lhes contar tudo sou eu.

— Está bem.

Desligámos.

* * *

O relvado em frente à Embaixada americana em Islamabad estava impecável, semeado de canteiros redondos cheios de flores, rodeados por sebes bem aparadas. O edifício em si era igual a muitos outros em Islamabad: liso e branco. Passámos por vários guardas para lá chegar e três seguranças revistaram-me da cabeça aos pés depois de os arames dos meus maxilares terem acionado o detetor de metais. Quando finalmente saímos do calor, o ar condicionado atingiu o meu rosto como um bloco de gelo. A secretária que estava no átrio, uma mulher loura de rosto magro de cinquenta e tal anos, sorriu quando lhe disse o meu nome. Estava de blusa bege e calças pretas — há semanas que não via uma mulher que não usasse burca ou *shalwar-kameez*. Procurou o meu nome na lista das marcações, batendo com a borracha do lápis no tampo da mesa. Encontrou-o e mandou-me sentar.

— Deseja uma limonada? — perguntou.

— Não, obrigado.

— E o seu filho?

— Perdão?

— Esse menino bonito — perguntou, sorrindo a Sohrab.

— Oh, ele havia de gostar, muito obrigado.

Sohrab e eu sentámo-nos no sofá de couro preto em frente à receção, ao lado de uma bandeira americana. Sohrab foi buscar uma das revistas que estavam em cima de uma mesa baixa. Folheou-a, sem prestar muita atenção às fotografias.

— O que foi? — perguntou-me.

— O que foi o quê?

— Estás a rir-te.

— Estava a pensar em ti.

Fez um sorriso nervoso. Pegou noutra revista e viu-a em trinta segundos.

— Não tenhas medo — disse-lhe, fazendo-lhe uma festa no braço. — Aqui é tudo gente simpática. Descontrai-te. — Bem podia ter dito o mesmo a mim próprio. Não conseguia estar quieto no meu lugar, a apertar e a desapertar os atacadores dos sapatos. A secretária colocou um copo de limonada em cima da mesa das revistas.

— Ora aqui está — disse.

Sohrab fez um sorriso tímido.

— Muito obrigado — disse em inglês. Embora trocasse algumas letras. Era tudo o que ele sabia dizer em inglês, para além de «bom dia».

A mulher riu-se.

— Não tens de quê. — Voltou a sentar-se à secretária, batendo com os saltos altos no chão.

— Bom dia — disse Sohrab.

Raymond Andrews era um homem baixo com mãos pequenas, unhas impecavelmente tratadas e aliança de casamento no dedo anelar. Apertou-me a mão sem quase fazer força: senti que estava a espremer um pardal. «É nestas mãos que está o nosso destino», pensei, enquanto Sohrab e eu nos sentávamos à frente da sua mesa. Um cartaz a anunciar o espetáculo *Les Misérables* estava

pregado à parede por detrás de Andrews, ao lado de um mapa topográfico dos EUA. Um vaso com tomateiros apanhava sol no parapeito da janela.

— Fuma? — perguntou, numa voz de barítono que não condizia com a sua estatura delicada.

— Não, obrigado — respondi, ignorando o facto de Andrews praticamente não ter olhado para Sohrab. Abriu uma gaveta da secretária e acendeu um cigarro que tirou do maço meio vazio. Tirou também um frasco de loção da mesma gaveta. Olhou para os tomateiros enquanto passava loção nas mãos, de cigarro ao canto da boca. Em seguida fechou a gaveta, pôs os cotovelos em cima do tampo e expeliu o fumo.

— Ora bem — disse, semicerrando os olhos por causa do fumo —, conte lá a sua história.

Senti-me igual ao Jean Valjean diante de Javert. Repeti para comigo que me encontrava em território americano, que aquele tipo estava do meu lado e era pago para ajudar pessoas na minha situação.

— Quero adotar este rapaz, levá-lo comigo para os Estados Unidos.

— Conte lá a sua história — voltou a dizer, retirando um floco de cinza do imaculado tampo da secretária com a ponta do dedo mindinho e largando-o no cesto dos papéis.

Contei-lhe a versão que preparara mentalmente desde a conversa com Soraya. Que tinha ido ao Afeganistão buscar o meu meio-irmão. Encontrara o rapaz em condições miseráveis num orfanato. Pagara uma boa quantia ao diretor do orfanato para tirar de lá o miúdo. Depois trouxera-o para o Paquistão.

— É meio-tio do rapaz?

— Sou.

Olhou para o relógio de pulso. Inclinou-se e rodou os vasos dos tomateiros.

— Há alguém que possa confirmá-lo?

— Sim, só que não sei onde se encontra neste momento.

Voltou-se para mim e baixou a cabeça. Tentei interpretar a expressão dele, mas em vão. Perguntei-me se ele alguma vez tentara jogar póquer com aquelas mãozinhas.

— Receio que esses arames nos maxilares não revertam muito a seu favor — disse. Estávamos tramados, Sohrab e eu, percebi nesse instante. Disse-lhe que tinha sido assaltado em Peshawar.

— Claro, claro — respondeu. Aclarou a garganta. — É muçulmano?

— Sou.

— Praticante?

— Sim — para dizer a verdade, já nem me lembrava da última vez que encostara a testa ao chão, que rezara. Depois lembrei-me: foi no dia em que o Dr. Amani diagnosticou o problema de Baba. Depois de ouvi-lo, ajoelhei-me no tapete, recordando apenas fragmentos dos versos que aprendera na escola.

— Ajuda um pouco, mas não muito — declarou, coçando o cabelo impecável, cor de areia.

— Que quer dizer com isso? — perguntei. Peguei na mão de Sohrab, entrelacei os meus dedos nos dele. Sohrab olhava, ora para mim ora para Andrews.

— Há uma resposta longa que decerto acabará por conhecer. Não prefere que eu lhe dê a curta?

— Talvez.

Andrews apagou o cigarro, de lábios cerrados.

— Desista.

— Perdão?

— Do requerimento para adotar esse rapaz. Desista. É o que lhe aconselho.

— Isso já percebi. Mas gostava era de saber porquê.

— Ora isso já nos leva à tal resposta longa — disse, num tom impassível, indiferente à minha reação. Encostou as palmas das mãos uma à outra, como se fosse rezar à Virgem Maria. — Vamos supor que a história que me contou é verdadeira, embora eu aposte a minha pensão em como há nela muita invenção ou pelo menos omissão. Não que eu tenha alguma coisa que ver com isso, note bem. O senhor está aqui, ele está aqui, é o que interessa. Mesmo assim, o seu requerimento encontrará obstáculos, um dos quais é que este rapaz não é órfão.

— Claro que é órfão.

— Não, legalmente não é.

— Os pais dele foram executados no meio da rua. Os vizinhos assistiram a tudo — expliquei, dando graças a Deus por estarmos a falar em inglês.

— Tem as certidões de óbito?

— Certidões de óbito? Por favor, estamos no Afeganistão. A maioria das pessoas nem certidões de nascimento tem!

Os olhos vítreos do homem nem pestanejaram.

— Não sou eu que faço as leis, meu caro senhor. Por mais que isso o indigne, tem que provar que os pais estão mortos. O rapaz tem que ser legalmente declarado órfão.

— Mas...

— Quis a resposta comprida, estou a dar-lha. O problema seguinte é ser necessária a cooperação do país de origem da criança. Ora isso é difícil, mais a mais, como o senhor disse, estando nós no Afeganistão. Não há Embaixada americana em Cabul. Isso complica muito as coisas. Torna-as quase impossíveis.

— Acha então que devo deixá-lo no meio da rua?

— Eu não disse isso.

— Ele foi vítima de abuso sexual — disse, lembrando-me das campainhas nos tornozelos de Sohrab, dos olhos pintados.

— Lamento muito — disse Andrews. No entanto, pelo modo como me olhava, dir-se-ia que estava a falar do tempo. — Mas isso não vai fazer o INS emitir um visto para o rapaz.

— O que é que está a dizer?

— Estou a dizer que, se quer ser útil, faça um donativo a uma organização humanitária. Vá trabalhar como voluntário para um campo de refugiados. Mas neste momento não aconselhamos cidadãos americanos a adotar crianças afegãs.

Levantei-me.

— Anda, Sohrab — disse em parse. Sohrab agarrou-se a mim, com a cabeça encostada à minha anca. Lembrei-me da fotografia dele e de Hassan.

— Posso fazer-lhe uma pergunta, Mister Andrews?

— Faça favor.

— Tem filhos?

Pela primeira vez, pestanejou.

— Tem ou não? Não é uma pergunta difícil.

Ficou calado.

— Eu logo vi — respondi, pegando na mão de Sohrab. — Deviam pôr no seu lugar alguém que saiba o que é querer ter um filho. — Dirigi-me à porta, arrastando Sohrab atrás de mim.

— Agora posso eu fazer-lhe uma pergunta?

— À vontade.

— Prometeu ao miúdo que o levava consigo?

— Talvez, qual é o problema?

Abanou a cabeça.

— O problema é que não se deve prometer nada a uma criança — suspirou, voltando a abrir a gaveta da secretária. — E quer mesmo levar isto avante? — perguntou, procurando qualquer coisa entre a papelada.

— Quero mesmo levar isto avante.

Entregou-me um cartão de visita.

— Então arranje um bom advogado especializado em adoções. Omar Faisal trabalha aqui, em Islamabad. Diga que vai da minha parte.

Peguei no cartão.

— Obrigado — murmurei.

— Boa sorte — disse ele. Ao sair, espreitei por cima do ombro. Andrews estava de pé, no meio de um retângulo de luz, olhando distraidamente pela janela enquanto virava os tomateiros para o sol, acariciando os vasos com ternura.

— Tenha cuidado — disse a secretária, quando passámos por ela.

— O seu chefe precisava de umas aulas de boas maneiras — disse, esperando que ela concordasse, dissesse qualquer coisa como: «Pois é, todos se queixam do mesmo.» Mas em vez disso ela baixou a voz:

— Pobre Ray. Nunca mais foi o mesmo desde que lhe morreu a filha.

Franzi o sobrolho.

— Suicídio — segredou ela.

Na viagem de táxi para casa, Sohrab encostou a cabeça à janela, a ver os edifícios que se sucediam e as filas de árvores-da-borracha. A respiração dele embaciava o vidro, ele limpava-o,

punha-o turvo outra vez. Esperei que ele me fizesse qualquer pergunta sobre o que acontecera, mas não fez.

A porta da casa de banho estava fechada e lá dentro a água corria para a banheira. Desde o dia em que nos instalámos no hotel, Sohrab tomava um grande banho todas as noites antes de ir para a cama. Em Cabul, a água quente corrente era como os pais, um bem cada vez mais raro. Agora Sohrab passava quase uma hora por dia na banheira, de molho na água com sabão, a esfregar-se. Sentado na cama, telefonei a Soraya. Espreitei o fio de luz que se via por baixo da porta. «Achas que já estás limpo, Sohrab?»

Descrevi a Soraya a minha conversa com Raymond Andrews.

— Que achas? — perguntei.

— Ele não pode ter razão — disse-me ela, disse também que contactara várias agências que se encarregavam de adoções internacionais. Ainda não tinha encontrado uma que trabalhasse com o Afeganistão, mas havia de descobri-la.

— Como é que os teus pais receberam a notícia?

— *Madar* está muito contente por nós. Sei como ela gosta de ti, Amir, para ela, tudo o que fizeres está certo. *Padar*... como sempre, é um pouco mais difícil de convencer. Anda pouco falador.

— E tu? Sentes-te feliz?

Ouvi-a passar o auscultador para a outra mão.

— Acho que vai ser bom para o teu sobrinho, mas ele também nos vai fazer bem a nós.

— É o que eu penso.

— Sei que parece idiota, mas dou comigo a pensar qual será a sua *qurma* preferida, a disciplina de que vai gostar mais na escola. Imagino-me a ajudá-lo a fazer os trabalhos de casa... — desatou a rir-se. Na casa de banho, a água tinha parado de correr. Ouvi Sohrab entrar na banheira, mexer-se, entornar água.

— Vais ser fantástica — respondi.

— Oh, ia-me esquecendo! Falei ao Kaka Sharif.

Lembrei-me de ouvi-lo recitar no nosso *nika* um poema escrito em papel timbrado do hotel. O filho dele segurara o Alcorão por cima de nós, quando Soraya e eu nos dirigimos ao estrado, sorrindo para as câmaras.

— O que disse ele?

— Bem, vai ver o que pode fazer por nós. Contactar os amigalhaços do INS.

— Isso é uma ótima notícia — respondi. — Estou morto por que conheças Sohrab.

— E eu morta por vos ver.

Desliguei com um sorriso.

Minutos depois, Sohrab saiu da casa de banho. Quase não tinha aberto a boca desde a reunião com Raymond Andrews e às minhas tentativas de fazer conversa tinha sempre respondido com a cabeça ou monossílabos. Meteu-se na cama, puxou o cobertor até ao pescoço. Pouco depois ouvi-o ressonar.

Limpei o espelho embaciado e barbeei-me com uma das antigas máquinas de barbear do hotel, daquelas que se abrem para lhes mudarmos a lâmina. Depois tomei banho, enfiei-me na banheira até a água arrefecer, deixando a minha pele enrugada. Fiquei ali a pensar, a interrogar-me, a imaginar...

* * *

Omar Faisal era gordo, moreno, tinha covas nas faces e um sorriso afável que revelava a falta de vários dentes. O cabelo grisalho e ralo estava atado num rabo de cavalo. Usava um fato de bombazina castanha com remendos de cabedal nos cotovelos e carregava uma pasta velha e a abarrotar. Já não tinha pega, por isso levava-a ao colo. Era daqueles tipos que começam as frases com uma gargalhada e um «desculpe» desnecessário, por exemplo: «Desculpe, encontramo-nos às cinco.» Gargalhada. Quando lhe telefonei, insistiu em vir ele ter connosco.

— Desculpe, os taxistas desta cidade são uns tubarões — disse num inglês perfeito, sem qualquer sotaque. — Cheiram um estrangeiro à distância e triplicam a tarifa.

Empurrou a porta, sempre a sorrir e a pedir desculpa, ofegante e suado. Limpou a testa com um lenço e abriu a pasta, procurou um bloco de notas e voltou a pedir desculpa, desta vez pelos papéis que caíram para cima da cama. Sentado de pernas cruzadas na sua cama, Sohrab tinha um olho na televisão sem som, outro no solícito advogado. Eu tinha-lhe explicado de manhã que Faisal viria falar connosco, ele fez que sim com a cabeça e quase perguntou

qualquer coisa, mas acabou por concentrar a sua atenção num programa com animais que falavam.

— Ora aqui está — disse Faisal, abrindo um bloco de folhas amarelas. — Espero que os meus filhos saiam à mãe no que toca a organização. Desculpe, provavelmente não é o melhor cartão de visita para um advogado — e riu-se.

— Raymond Andrews tem muita admiração por si.

— Mister Andrews. Sim, sim. Um bom homem. Na verdade, telefonou-me a falar do seu caso.

— Telefonou?

— Sim, sim.

— Sendo assim, conhece a situação.

Faisal enxugou as gotas de transpiração por cima do lábio superior.

— Conheço a versão que contou a Mister Andrews — respondeu. Sorriu, fazendo aparecer as covas das faces. Virou-se para Sohrab. — Este deve ser o rapaz que nos meteu nestes assados — disse em parse.

— Apresento-lhe Sohrab. Sohrab, este é Mister Faisal, o advogado de que te falei.

Sohrab desceu da cama e apertou a mão a Omar Faisal.

— *Salaam alaykum* — disse, em voz baixa.

— *Alaykum salaam*, Sohrab — respondeu Faisal. — Sabes que tens o nome de um grande guerreiro?

Sohrab fez que sim com a cabeça. Voltou a subir para cima da cama. Deitou-se de lado e pôs-se a ver televisão.

— Fala muito bem parse — comentei em inglês. — Nasceu em Cabul?

— Não, nasci em Carachi. Mas vivi muitos anos em Cabul. Shar-e-Nau, perto da Mesquita Haji Yaghoub — disse Faisal. — Cresci em Berkely, na verdade. O meu pai abriu lá uma loja de discos em finais dos anos sessenta. Amor livre, cabelos compridos, flores, essas coisas todas — inclinou-se para a frente. — Estive no Woodstock.

— Bestial — comentei, e Faisal riu tanto que ficou outra vez todo suado. — Seja como for — continuei —, o que eu contei a Mister

Andrews foi a versão verdadeira, mais coisa menos coisa. Mas vou dar-lhe a versão não censurada.

Lambeu um dedo, procurou uma folha em branco no bloco, tirou a tampa da caneta.

— Faça isso, Amir. E pode falar inglês de agora em diante.

— Ótimo.

Contei-lhe tudo o que tinha acontecido. O meu encontro com Rahim Khan, a viagem a Cabul, o orfanato, o apedrejamento no Estádio Ghazi.

— Deus meu — murmurou ele. — Desculpe, guardo tão boas recordações de Cabul. Custa-me a acreditar que está a falar da mesma cidade.

— Tem ido lá ultimamente?

— Deus me livre.

— Não é Berkely, isso garanto-lhe eu.

— Continue.

Contei o resto, o encontro com Assef, a luta, Sohrab e a fisga, a nossa fuga para o Paquistão. Quando terminei, ele rabiscou umas notas, inspirou e olhou-me com atenção.

— Bem, Amir, tem uma batalha difícil à sua frente.

— Mas posso ganhar?

Colocou a tampa na caneta.

— Não querendo parecer Raymond Andrews, acho pouco provável. Não impossível, mas improvável — desapareceu o sorriso afável, o olhar brincalhão.

— Mas são os miúdos como Sohrab que precisam de um lar — reclamei. — Essas regras e esses regulamentos quanto a mim não fazem sentido.

— Está a pregar o padre-nosso ao vigário, Amir. A verdade é que com as atuais leis da imigração, as políticas de adoção e a situação política do Afeganistão, tudo está contra si.

— Não compreendo — respondi. Apetecia-me bater em qualquer coisa. — Quero dizer, percebo, mas não compreendo.

Omar concordou com a cabeça, de testa franzida.

— Bem, é assim. No rescaldo de uma catástrofe, quer natural, quer provocada pelos seres humanos, e os talibãs são uma catástrofe, Amir, pode acreditar em mim, é sempre difícil asseverar

que uma criança é órfã. Os miúdos são afastados dos pais e postos em campos de refugiados, ou os pais abandonam-nos porque não conseguem tomar conta deles. Está sempre a acontecer. Por isso o INS só concede vistos quando a criança satisfaz os requisitos necessários para ser considerada órfã. Lamento muito, sei que é ridículo, mas é mesmo preciso ter as certidões de óbito.

— Conhece o Afeganistão. Sabe que isso é praticamente impossível.

— Claro que sei. Mas suponhamos que é óbvio que a criança não tem pais vivos. Mesmo assim, o INS considera preferível que a criança seja adotada por alguém com residência no seu país, para que a herança cultural seja preservada.

— Qual herança? Os talibãs destruíram a que havia. Viu o que fizeram aos budas gigantes em Bamiyan.

— Desculpe, estou a explicar-lhe como funciona o INS, Amir — disse Omar, pousando a mão no meu braço. Olhou para Sohrab e sorriu. Virou-se para mim. — Ora uma criança para ser legalmente adotada tem de observar as leis em vigor no seu país. Mas quando o país está numa situação como a do Afeganistão, os departamentos oficiais têm muitas emergências para resolver e os processos de adoção não são prioritários.

Suspirei e esfreguei os olhos. Uma dor de cabeça começava a instalar-se atrás deles.

— Mas suponhamos que, não sei como, a situação no Afeganistão se resolve — disse Omar, cruzando os braços sobre a enorme barriga. — Mesmo assim, a adoção pode não ser possível. Na verdade, mesmo as nações muçulmanas mais moderadas hesitam quanto às adoções, porque em muitos desses países a lei islâmica, a *shari'a,* não reconhece a adoção.

— Está a aconselhar-me a desistir? — perguntei, levando a mão à testa.

— Cresci nos Estados Unidos, Amir. Se a América me ensinou alguma coisa, foi que desistir é a última coisa a fazer. Mas, como advogado, tenho de o pôr ao corrente dos factos. Finalmente, as agências de adoção têm por norma enviar representantes para avaliar o meio em que as crianças vivem e nenhuma agência vai enviar um funcionário ao Afeganistão.

Olhei para Sohrab, sentado na cama, a ver televisão, a observar-nos. Estava sentado com o queixo apoiado num joelho, exatamente a posição preferida do pai.

— Sou meio-tio dele, isso não conta?

— Conta se conseguir prová-lo. Desculpe, tem documentos, qualquer coisa que possa ajudá-lo?

— Não — respondi numa voz cansada. — Ninguém sabia. Fui eu que contei a Sohrab e eu próprio só o soube há pouco tempo. A única outra pessoa que sabe desapareceu, talvez tenha morrido.

— Hummm.

— Que hipóteses tenho, Omar?

— Vou seu sincero. Não tem muitas.

— Então, que hei de fazer, meu Deus?

Omar inspirou, bateu com o lápis no queixo, expirou.

— Pode mesmo assim tentar um pedido de adoção e esperar que tudo corra bem. Podia ser uma adoção independente. Isso significa que teria de viver com Sohrab aqui no Paquistão ininterruptamente durante dois anos. Pedia asilo político em nome dele. É um processo demorado e teria de provar que é perseguido politicamente. Requeria um visto humanitário. É passado pelo procurador-geral e não é fácil consegui-lo — fez uma pausa. — Há uma alternativa, talvez a melhor.

— Qual é? — perguntei, inclinando-me para ele.

— Entregava-o a um orfanato daqui e só depois fazia o pedido de adoção. Enquanto corria o I-600 e o estudo do caso ele estava em segurança.

— Corria o quê?

— Desculpe, o I-600 é uma formalidade do INS. O estudo do caso é efetuado pela agência de adoção que escolher — explicou Omar. — Sabe, é para terem a certeza de que os pais adotivos não são doidos varridos.

— Não quero fazer isso — disse, voltando a olhar para Sohrab. — Prometi-lhe que não voltaria a um orfanato.

— Como já disse, é capaz de ser a melhor alternativa.

Conversámos mais algum tempo. Depois acompanhei-o ao carro, um velho *VW Carocha*. O Sol estava a pôr-se em Islamabad, nimbos que pareciam flamingos vermelhos a leste. Vi o carro oscilar

sob o peso de Omar enquanto ele, não sei como, se encaixou no lugar do condutor. Abriu a janela.

— Amir?

— Sim.

— Queria dizer-lhe uma coisa, isto que decidiu fazer é fantástico.

O carro arrancou e ele acenou-me. Enquanto, da porta, lhe retribuía o aceno, desejei que Soraya estivesse comigo.

Sohrab tinha desligado a televisão quando voltei para o quarto. Sentei-me à beira da cama e pedi-lhe para vir para ao pé de mim.

— Mister Faisal diz que há uma maneira de eu te levar comigo para a América — disse-lhe.

— Há? — perguntou Sohrab, sorrindo pela primeira vez em muitos dias. — Quando podemos ir?

— Bem, aí é que está o problema. Pode levar muito tempo. Mas ele diz que é possível e que vai ajudar-nos. — Pus a mão na nuca dele. Lá fora, a chamada à oração ecoou pelas ruas.

— Quanto tempo? — perguntou Sohrab.

— Não sei. Algum.

Sohrab encolheu os ombros e sorriu, um sorriso mais largo desta vez.

— Não faz mal. Não me importo de esperar. É como as maçãs azedas.

— Maçãs azedas?

— Um dia, quando eu era muito pequeno, trepei a uma árvore e comi maçãs verdes, azedas. O meu estômago inchou e ficou tenso como um tambor, doeu que se fartou. A mãe disse que, se eu tivesse esperado que as maçãs amadurecessem, não tinha ficado mal da barriga. Por isso agora, quando eu quero muito qualquer coisa, lembro-me do que ela disse sobre as maçãs.

— Maças azedas — repeti. — *Mashallah*, és o miúdo mais esperto que conheci na vida, Sohrab. — Ele corou até às orelhas.

— Levas-me à tal ponte vermelha? A do nevoeiro? — perguntou.

— Claro. Claro.

— E podemos subir aquelas ruas, aquelas onde só se vê o capô do carro e o céu?

— Todas! — respondi. Sentia os olhos cheios de lágrimas mas tentei retê-las.

— É muito difícil aprender inglês?

— Dou-te um ano para ficares a falar tão bem inglês como parse.

— A sério?

— A sério. — Pus um dedo no queixo dele e voltei-o para mim. — Há outra coisa, Sohrab.

— O que é?

— Bem, Mister Faisal achava uma grande ajuda... se ficasses num lar para crianças durante algum tempo.

— Lar para crianças? Um orfanato, é o que isso quer dizer?

— É só durante algum tempo.

— Não — respondeu. — Não, por favor.

— Sohrab, só durante algum tempo. Pouco, prometo.

— Prometeste que não me punhas num lugar desses, Amir Agha — disse. A voz tremia-lhe, os olhos começavam a encher-se de lágrimas. Senti-me mal.

— Desta vez é diferente. Ficavas aqui, em Islamabad, não em Cabul. E eu visitava-te todos os dias até poder tirar-te de lá e levar-te para a América.

— Por favor! Não, por favor! Tenho medo. Vão tratar-me mal! Não quero ir.

— Ninguém vai tratar-te mal. Nunca mais na vida.

— Vão, pois! Dizem sempre que não, mas é mentira. São uns mentirosos! Por favor!

Com o polegar, limpei a lágrima que já lhe escorria pelo rosto.

— Lembras-te das maçãs azedas? É a mesma coisa.

— Não é, não senhor! Esses lugares não são! Oh, meu Deus. Por favor, não. — Todo ele tremia, a cara coberta de lágrimas e ranho.

— Sossega. — Encostei-o a mim, abracei aquele corpo trémulo. — Sossega. Vai correr tudo bem. Vamos para casa juntos. Vais ver. Vai correr tudo bem.

Com a boca encostada ao meu peito, mal se ouvia o que ele estava a dizer, mas senti o pânico que havia naquela voz.

— Por favor, promete! Meu Deus, Amir Agha! Por favor promete que não!

Como podia eu prometer? Apertei-o contra mim, com força, e embalei-o. Ele chorou para cima da minha camisa até ficar sem lágrimas, até parar de tremer e as suas preces urgentes se

transformarem em murmúrios indecifráveis. Esperei, embalei-o até ele começar a respirar normalmente e a descontrair o corpo. Lembrei-me de uma coisa que tinha lido tempos atrás: «É assim que as crianças lidam com o pavor. Dormem.»

Levei-o ao colo para a cama. Deitei-o. Em seguida deitei-me eu, e fiquei a olhar pela janela o céu roxo que envolvia Islamabad.

O céu estava negro quando o telefone tocou e me fez pular da cama. Esfreguei os olhos e acendi a luz da mesa de cabeceira. Passava um pouco das dez e meia da noite; tinha dormido quase três horas. Peguei no auscultador.

— Estou?

— Tem uma chamada da América — disse a voz aborrecida de Mr. Fayyaz.

— Obrigado — respondi. A luz da casa de banho estava acesa; Sohrab tomava o seu banho. Ouvi uns estalidos e depois Soraya:

— *Salaam!* — estava muito animada.

— Olá.

— Como correu a reunião com o advogado?

Contei-lhe a sugestão que Omar Faisal fizera.

— Bem, podes esquecer isso tudo — disse ela. — Não vai ser preciso.

Sentei-me na cama.

— *Rawsti?* Porquê?

— Tive notícias de Kaka Sharif. Disse que o principal era trazer Sohrab para cá. Depois de ele aqui estar, há muitas maneiras de conseguir que ele cá fique. Falou com alguns amigos do INS. Hoje telefonou-me e disse que ia arranjar quase de certeza um visto humanitário para Sohrab.

— Estás a brincar? Oh, graças a Deus! Grande Sharif Jan!

— Pois é. De qualquer maneira, seremos os responsáveis. E deve ser tudo muito rápido. Ele disse que o visto é válido durante um ano, dá mais que tempo para tratar da adoção.

— Vai mesmo ser possível, Soraya?

— Parece que sim — respondeu ela. Estava feliz. Disse-lhe que a amava e ela disse-me o mesmo. Desliguei.

— Sohrab! — gritei, levantando-me da cama. — Tenho ótimas notícias. — Bati à porta da casa de banho. — Sohrab! Soraya Jan

telefonou da Califórnia. Não vai ser preciso ires para o orfanato, Sohrab. Vamos para a América, tu e eu. Ouviste? Vamos para a América!

Empurrei a porta. Entrei.

Dei por mim de joelhos, aos gritos. Aos gritos, mas de dentes cerrados. Gritei até sentir a garganta rasgar-se e o peito explodir.

Soube mais tarde que ainda estava a gritar quando a ambulância chegou.

VINTE E CINCO

Não me deixam entrar.

Vejo-os levá-lo por uma porta de dois batentes e sigo-os. Empurro a porta, sinto o cheiro a mercurocromo e água oxigenada, mas só tenho tempo de ver dois homens de touca de cirurgião e uma mulher de verde inclinados sobre uma marquesa. Um lençol branco cobre-a e toca o chão de ladrilhos em xadrez. Dois pés pequenos e ensanguentados estão fora do lençol e noto que a unha do dedo grande do pé esquerdo está partida. Depois, um homem alto e forte vestido de azul põe a sua grande mão no meu peito e empurra-me para fora da sala, sinto a sua aliança de casamento fria em cima da minha pele. Tento avançar e praguejo, mas ele diz que não posso estar ali, fala inglês, num tom cortês mas firme. «Tem de aguardar», diz, levando-me para a sala de espera, a porta fecha-se atrás dele com um suspiro e eu só vejo a parte de cima das toucas dos médicos através dos vidros estreitos e retangulares das portas.

Ele deixa-me num corredor largo, sem janelas, cheio de pessoas sentadas em cadeiras metálicas dobráveis encostadas às paredes, outras mesmo em cima do tapete coçado. Apetece-me voltar a gritar e lembro-me da última vez que senti o mesmo, quando ia com Baba na camioneta, no meio dos outros refugiados. Quero sair dali, daquela realidade, elevar-me como uma nuvem e flutuar dali para fora, fundir-me com aquela noite húmida de verão e ir dissolver-me longe, atrás dos montes. Mas estou aqui, as minhas pernas parecem blocos de cimento, os meus pulmões não têm ar, arde-me a garganta. Não vou poder flutuar. Não vai haver outra realidade esta noite. Fecho os olhos e as minhas narinas são invadidas pelos cheiros do corredor, suor e amoníaco, éter e caril. No teto, as traças embatem nas lâmpadas fluorescentes do corredor, batendo as asas como se elas fossem de papel. Ouço pessoas a falar, aos soluços abafados, a fungar, a gemer, a suspirar, portas de elevadores a abrir-se, o operador a mandar uma mensagem a alguém em urdu.

Abro os olhos outra vez e sei o que tenho de fazer. Olho em volta, o coração a martelar-me o peito, o sangue a latejar-me nos ouvidos. Há uma pequena arrecadação escura à minha esquerda. Lá dentro

encontro tudo o que preciso. Serve perfeitamente. Puxo por um lençol branco da pilha de roupa dobrada e levo-o para o corredor. Vejo uma enfermeira a falar com um polícia perto da sala de visitas. Puxo pelo cotovelo da enfermeira e pergunto de que lado fica o oeste. Ela não percebe, e as rugas do seu rosto ficam mais fundas quando franze a testa. Dói-me a garganta e o suor faz-me arder os olhos; sempre que respiro parece que estou a engolir fogo, creio que estou a chorar. Pergunto outra vez. Suplico. É o polícia que aponta.

Deito para o chão o meu *jai-namaz* improvisado, o meu tapete de oração, e ajoelho-me, encosto a testa no chão, ensopando o lençol com as minhas lágrimas. Dobro-me voltado para ocidente. Depois lembro-me de que não rezo há quinze anos. Esqueci-me das palavras. Mas não faz mal, pronuncio aquelas de que me recordo: «*La illaha il Allah, Muhammad u rasul ullah*.» Não há Deus mas sim Alá, e Maomé é o Seu mensageiro. Vejo agora que Baba não tinha razão, existe um Deus, sempre existiu. Vejo-O aqui, nos olhos das pessoas, neste corredor de desespero. Esta é a verdadeira casa de Deus, é aqui que os que perderam Deus O encontram, e não na *masjid* branca com luzes brilhantes e enormes minaretes. Há um Deus, tem de haver, e agora vou rezar. Vou pedir-Lhe que me perdoe tê-Lo negligenciado todos estes anos, que me perdoe ter traído, mentido, pecado impunemente e só me voltar para Ele agora que estou aflito, que seja misericordioso, benevolente e generoso como o Seu livro O descreve. Faço uma vénia para oeste, beijo o chão e prometo que farei *zakat*, que farei namaz. Jejuarei durante o Ramadão e passado o Ramadão continuarei a jejuar. Aprenderei de cor todas as palavras do livro sagrado, irei em peregrinação àquela tórrida cidade do deserto e também me vergarei diante de Ka'bah. Farei tudo isso e pensarei n'Ele todos os dias de agora em diante, se Ele me conceder um só desejo: as minhas mãos estão manchadas com o sangue de Hassan, peço a Deus que não fiquem manchadas também com o sangue do seu filho.

Ouço choramingar e percebo que o som vem de mim próprio, tenho os lábios salgados com as lágrimas que me escorrem pelas faces. Rezo, rezo para que os meus pecados não me tenham condenado como sempre temi que fizessem.

Uma noite escura sem estrelas cai sobre Islamabad. Passaram algumas horas e estou agora sentado no chão em frente de uma sala minúscula que dá para o corredor que dá para o serviço de urgências. Diante de mim há uma mesa baixa castanha cheia de jornais e revistas velhos — uma *Time* de abril de 1996; um diário paquistanês exibindo o rosto de um jovem que foi atropelado e morto por um comboio na semana anterior; uma revista com atores sorridentes de Lollywood na capa em papel cuchê. Uma velha de *shalwar-kameez* verde, cor de jade, e xaile em croché dormita numa cadeira de rodas à minha frente. De vez em quando, estremece e acorda, murmura uma prece em árabe. Pergunto-me, cansado, que preces serão hoje atendidas, as dela ou as minhas. Imagino o rosto de Sohrab, o queixo pontiagudo, as orelhas pequenas como conchas, os olhos rasgados em forma de folhas de bambu, tão iguais aos do pai. Uma tristeza negra como a noite invade-me e sinto a garganta apertada.

Preciso de ar.

Levanto-me e abro as janelas. O ar que entra pela rede é pegajoso e quente — cheira a tâmaras demasiado maduras e a excremento. Obrigo-o a entrar nos meus pulmões em grandes quantidades, mas ele não desfaz o nó que tenho no peito. Volto para o chão. Pego na *Time* e folheio-a. Mas não consigo ler, não consigo focar os olhos. Por isso atiro-a para cima da mesa e volto a fitar o padrão de ziguezagues das rachas no chão de cimento, as teias de aranha no teto, junto à parte de cima das paredes, as moscas mortas no parapeito da janela. Mas olho sobretudo para o relógio pendurado na parede. Passa pouco das quatro da manhã e fui expulso da sala que tem uma porta de dois batentes há já umas cinco horas. E ainda não me deram notícias.

O chão sob os meus pés começa a parecer que faz parte do meu corpo e a minha respiração é cada vez mais pesada, mais lenta. Tenho sono, fecho os olhos e deito a cabeça no chão frio, poeirento. Passo pelas brasas. Quando acordar, talvez descubra que tudo o que vi na casa de banho do hotel era um pesadelo: a água a pingar da torneira por cima da banheira suja de sangue, o braço esquerdo pendendo da borda, a lâmina ensanguentada em cima do autoclismo — a mesma com que eu me barbeara na véspera — e

os olhos dele. Meio abertos, mas baços. Isso, mais do que tudo. Quero esquecer os olhos.

O sono chega e não lhe ofereço resistência. Sonho mas não consigo lembrar o quê.

Alguém está a bater no meu ombro. Abro os olhos. Está um homem de joelhos a meu lado. Com uma touca igual à do homem atrás da porta e uma máscara na boca — o meu coração para quando vejo uma gota de sangue na máscara. Tem o retrato de uma rapariga com olhos de carneiro mal morto colado no *beeper*. Tira a máscara e é um alívio não precisar de olhar mais para o sangue de Sohrab. Tem a pele escura, como o chocolate importado da Suíça que Hassan e eu comprávamos no bazar em Shar-e-Nau; tem pouco cabelo, olhos castanho-claros e pestanas recurvadas. Com um sotaque inglês, diz-me que se chama Dr. Nawaz, e de repente quero estar longe daquele homem, porque não sei se vou aguentar ouvir o que ele tem para me dizer. Diz que o rapaz se cortou gravemente e perdeu muito sangue e a minha boca começa novamente a murmurar aquela oração:

«La illaha il Allah, Muhammad u rasul ullah.»

— Tiveram de fazer uma transfusão de sangue...

«Como vou contar a Soraya?»

— Por duas vezes foi preciso reanimá-lo...

Farei namaz. Farei *zakat*.

— Ter-se-ia perdido não fora o seu coração jovem e forte...

«Jejuarei.»

— Está vivo.

O Dr. Nawaz sorri. Levo algum tempo a digerir o que ele me relata. Depois diz mais coisas, mas não o ouço. Porque peguei nas mãos dele e encostei-as ao meu rosto. Choro o meu alívio para cima das mãos pequenas e roliças deste estranho, e ele não diz nada. Espera que eu termine.

A Unidade de Cuidados Intensivos é em forma de L e escura, uma selva de monitores e máquinas. O Dr. Nawaz conduz-me pelo meio de duas filas de camas separadas por cortinados de plástico branco. A cama de Sohrab é a última depois de dobrar a esquina, a que fica mais perto da sala das enfermeiras, onde duas delas, de batas

verdes, preenchem fichas, conversam em voz baixa. Durante a silenciosa viagem de elevador em companhia do Dr. Nawaz, julguei que ia desatar a chorar quando visse Sohrab. Mas quando me sento na cadeira aos pés da cama e olho para o rosto pálido atrás do emaranhado de tubos e sondas de plástico brilhante, tenho os olhos secos. Vendo o peito dele subir e descer ao ritmo do ventilador, uma estranha frieza toma conta de mim, a mesma que uma pessoa sente quando consegue guinar o carro e evitar à justa uma colisão fatal.

Dormito, e quando acordo vejo o Sol nascer num céu cor de manteiga pela janela ao lado da sala das enfermeiras. A luz invade o quarto, projeta a minha sombra na direção de Sohrab. Ele ainda não se mexeu.

— Devia ir dormir — diz-me uma enfermeira. Não a reconheço, é que houve mudança de turno enquanto dormi. Leva-me para outra sala, esta mesmo à porta da UCI. Está vazia. Entrega-me um travesseiro e um cobertor com as iniciais do hospital. Agradeço e deito-me no sofá forrado a napa que está ao canto. Adormeço quase imediatamente.

Sonho que estou outra vez na sala do piso inferior. O Dr. Nawaz entra e levanto-me para ir ter com ele. Ele tira a máscara de papel, tem as mãos mais brancas do que eu pensava, as unhas arranjadas, o cabelo com a risca bem direita e vejo que não é o Dr. Nawaz mas sim Raymond Andrews, o homenzinho da embaixada e dos tomateiros. Andrews inclina a cabeça. Semicerra os olhos.

À luz do dia, o hospital era um labirinto de corredores cheios de movimento e esquinas, iluminado por uma luz branca fluorescente. Já lhe conheço a planta, já sei que o botão do elevador da ala esquerda do quarto andar não tem luz, que a porta da casa de banho dos homens desse mesmo andar está perra e só se abre se a empurrarmos com o ombro. Já sei que a vida num hospital tem o seu ritmo, o surto de atividade antes da mudança de turno da manhã, o bulício do meio-dia, o silêncio e a quietude da noite ocasionalmente interrompidos por um grupo de médicos e enfermeiros que correm a acudir a alguém. Não largo a cabeceira de Sohrab de dia e passeio pelos corredores do hospital de noite, ouvindo os meus calcanhares bater nos ladrilhos do chão, a ensaiar o que vou dizer a Sohrab quando ele acordar. Acabo de novo na

UCI, junto ao ventilador ao lado da cama dele, a saber o mesmo que sabia.

Ao fim de três dias na UCI, retiraram o tubo do ventilador e transferiram-no para uma cama no rés do chão. Eu não estava presente quando o levaram. Tinha ido ao hotel essa noite para ver se dormia um pouco e acabei por passar o tempo todo às voltas na cama. De manhã, tentei não olhar para a banheira. Estava limpa, alguém tinha lavado o sangue, colocado tapetes novos no chão, esfregado as paredes. Mas eu não consegui evitar sentar-me na borda de louça fria. Imaginei Sohrab a enchê-la de água quente. A despir-se. A torcer a pega da máquina de barbear e a desapertar os ganchos de segurança dos lados para desencaixar a lâmina, segurando-a entre o polegar e o indicador. Imaginei-o a entrar na água, a esperar um pouco, de olhos fechados. Perguntei-me qual teria sido o seu último pensamento antes de levantar e baixar a lâmina.

Ia a sair do átrio quando o gerente do hotel, Mr. Fayyaz, veio ter comigo.

— Lamento muito — disse-me —, mas vejo-me obrigado a pedir-lhe que deixe o hotel. Isto foi mau para o negócio, muito mau.

Respondi que compreendia e fui pagar. Não me cobrou os três dias que passei no hospital. Enquanto esperava um táxi à entrada do hotel, lembrei-me do que Mr. Fayyaz me tinha dito na noite em que fomos procurar Sohrab: «O problema dos afegãos é... Bem, vocês são um pouco irresponsáveis.» Na altura ri, mas agora... Terei mesmo adormecido depois de dar a Sohrab a notícia que ele mais temia?

Entrei no táxi e perguntei ao condutor se conhecia alguma livraria persa. Respondeu que havia uma a poucos quilómetros dali. Passámos por lá a caminho do hospital.

O quarto novo de Sohrab tinha paredes cremes com um lambril cinzento-escuro lascado e um chão de azulejos que já tinham sido brancos. Partilhava-o com um adolescente punjabi, que, contou-me depois uma das enfermeiras, partira uma perna ao escorregar do tejadilho de um autocarro. Tinha a perna em gesso, elevada e presa num aparelho onde estavam pendurados vários pesos.

A cama de Sohrab ficava junto à janela e a luz do fim da manhã que entrava pelas vidraças retangulares iluminava-lhe a metade inferior. Um segurança fardado estava de pé junto à janela a mastigar sementes de melancia cozidas — Sohrab era vigiado as vinte e quatro horas do dia. Procedimento habitual nos casos de suicídio, informara-me o Dr. Nawaz. Quando entrei, o guarda saudou-me tirando o boné e depois saiu.

Sohrab usava um pijama de mangas curtas do hospital e estava deitado de costas, o cobertor puxado até ao pescoço, voltado para a janela. Pensei que estivesse a dormir, mas, quando arrastei uma cadeira para junto da cama dele, abriu as pálpebras. Olhou para mim, depois virou a cara. Estava tão pálido, mesmo depois de lhe terem injetado todo aquele sangue, e havia uma nódoa negra grande e escura no lado interior do cotovelo direito.

— Como estás? — perguntei.

Não respondeu. Continuou a olhar pela janela para a caixa de areia e o balouço do jardim do hospital. Havia um arco em treliça perto do parque infantil, à sombra de uma fila de hibiscos, por onde cresciam algumas trepadeiras. Um punhado de crianças brincava com baldes e pás na areia. O céu estava azul, sem nuvens, e vi um minúsculo jato desenhando dois riscos brancos paralelos. Voltei a olhar para Sohrab.

— Falei com o doutor Nawaz há minutos e ele disse que deves ter alta daqui a um ou dois dias. Boa notícia, não?

Mais uma vez silêncio. O miúdo punjabi da outra cama mexeu-se no seu sono e resmungou qualquer coisa.

— Gosto deste quarto — disse-lhe, tentando não olhar para as ligaduras dos pulsos de Sohrab. — É claro e tem vista. — Silêncio. Passaram mais uns minutos incómodos e linhas de suor formaram-se por cima do meu lábio superior, na minha testa. Apontei para a tigela intacta de *aush* de ervilhas que estava na mesa de cabeceira, para a colher de plástico limpa. — Tens de comer qualquer coisa. Recuperar a tua *quwat*, a tua força. Queres que eu te ajude?

Fitou-me algum tempo, depois desviou o olhar, sem mudar de expressão. Os olhos continuavam baços, notei, parados, como quando o puxei para fora da banheira. Do saco de papel a meus pés

tirei o velho volume do *Shahnamah* que comprara na livraria persa. Voltei a capa para Sohrab.

— Costumava ler isto ao teu pai quando éramos pequenos. Subíamos a colina junto da nossa casa e sentávamo-nos debaixo da romãzeira... — Desisti. Sohrab continuava a olhar pela janela. Forcei um sorriso. — A história preferida do teu pai era a de Rostam e Sohrab, por isso é que tens esse nome. Com certeza já sabias. — Fiz uma pausa, sentindo-me um idiota. — Seja como for, ele disse na carta que também é a tua preferida, por isso comprei o livro para te ler um bocado. Queres?

Sohrab fechou os olhos. Tapou-os com o braço, o braço da nódoa negra.

Abri na página que dobrara dentro do táxi.

— Lá vai — disse, perguntando-me pela primeira vez que teria Hassan pensado quando finalmente leu ele próprio o *Shahnamah* e descobriu que eu o enganara durante tantos anos. Aclarei a garganta e li: — «Ouçam o combate entre Sohrab e Rostam, uma história repleta de lágrimas» — comecei. — «Acontece que um belo dia Rostam levantou-se da cama com a cabeça cheia de premonições. Pensou...» — Li quase todo o primeiro capítulo até à parte em que o jovem guerreiro Sohrab vai ter com a mãe, Tahmineh, princesa de Samengan, e exige conhecer a identidade do pai. Fechei o livro. — Queres que eu continue? A seguir há muitas batalhas, lembras-te? Sohrab a conduzir o seu exército até ao Castelo Branco, no Irão? Queres que eu continue a ler?

Sohrab abanou a cabeça. Guardei o livro no saco de papel.

— Ótimo — disse, interpretando a reação dele como uma resposta. — Continuamos amanhã. Como te sentes?

A boca de Sohrab abriu-se e dela saiu um som rouco. O Dr. Nawaz prevenira-me de que isso podia acontecer, por causa do tubo que lhe tinham inserido nas cordas vocais. Lambeu os lábios e voltou a tentar:

— Cansado.

— É normal. O doutor Nawaz avisou que isso ia acontecer...

Continuou a abanar a cabeça.

— Que é, Sohrab?

Hesitou antes de voltar a falar naquela voz sumida, quase um sussurro.

— Cansado de tudo.

Suspirei e mexi-me na cadeira. Havia uma faixa de luz entre nós e, por um instante, o rosto cinzento que me olhava atrás dela pareceu-me o de Hassan, não o do Hassan com quem eu jogava ao berlinde até o mulá chamar para a *azan* da tarde e Ali nos mandar para casa, não o Hassan que eu perseguia encosta abaixo quando o Sol desaparecia a oeste, por detrás dos telhados de argila, mas o Hassan da última vez em que o vi, a arrastar os seus pertences debaixo da chuva intensa de um abafado dia de verão, a enfiá-los na bagageira do carro de Baba enquanto eu o observava da janela do meu quarto, batida pela água.

Abanou levemente a cabeça.

— Cansado de tudo — repetiu.

— Como posso ajudar-te, Sohrab? Diz-me, por favor?

— Quero... — começou. Hesitou outra vez, e levou a mão à garganta, como se quisesse eliminar o que estava a impedi-lo de falar. Os meus olhos fixaram de novo o pulso embrulhado em ligaduras. — Queria que tudo voltasse a ser como dantes.

— Oh, Sohrab.

— Quero o pai e a mãe *jan*. Quero Sasa. Quero brincar com Rahim Khan no jardim. Quero voltar a viver na nossa casa. Encostou o braço aos olhos. — Quero que tudo volte a ser como dantes.

Eu não sabia o que dizer, para onde olhar, por isso fitei as minhas mãos. «Como dantes», pensei. «Também eu queria que tudo voltasse a ser como dantes. Eu brinquei nesse jardim, Sohrab. Eu vivi nessa casa. Mas a relva secou e há um jipe desconhecido estacionado à porta da nossa casa, a pingar óleo no asfalto. O passado não volta, Sohrab, e todas as pessoas que a ele pertenciam morreram ou estão a morrer. Agora só existimos nós dois, Sohrab. Tu e eu.»

— Isso não te posso dar.

— Tomara que não tivesses...

— Por favor, não digas isso...

— ... que não tivesses... Que me tivesses deixado na água.

— Nunca mais voltes a dizer uma coisa dessas, Sohrab — ordenei, inclinando-me para ele. — Não tolero ouvir-te dizer essas coisas. — Pus a mão no ombro dele e ele encolheu-se. Afastou-se. Tirei a mão, a lembrar-me de que ultimamente, antes de eu quebrar a promessa que lhe fiz, ele começou a aceitar que eu lhe tocasse. — Sohrab, não posso fazer o passado voltar. Quem me dera poder. Mas posso levar-te comigo. Quando fui à casa de banho, era para te dizer isso. Já tens um visto para ires para a América, viver comigo e com a minha mulher. É verdade. Está prometido.

Suspirou e fechou os olhos. Lamentei ter dito aquelas duas últimas palavras.

— Sabes, fiz muitas coisas de que me arrependo na vida, e se calhar a pior foi faltar à promessa que te fiz. Mas isso não volta a acontecer, e lamento-o profundamente. Peço o teu *bakhshesh*, o teu perdão. Desculpas-me? Acreditas em mim? Vens comigo?

Enquanto aguardava a resposta dele, a minha memória regressou a um dia de inverno muito distante. Hassan e eu sentados na neve, por baixo de uma ginjeira com os ramos nus. Joguei um jogo cruel com Hassan nesse dia, perguntei-lhe se ele seria capaz de comer terra em sinal de lealdade para comigo. Agora era eu que estava a ser testado, que tinha de provar a minha sinceridade. Bem feito.

Sohrab deitou-se de lado, de costas para mim. Ficou calado durante muito tempo. E depois, quando eu começava a convencer-me de que ele tinha adormecido, disse numa voz fraca:

— Estou tão *khasta* — tão cansado.

Fiquei ali sentado até ele adormecer. Qualquer coisa estava irremediavelmente perdida entre nós os dois. Até ao encontro com o advogado, Omar Faisal, vi um fio de esperança brilhar nos olhos de Sohrab como um intruso tímido. Agora o brilho desaparecera, o intruso fugira e eu não sabia se ele se atreveria a regressar. Não sabia quando voltaria Sohrab a sorrir. A confiar em mim. Se isso alguma vez acontecesse.

Assim, saí do quarto e fui procurar outro hotel, sem saber que só daí a um ano voltaria a ouvir Sohrab falar.

Afinal, Sohrab nunca chegou a aceitar o meu convite. Nem a decliná-lo. Mas sabia que, quando lhe retirassem as ligaduras e o pijama do hospital, seria mais um órfão hazara sem abrigo. Qual era

a alternativa? Para onde podia ir? Portanto, o que eu interpretei como um «sim» da parte dele não foi senão uma rendição, não uma aceitação, uma desistência por parte de alguém demasiado cansado para tomar uma decisão e demasiado desiludido para acreditar. O que ele queria era a sua vida passada. O que recebeu foi a minha pessoa e a América. Não era muito mau, pensando bem, mas isso eu não lhe podia dizer. A possibilidade era um luxo para quem tinha a cabeça cheia de demónios.

E foi assim que, mais ou menos uma semana depois, atravessámos uma pista de alcatrão quente e preto e eu levei o filho de Hassan do Afeganistão para a América, tirando-o da certeza da desordem e largando-o numa desordem de incertezas.

Um dia, talvez em 1983 ou 1984, fui a um clube de vídeo em Fremont. Encontrava-me na secção dos *westerns* quando um tipo que estava ao pé de mim, a beber *Coca-Cola* num copo daqueles das lojas de conveniência, apontou para *Os Sete Magníficos* e perguntou se eu já tinha visto o filme.

— Sim, treze vezes — respondi. — O Charles Bronson morre no filme, tal como o James Coburn e o Robert Vaughn.

Ele deitou-me um olhar indignado, como se eu lhe tivesse cuspido na *Coca-Cola*.

— Obrigadinho, pá — disse, e foi-se embora, abanando a cabeça e resmungando qualquer coisa pelo caminho. Só nesse dia é que eu soube que, na América, não se conta o fim dos filmes e quem o fizer fica marcado para sempre como o estupor que estragou o fim.

No Afeganistão, o fim é tudo. Quando Hassan e eu voltávamos para casa depois de ver um filme indiano no Cinema Zainab, o que Ali, Rahim Khan, Baba ou qualquer dos muitos amigos de Baba — os primos em segundo e terceiro grau que entravam e saíam constantemente — queriam saber era só isto: no fim, a rapariga encontra a felicidade? O *bacheh film*, o rapaz do filme, fica *kamyab* e realiza o seu sonho ou fica *nah-kam*, numa grande frustração?

Se tudo acabava bem, era o que eles queriam saber.

Se hoje alguém me perguntasse se a história de Hassan, de Sohrab e de mim acabou bem, não saberia o que responder.

Será que as histórias das pessoas acabam bem?

A vida não é um filme. *Zendagi migzara*, gostam os afegãos de dizer: a vida continua, avançando como uma caravana poeirenta e vagarosa de *kochis*.

Eu não saberia responder a essa pergunta. Apesar do pequeno milagre de domingo passado.

Chegámos há cerca de sete meses, num dia quente de agosto de 2001. Soraya foi buscar-nos ao aeroporto. Nunca tinha estado tanto tempo longe de Soraya, e quando ela me abraçou, quando senti o cheiro a maçãs do cabelo dela, percebi a falta que ela me tinha feito.

— Continuas a ser o sol do meu *yelda* — disse-lhe ao ouvido.

— O quê?

— Não interessa — beijei-lhe a orelha.

Em seguida, dobrou os joelhos para ficar à altura de Sohrab. Pegou na mão dele e sorriu-lhe.

— *Salaam*, Sohrab Jan, sou a tua Khala Soraya. Estávamos todos à tua espera.

Vendo-a sorrir a Sohrab, os olhos um pouco humedecidos, entrevi a mãe que ela teria sido se o seu ventre não a tivesse traído.

Sohrab mexeu os pés e olhou para o outro lado.

Soraya tinha transformado o escritório do andar de cima num quarto para Sohrab. Levou-o até lá e ele sentou-se na cama. Os lençóis tinham papagaios de papel coloridos num céu azul. Na parede ao lado do armário havia uma daquelas réguas para medir a altura das crianças. Aos pés da cama, uma arca de verga cheia de livros, uma locomotiva, uma caixa de aguarelas.

Sohrab vestia a *T-shirt* branca e as calças de ganga que eu lhe tinha comprado em Islamabad antes de partirmos — a camisola ficava larga nos seus ombros ossudos. A cor ainda não regressara às suas faces pálidas, e havia olheiras escuras em volta dos olhos. Olhava para nós com a expressão impassível com que olhava para os pratos de arroz cozido que punham à frente dele no hospital.

Soraya perguntou-lhe se gostava do quarto, e reparei que ela evitava olhar para os pulsos dele e que os olhos dela insistiam em focar aquelas linhas rosadas. Sohrab baixou a cabeça. Enfiou as mãos debaixo das coxas e não disse nada. Depois deitou

simplesmente a cabeça no travesseiro. Menos de cinco minutos depois, Soraya e eu espreitámos pela porta e ele estava a ressonar.

Fomos para a cama e Soraya adormeceu com a cabeça no meu peito. Na escuridão do nosso quarto, fiquei acordado, novamente com insónias. Acordado. Sozinho com os meus próprios demónios.

A meio da noite, levantei-me e fui ao quarto de Sohrab. Aproximei-me dele, inclinei a cabeça e vi qualquer coisa enfiada debaixo do travesseiro. Puxei-a devagar. Era a fotografia de Rahim Khan, a que lhe dera na noite da nossa conversa junto à Mesquita Shah Faisal. Aquela em que Hassan e Sohrab estavam ao lado um do outro, a fazer uma careta por causa do sol, com o sorriso de quem considera o mundo um lugar bom e justo. Perguntei-me quanto tempo teria Sohrab estado a olhar para aquela fotografia, a mexer nela.

Olhei para a foto. «O teu pai era um homem dividido», tinha Rahim Khan dito na carta: eu era a metade que tinha direitos, a metade que a sociedade aprovava, legítima, a materialização involuntária da culpa de Baba. Olhei para Hassan, com menos aqueles dois dentes da frente, o sol esparramado no rosto. A outra metade de Baba. A metade sem direitos, desprivilegiada. A metade que herdara o que Baba tinha de nobre, de puro. A metade que talvez, lá bem no seu íntimo, Baba considerava o seu verdadeiro filho.

Voltei a colocar a fotografia no seu lugar. Depois apercebi-me de uma coisa: o meu último pensamento não fora doloroso. Enquanto fechava a porta do quarto de Sohrab, perguntei-me se seria assim que o perdão despontava, não com fanfarra e aparato, mas com a dor a reunir os seus pertences, a fazer as malas e a partir sem despedidas, a meio da noite.

O general e Khala Jamila foram jantar lá a casa no dia seguinte. Khala Jamila, com o cabelo mais curto e de um vermelho mais escuro que o habitual, entregou a Soraya a travessa de *maghout* com amêndoas que trouxera para a sobremesa. Quando viu Sohrab ficou radiante.

— *Mashallah!* Soraya Jan já nos tinha dito que eras *khoshteep*, mas és ainda mais bonito ao natural. — Estendeu-lhe uma camisola

de gola alta azul. — Fiz isto para ti — disse. — Para o inverno que aí vem. *Inshallah* te esteja boa.

Sohrab pegou na camisola.

— Olá, rapaz. — Foi só o que disse o general, as duas mãos apoiadas na bengala, olhando para Sohrab como se estivesse a examinar um objeto decorativo bizarro.

Respondi e voltei a responder às perguntas de Khala Jamila sobre os meus ferimentos — pedi a Soraya que lhes contasse que eu tinha sido assaltado —, assegurando-lhe que não sofrera danos irreversíveis, que os arames me seriam retirados em breve e eu poderia voltar a comer os petiscos dela e, sim, ia com certeza experimentar pôr sumo de ruibarbo com açúcar nas cicatrizes para elas desaparecerem mais depressa.

O general e eu fomos para a sala beber um copo de vinho enquanto Soraya e a mãe punham a mesa. Falei-lhe de Cabul e dos talibãs. Ele ouvia e concordava com a cabeça, bengala no colo, e estalou a língua quando lhe contei que vira um homem a vender a sua própria perna artificial. Não me referi às execuções no Estádio Ghazi nem a Assef. Perguntou por Rahim Khan, com quem disse ter estado em Cabul várias vezes, e abanou a cabeça solenemente quando mencionei a doença de Rahim Khan. Mas enquanto conversávamos, notei que o seu olhar volta e meia incidia sobre Sohrab, adormecido no sofá. Com se estivéssemos às voltas sobre aquilo de que ele queria realmente falar.

As voltas chegaram ao fim durante o jantar, quando o general pousou o garfo e perguntou:

— Então, Amir Jan, diz lá, porque trouxeste este rapaz contigo?

— *Iqbal jan!* Mas que pergunta! — protestou Khala Jamila.

— Enquanto tu ficas em casa a tricotar, minha querida, eu é que tenho de responder às perguntas que a comunidade faz acerca da nossa família. As pessoas vão comentar. Vão achar esquisito estar um miúdo hazara a viver em casa da nossa filha. E o que é que eu lhes digo?

Soraya largou a colher. Voltou-se para o pai:

— Podes dizer-lhes...

— Deixa estar, Soraya — intervim, pegando-lhe na mão. — Deixa estar. O general Sahib tem toda a razão. As pessoas vão mesmo

fazer perguntas.

— Amir... — começou ela.

— Não te preocupes. — E virei-me para o general. — Bem vê, general Sahib, o meu pai foi para a cama com a mulher do criado. Fez-lhe um filho que se chamou Hassan. Agora o Hassan morreu. O miúdo que está ali a dormir no sofá é o filho do Hassan. Meu sobrinho. É isso que vai contar às pessoas que lhe fizerem perguntas.

Estavam todos embasbacados a olhar para mim.

— E mais uma coisa, general Sahib. Nunca mais na vida lhe vai chamar «miúdo hazara» na minha presença. Ele tem nome, Sohrab.

Ninguém disse mais nada até ao fim da refeição.

Seria errado dizer que Sohrab andava silencioso. Silencioso é em paz. Tranquilo. Silencioso é quando se roda o botão «volume» da vida.

Estar calado é carregar no botão «*off*». Desligar. Tudo.

O silêncio de Sohrab não era o silêncio a que se obrigam as pessoas com convicções, os contestatários que defendem a sua causa não falando pura e simplesmente. Era, sim, o silêncio de alguém que entrou num lugar escuro, fechou todas as saídas e escondeu-se nele.

Em vez de viver connosco, ele ocupava o nosso espaço. E uma parte ínfima dele. Por vezes, no mercado, ou no parque, eu reparava que as outras pessoas não davam por Sohrab, era como se ele não existisse. Erguia os olhos do meu livro e apercebia-me de que Sohrab tinha entrado no quarto, tinha-se sentado à minha frente sem eu me dar conta. Caminhava como se tivesse medo de deixar pegadas no chão. Mexia-se como se não quisesse agitar o ar à sua volta. Mas o que ele mais fazia era dormir.

O silêncio de Sohrab também magoava Soraya. Na linha interurbana que liga ao Paquistão, falara-me de tudo o que estava a planear para Sohrab. Natação. Futebol. *Bowling*. Agora passava à porta do quarto dele e via os livros por abrir dentro do cesto de verga, a régua sem marcas, as peças do *puzzle* por encaixar, cada objeto a lembrar como a vida poderia ser. A lembrar um sonho que murchava mesmo antes de desabrochar. Mas não era só ela. Também eu tinha sonhos para Sohrab.

Sohrab vivia calado, mas o mundo não. Uma terça-feira de manhã, no passado mês de setembro, as Torres Gémeas desabaram e de um dia para o outro o mundo mudou. A bandeira americana começou a aparecer em toda a parte, nas antenas dos táxis amarelos que se esgueiravam pelo trânsito, nas lapelas dos peões que percorriam os passeios numa massa compacta, até nos bonés sujos dos mendigos sentados debaixo dos toldos dos centros comerciais e das lojas de São Francisco. Um dia passei por Edith, a sem-abrigo que está todos os dias a tocar acordeão na esquina das Ruas Sutter e Stockton, e vi um autocolante com a bandeira americana no estojo do instrumento, que repousava a seus pés.

Pouco depois dos ataques, a América bombardeou o Afeganistão, a Aliança do Norte avançou e os talibãs fugiram como ratos para as suas tocas. De repente, passei a ouvir as pessoas na fila do supermercado a falar das cidades da minha infância, Kandahar, Herat, Mazar-i-Sharif. Quando eu era muito pequeno, Baba levou-me a mim e a Hassan a Kunduz. Não me lembro bem da viagem, só me lembro de estar sentado à sombra de uma acácia com Baba e Hassan, a beber sumo de melancia do mesmo pote de barro e a ver quem cuspia mais longe os caroços. Agora, Dan Rather, Tom Brokaw e outras pessoas que iam beber café ao Starbucks falavam da batalha de Kunduz, o último baluarte dos talibãs no Norte. Em dezembro do mesmo ano, pastós, tajiques, usbeques e hazaras reuniram-se em Bona e, sob o olhar atento das Nações Unidas, iniciaram o processo que poderá um dia pôr fim a vinte anos de infelicidade no seu *watan*. O chapéu de astracã e o *chapan* verde de Hamid Harzai ficaram famosos.

Sohrab passou por tudo isso como um sonâmbulo.

Soraya e eu envolvemo-nos em projetos afegãos, tanto por dever como porque precisávamos de alguma coisa, qualquer coisa, que preenchesse o silêncio lá de cima, o silêncio que sugava tudo para um buraco negro. Nunca fui do género ativo, mas quando um homem chamado Kabir, um antigo embaixador do Afeganistão em Sófia, me telefonou a perguntar se eu queria ajudá-lo num projeto hospitalar, disse logo que sim. O modesto hospital ficava perto da fronteira do Afeganistão com o Paquistão e tinha uma pequena unidade de cirurgia que tratava afegãos vítimas de minas

antipessoais. Mas estava fechado por falta de verba. Assumi a direção do projeto, a meias com Soraya. Passava os dias no escritório a enviar *e-mails* para todo o mundo, a candidatar-me a subsídios, a organizar eventos para angariação de fundos. E a repetir para comigo que trazer Sohrab tinha sido a coisa certa a fazer.

O ano terminou comigo e Soraya no sofá, de manta em cima das pernas, a ver o Dick Clark na televisão. As pessoas aplaudiram e beijaram-se quando a bola prateada caiu, o ecrã ficou branco de *confetti*. Na nossa casa, o Ano Novo começou mais ou menos como o velho terminou. Em silêncio.

* * *

Até que, há cerca de quatro dias, num dia frio e chuvoso de março de 2002, aconteceu uma coisa pequena e maravilhosa.

Fui com Soraya, Khala Jamila e Sohrab a um encontro de afegãos no lago Elizabeth Park, em Fremont. O general tinha sido chamado ao Afeganistão, para ocupar um cargo num ministério, e partira de avião duas semanas antes, deixando em casa o fato cinzento e o relógio de bolso. Ficou combinado que Khala Jamila iria ter com ele daí a uns meses, assim que ele estivesse instalado. Ela sentia muito a falta do marido, estava sempre preocupada com a saúde dele, e nós insistimos para que passasse uns tempos em nossa casa.

Na quinta-feira anterior, o primeiro dia de primavera, fora o dia de Ano Novo afegão — o Sawl-e-Nau — e os afegãos da zona tinham organizado celebrações em toda a parte leste da baía e na península. Kabir, Soraya e eu tínhamos um outro motivo para festejar: o nosso hospital de Rawalpindi fora inaugurado na semana anterior, não a unidade cirúrgica, apenas os serviços de pediatria. Mas começava da melhor maneira, todos concordávamos.

O tempo tinha estado soalheiro, mas no domingo de manhã, mal pus os pés fora da cama, ouvi pingos de chuva baterem contra a janela. «Sorte de afegão», pensei. Reprimi um riso. Rezei o namaz da manhã enquanto Soraya dormia — eu já não precisava de consultar o folheto que me tinham dado na mesquita; os versos ocorriam-me naturalmente, sem esforço.

Chegámos por volta do meio-dia, e vimos um grupo de pessoas abrigadas debaixo de um grande lençol de plástico retangular preso nos quatro cantos a postes enterrados no chão. Alguém já estava a fritar *bolani*: as chávenas de chá e a panela de *aush* de couve-flor fumegavam. Um leitor de cassetes gritava o som arranhado de uma velha canção de Ahmad Zahir. Sorri um pouco enquanto corríamos os quatro espalhados pelo relvado encharcado, Soraya e eu à frente, Khala Jamila ao meio, Sohrab atrás, o capuz do impermeável amarelo a abanar nas suas costas.

— De que te ris? — perguntou Soraya, tapando a cabeça com um jornal.

— Podem tirar os afegãos de Paghman, mas não podem tirar Paghman dos afegãos — respondi.

Parámos sob a tenda improvisada. Soraya e Khala Jamila foram a correr ter com uma mulher gorda que estava a fritar *bolani*. Sohrab permaneceu debaixo da cobertura por uns momentos, depois avançou para a chuva, as mãos nos bolsos do impermeável, o cabelo, agora castanho e liso como o de Hassan, colado à cabeça.

Parou perto de uma poça cor de café e ficou a olhar para ela. Ninguém reparou nele. Ninguém o mandou voltar para debaixo do toldo. Com o tempo, os interrogatórios acerca do nosso filho adotado — e sem dúvida excêntrico — tinham acabado, o que, atendendo ao pouco tato que caracteriza os afegãos, foi de facto um grande alívio. As pessoas agora perguntavam porque é que ele nunca falava. Não brincava com as outras crianças. E, o melhor de tudo, deixaram de nos sufocar com a sua empatia exagerada, de abanar a cabeça, de estalar a língua, de dizer «*Oh, gung bichara*». Oh, pobre bicho do mato. Já não era novidade. Como o papel de parede, Sohrab já fazia parte da rotina.

Apertei a mão a Kabir, um homem baixo e grisalho. Apresentou-me a outros doze, um deles professor reformado, outro engenheiro, um ex-arquiteto, um cirurgião que agora era proprietário de um quiosque de cachorros-quentes em Hayward. Todos disseram que tinham conhecido Baba em Cabul e todos falaram dele com respeito. De uma maneira ou de outra, atravessara todas aquelas vidas. Os homens diziam-me que era uma sorte ter tido um pai assim.

Conversámos sobre a difícil e talvez ingrata tarefa que Karzai tinha em mãos, sobre o *Loya jirga* que aí vinha e sobre o iminente regresso do rei à sua terra ao fim de vinte e três anos de exílio. Recordei a noite, em 1973, em que o primo de Zahir Shah o derrubou; lembrei-me dos tiros e da luz prateada que iluminava o céu — Ali abraçou-nos, a mim e a Hassan, disse-nos para não termos medo, que andavam só a caçar patos.

Alguém contou uma anedota sobre o mulá Nasruddin e desatámos todos a rir.

— Sabes, o teu pai, além do mais, tinha muita piada — disse Kabir.

— É verdade — concordei, sorrindo, a lembrar-me de Baba, pouco depois de chegarmos à América, a refilar contra as moscas americanas. Sentava-se à mesa da cozinha com o mata-moscas na mão, a vê-las voar de parede em parede, a zumbir, tontas e apressadas.

«Neste país até as moscas têm pressa», resmungava. O que eu me ri! Agora a recordação fazia-me sorrir.

Às três da tarde a chuva parou e o céu ficou de um tom cinzento, que os grupos de nuvens faziam parecer coalhado. Uma brisa fresca atravessou o parque. Cada vez chegavam mais famílias. Os afegãos cumprimentavam-se, abraçavam-se, beijavam-se, trocavam comida. Alguém acendeu um fogareiro a carvão e em breve o perfume do alho e do *morgh kabob* encheu as minhas narinas. Ouviu-se música, um artista novo que eu não conhecia, e o riso das crianças. Vi Sohrab, ainda de impermeável amarelo, encostado a um recipiente do lixo, a olhar para o campo de basebol vazio.

Pouco depois, estava eu a conversar com o ex-cirurgião, que me contou que fora colega de Baba no oitavo ano, quando Soraya me puxou pela manga.

— Amir, olha!

Apontou para o céu. Meia dúzia de papagaios de papel voavam muito alto, manchas amarelas, vermelhas e verdes contra o céu cinzento.

— Vai lá ver — disse, desta vez a apontar para um homem que vendia papagaios numa banca ali perto.

— Segura isto — disse, entregando a minha chávena de chá a Soraya. Pedi licença e dirigi-me à barraca dos papagaios, os sapatos a chiar na relva molhada. Indiquei um *seh-parcha* amarelo.

— *Sawl-e-nau mubabrak* — disse o vendedor de papagaios, aceitando a nota de vinte e entregando-me o papagaio e uma bobina de madeira com *tar* de fibra de vidro. Agradeci e retribuí os desejos de bom Ano Novo. Testei o cordel como Hassan e eu costumávamos fazer, segurando-o entre o polegar e o indicador e puxando com força. Ficou vermelho com o sangue e o vendedor sorriu. Eu também.

Com o papagaio na mão, fui ter com Sohrab, que continuava encostado ao contentor, de braços cruzados, a olhar para o céu.

— Gostas do *seh-parcha*? — perguntei, segurando o papagaio pela parte de baixo da cruzeta. O olhar dele deixou de fitar o céu e virou-se para mim, depois para o papagaio, outra vez para mim. Umas gotas de chuva escorreram-lhe pelo cabelo e pelo rosto.

— Li uma vez que, na Malásia, usam papagaios de papel para pescar — comentei. — Aposto que não sabias. Atam-lhe um fio de pesca e põem-no a voar por cima de águas pouco profundas, sem o deixar projetar sombra, para não assustar os peixes. E na China antiga, os generais lançavam papagaios, durante as batalhas, para enviar mensagens aos seus homens. A sério. Não é treta — mostrei-lhe o meu polegar sujo de sangue. — O *tar* também é bom.

Pelo canto do olho, vi que Soraya nos espreitava da tenda. As mãos debaixo dos braços. Ao contrário do que se passava comigo, ela desistira a pouco e pouco de conquistá-lo. As perguntas sem resposta, os olhares vazios, o silêncio, tudo isso era demasiado doloroso. Decidira aguardar luz verde de Sohrab. Esperar.

Molhei o indicador e ergui-o.

— Lembro-me de que o teu pai verificava de onde vinha o vento dando um pontapé na areia e vendo para que lado ela era empurrada. Sabia imensos truques desse género — disse. Baixei o dedo. — Oeste, acho eu.

Sohrab limpou um pingo de chuva da orelha e mexeu os pés. Não disse nada. Lembrei-me de Soraya me perguntar uns meses atrás como era a voz dele. Respondi que já não me lembrava.

— Já te contei que o teu pai era o melhor corredor de papagaios de Wazir Akbar Khan? Ou talvez de Cabul? — perguntei, atando a ponta solta do *tar* do carreto ao eixo central. — Todos os rapazes o invejavam. Corria atrás dos papagaios sem nunca olhar para o céu. Diziam que ele perseguia as sombras deles. Mas não o conheciam tão bem como eu. O teu pai não perseguia sombra nenhuma. O teu pai... adivinhava.

No céu flutuavam agora mais papagaios. As pessoas reuniam-se em grupos, de chávena de chá na mão, a olhar para o céu.

— Ajudas-me a lançar este? — perguntei.

Sohrab olhava, ora para o papagaio ora para mim. Ora para o céu.

— Está bem — encolhi os ombros. — Parece que vou ter que lançá-lo *tanhaii* — sozinho.

Equilibrei o carreto na mão esquerda e soltei aí metro e meio de *tar*. O papagaio amarelo começou a ondular na respetiva extremidade, pouco acima da relva molhada.

— É a tua última oportunidade — avisei, mas Sohrab estava a olhar para dois papagaios emaranhados um no outro muito acima das árvores.

» Muito bem, então lá vai — e desatei a correr, os meus sapatos a fazer a água saltar das poças, a mão agarrando o cordel do lado do papagaio, acima da minha cabeça. Tinha passado tanto tempo, há tantos anos que eu não lançava um papagaio, que receei estar a fazer uma triste figura. Deixei o carreto girar na mão esquerda enquanto corria, sentindo o fio cortar-me os dedos à medida que se soltava. O papagaio subia atrás do meu ombro, erguendo-se, desenrolando o cordel, e eu corria cada vez mais depressa. O carreto rodava a grande velocidade e a fibra de vidro fez novo golpe na palma da minha mão direita. Parei e voltei-me para trás. Olhei para cima. Sorri. Lá no alto, o meu papagaio inclinava-se para um lado e para o outro como um pêndulo, fazendo aquele barulho de batimentos de asas de papel que me fazia sempre lembrar as manhãs de inverno em Cabul. Eu não lançava um papagaio há um quarto de século, mas de repente tinha outra vez doze anos e os antigos instintos regressaram instantaneamente.

Senti uma presença a meu lado e olhei para baixo. Era Sohrab. Com as mãos enfiadas nos bolsos do impermeável. Tinha-me seguido.

— Queres experimentar? — perguntei. Não me respondeu. Mas quando lhe estendi o cordel, tirou logo a mão do bolso. Hesitou. Pegou no cordel. O meu coração acelerou quando enrolei a ponta solta. Ficámos calados, lado a lado. De pescoço esticado para cima.

À nossa volta, rapazes corriam uns atrás dos outros, escorregavam na relva. Alguém tinha posto a tocar a banda sonora de um velho filme indiano. Uma fila de homens mais velhos rezava o namaz da tarde, sobre um plástico esticado no chão. Cheirava a relva molhada, fumo e carne grelhada. Desejei que o tempo parasse.

Foi então que vi que tínhamos companhia. Um papagaio verde acercava-se do nosso. Segui o cordel e quem o segurava era um miúdo a cerca de quinze metros de nós. Tinha o cabelo cortado à escovinha e uma *T-shirt* onde se lia «*The Rock Rules*» em grandes letras pretas. Reparou que eu estava a olhar para ele e sorriu. Acenou. Também lhe acenei.

Sohrab tentava entregar-me o cordel.

— Tens a certeza?

Tirou-me o carreto da mão.

— Boa! — respondi. — Vamos dar-lhe uma *sabagh*, dar-lhe uma lição, *nay*? — Olhei-o de soslaio. A expressão ausente, vazia, do seu olhar desaparecera. Fitava, ora o nosso papagaio ora o verde. Tinha o rosto um pouco corado, os olhos subitamente atentos. Despertos. Vivos. Perguntei a mim próprio em que momento teria eu esquecido que, apesar de tudo, ele era apenas uma criança.

O papagaio verde avançava.

— Vamos esperar — disse eu. — Deixar que ele se aproxime mais. — O papagaio afundou duas vezes e depois veio na nossa direção. — Anda, vem cá — murmurei.

O papagaio verde aproximou-se mais ainda, agora um pouco acima de nós, ignorando a armadilha que eu lhe tinha preparado.

— Repara, Sohrab. Vou mostrar-te um dos truques preferidos do teu pai, o velho sobe-e-desce.

Ao meu lado, Sohrab respirava depressa, pelo nariz. O carreto rolava nas mãos dele, os tendões dos seus pequenos pulsos cheios de cicatrizes pareciam cordas de *rubab*. Fechei os olhos e quando voltei a abri-los as mãos que seguravam o carreto eram as mãos calejadas, de unhas partidas, de um rapaz com lábio leporino. Ouvi um corvo cantar algures e olhei para cima. O parque cintilava com neve tão fresca, tão imaculadamente branca que me queimava os olhos. Caía em silêncio dos ramos das árvores revestidas de branco. Cheirou-me a *qurma* de nabos. A amoras secas. A laranjas azedas. A serradura e a nozes. Aquele silêncio abafado, o silêncio da neve, era ensurdecedor. Ao longe, para lá do silêncio, uma voz mandou-nos então ir para casa, a voz de um homem que arrastava a perna direita.

O papagaio verde pairava mesmo por cima de nós.

— Está a preparar-se. Está quase — preveni, voltando-me para Sohrab e depois para o nosso papagaio.

O papagaio verde hesitou. Manteve a sua posição. Depois mergulhou.

— Lá vem ele! — exclamei.

Fui perfeito. Ao fim de tantos anos. O velho truque do sobe-e-desce. Dei folga e um puxão ao cordel, chocando com o papagaio verde, fazendo-o cair. Uma série de puxões para o lado e o nosso papagaio disparou para cima, descrevendo um semicírculo no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio. E de repente eu estava por cima. O papagaio verde rodopiava, apavorado. Mas era tarde de mais. Eu já lhe aplicara o truque de Hassan. Puxei com força e o nosso desceu a pique. Quase senti o nosso cordel cortar o dele. Quase o ouvi.

Depois, sem mais nem menos, o papagaio girou e rodou descontrolado.

Atrás de nós, todos aplaudiram. Ouviam-se assobios, palmas. Eu tentava recuperar o fôlego. A última vez que tinha sentido a mesma excitação foi naquele dia do inverno de 1975, pouco antes de cortar o último papagaio, quando vi Baba em cima do nosso telhado, a aplaudir, radiante.

Olhei para Sohrab. Um dos cantos da boca estava virado para cima.

Um sorriso.

De esguelha.

Quase impercetível.

Mas de qualquer maneira um sorriso.

Atrás de nós, crianças corriam e um grupo de corredores de papagaios gritava e perseguia o papagaio que se soltara e flutuava por cima das árvores. Voltei a olhar e o sorriso já não estava lá. Mas estivera. Eu vi-o.

— Queres que te vá apanhar aquele papagaio?

A maçã de Adão subiu e desceu quando ele engoliu. O vento despenteou-lhe o cabelo. Penso que o vi fazer que sim com a cabeça.

— Por ti, tudo — ouvi-me dizer.

Então dei meia-volta e desatei a correr.

Foi só um sorriso, mais nada. Não acertou as contas. Não acertou nada. Apenas um sorriso. Uma coisa mínima. Uma folha numa floresta, a oscilar depois de um pássaro levantar voo.

Mas agradeci-o. De braços abertos. Porque, quando a primavera chega, ela derrete a neve floco a floco e talvez eu tivesse acabado de assistir ao início do degelo.

Corri. Um adulto a correr no meio de um bando de miúdos aos gritos. Mas não me importei. Corri com o vento a bater-me no rosto e um sorriso da largura do vale de Panjsher nos lábios.

Corri.

Table of Contents

FICHA TÉCNICA
Dedicatória
AGRADECIMENTOS
UM
DOIS
TRÊS
QUATRO
CINCO
SEIS
SETE
OITO
NOVE
DEZ
ONZE
DOZE
TREZE
CATORZE
QUINZE
DEZASSEIS
DEZASSETE
DEZOITO
DEZANOVE
VINTE
VINTE E UM
VINTE E DOIS
VINTE E TRÊS
VINTE E QUATRO
VINTE E CINCO